

Sara Carolina dos Santos Veríssimo Silvestre de Freitas

**Corpo, Tatuagem e Poder
- Um projeto na Sociomusologia –**

Orientador: Professor Doutor Manuel Serafim Pinto

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
Instituto de Educação – 2ºCiclo de Museologia
Lisboa
2017**

**Sara Carolina dos Santos Veríssimo Silvestre de
Freitas**

**Corpo, Tatuagem e Poder
- Um projeto na Sociomuseologia –**

Dissertação defendida em Provas Públicas
na Universidade Lusófona de Humanidades
e Tecnologias, para a obtenção do grau de
Mestre em Museologia, no curso de
Museologia, no dia 3 de abril, perante o júri,
nomeado pelo despacho reitoral
nº133/2018, com a seguinte composição:

Presidente: Professora Doutora Judite
Santos Primo

Arguentes: Professor Doutor Manuel de
Azevedo Antunes

Orientador: Professor Doutor Manuel
Serafim Pinto

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
Instituto de Educação – 2ºCiclo de Museologia
Lisboa
2017**

"Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
Ser completo como uma máquina!
Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!
Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,
Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento
A todos os perfumes de óleos e calores e carvões
Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!"

Álvaro de Campos, *Ode Triunfal*,
Londres, 1914

Agradecimentos

Comecei a escrever esta tese no dia 25 de dezembro de 2016. Logo no primeiro capítulo, dia 1 de janeiro do presente ano, a minha tia-avó, Maria Georgina, faleceu. A ela dedico a minha dissertação, pelo amor incondicional que partilhamos.

À minha família, que é o meu primeiro elemento. Com os meus pais aprendi sobre a importância de alimentar um pensamento crítico e analítico, mas também apaixonado.

Ao meu noivo, por todo o apoio tanto emocional quanto académico, pois alguns ajustes neste estudo foram realizados numa leitura conjunta.

À minha melhor amiga, Sara Lutas, que sempre, desde do primeiro minuto em que a conheci, me tornou uma pessoa melhor.

A todo o meu círculo de amigos: Andreia Firmino, Augusto Dias, José Loja, Sofia Magalhães, Teresa Serrão, Tiago “Billy” Fragoso e Carlos Branco, por toda a paciência nos inúmeros compromissos adiados neste último ano.

Aos meus colegas do Museu Nacional de Etnologia, Museu Nacional do Azulejo e Museu de Ciência e História Natural, por terem paciência em todas as horas para me ouvirem, sem revirar muito os olhos.

Ao grupo de dança a que pertenço: Raqs Amira e em especial à minha habibi-mãe, Susana Amira, por ser uma grande inspiração enquanto mulher.

A todo o corpo docente que me acompanhou no primeiro ano desta jornada: à Professora Judite Primo, por ter uma pureza de coração enorme; ao Professor Mário Moutinho, por nos advertir de todos os nossos desafios, abrindo-nos os olhos constantemente; ao Professor Mário Chagas, por toda a sua paixão, compromisso e paixão ao seu percurso; ao Professor Manuel Antunes, por toda a visão filosófica do património. Ao Professor Pedro Pereira Leite, pela disponibilidade em todas as situações que se me deparam durante este percurso.

Por último, mas não menos importante, um enorme obrigado ao meu professor-colega e orientador, Professor Manuel Serafim Pinto, por todo o apoio, disponibilidade e afeto, que fizeram toda a diferença na realização deste trabalho.

Resumo

O que é uma pessoa enquanto individualidade? Até que ponto não está esse contexto não está viciado pelos diferentes poderes existentes naquele encadeamento? Estas inquietações surgem no âmbito deste estudo intitulado "As Marcas no Corpo e o Poder – Um Projeto na Sociomuseologia", resultante da interpretação de uma coleção de tatuagens em pele dos prisioneiros da Primeira República Portuguesa. Nesta medida, este acervo tem de ser analisado, tendo como horizonte de sentido um contexto muito específico, recorrendo a conceitos como Marca, Corpo e Poder, que são indissociáveis e fundamentais para entender o campo social da época onde estes símbolos emergem. Tendo sido estruturados estes três conceitos, outros dois novos irão surgir para fundamentar a análise em contexto desta coleção, a Ética e a Sociomuseologia. Numa segunda etapa, iremos analisar as marcas nos corpos dos prisioneiros da Primeira República Portuguesa, a comunicação social desse período e o modo como era feito o diálogo entre estas e o poder vigente.

Palavras-chave: Corpo, Marca, Poder, Ética, Sociomuseologia

Abstract

When talking about the self, what makes up a person? How far is that context not flawed by the different existing powers within such nexus? These worries are raised on my master thesis "The Marks on the Body and Power – A Sociomuseology Project", which results from my interpretation of a series of tattoos done on the skin of prisoners from the First Portuguese Republic. In this regard, the collection must be analyzed within a highly specific context, invoking concepts such as Mark, Body and Power, which are inseparable and fundamental in understanding the social sphere of the time period from which such symbols emerged. With such three concepts framed, two new ones will emerge to fundament the analysis in this collection's context: Ethics and Sociomuseology. At this second stage, we will analyze the marks on the prisoners' bodies from the First Portuguese Republic, the existing media of the time period, and the way dialogue was struck between them and the ruling power.

Keywords: Body, Mark, Power, Ethics, Sociomuseology

Abreviaturas

INML – Instituto Nacional de Medicina Legal

MUDE - Museu do Design e da Moda

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

Índice

Agradecimentos	iv
Resumo	v
Abstract.....	v
Abreviaturas.....	vi
Índice	vii
1. Introdução	1
1.2 Estado da Arte	2
1.3 Metodologia de Investigação.....	3
2. Marca	7
2.1 Signo.....	8
2.2 Símbolo.....	12
3. Corpo	16
3.1 Corpo enquanto território	17
3.2 As Marcas no Território	20
4. Poder.....	25
4.1 Poder Simbólico	27
4.2 Território.....	31
5. Uma problematização sociomuseológica levantada pela ética.....	35
5.1 Fundamentos éticos para as comunidades	36
5.2 As Éticas Técnicas.....	40
6. Sociomuseologia.....	44
7. Sociomuseologia, Ética e Poder	55
7.1 Lugares de crime	55
7.2 Pobreza	58
7.3 Bairros Sociais.....	64

7.4 Asilos de Mendicidade	67
7.5 Saúde	69
7.6 Escolas e Educação.....	72
7.7 Estrageiro e Situação Internacional	75
7.8 Controlo Social e Legislação.....	80
7.9 Emigração.....	82
7.10 República, Conspirações e Revoluções	83
7.11 Limoeiro, Criminalidade e Contexto Penal	89
7.12 Os “nossos presos”	96
8. A Marca e o Poder	100
8.1 Nomes e Iniciais	102
8.2 Datas	103
8.3 Frases.....	104
8.4 Figuras Humanas	104
8.5 Mulheres Nuas.....	105
8.6 Figuras animais.....	107
8.7 Sentimentais	109
8.9 Eróticas ou sexuais	113
8.10 Profissionais	116
8.11 Signo Saimão.....	118
8.12 Flores	119
8.13 Religiosas	121
8.14 Cinco pontos.....	123
8.15 Armas	124
8.16 Astros.....	126
8.17 Outros	128
9. A Sociomuseologia e a Marca do Corpo	132

9.1 Proposta expográfica Sociomuseológica	141
10. Considerações Finais	147
Bibliografia	150
Anexos	i

1. Introdução

Tinha 6 ou 7 anos, quando por volta do meio dia de um dia de Sol, estava a almoçar em casa com os meus pais. O meu pai que ficava a minha frente já estava habituado às ondas dos “porquês” durante os meus primeiros anos de vida, mas de um momento para o outro começo a aproximar e a afastar o garfo da minha cara. O meu pai apesar de habituado aos meus devaneios, pergunta-me:

- Sara que estás a fazer? Devias parar de brincar com o garfo e comer, que já estás atrasada!

Ao que eu respondo:

- Mas pai, tenho a impressão que ando a ver as coisas meio nubladas...

O meu pai volta a responder:

- Não, não estás a ver errado. O que acontece é que estás a focar coisas diferentes. Experimenta assim: foca o garfo e verás o mundo desfocado, foca o mundo e garfo desfocado. Entendes?

Eu fico admirada e aceno que sim, repito a operação vezes e vezes até me cansar, e depois volto com a típica pergunta: “Porquê?”

O meu pai, já um pouco menos paciente, diz-me que é assim que funcionam muitas coisas da vida: as câmaras de filmar e tudo o que é observado por nós, seja físico seja “coisas que não existem a olho nu”.

Apesar de inútil para alguns, foi uma das lições mais importantes da minha vida, ensinou-me o princípio da perspetiva. Nós vemos o que o nosso olho foca, mas se mudarmos o campo de observação, as nossas conclusões também alteram. Também nas nossas preocupações do dia a dia, e consequentemente, nos nossos objetos de estudo dos trabalhos académicos, focamos um objeto específico. Neste sentido, o meu trabalho funciona como uma câmara fotográfica, dividido entre os presos e o governo vigente. Poder, Marca e Corpo surgem como objetivas que funcionam como pequenos instrumentos de enfoque. Ética e Sociomuseologia, como base de toda a operação fotográfica, têm assim o papel de tripé. A segunda peça desta dissertação, ou seja, a parte empírica são fotografias em negativo, antes de serem impressas no trabalho final. Tal como as fotografias mudam consoante o fotógrafo este trabalho pode ser interpretado com várias direções, mas as grandes questões permanecem.

"Ser é ser percebido."¹ Esta premissa serve de inquietação no nosso dia a dia. As indumentárias que são usadas pelos diferentes membros de uma comunidade, o modo como eles se apresentam e se movimentam socialmente, são também processos museológicos, onde Marca, Corpo e Poder desempenham um papel estruturante.

1.2 Estado da Arte

O presente trabalho é fruto do conhecimento sobre uma coleção de tatuagens, que está a ser estudada e depositada no Instituto Nacional de Medicina Legal (INML). Esta coleção, além das várias problemáticas que levanta, tem ainda o atrativo do tempo histórico em que se desenrola: A Primeira República Portuguesa.

Esta dissertação no âmbito da Sociomuseologia procura contextualizar: através de premissas teóricas, toda a base conceptual das vivências dos prisioneiros, bem como, através das suas iconografias, procurar responder a diversas hipóteses referentes à identidade, com as preocupações da Sociomuseologia e da Ética como horizonte de sentido.

Para se conseguir dar um contexto à exposição, é fundamental aprofundar conceitos base: Marca, Corpo e Poder, Ética e Sociomuseologia.

Neste sentido, o enquadramento teórico tem como base componentes de literatura sobre os temas supracitados, ainda que muitas vezes os conceitos surjam interligados.

Para o conceito de marca foram fundamentais as leituras de Umberto Eco, Jorge Crespo, Pierre Bourdieu e Levi-Strauss, ainda que quase toda a análise epistemológica presente no primeiro capítulo se fundamente principalmente em Umberto Eco, que trabalha toda a noção de símbolo e sinal, que irá ser estruturante para todo o enquadramento desta noção de marca.

O segundo conceito da análise teórica deste estudo, está patente nas leituras de Foucault, Axel Honneth, Umberto Eco e Jorge Crespo, sendo fundamental o conceito de alteridade em Honneth e da normalização dos corpos em Crespo, funcionando como horizonte de sentido de toda esta componente teórica, de corpo enquanto identidade e território.

O terceiro conceito estruturante deste estudo é o conceito de poder. Pierre Bourdieu, Jorge Crespo são fundamentais neste contexto, ainda que Foucault, Eco e Lévi-Strauss através

¹ Expressão utilizada por George Berkeley, em *The Principles of Human Knowledge (Tratado sobre os princípios do conhecimento humano)*, de 1710, que pretende exemplificar, neste estudo de caso, o modo como a tatuagem significava, por seu turno, uma propensão para a violência.

das análises laterais do conceito de poder sejam igualmente importantes da definição desta noção.

O quarto capítulo deste estudo prende-se com o conceito de ética, sendo que a conceção do conceito tenha sido dividido em duas partes: a primeira, com o pensamento aristotélico, que nos transmite a origem do mesmo; e a segunda apoia-se em Gary Edson, que propõe um entendimento da ética levada ao pensamento museal.

O fim do enquadramento teórico deste estudo consiste no conceito centralizante de Sociomuseologia. Neste sentido, a panóplia de pensadores estruturantes revela-se mais lata. Na esteira do pensamento da Sociomuseologia foram fundamentais as leituras dos cadernos do ICOFOM e dos Cadernos de Sociomuseologia, onde se pode encontrar autores como Mário Moutinho, Judite Primo, Maria Célia Teixeira Moura Santos, Cristina Bruno, Rosana Nascimento, Manuelina Maria Duarte Cândido, Mário Chagas, Pedro Manuel Pereira Leite, Alfredo Tinoco e Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha que foram ferramentas indispensáveis para a definição do conceito de Sociomuseologia.

Após a realização da grelha conceptual que sustentasse este estudo, tornava-se evidente a necessidade de dar a conhecer as “fontes documentais” que levaram à realização desta investigação.

Ainda que não inteiramente pertencente ao designado “estado da arte” habitual, o papel relevante que a Comunicação Social foi tendo ao longo da história, permitiu que existisse uma forte componente documental, que estruturou mais evidentemente a fundamentação de toda a grelha teórica. O órgão de comunicação social escolhido para este efeito foi o jornal *O Século*, dado que era um jornal não vinculado a nenhum regime político.

Todos estes documentos contribuíram para uma melhor perceção do que viria a ser a parte empírica, no sentido compreensivo do termo, as iconografias dos tatuados.

O último capítulo pretende sintetizar todas a investigação realizada até àquele ponto, contemplando alguns autores da época contemporânea, tais como: Manuel Serafim Pinto, Susana Pereira Bastos, Susana Durão, Rocha Peixoto, Leonor Sá e Conceição Trigueiros, transportando a relevância social do passado para o presente.

1.3 Metodologia de Investigação

Todo o pensamento, nomeadamente o trabalho de índole académica, está dependente de um método a partir do qual se desenvolve uma metodologia de investigação. Neste estudo, a metodologia aplicada desenvolveu-se com base na especificidade do método hipotético-

dedutivo, pela construção de várias conclusões inerentes à criação das hipóteses presentes ao longo desta dissertação.

As razões pela escolha deste tema prendem-se com a motivação que adveio desde setembro de 2014, quando ingressei num grupo de investigação do Centro de Filosofia da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, com a designação “Perspectivas sobre o Corpo. Filosofia, Ciência e Arte” que tinha como enfoque o planeamento de uma exposição de uma coleção de tatuagens, retiradas da pele de cadáveres, existente no Instituto Nacional de Medicina Legal.

Durante dois anos procedeu-se à angariação de fundos; investigação quer do ponto de vista artístico destas tatuagens quer questões por estas levantadas do ponto de vista filosófico, numa busca de um contexto; estratégias de *marketing* que poderiam ser aplicadas para publicitar este espólio, entre outras coisas relacionadas com a realização de uma exposição.

Em 2016 tinha-se finalmente, encontrando um espaço para ficar: o MUDE. No entanto, o MUDE quis tomar a rédeas de todo o projeto, não informando os restantes membros. De repente o grupo tinha deixado de existir.

Como já me havia interessado pelo tema, resolvi prosseguir a minha ambição de continuar este trabalho, isto é, criar um contexto através de leituras, interpretação do material iconográfico e análise documental. Deste modo, pretendeu-se tornar possível a criação de hipóteses, nomeadamente que conseguissem responder a questões como: O que é a ética? Pode a Identidade ser o resultado das leituras que os outros, nomeadamente os órgãos do governo, forças policiais, “os poderes” médicos e o raciocínio clerical, fazem do sujeito, ainda que de uma forma ética de contornos diferentes? Será a identidade a soma de todas as partes existentes num determinado “campo” social e, assim, desse modo, restringida pelos vários agentes, obedecendo a diferentes agendas, nomeadamente da ética? Em que medida é que o conceito de marca e a noção de corpo estão ligados a fundamentos éticos? Como resolve a Sociomuseologia, uma exposição com contornos éticos muito específicos?

Assim, através desta investigação tornar-se-ia possível a reflexão sobre dois ramos do conhecimento: na Sociomuseologia e na Museologia, de modo a almejar um problema tão remoto como a origem do pensamento.

Apesar de já terem sido realizadas algumas leituras, relativas ao projeto para a exposição, ainda assim estas relevaram-se morosas. Para a melhor compreensão e estruturação das obras lidas realizou-se, por cada texto, uma ficha de leitura correspondente, que não só auxiliou na criação das referências, como foi útil para a bibliografia.

Relativamente ao material empírico iconográfico encontraram-se imensas dificuldades, pois ainda hoje se espera pela resposta ao pedido realizado em março do presente ano, por parte do INML. Nesta medida, reuni-me com o meu orientador e tentou-se arranjar um Plano B para salvar a dissertação. No entanto, tinha conhecimento que a exposição iria decorrer entre 3 de março e 25 de junho de 2017, sendo que aproveitei esse tempo para retirar as tatuagens via ilustração, uma vez que era impossível proceder a um registo fotográfico. Nesse sentido, no dia 22 de junho de 2017, tive necessidade de recorrer a um ilustrador que para o efeito. Este acompanhou uma visita, procedendo ao levantamento das iconografias que poderiam dar mais ênfase aos objetivos deste estudo. Não sendo possível fazer o levantamento de todas, ainda assim tentou-se preencher os campos iconográficos que já haviam sido identificados pelo Dr. Carlos Ferreira, curador e investigador desta exposição.

Tinha também conhecimento, através da própria exposição, de que nos processos, que tinham sido também um dos elementos solicitados ao INML, existiam notícias associadas a esses mesmos cadernos. Nesta medida, iniciei em julho do presente ano, a pesquisa na Torre do Tombo. Esta foi realizada de julho a meados de setembro, numa base diária. No total foram recolhidas 143 notícias, do jornal *O Século*, mas nem todas foram utilizadas, dado o espaço limitado de paginação.

A baliza temporal no qual esta análise documental se fundamenta, compreende a duração de 18 anos. Nos três meses de recolha documental, foram lidos, na íntegra, cerca de 6570 jornais d'*O Século*, sendo apenas recolhidas as notícias com relevância para este estudo. A técnica de análise foi diferenciada apenas para o último subcapítulo, do capítulo das iconografias, em que a tabela fornecida pelo Dr. Carlos Ferreira foi um grande contributo para a identificação das datas dos óbitos e, consequentemente, para uma maior atenção nas mesmas.

A recolha de notícias foi complexa e obedeceu a um critério de uma escolha direcionada, tendo sido aplicada à análise de conteúdo documental. Findo este primeiro apanhado, realizou-se a organização das digitalizações por ano (1910-1928). Mas este método rapidamente se mostrou ineficaz. Nesta medida, foram criadas dimensionalidades por temática, fundamentais para a organização de todo o contexto social da Primeira República Portuguesa. Dentro de cada destas dimensionalidades foram criados dois subsistemas, o primeiro designado “Corpo de Texto” e o segundo “Anexos”, sendo utilizados identificadores com diferentes cores à medida que eram inseridos nos sítios respetivos.

Todo este processo de investigação foi acompanhado pelo Dr. Carlos Ferreira, que em várias ocasiões, me forneceu com elementos que haviam sido trabalhos por ele, o que me

permitiu ter uma maior facilidade da identificação destes indivíduos e que irão figurar em anexos.

Apesar das dificuldades com que me deparei na realização deste trabalho, penso que estes “obstáculos epistêmicos” me permitiram crescer enquanto investigadora.

Não podemos esquecer que poderia ser um trabalho diferente, mas não seria tão gratificante, na medida em que a maior parte desta investigação partiu do zero.

A relevância científica que procuro almejar neste trabalho trata-se, basilarmente, da contextualização da exposição acima supracitada, procurando responder a questões que compreendem a ética e não tanto referentes à identidade destes tatuados, mas antes a todo o contexto sociopolítico destes indivíduos, que arranjam a motivação dos seus crimes no seu campo social.

Como uma dissertação inserida na área da Sociomuseologia, este estudo procura dar respostas sociais, partindo de uma exposição de museológica e abrindo caminhos no campo científico da Sociomuseologia.

A título de conclusão desta nota introdutória, resta mencionar que as normas APA adotadas na realização desta dissertação, estão em concordância com os cânones utilizados pela Universidade Lusófona de Ciências de Tecnologias.

2. Marca

A palavra ou o signo que o homem usa é o próprio homem. Porque o facto de cada pensamento ser um signo, junto com o facto de a vida ser uma sucessão de pensamentos, prova que o homem é um signo. Quer dizer, homem e signo externo são a mesma coisa, tal como as palavras *homo* e *man* são idênticas. Assim a minha linguagem é a soma total de mim próprio, porque o homem é pensamento. (Eco,1985, p 146)

No quadro conceptual desta dissertação, o primeiro conceito que surge é o de marca aliado a uma codificação no corpo. Fala-se muito em imagem de marca – marcas de roupas, marcas de carros –, numa parafernália de *branding* sem, no entanto, ser claro de que um outro tipo de propaganda está inerente a estas enunciações: a marca do indivíduo. Nesse sentido, o reconhecimento que este procura no outro prende-se com um *statement*, através desta panóplia materialista, o seu *status* na sociedade.²

O papel social do indivíduo obedece, assim, a uma codificação muito específica, pelos objetos que usa como amuleto, o modo como se movimenta, resumidamente, a forma como se dá ao mundo³. No entanto, o modo como se apresenta ao mundo não é equivalente à forma como o mundo o interpreta enquanto sujeito objetivado. A mensagem nem sempre se revela clara a quem está a interpretá-la e, neste sentido, é necessário ter cautela com uma possível ambiguidade de significação⁴.

É mister entender que todos estes sinais, apesar de verdadeiros, não são marcas tão essenciais como as que estão presentes no corpo e que podem funcionar como mostragem de uma afirmação de poder⁵. No caso da tatuagem, este pensamento é ainda mais profundamente

² O uso de toda esta parafernália de coisas de marca, na sociedade atual, não tem necessariamente de significar algum estatuto; neste caso, o poder económico. Há sim um sentido de oportunidade de aquisição mas que não é necessariamente veiculado à verdade na sua aquisição, isto é, às posses financeiras associadas. Neste sentido, Umberto Eco declara: “Todos, de algum modo, fundamentais em relação aos fins de interação social, e a ponto de nos perguntarmos se os signos permitem a Sigma viver em sociedade ou se a sociedade na qual Sigma vive e se constitui como ser humano não é mais do que um complexo Sistema de sistemas de signos.” (Eco,1985, p 11)

³ “O sinal (signo) é um *gesto*, emitido com intenção de comunicar, ou para transferir uma sua representação ou estado interno a outro ser.” (Eco,1994, p 14)

⁴ “No decurso da actividade comunicativa quotidiana, o reenvio para os códigos dá-se de modo quase automático, pelo que se pode falar de processos de descodificação como reflexos condicionados, pois o adestramento cultural promove, como sua natural consequência, a resposta simultânea e muitas vezes inconsciente do destinatário às formas significantes”. (Eco,1985, p 171)

⁵ Ou alguns casos, como no âmbito desta dissertação, será mais uma afirmação de antipoder como forma de combate à repressão que existia naquela altura.

vincando, pois a marca passou a ser um símbolo feito em sangue e dor, que procura realizar uma declaração⁶.

Neste ponto de vista, a tatuagem funciona como fim último de um acontecimento, a crise de uma repressão contínua e de um progressivo abuso de poder. A marca mostra, assim, uma fronteira, intransponível até certo ponto⁷, e que consiste num último apelo ao direito à identidade individual, à afirmação de um corpo, num determinado contexto.⁸

A análise do sentido de marca enquanto símbolo e signo torna-se importante na compreensão de todos os conceitos e do modo como estes se interligam com a coleção a ser estudada.

2.1 Signo

Em todos os processos sógnicos temos um elemento de *expressão* (chamamos-lhe também o *significante*) que veicula um elemento de *conteúdo* (o *significado*). Quando falamos dispomos de uma grande quantidade de emissões vocais. (Eco,1985, p 77)

Todo o ser humano comunica por signos. Esta frase, universalmente válida, consagra que todo o pensamento é signo, variando apenas nas convenções onde se movimenta. O signo está, assim, intimamente relacionado com um sistema de códigos, útil no dia a dia, dando diretrizes para os campos de ação, dentro das determinadas situações do quotidiano⁹.

Assim sendo, o signo opera sempre como uma representação de algo, sendo por isso uma linguagem codificada, que num contexto social específico pode ser facilmente entendida¹⁰.

⁶ “Por conseguinte, no plano semiótico, as condições de necessidade de um signo estão fixadas socialmente, quer segundo códigos fracos, quer segundo códigos fortes.” (Eco,1994, p 37)

⁷ A forma de poder exercida aqui, é também, simbólica, a forma de um poder da academia e que dura há séculos. A diferença que se procura estabelecer nesta dissertação é também uma busca pelo poder, pela mensagem, procurando estabelecer um meta-poder, ou seja, uma análise do poder que acabará, inevitavelmente, por influenciar o conhecimento histórico desta época.

⁸ “[...] distingue símbolos artificiais e convencionais de símbolos naturais, sustenta uma sistemática dos símbolos, mas nunca diz o que é um símbolo. É certamente claro o que são neste contexto os símbolos naturais, ou seja, imagens do corpo usadas para reflectir a experiência que um individuo tem na sociedade.” (Eco,1994, p 141)

⁹ Nas diferentes situações do dia a dia, existem diferentes respostas, consoante a problemática em causa. Cada ser humano tem maquinismos de reação diferentes, sendo que cada pessoa, dentro de determinados ciclos e problemáticas sociais, reage de maneira diferente: “Posto que, como de facto de que todo o pensamento é um signo – considerado a par do facto de que a vida é um fluxo de pensamento – prova que o homem é um signo, assim também o facto de que todo o pensamento é o signo *externo* prova que o homem é um signo externo.” (Eco,1994, p 49)

¹⁰ A ação e reação expressas pelo uso de linguagem codificada podem ter vários níveis de intensidade, funcionando como resposta às diferentes questões que vão sendo impostas ao longo deste percurso. Assim, existem sinais mais fortes e mais fracos, consoante a mensagem que se pretende transmitir adequada à situação vivida.

O signo surge no corpo como sinal de uma conduta, afirmando assim um paradigma político vincado, num conjunto expresso de codificações¹¹. Este signo ganha uma codificação muito intrínseca ao poder. A tatuagem enquanto signo funcionará sempre como essa chaga, marca de um arquétipo de inclinação, e que neste sentido deve ser exposta enquanto tal.¹²

A força do código reside na mensagem que se quer transmitir, mas também na intencionalidade vinculada mesma, e frequentemente nos meios utilizados. A tatuagem em si, como veículo de uma declaração política é tanto mais forte quanto a iconografia que aí reside, sendo que o próprio meio de expressão é ele mesmo violento. Neste sentido, a intencionalidade do sujeito irá vincar, com maior ou menor força, essa mesma declaração. A intencionalidade revela ainda outra coisa, uma propensão para a ação. A tatuagem é em si um resultado não imediato, na medida em que não está ao alcance de qualquer um a sua realização¹³ e que não é logo percebida¹⁴.

O sistema semiótico revela-se como uma porta para o mundo que transcende o indivíduo e com o qual este procura comunicar, sendo que a esta transmissão está implícita o uso desse mesmo código convencional nos seus diferentes aspetos. A entrada nesse jogo semiótico dentro deste contexto assume assim, a aceitação desse sistema de convenções¹⁵.

Neste sentido, a um signo está sempre inerente a representação de uma realidade. Neste caso, uma realidade que se procura demonstrar, de uma premissa que se quer inferir a algo

¹¹ “Para que exista código é indispensável que exista correspondência convencionalizada, e socializada, não importa com que força construtiva, por que extensão de campo e por quanto tempo.” (Eco, 1985, p. 153)

¹² À guisa de contextualização, Jorge Creso menciona na *História de Corpo* implicitamente que estas inclinações estão associadas a vontades que são efetivadas contra o sistema vigente, e que, deste modo, terão de ser controladas para o interesse da coletividade. Eco, surge nesta medida com uma opinião igualmente paralela: “Parece-nos que o modo simbólico é uma tentação recorrente de várias culturas e de vários períodos históricos; e, por outro lado, que a sua difusão responde a critérios de controlo social das pulsões individuais e colectivas.” (Eco, 1994, pp. 163/164)

¹³ A realização de uma tatuagem obedece a critérios muito específicos. Hoje torna-se necessário a ida a um estabelecimento para esse fim, presente em qualquer cidade do país; na Primeira República Portuguesa, sendo uma mudança corporal e, assim sendo, proibida pelo estado, só se podia realizar em penitenciárias.

¹⁴ “O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política de coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadinha, o desarticula e o recompõe. Uma «anatomia política», que é também igualmente uma «mecânica do poder», está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos «dóceis».” (Foucault, 1997, p. 119)

¹⁵ “A vertigem do passado e à penosa submissão dos homens ao destino, para o qual se julgava não haver alternativa, sucediam-se as condutas favoráveis à conquista de uma identidade forjada pelas próprias mãos e com base na reflexão interior.” (Creso, 1990, p. 567)

concreto. Funciona assim como a invocação de qualquer coisa que necessita ser nomeada¹⁶. Ao utilizar o signo desta forma, este irá funcionar como uma prova ou “indício”. No caso de um corpo tatuado, o indício funciona como premissa de gosto, embora no caso dos prisioneiros da Primeira República Portuguesa, a tatuagem possa efetivamente mostrar um quadro muito específico¹⁷.

Ainda referente ao uso do signo como entidade de comunicação entre um emissor e um recetor, a tatuagem está sujeita a vários âmbitos de interpretação, pois comporta sempre algum grau de subjetividade. Torna-se assim, necessário ter cautela no que se refere às interpretações subjetivas e objetivas destes usos semânticos. Neste sentido torna-se importante não manipular o sentido das significações possíveis¹⁸.

O signo como ferramenta de pensamento obedece a uma intencionalidade, subjetiva, que se torna extensa, no sentido peripatético, quando o pensamento de uma ideia passa a uma ação. Neste âmbito, o signo é também uma transcendência, dado que a mensagem transcende o sujeito no momento em que é emitida¹⁹.

Aliada a essa intencionalidade está o desenho da tatuagem como uma representação de uma vontade e de um mundo individual, algo que o sujeito pretende exprimir, uma afirmação que este deseja que fique patente e a qual pretende semioticamente traduzir. Um desenho ou uma palavra não vale enquanto desenho ou palavra. Exteriorizam-se, ganhando um novo horizonte de sentido, mais amplo e com uma interpretação mais complexa²⁰.

¹⁶ “O simbólico não apenas permite ‘nomear’ a experiência como também organizá-la e, portanto, construí-la como tal, tornando-a pensável e comunicável.” (Eco, 1994, p 143)

¹⁷ Há uma tatuagem muito específica que tem sido comum ao longo da história dos presidiários – a tatuagem dos cinco pontos. Esta tem uma significação de carácter mais universal, demonstrando uma realidade física, o homem dentro de quatro paredes. Em quase 100% dos casos em que era visível este signo, este estava associado a reclusos, na sua realidade recorrente ou num acontecimento do passado. Neste sentido, paralelamente podemos aplicar o pensamento de Eco: “O reconhecimento da marca torna obviamente possível a passagem extensional: se *esta* marca *neste* lugar, então passou por *aqui* um membro concentro dessa classe de impressores de marcas.” (Eco, 1994, p 40)

¹⁸ Todo este leque de interpretação consiste no principal problema da subjetividade e intencionalidade. É impossível alcançar o conhecimento completo em relação ao que o outro pensa, assim como que interpretações são tecidas relativamente às mensagens de outrem: “Se estivéssemos aptos a construir um autómato capaz de associar a um estímulo signficante um comportamento pelo qual fornecesse como saída um outro signficante que constituísse o seu interpretante, ou então a tradução em termos de outros signos e assim por diante até ao infinito, ter-se-ia realizado uma situação afim do comportamento sígnico humano, no decurso do qual signos-estímulos suscitam signos-respostas sem que nunca se possa atingir a realidade subjacente, senão através de signos.” (Eco, 1985, p 149)

¹⁹ “O problema é: o símbolo é instrumento de revelação e transcendência (e então são inesgotáveis tanto o transcendente revelado como como a relação de revelação entre o símbolo e transcendência) ou o símbolo é a manifestação de uma imanência, e então inesgotável é o próprio símbolo, por detrás do qua não está coisa nenhuma.” (Eco, 1994, p 155)

²⁰ “Identificando-se com o sujeito do enunciado, o sujeito da enunciação já se perdeu como subjectividade, a linguagem fê-lo prisioneiro de uma alteridade com a qual deve identificar-se para se constituir, mas da qual não mais conseguirá libertar-se.” (Eco, 1985, p 99)

Assim, a linguagem simbólica não é entendida imediatamente, sendo que a mensagem tem de ser trabalhada pela mente de outrem. Um semáforo verde no código da estrada português informa-nos que devemos avançar, mas pode não ser assim noutras partes do mundo, ou até pensando mais adiante, noutros mundos possíveis²¹.

Todo o mundo semiótico se move na base de um contexto temporal e espacial adjacente, que funciona como base interpretativa dos signos utilizados. Mas os signos também ajudam na construção desse mesmo mundo e na forma como ele se trabalha e se mantém²².

O signo como enunciado estabelece um conjunto de relações de diálogo, seja com a realidade, seja com outros sujeitos, trabalhando como pano de fundo de interação entre os diferentes membros de uma comunidade, seja dentro ou fora de determinado contexto social.²³

O signo é assim um marco identitário e revelador da realidade de quem o comporta, pois reflete experiências passadas e projeções futuras, funcionando como um estandarte de guerra. O corpo como tela em branco é o último pilar em que esta marca pode ser afirmada – principalmente no universo prisional, nada é mais intrínseco ao sujeito enclausurado do que o seu corpo²⁴.

À guisa de conclusão sobre o conceito de Signo, este tem de ser mencionado também antropológicamente. O signo, e a tatuagem como representação desse signo, demonstra também um estatuto social vincado a esse contexto. A tatuagem no caso dos povos indígenas opera como um brasão. A tatuagem é tanto mais trabalhada quanto maior for a posição de quem a ostenta dentro de determinada comunidade²⁵.

²¹ Apesar de não estar elencado na bibliografia de Umberto Eco este conceito é fundamental à luz da interação de qualquer ideia que possa vir a ser abordada nesta dissertação. O tema dos mundos possíveis surge pela primeira vez em Aristóteles, tendo sido retomado por Leibniz para explicar as propriedades de um objeto e a interpretação que temos dele num determinado contexto, “Num código semiótico a expressão *está para* o conteúdo no momento em que a comunidade aceita a convenção, ao passo que o código jurídico *só prescreve a obrigação* de tornar executiva a correlação entre direito e pena.” (Caprettini, 1994, p 128)

²² “Estes códigos sociais são naturalmente instituições (e, portanto, sistemas de normas) ou sistemas de valores (como ‘honra’, ‘glória’), mas o exame dos textos é também o exame do modo como estes elementos sistemáticos podem ser expressos.” (Caprettini, 1994, p 134)

²³ Procura-se utilizar esta expressão para reafirmar as diferentes operações entre os indivíduos de uma sociedade, mesmo que sejam pessoas de contextos específicos completamente diferenciados; por exemplo, um diálogo entre o estado e os indivíduos, “Como consequência deste segundo estágio de investigação delinea-se assim a ideia de uma teoria crítica da sociedade, na qual se deverá explicar os processos da transformação social referentes às pretensões normativas estruturalmente ínsitas à relação de reconhecimento recíproco.” (Honneth, 2011, p 8)

²⁴ É importante salientar novamente a divisa de que o corpo é a propriedade primária mais adjacente à personalidade do sujeito. O corpo dita muito sobre este: a alimentação, a saúde, as rotinas, entre outros. Mencionar o corpo sem ter esta consciência da importância do mesmo é deveras algo a ser combatido, “O caminho estava aberto a partir da consciência que havia sobre as potencialidades da educação e, em especial, da convicção adquirida de que os corpos eram susceptíveis de se transformarem e aperfeiçoarem, pelo exercício da vontade, excluída a hipótese, cada vez mais longínqua e apenas salvaguardada timidamente nas raras obras dedicadas aos meninos nobres, de um destino implacável marcado pela hereditariedade.” (Crespo, 1990, p 505)

²⁵ “Os nobres faziam alarde da sua estirpe, através de pinturas corporais, feitas com um molde, ou de tatuagens que equivaliam a um brasão. Depilavam completamente o rosto, incluindo as sobrancelhas e as pestanas e tratavam

2.2 Símbolo

O mito, como o símbolo, ajuda a suportar a dor da existência. (Eco:1994, p 168)

O símbolo surge como um entendimento de algo abstrato, pela concretude de uma grelha semiótica compreendida pela comunidade. Embora geralmente associados, o signo e o símbolo são facilmente confundidos, mas representam coisas diferentes.

O signo, como aliás está expresso anteriormente, traduz-se por um processo de equivalência simbólica, pois é utilizado para transmitir uma ideia concreta. O código da estrada é um conjunto de signos que nos revela o modo como agir em determinadas situações²⁶.

A forma simbólica do corpo, expressa pela tatuagem, encontrava-se presente como modo de resistência na aplicação das medidas normativas – na verdade, as autoridades tinham controle sobre todos os aspetos das vidas dos prisioneiros, com a excepção daquilo que estes decidiam fazer com os seus corpos. Médicos, padres, polícias e autoridades funcionavam em simbiose, com o objetivo de organizarem as populações, regulamentando os corpos, sendo que ao mínimo sinal de resistência estes indivíduos “transgressores” eram afastados dos restantes²⁷.

Por outro lado, o símbolo é algo que é criado em vista à simbologia de algo. No quotidiano existem várias ocorrências em que isto acontece, sendo um exemplo o uso da cruz como símbolo de uma religião, na qual a maioria está incluída.²⁸

Tal como acontece no conceito de signo, existe uma forte intencionalidade vincada ao ser fundada uma simbologia, com a ressalva de que a intencionalidade se encontra deslocada

com desprezo por <irmãos de avestruz>, os europeus de olhos pestanudos. Homens e mulheres apareciam em público acompanhados por uma escolta de escravos e clientes que se apressavam em seu redor, poupando-lhes a todo e qualquer esforço. Ainda em 1935, os velhos monstros cobertos de pinturas e carregados de penduricalhos, que eram os melhores desenhadores, desculpavam-se por terem abandonado as artes decorativas, por terem ficado privados das cativas- escravas – outrora postas ao seu serviço.” (Levi-Strauss, 1955, p 174)

²⁶ “Existe pois entre Emissor e Destinatário um Código em comum e, por isso, uma série de regras que atribui ao signo um significado.” (Eco, 1985, p 22)

²⁷ “...perante as dificuldades de uma morosa transformação de mentalidades e as hesitações da ciência, a solução encontrada, na maioria dos casos, foi a de proceder à separação dos corpos, à sua vigilância, encerrando-os, muitas vezes, como se tratasse de criminosos.” (Crespo, 1990, p 150)

²⁸ A cruz, além de ser o símbolo tradicional do Cristianismo, comporta uma carga simbólica deveras forte, pois serve como lembrete da morte de Jesus em prol da salvação da humanidade. Vários símbolos têm sido usados em propagandas ideológicas, nomeadamente a suástica, que tem sido usada desde do tempo dos astecas, sendo utilizada de novo fortemente como símbolo no regime Nazi, “Certamente que o conteúdo do /Sagrado Coração/ não é uma série de preposições teológicas sobre o amor divino, mas uma série incontrolável de associações mentais e afetivas de cada crente (quanto mais ignorante de teologia) poderá projectar no símbolo cardíaco.” (Eco, 1994, p 156)

de um sujeito específico. Com esta afirmação procura-se salientar que o simbolismo é mais coletivo, normalmente tendo uma segunda agenda.²⁹

A busca pelo poder reside precisamente neste fator de simbologia, pois este pende para o lado de quem tem mais influência, e, com isto, normas de codificação bastante específicas são estabelecidas. A herança sobre o símbolo é já *per se* uma forma de poder³⁰. Quanto mais *extensiva* é a forma simbólica, mais amostra social alberga, e, desta maneira, mais vincado é o poder simbólico dessa mesma forma de significação. Enquanto que no signo o veículo de extensão é menor, ou seja, pertence a um estrato específico da comunidade, o símbolo procura ir a todas as camadas sociais, com o intuito de normalizar os comportamentos e as crenças das mesmas³¹.

Neste sentido, à medida que a forma simbólica percorre as diversas grelhas de realidade, vai ganhando outros contornos veiculados a outras mensagens, com maior intenção e extensão, ou seja, mais representativas de controlos comportamentais. Nesta medida, o signo adquire um contexto de mensagem simbólica, veiculada a um poder normativo³².

O reconhecimento da existência desses símbolos funciona como amplificador de formas menos evidentes de poder, de diferentes normalizadores e de novos repressores sociais. O reconhecimento dos símbolos cria novas formas de perceção e de entendimento da realidade³³.

Tal como acontece no signo, o símbolo abre também um vasto horizonte a múltiplas interpretações possíveis. Mas enquanto que no signo essa característica é mais específica, no símbolo ela pode adquirir efeitos muito aquém da intencionalidade³⁴.

²⁹ Ressalvo aqui que entendo o conceito de signo bastante mais vincado a uma realidade específica, por exemplo, o código da estrada. Por outro lado o símbolo, está vincado a uma realidade em sentido mais lato como os símbolos religiosos, “Neste caso, o trabalho de descodificação torna-se actividade interpretativa que envolve em elevado grau de responsabilidade do destinatário, tornando-o às vezes co-emissor, pois que pode decidir descodificar a mensagem com base em códigos que não estavam presentes na emissão quando emitia a mensagem.” (Eco:1985, p 172)

³⁰ Neste ponto a análise de Umberto Eco está muito patente. O poder mostra-se do lado de quem cria toda essa simbologia. Só essa entidade é que sabe em que jogo se vai desenrolar o que acontece daí adiante e que formas essas simbologias vão sendo interpretadas, “Possuir a chave da interpretação, eis o poder.” (Eco,1994, p 168)

³¹ “Só onde se nega a existência do código se deve buscar um garante do modo simbólico. Onde há código, o poder está difuso nas próprias malhas do sistema, o poder é o código. Um poder elimina o outro, há que escolher um dos dois.” (Eco,1994, p 168)

³² “...de a evocar, como se evocam os espíritos, de a invocar, como se invocam os deuses, e até mesmo de exhibir simbolicamente através da *manifestação*, espécie de aparato teatral da classe em representação, como o corpo dos representantes permanentes e toda a simbólica constitutiva da sua existência...” (Bourdieu,2001, p 160)

³³ Ao poder do estado está vinculado toda uma máquina de ideias e de comportamentos com vista a restringir os “apetites” das comunidades. É nesta perspectiva que temos de conseguir encarar os grupos marginais que vão aparecendo nas diferentes grelhas de sentido. No fundo, é ter um entendimento da dialética presente nas várias ramificações sociais, “Será, pelo contrário, tarefa das semióticas específicas, segundo o sistema signico estudado, estabelecer regras de maior ou menor necessidade semiótica das implicações (regras de institucionalidade).” (Eco,1994, p 46)

³⁴ Como profissionais de museologia é importante ter isto em linha de conta. Ao conceber e comunicar um espaço museal, o que se procura exprimir perde-se a partir do momento em que a ideia é musealizada, pois o poder

A simbologia da tatuagem é assim uma ferramenta metafísica: começa no corpo, mas não acaba com ele, nem nele. A tatuagem não morre com os prisioneiros, mas antes a sua mensagem eterniza-se.³⁵

A tatuagem, como signo contendo símbolos, pode querer dizer muita coisa. Reside na iconografia a análise desta simbologia, sendo esta muito vincada a uma busca pelo reconhecimento de um diálogo com o poder vigente. Funciona nesta medida como uma afirmação de uma rutura daquele paradigma social³⁶.

A tatuagem como signo da marginalidade que vai aparecendo durante este período está num horizonte de sentido diferente.³⁷ Assim, todo o registo comunicacional presente em determinado espaço e período histórico obtempera, deste modo, a um contexto de codificações muito vincadas, comum a todos os tempos³⁸.

A importância do código é fundamental para a construção da realidade. Mas a existência desse código implica já uma busca pelo poder, num panorama lógico de “se...então” que está inserido na regularização das comunidades. O código é, neste sentido, um conjunto de regras que conduz a uma melhor qualidade de vida³⁹.

exercido sobre essa mesma mensagem é perdido. Como museólogos, especificamente, é necessário atuar numa linguagem de compreensão e não de intervenção, “O signo, pelo contrário, é sempre aquilo que me abre alguma outra coisa. Não há interpretante que, ao adequar o signo que interpreta, lhe não desloque, ainda que pouco, as fronteiras.” (Eco,1994, p 47)

³⁵ Sucintamente, pois será abordado num capítulo posterior dedicado à ética, mas torna-se importante salientar que esta exposição se baseia numa realidade que já não deveria existir, os corpos que deveriam ter descanso e não serem expostos para fins de investigação, “Segundo esta objecção signo fundar-se-ia nas categorias da ‘semelhança’ ou da ‘identidade’ e esta falácia torná-lo-ia coerente com uma ideologia do sujeito. O sujeito como suposta unidade transcendental que se abre para o mundo (ou para o qual se abre o mundo) no acto de representação, o sujeito que transfere as suas representações para outros sujeitos no processo de comunicação, é uma ficção filosófica que dominou toda a história da filosofia.” (Eco,1994, p 25)

³⁶ “O espaço da interação funciona como uma situação de mercado linguístico, que tem características conjunturais cujos os princípios podemos destacar. Em primeiro lugar, é um espaço pré-construído: a composição social do grupo está antecipadamente determinada. Para compreender o que pode ser dito e sobretudo *o que não pode ser dito* no palco, é preciso conhecer as leis de formação do grupo dos locutores – é preciso saber quem é excluído e que se exclui.” (Bourdieu,2001, p 55)

³⁷ Não se pretende afirmar aqui que a marginalidade está presente noutro ponto de significação, mas antes que a sua significação não se adequa ao poder vigente. Neste sentido, os vetores de comunicação são emitidos não por canais diferentes, mas por um horizonte de sentido diferenciado.

³⁸ “O código de direito penal parece ser um código correlacional: não explicitamente que matar é mau, mas relaciona várias formas homicídio com varias formas de pena; o código de direito civil é, pelo contrário, ao mesmo tempo um conjunto de disposições sobre o modo como se deve agir (‘faz assim’) e de sações relacionadas com a violação da norma (‘se assim não fizeres, incorrerás em tal sanção’).” (Caprettini,1994, p 98)

³⁹ Neste ponto há duas ideias a salientar. A primeira prende-se com a noção presente no livro de Jorge Crespo, *A História do Corpo*, que esclarece que o bem comum deve vir sempre em primeiro lugar em relação ao bem individual, e, nesse sentido, os códigos são fundamentais para a convivência em espaços comuns. Por outro lado, o segundo ponto procura refutar esta ideia na medida em que estas regras são muitas vezes ultrapassadas pelos órgãos do poder vigente. Neste sentido, a marginalidade poderá ser uma declaração de anticorrupção de um estrato social que não deveria ser corrompido, “Digamos, para começar, que a noção de código implica em todo o caso a de *convenção*, de acordo social – por um lado – e de mecanismo regido por *regras* – por outro.” (Caprettini,1994, p 99)

Deste modo, a tatuagem atua numa matriz social diferente do poder vigente. Uma comunidade marginal procura o seu lugar no mundo, encontrando-se povoada por uma realidade normalizada, quer pela Igreja ou pelo Estado. Neste sentido, as iconografias além de diferenciadas do regime habitual da tatuagem⁴⁰ procuram mostrar uma outra realidade, não pela estética, mas pela mensagem⁴¹. A tatuagem, funcionando como marca, adquiria assim um cunho identificativo, fruto dessa realidade⁴².

Neste sentido, a tatuagem é o signo com um poder simbólico que estabelece a ponte entre o visível e o invisível, sendo o visível o que é efetivamente entendido nessa semiótica, e o invisível, a intenção e possíveis ramificações que aquele ícone pode adquirir⁴³.

A título de conclusão, as noções de marca, signo, símbolo e código abrem o horizonte de sentido necessário à compreensão dos seguintes conceitos: corpo, como instrumento de mensagens e o poder como grelha de interpretação das tatuagens dos prisioneiros da Primeira República Portuguesa.

⁴⁰ Um registo puramente antropológico da tatuagem, enquanto meio de adorno dos corpos indígenas e com uma linguagem muito específica de uma comunidade hierarquizada.

⁴¹ Neste sentido, contemporaneamente a tatuagem é totalmente o oposto. Privilegia-se a estética em prol da mensagem associada. No caso dos prisioneiros da Primeira República Portuguesa o que se sucede é precisamente o contrário, na medida em que as imagens são, algumas delas, bastante simples e em que sua codificação se revela complexa.

⁴² “Imperfeições físicas, pequenas marcas, alguns pequenos defeitos, cicatrizes, etc., pelos quais seja mais fácil o reconhecimento de uma pessoa e que venham citados nos documentos de identidade.” (Eco:1985, p 13)

⁴³ Existe uma ideia fundamental a ser entendida, que está relacionada com o uso da palavra *ícone*, pois não se pretende que este seja entendido como sacralização individual, mas antes como uma sacralização do corpo, “Além disso, não se esclarece neste contexto a diferença entre extensão e intenção, se bem que se pressuponha que a ciência dos signos seja de natureza intencional.” (Eco:1994, p 17)

3. Corpo

A minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspecções, o controle das mínimas parcelas de vida e do corpo darão em breve, no quadro da escola, do quartel, do hospital ou da oficina, um conteúdo localizado, uma racionalidade económica ou técnica a esse cálculo místico do ínfimo e do infinito. (Foucault, 1997, p 121)

O segundo conceito estruturante para a construção conceptual da presente dissertação, prende-se com a noção de corpo. A nomeação e conhecimento deste conceito é do senso comum, mas para compreendê-lo plenamente é necessário perceber a origem do termo.

O que é efetivamente um corpo? O corpo pode ser constituído pelo conjunto de vários órgãos, minuciosamente organizados, funcionando como um todo sistémico e autónomo. Na Física, o conceito de corpo é tomado do ponto de vista de unidade de massa. Em Matemática, este funciona como uma conjunção de sistemas de funções. Em Direito, é comum falar-se do corpo como uma organização amplamente estruturada, por exemplo, o corpo policial, o corpo diplomático, etc. Em Filosofia, o conceito de corpo foi largamente discutido no dualismo conceptual de mente-corpo desde Aristóteles até aos nossos dias, como parte estruturante das disciplinas de Metafísica e das questões de Filosofia da Mente. Nas artes performativas, o corpo é o elemento mais presencial do conhecimento cénico.

Durante o início do século XX, várias questões têm sido levantadas no âmbito da fenomenologia. O corpo como fenómeno e linguagem tem sido abordado na filosofia de Merleau Ponty, tendo sido incluído no conceito de “Dasein”⁴⁴ de Heidegger e da apreensão dos fenómenos refletida em Husserl.

Nesta dissertação, o corpo adquire uma unidade de significação diferente, na medida em que está ligado ao conceito já explanado do capítulo anterior, à noção de marca, servindo como estrutura mediadora ao conceito de poder. É através do corpo que toda a marca se identifica como signo, e todo o poder se movimenta⁴⁵.

⁴⁴ Este conceito traduz-se como “Ser no mundo”. Conceito introduzido por Heidegger no início do Sec. XX, procura basear toda a fenomenologia como um fenómeno dentro de um contexto, sendo que todo o objeto apreendido pelos sentidos tem de ser lido à luz do mesmo.

⁴⁵ “A distinção precedente mostrou-nos que existem signos naturais e signos artificiais e que os signos naturais podem ser entendidos como signos, desde que alguém os interprete como tal com base num sistema de convenções bastante organizado.” (Eco, 1985, p 36)

Neste sentido, este capítulo abordará duas visões sobre este conceito. A primeira, fundamenta-se no corpo como território, no qual o sujeito afirma a sua corporalidade, sendo um corpo incorporado, onde o desafio se elenca entre a corporalidade do indivíduo, (apreendida por este) e a corporalidade do corpo social, que funciona como matriz de sentido.⁴⁶

A segunda aceção deste conceito irá sustentar-se através da noção de marca nesse corpo, da presença territorial no campo que é o corpo.⁴⁷

3.1 Corpo enquanto território

A razão e a razão de ser de uma instituição (ou de uma medida administrativa) e dos seus efeitos sociais, não está na <vontade> de um indivíduo ou de um grupo mas sim no campo de forças antagonistas ou complementares no qual, em função dos interesses associados às diferentes posições e dos *habitus* dos seus ocupantes, se geram as <vontades> e no qual se define e se redefine continuamente, na luta – e através da luta – a realidade das instituições e dos seus efeitos sociais, previstos e imprevistos. (Bourdieu, 2001, p 81)

A conceção de corpo, enquanto território, tem de ser pensada no domínio da identidade do sujeito. O problema filosófico que nasceu na antiguidade clássica volta a ganhar forma, surgindo novamente esta questão. Neste sentido, é preciso apenas ter em conta a dualidade na qual se funda este problema: de um lado temos a mente – órgão que anima todos os nossos estados mentais – e, por outro, o corpo – recetáculo desses mesmos estados. Colocando de parte os problemas filosóficos e religiosos, entre outros que possam existir sobre este assunto, a verdade é que o indivíduo é constituído por duas matérias: mente e corpo. A primeira é difícil de justificar fisicamente, talvez apenas pela existência de um órgão físico – o cérebro; sendo que a segunda é o corpo.

Veiculado ao conceito de corpo, está presente a noção, referida na linguagem filosófica contemporânea, de território, onde ninguém deveria interferir, muito menos forçosamente.

⁴⁶ “[...] cujo sucesso depende da manutenção recíproca de uma tensão entre a auto-renúncia simbólica e a auto-afirmação individual [...]” (Honneth, 2011, p 132)

⁴⁷ “[...] possibilidades da universalização e materialização, e na comunidade de valores com as possibilidades de individualização e da igualização, foram incorporadas estruturas normativas na relação jurídica que podem ser acessíveis através da experiência emocionalmente vinculada do desrespeito, reclamando justiça nas lutas daí resultantes.” (Honneth, 2011, p 228)

Como sua propriedade, só o sujeito pode atuar no seu seio, onde tudo o que for feito no sentido de transgressão de propriedade é considerado à vista de muitos como a violação do *si*⁴⁸:

O corpo e a problemática do mesmo enquanto tela surgem amplamente discutidos no início do século XX⁴⁹, quando aquele serve para fins de propaganda política, deixando de ter a funcionalidade de um corpo livre. Este passou, então, a ser visto como uma máquina⁵⁰ que serve um outro fim: neste caso, um outro órgão, o corpo social. Neste sentido, o corpo do sujeito já não lhe pertence, enquanto espelho do seu arbítrio, mas do campo social onde este está inserido. A vontade de ser corpo e o corpo da vontade são conceitos entrecruzados⁵¹, nos quais a vontade se procura manifestar na apresentação do corpo.⁵²

Com um sentido imediato, o corpo, e o conhecimento do mesmo, elencado pela sua apresentação visual, ganha um novo horizonte de sentido, pois está inserido num outro plano, um campo não-livre, complexo no que respeita a regras sociais. Nesta medida, pode dizer-se que o corpo está já inserido numa primeira prisão, o espaço social. Mas o que acontece quando o corpo funciona como instrumento de repressão, um instrumento político? Que se sucede quando o corpo é submetido à vontade de outro?⁵³

O corpo como território funciona como propriedade – “o meu corpo, o meu território” –, mas também como fronteira entre o “eu” e o “outro”, entre o campo daquele e o campo social, onde o seu corpo se movimenta. Nesse sentido, este corpo está vinculado a uma outra matriz.

⁴⁸ Esta expressão, muito utilizada, no âmbito filosófico procura mencionar a “sujeitabilidade” do sujeito, ou seja, a consciência da sua existência, “[...] aquelas formas de maus-tratos práticos em que são retiradas violentamente a um ser humano todas as possibilidades de uma livre disposição sobre o seu corpo representam o modo mais elementar de uma humilhação pessoal.” (Honneth, 2011, p 181)

⁴⁹ Com a ocorrência das duas grandes guerras mundiais, a problemática do corpo foi repensada como vínculo entre o sujeito e as políticas vigentes.

⁵⁰ O conceito de máquina desejante presente no *Anti-Édipo*, de Deleuze e Guatarri, ilustra bem este processo, do corpo máquina, que constroi, desconstroi e que é absolutamente maleável. Corpo e vontade são aqui conceitos que caminham de mãos dadas.

⁵¹ O primeiro prende-se com a noção de busca pela identidade, sendo que o segundo reflete uma intencionalidade patente a esse desejo.

⁵² “Esquemmatizando muito, poderíamos dizer que, no direito monárquico, a punição é um cerimonial de soberania; ela utiliza as marcas rituais da vingança que aplica sobre o corpo do condenado, e estende sob os olhos dos espectadores um efeito de terror ainda mais intenso por ser descontínuo, irregular e sempre acima das suas próprias leis, a presença física do soberano e de seu poder. No projecto dos juristas reformadores, a punição é um processo para requalificar os indivíduos como sujeitos de direito, utiliza, não marcas, mas sinais, conjuntos codificados de representações, cuja circulação deve ser realizada o mais rapidamente possível pela cena do castigo e a aceitação deve ser a mais universal possível. Enfim no projecto de instituição carcerária que se elabora, a punição é uma técnica de coerção dos indivíduos, ela utiliza processos de treinamento do corpo – não sinais – com os traços que deixa, sob a forma de hábitos, no comportamento, e ela supõe a implantação de um poder específico de gestão da pena. O sobrano e sua força, o corpo social, o aparelho administrativo. A marca, o sinal, o traço.” (Foucault, 1997, p 108)

⁵³ “Em todos os tempos, o corpo transformou-se numa verdadeira questão política, porque não sendo um dado biológico imutável é a origem e a consequência de um complexo processo de elaboração social, podendo mesmo garantir a integridade e a unidade de uma colectividade.” (Crespo, 1990, p 572)

O corpo do sujeito deixa de ser o seu corpo quando entra no “jogo” do contrato social, uma rede complexa de normas e convenções – regras ou normas – socialmente aceites pela restante comunidade. Nesta sequência de raciocínio, enquanto seres inseridos numa sociedade, os indivíduos desempenham, assim, o seu papel social, o que é esperado deles.⁵⁴

O conceito de corpo, além de ser uma leitura de território, é também, o espaço de liberdade (de imaginação, de vontade) dentro da prisão, relacionada com a existência do espaço físico do sujeito, mas existente na senda de um espaço territorial mais vasto, o campo social. Assim, existe uma dupla prisão: a primeira relacionada com a vontade sobre o corpo; a segunda, na esteira da existência desse campo social. Apesar do corpo do indivíduo estar preso a uma vontade de outrem, do corpo político, ainda pode exercer o seu poder sobre ele. A prisão funciona como escravatura na fronteira deste corpo, e este funciona como fronteira da liberdade, que pode ser trabalhada pelo sujeito.⁵⁵

Não sendo o sujeito livre para além do seu corpo, a prisão não prende o que há para cá deste, a mente. Há aqui uma dupla fronteirização entre o corpo e a mente, que funciona como conceito último, devendo, nesta ótica, ser inviolável, uma vez que só a forma pode ser submetida, ao invés do informe.

O controlo sobre o corpo rege-se, por sua vez, por um domínio sobre estados mentais, ou por outras palavras, por estados de alma. O que se verifica, no início do século passado, não se deixa operar na esteira apenas do controlo físico, mas também do controlo mental. Até meados dos anos 50, houve a forte crença de que as ideologias se passavam, que eram altamente transmissíveis, sendo que a poluição das mentes levaria também ao contágio dos corpos.

Assim, durante muito tempo houve uma forte convergência entre as ideologias e a migração, pois toda esta troca de ideias se revela prejudicial para um controlo normativo das populações e para a sua preservação.⁵⁶

Neste sentido, “eu” procuro dar forma ao “meu” corpo. A formalização consiste, assim, neste processo de territorialização do “eu”. A materialidade do corpo é expressa através da vontade, que se vai manifestando através das vivências, da história de cada um. O corpo,

⁵⁴ “Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais.” (Foucault, 1997, p 25)

⁵⁵ “[...] *representações objectais*, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou em actos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores” (Bourdieu, 2001, p 112)

⁵⁶ “[...] assim, pela primeira vez, transparece nos seus escritos, até na exposição dos desenvolvimentos históricos, mas ainda sem qualquer fundamentação teórica abrangente, a convicção, no plano da filosofia social, que o campo da acção social consiste numa luta permanente dos indivíduos pela conservação da sua identidade física” (Honneth, 2011, p 17)

funciona assim, como uma narrativa biográfica. Ele expressa um certo tipo de alimentação (saudável ou não), um determinado estilo de vida (fumo, bebida) e todas as marcas que advêm de uma existência em particular.⁵⁷

No entanto, existem marcas que não são um resultado prolongado de hábitos comportamentais, mas antes de situações físicas em que o corpo se encontra. Ao encontrar-se num determinado espaço – neste caso, de repressão – irão existir marcas que vão ser manifestações desse espaço.⁵⁸

São essas marcas, reveladoras de vivências, de que nos iremos ocupar em seguida.

3.2 As Marcas no Território

O homem é necessariamente reconhecido e é necessariamente reconhecedor. (Honneth, 2011, p 64)

Em 1969 todas as televisões estavam sintonizadas num acontecimento que viria a marcar as páginas da história – a chegada do Homem à Lua. Quem não se lembra da implantação da bandeira americana na Lua? Quantas pessoas não sentiram o desconforto daquela nação ao colocar a “marca” de apropriação naquele território?

O segundo ponto deste capítulo referente ao conceito de corpo fundamenta-se na apropriação do território. As marcas do território funcionam aqui como um cunho, um carimbo, numa superfície – no corpo. O sinal no corpo, contém um cunho de representação social, a forma de mostragem dos corpos e o trabalho sobre os mesmos, servindo assim de propaganda.

⁵⁷ “O <processo de civilização> do corpo era um instrumento de luta desencadeada especialmente pelos estratos sociais mais cultos da vida portuguesa, que dispunham de conhecimentos técnicos e científicos actualizados, contra a superficialidade das atitudes e movimentos de grupos minoritários que encontravam, em velhos privilégios e <heranças>, as formas de afirmação e ascensão social. Neste contexto de mudança, o valor dos homens media-se antes pela capacidade de <ser> e não em comportamentos fundamentados no <parecer> fingido, sem qualquer utilidade colectiva ou desprovido de autenticidade humana. Para o corpo civilizado não era bastante ser herdeiro de tradições, não era suficiente constituir-se em receptor passivo de gestos antepassados, mesmo que esses gestos, tal como aliás se sucedia, fossem aceites pelos homens novos. Pelo contrário, a civilização do corpo era uma ideia e uma prática em movimento, um processo constante, sugerindo trabalho, superação e, nesta perspectiva, pedindo algum sofrimento, isto é, a busca penosa e esforçada do melhor, sempre com o objectivo de contribuir para o bem da colectividade.” (Crespo, 1990, p 504)

⁵⁸ “<A algum respeito> significa que o signo não representa a totalidade do objecto, mas – por via de abstracções diversas – o representa de um certo ponto de vista e com o fim *de um certo ponto de vista* ou com o fim *de um certo uso prático*.” (Eco, 1985, p 26)

Os corpos direitos, sem defeito, com uma boa caligrafia e uma boa postura, consistiam sinais de um bom sistema político.⁵⁹

Neste sentido, a tatuagem funciona como esse sentido de propriedade, no corpo; mas é já ela um sentido metafísico, pelo que expressa também a vontade. A tatuagem enquanto marca, com um processo representativo do “eu”, não apenas de uma vontade, mas também de um mapeamento de experiências.

A tatuagem dos cinco pontos, a exemplo, significativa das quatro paredes⁶⁰ revelava assim uma narrativa bibliográfica da pessoa que comporta consigo essa imagem. A maneira como se veste, se arranja é, em menor escala, fruto das suas vivências. A intersubjetividade torna-se objetiva pelo que é apresentando ao “outro”.⁶¹

Mas nem sempre a marca do território do sujeito é da sua autoria, pois no caso da escravatura, o corpo já não é encarado como seu, mas antes como de um senhor. Se o corpo funcionar como propaganda política, já não é seu, mas sujeito àquele regime.

Neste âmbito, a significação do contrato social é baseada não só num sistema de direitos, mas igualmente num sistema de deveres, funcionando numa grelha de sentido e de normas. Para pertencer a uma determinada grelha social, temos de corresponder comportamentalmente a este sistema.⁶²

A tatuagem, no caso dos prisioneiros, é uma marca de uma narrativa biográfica, representa uma “cicatriz” que prova o que esse corpo passou. Os efeitos que a tatuagem revela no corpo são deste modo efeitos de poder, funcionando como evidências do mesmo. Mas essa tatuagem pode também exercer o resultado inverso. Ela pode ser uma manifestação contra esse

⁵⁹ “E a questão que se pode formular é a seguinte: o fenómeno traduz uma verdadeira libertação do corpo, relativamente a antigos constrangimentos ou, pelo contrário, não representa mais do que uma forma, porventura subtil, utilizada pela sociedade para continuar a exercer a repressão?” (Crespo, 1990, pp 7/8)

⁶⁰ Esta tatuagem está presente na obra intitulada “O Fado”, de José Malhoa. Assim, a Mouraria, como espaço de nascimento do Fado, é um local de marginalidade privilegiada. Esse território revela-se como espaço de crime e prostituição, local onde muitos dos prisioneiros aqui elencados passaram as suas vivências.

⁶¹ “A teoria originária de Satre sobre a intersubjectividade, em que a <luta pelo reconhecimento> se encontra eternizada como uma categoria existencial do ser humano, é o resultado de uma aplicação do dualismo ontológico do <ser-para-si> e do <ser-em-si> ao problema, ao nível da filosofia transcendental, da existência alheia: visto que cada sujeito humano vive como um ser que é para si num estado de transcendência permanente dos seus próprios projectos de acção, terá de experimentar o olhar do outro, somente através do qual ele poderá alcançar a consciência de si, simultaneamente como uma fixação objectivante sobre apenas uma das suas possibilidades existenciais.” (Honneth, 2011, p 210)

⁶² “Técnicas sempre minuciosas, muitas vezes íntimas, mas que têm a sua importância: porque definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo, uma nova «microfísica» do poder, e porque não cessaram, desde o século XVII, de ganhar campos cada vez mais vastos, como se tendessem a cobrir o corpo social inteiro.” (Foucault, 1997, p 120)

mesmo poder, uma marca da revolta. Ainda assim, é sempre uma afirmação, como uma intencionalidade e uma força muito próprias.⁶³

O corpo e a marca neste constituem uma intencionalidade veiculada: chocar, afirmar, tendo, portanto, uma significação específica. Na esteira desta ideia, podemos ainda observar que em muitos casos, ainda hoje, a tatuagem procura de certo modo dizer algo sobre a pessoa que a usa. No caso dos prisioneiros da Primeira República Portuguesa, ela não só funcionava como uma marca de uma narrativa biográfica, mas também como um símbolo de precaução, ou até mesmo de antipoder, podendo significar que a pessoa em causa não estava veiculada ao sistema normativo vigente.⁶⁴

A tatuagem encerra em si todo um processo de afirmação do corpo, de territorialização do corpo, dessa tela em branco. Mas esse processo de instrumentalização, como já anteriormente foi referido, pode não ser feito da parte do sujeito do território. O corpo assume assim vários sentidos, estando depende de quem o trabalha e do campo social onde é trabalhado.⁶⁵

Nesta medida, a tatuagem deve ser vista como marca que, enquanto símbolo, estabelece uma codificação muito específica mediante a estrutura normativa na qual opera. Mas a significação dada pelo traçado da gravura é já outra, sendo assim constitui-se como um símbolo com um outro estatuto, como uma imagem de algo pertencente a outra vivência.

A codificação do corpo é já uma desconstrução do mesmo, não sendo, um objeto autêntico, mas antes um ser inserido num contexto, numa unidade de sentido. Um corpo transformado, manipulado, submisso, que procura responder a um sistema político, com leis e regras específicas⁶⁶.

⁶³ “A esse jogo respondem os próprios condenados, arvorando seus crimes e dando representação de sua falta: é uma das funções da tatuagem, vinheta de sua proeza ou de se destino: Eles levam as insígnias, seja uma guilhotina tatuada no braço esquerdo, seja no peito um punhal enterrado num coração que sangra.” (Foucault, 1997, p 217)

⁶⁴ “Em relação à vítima, ele deve ser marcante: destina-se, ou pela cicatriz que deixa no corpo, ou pela ostentação de que se acompanha, a tornar infame aquele que é sua vítima; o suplício, mesmo se tem como função «purgar» o crime, não reconcilia; traça em torno, ou melhor, sobre o próprio corpo do condenado sinais que não devem se apagar; a memória dos homens, em todo o caso, guardará a lembrança da exposição, da roda, da tortura ou do sofrimento devidamente constatados.” (Foucault, 1997, pp 31-32)

⁶⁵ “Trataríamos aí do «corpo político» como conjunto dos elementos materiais e das técnicas que servem de armas, de reforço, de vias de comunicação e de pontos de apoio para as relações de poder e de saber que investem os corpos humanos e submetem fazendo deles objectos de saber.” (Foucault, 1997, p 27)

⁶⁶ “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado... Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objecto de investimentos tão imperiosos e urgentes, em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Muitas coisas entretanto são novas nessas técnicas. A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, *grosso modo*, como se fosse uma unidade indissociável mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. O objecto, em seguida, do controle: não, ou mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia

Nesta perspectiva, e em muitas outras da sociedade atual, a imagem tem um forte vínculo com o sistema social, seja a afirmação ou negação do mesmo. Os prisioneiros consistem assim, num grupo restrito fora do sistema normativo e da sociedade. A imagem constitui, neste sentido principalmente, como o fim último no raciocínio, ela espelha antes o sentido do meu raciocínio, sendo que nunca é possível conhecer um indivíduo na sua totalidade.

No entanto, apenas é possível conhecer a tela, e nem sempre a intencionalidade do seu proprietário; apenas o ser objetivo, e não a matéria subjetiva, ou seja, o raciocínio.

Nesta medida, o conhecimento sobre o outro reflete-se no conhecimento que temos de nós mesmos: procuramos justificar os comportamentos do outro, a partir da nossa experiência, o que não se revela como um conhecimento exato.⁶⁷

A disciplina exercida sobre um corpo, estando ela na esteira de um fenómeno de repressão, procura normalizar não só corpos, mas também comportamentos. O que sai fora da norma, quer a nível físico, quer a nível psíquico, é considerado um comportamento desviante e, neste sentido, tem de ser combatido, resultando na exclusão pela sociedade.⁶⁸

Com alguma frequência, o que acontece é que as marcas no corpo se tornam visíveis, a título de exemplo, para servir de ensinamento aos restantes membros da comunidade. A marca no território ganha estigma da marca no campo social. A normalização dos corpos era de tal maneira um efeito de propaganda que o exercício físico constituía uma das prioridades para uma “saúde” física e mental.⁶⁹

O corpo nas suas várias significações e relações tem vindo a ser analisado ao longo deste capítulo: o corpo enquanto território; o corpo máquina; o corpo como propaganda; o poder

dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimónia que realmente importa é o exercício. A modalidade enfim: implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos de atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadriha o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de «disciplinas».” (Foucault, 1997, p 118)

⁶⁷ “A identidade consciente de si própria efetivamente actuante nas relações sociais é um <mim> objectivo, ora estes são múltiplos num processo de reacção. Eles englobam um <eu> fictício que em si nunca é visto.” (Honneth, 2011, p 104)

⁶⁸ “Esta modalidade de controlo comportamental já existe desde da antiguidade clássica, como medida preventiva do contágio das populações, quer a nível de doenças, quer a nível de ideias, “Temos aí um exemplo do que se poderia chamar a codificação instrumental do corpo. Consiste em uma decomposição do gesto global em duas séries paralelas: a dos elementos do corpo que serão postos em jogo (mão direita, mão esquerda, diversos dedos da mão, joelho, olho, cotovelo etc.), a dos elementos do objecto manipulado (cano, alça de mira, cão, parafuso etc.); coloca-os depois em correlação uns com os outros segundo um certo número de gestos simples (apoiar, dobrar); finalmente fixa a ordem canónica que cada uma dessas correlações ocupa um lugar determinado.” (Foucault, 1997, p 130)

⁶⁹ “Novamente retoma-se outro lema da antiguidade clássica, em que à mente sã corresponde a um corpo sã, “A postura geral do corpo, a distancia do peito ao <bofete>, a colação da cabeça, dos braços e dos cotovelos, bem como a posição das pernas, dos joelhos e dos pés, sublinhavam a necessidade de adequação dos gestos.” (Crespo, 1990, p 524)

exercido sobre o corpo; a afirmação e o corpo como elemento de disciplina. Em todas estas fundamentações, o conceito de corpo é volátil e a importância atribuída ao mesmo depende da ótica do poder.

O corpo, nesse sentido, tem de ser visto à luz de um fenómeno, de um acontecimento. Numa sociedade cada vez mais corporizada, em que os nossos corpos cada vez definem o indivíduo, é necessário conseguir visualizar o corpo à luz de regimes diferentes do nosso. Ainda hoje, acontece em algumas religiões, o corpo aparecer ligado ao uso de algumas tipologias de vestuário, uma prática meramente para esconder o corpo. Mas há sistemas discordantes, em que a prática de mostrar o corpo se revela de extrema importância. A moda surge assim, neste sentido como expoente máximo para a formatação do corpo.

Com os crescentes níveis de globalização, tem-se vindo a assistir a uma massificação da standardização dos corpos, em que os ídolos desempenham um papel fundamental nestes comportamentos. Dos ídolos às ideologias e destas às pessoas, a personificação dos corpos adquiriu um novo sentido, existindo assim uma massificação de comportamentos e dos corpos. Deste modo, a desmitificação dos ídolos adquire um novo processo de apresentação, sendo agora um processo não tão vinculativo ao regime político, mas antes a uma estética da imagem. Existe, assim, uma queda do paradigma sobre a perceção do corpo, passando para uma contextualização de significação diferente, caracterizada por uma massificação dos comportamentos. Com o surgimento da televisão, e posteriormente da *Internet*, permitiram-se novas formas de controlo do corpo e novos exercícios de um Poder Simbólico.

Concluindo, na questão sobre o conceito de corpo é importante referir novamente a normatização dos corpos e dos comportamentos, neste caso, através de uma frase de Foucault, que revela este mesmo ponto e que ainda se revela pertinente nos dias de hoje, com o conceito de *moda*⁷⁰:

⁷⁰ Uma boa caligrafia, por exemplo, supõe uma ginástica – uma rotina cujo rigoroso código abrange o corpo por inteiro, da ponta do pé à extremidade do indicador. Deve-se manter o corpo direito, um pouco voltado e solto do lado esquerdo, e algo inclinado para a frente, de maneira que, estando o cotovelo pousado na mesa, o queixo possa ser apoiado na mão, a menos que o alcance da vista não o permita: a perna esquerda deve ficar um pouco mais avançada que a direita, sob a mesa. (Foucault, 1997, p 130)

4. Poder

De tal modo que, como a produção, o consumo de obras provenientes de uma longa história de rupturas com a história, com a tradição, tende a tornar-se parte a parte histórica e, não obstante, cada vez mais totalmente des-historicizado; com efeito, a história que a decifração e a apreciação praticamente põem em jogo reduz-se cada vez mais à história pura das formas, ocultando completamente a história social das lutas a respeito das formas, história essa que faz a vida e o movimento do campo artístico. (Bourdieu, 2001, p. 298)

No quadro conceptual desta dissertação, existe ainda uma terceira ideia a ter em conta – a noção de poder.

O termo poder, derivado do latim *potere*, remonta aos primórdios da noção de contrato social⁷¹. Nesse período histórico, a noção de poder está interligada à ideia de poder imperial, ou seja, do poder como meio para atingir o fim, o bem do império romano. Mas não se esvaziava aí, mas também na ideia do Imperador como um Deus na terra, resultando assim, na criação de uma simbologia do poder, ou de um Poder Simbólico. Nesta medida, os dados estavam lançados, magoava-se o imperador, afligia-se Deus. Na construção do poder simbólico, as construções romanas foram ímpares na fundação de iconografias, que subsistem ainda hoje, como os exemplos do Fórum e do Coliseu. Outras coisas que o poder imperial romano aproveitou, nomeadamente da antiguidade Grega, foi o conceito de uma economia, que através da moeda se intensificou.⁷²

Ao longo dos tempos, o conceito de Poder tem sofrido algumas pequenas alterações, pois nem sempre é um “mono poder”, podendo ser um “poli poder”, como na época feudal ou até nos dias de hoje, onde o Estado e a Igreja continuam desde do século XVII⁷³ a desempenhar

⁷¹ O conceito de “contrato social” nasceu em grande medida através dos trabalhos de Hobbes, Rousseau e Kant, para explicarem a grelha moral de uma sociedade hierarquizada. Apesar de o conceito ter sido estruturado apenas no século XVIII, encontra-se vinculado aos primórdios do pensamento social.

⁷² “O Mundo começou sem o homem e acabará sem ele. As instituições, os costumes e os hábitos que eu teria passado a vida a inventar e a compreender são uma eflorescência passageira de uma criação em relação à qual não possuem qualquer sentido senão talvez o de permitir à humanidade desempenhar o seu papel.” (Levi-Strauss, 1955, p. 408)

⁷³ Ressaltando este ponto, sabe-se que a história não é linear, que existem flutuações e estas ditam os membros do poder que regem este tempo. Toda a história, e consequentemente os conceitos que se inserem nela, se baseia em acontecimentos do devir. Logo, o conceito de poder, sendo um conceito histórico, ou antes, de uma sociologia da história, está imerso num contexto, “Nesta luta, o poder judicial, por meios dos veredictos acompanhados de sanções que podem consistir em atos de coerção física, tais como retirar a vida, a liberdade ou a propriedade, manifesta esse ponto de vista transcendente às perspectivas particulares que é a visão soberana do Estado, detentor do monopólio de violência simbólica legítima.” (Bourdieu, 2001, p. 236)

um papel fundamental, na legislação e normalização⁷⁴ da sociedade, de modo a não haver grandes atribuições no foro social. Nesta normalização da coletividade, há estratos sociais que fogem a esta regularização, numa busca do direito à identidade.⁷⁵

O poder do Estado e da Igreja efetiva-se não só numa noção em potência, mas antes atualizando-se nas diversas construções que vemos à nossa volta, nas diferentes instituições e monumentos. Este poder está referenciado em todo o lado, sendo que o plano do real é esmagado por essa verdade. Mas o Estado e a Igreja não constituem um conceito concreto, na medida em que este obedece a um conjunto de pessoas que são abrangidas por essa noção.⁷⁶ Mas dentro destes diferentes agrupamentos, nem todos os indivíduos veem a sua identidade refletida nas políticas vigentes.⁷⁷

No entanto, não podemos falar destas noções sem falarmos de uma ideia sobre a fundamentação desse mesmo poder. Para haver poder, têm de existir, pelo menos, duas classes em diálogo. Uma, a detentora desse mesmo Poder, a outra, a que luta contra o mesmo. Essa luta pode ser desencadeada por vários motivos: ou porque existe o movimento contra esse mesmo poder, ou seja, uma revolução que tenta derrubar o poder pelo simples facto de ele existir; ou existe uma prática que derrube desse poder, porque é necessária a formação de um poder antagónico ao existente. Assim, o conceito de poder só existe se houver uma bidirecionalidade entre o “eu” e o “outro”, gerada por algum tipo de desigualdade, por um determinado bem.⁷⁸

A noção de poder no âmbito do estudo dos prisioneiros da Primeira República Portuguesa obedece a uma estrutura social muito específica, que temos de ser capazes de compreender. Só nesta medida conseguimos ter o conhecimento exato da realidade deste extrato

⁷⁴ O conceito de corpo e poder vão estar amplamente ligados em toda esta dissertação de mestrado. Pois a legislação e normalização dos corpos nada mais é do que a amostragem de um poder efetivado numa sociedade. Normalizando-se todos os estratos sociais, consegue-se a “paz”.

⁷⁵ O direito ao corpo e o direito à identidade são dois problemas colocados nesta exposição. O corpo funciona como um sentido de propriedade mais primordial, e, neste sentido o princípio e o fim da noção de territorialidade.

⁷⁶ No caso da Igreja, o Papa, os Cardiais e os Bispos; no caso do Estado, o Presidente da República, o Primeiro Ministro e os Deputados.

⁷⁷ “O homem, disse-se, é um *animal simbólico*, e neste sentido não só a linguagem verbal mas toda a cultura, os ritos, as instituições, as relações sociais, o costume, etc., mais não são do que *formas simbólicas* (Cassirer, 1923; Langer, 1953) nas quais ele encerra a sua experiência para a tornar intermutável: instaura-se a humanidade quando se instaura a sociedade, mas instaura-se a sociedade quando há comércio de signos.” (Eco, 1985, p 97)

⁷⁸ “É para romper com este modo de pensamento – e não pelo prazer de colar um novo rótulo em velhos fracos teóricos – que empregarei o *campo de poder* (de preferência a *classe dominante*, conceito realista que designa uma população verdadeiramente real de detentores dessa realidade tangível que se chama poder), entendendo por tal as relações de forças entre as posições sociais que garantem aos seus ocupantes um *quantum* suficiente de força social – ou de capital – de modo a que estes tenham a possibilidade de entrar nas lutas pelo monopólio de poder, entre as quais possuem uma dimensão capital as que tem por finalidade a definição da forma legítima do poder.” (Bourdieu, 2001, p 29)

social. A luta social pelo poder e o poder da sociedade funcionam aqui como conceitos interligados, na medida em que o campo social também tem um forte “poder” simbólico.⁷⁹

À guisa de conclusão desta nota introdutória, torna-se necessário a reflexão sobre alguns aspetos deste conceito de “poder”: o primeiro numa ótica de poder simbólico, em que se procurará definir uma simbologia de poder; e o segundo, o poder na senda de uma noção de território associada.

4.1 Poder Simbólico

[...] e interesses transcendentais, inscritos nas suas posições no seio desses campos de luta, designados de forma estenográfica por palavras como Estado, Igreja ou Partido. (Bourdieu, 2001, p 86)

Na introdução ao capítulo já foram elencadas algumas ideias relativamente ao poder simbólico, nomeadamente a estruturas adjacentes a este termo. Uma das ideias que é necessário ter em conta prende-se com a noção de poder imperial, expressa pela monumentalidade das estruturas. A edificação de infraestruturas exerce sempre um cunho político ou religioso⁸⁰, que entra em relação com o poder vinculado por estes mesmos órgãos. Quanto maior o número de estruturas que apoiam um regime, maior o seu poder efetivo.⁸¹

Uma sociedade simbolicamente estruturada, isto é, obedecendo a normas comportamentais do corpo e da mente, fortemente impostas pelo poder, acaba por ser fortemente espartilhada, fazendo com que resulte, em larga medida, na causa para a

⁷⁹ “Ela se constituiu fora do aparelho judiciário, quando se elaboraram, por todo o corpo social, os processos para repartir os indivíduos, fixá-los e distribuí-los especialmente, classifica-los, tirar deles o máximo de tempo, e o máximo de forças, treinar seus corpos, codificar seu comportamento contínuo, mante-los numa visibilidade sem lacuna, formar em torno deles um aparelho completo de observação, registro e notações, constituir sobre eles um saber que se acumula e se centraliza.” (Foucault, 1997, p 195)

⁸⁰ Exemplos como as igrejas, monumentos da Roma Imperial ou Monumentos alusivos ao Estado Novo em Portugal, denotam imensas ideologias por traz dessas edificações. A intencionalidade prende-se com a grandiosidade patente a determinado “regime” político. Assim as fachadas dos edifícios servem para espelhar algo mais profundo nas mentalidades, significando uma outra realidade.

⁸¹ “[...] e, por fim, mais tranquilizadora do trabalho coletivo de sublimação que está na origem das conquistas mais altas da ação humana: a história só pode produzir a universalidade trans-histórica produzindo, por meio das lutas tantas vezes impiedosas dos interesses particulares, universos sociais que, por efeito da alquimia social das suas leis históricas de funcionamento, tendem a extrair da defrontação dos interesses particulares a essência sublimada do universal.” (Bourdieu, 2001, p 73)

marginalização dos indivíduos⁸². Quanto mais normas são impostas, mais marginalidade tende a surgir.⁸³

Neste sentido, qualquer conduta fora da grelha normalizadora dos comportamentos, põe em risco o bem da coletividade, sendo que deste modo todo e qualquer procedimento fora da normalização era logo posto de parte e até punido. A principal pena consistia em afastar estes indivíduos da sociedade, de forma a não contaminarem os demais, seja física ou mentalmente.⁸⁴

Numa sociedade simbolicamente formada, qualquer estrutura, física ou mental, deve convergir para o bem comum, para o bom funcionamento nesta macro estrutura, que é o corpo social. Este só funcionará na medida em que são cumpridos os requisitos para o bom funcionamento do mesmo. O controlo das mentalidades e dos corpos constitui um elemento de segurança estruturante que deve ser respeitado até ao limite.⁸⁵

O domínio sobre os corpos, os seus horários, a sua domesticação, consiste num dos principais focos de uma sociedade em busca de uma homogeneidade de comportamentos a fim de garantirem a sua sobrevivência, mas sempre tentando espelhar a sobrevivência de cada um⁸⁶.

Uma das razões da sobrevivência do poder é assegurada pelo facto de que tudo o que se passa na sociedade se traduz em comportamentos codificados, sendo que as condutas e a comunicação são vinculadas a este sistema de normalização dos comportamentos. A

⁸² Recentemente, têm sido discutidas algumas ideias erróneas sobre um dos períodos mais espartilhados, tanto mental como corporalmente: a Idade Média. Têm sido levantadas algumas questões sobre a veracidade de alguns desses comportamentos “normalizados”. Neste caso específico pelos cânones da Igreja.

⁸³ “Sempre que os homens de juntavam em qualquer lugar, tornando-se mais facilmente disponíveis para a contestação e introduzindo brechas na requerida formação da consciência moral individual ou colectiva, a própria existência do Estado corria perigos e eram as suas pretensões de controlo que saíam frustradas.” (Crespo, 1990, p 276)

⁸⁴ “Sem duvida que, na base da atitude vigilante da polícia, não pode deixar de ser mencionado o facto de os camponeses dos grupos circenses serem, na generalidade, estrangeiros podendo vir, com novas ideias, corromper os hábitos dos portugueses ou então vagabundos, com quem de factos os artistas eram habitualmente identificados. Contudo, outras razões havia para a tomada de medidas policiais, no sentido de controlar a circulação daquele tipo de nómadas. Com efeito, por detrás do fenómeno que tomava, cada vez mais, proporções inquietantes, encontravam-se as suspeitas de algo de subversivo que astuciosamente se infiltrava nas mentalidades, talvez concepções do corpo diferentes, eventualmente surgidas como suporte, entre outros factores, de contestação de grupos sociais.” (Crespo, 1990, p 447)

⁸⁵ “Mas podemos sem dúvida ressaltar esse tema geral de que, em nossas sociedades, os sistemas punitivos devem ser recolocados em uma certa «economia política» do corpo: ainda que não recorram a castigos violentos ou sangrentos, mesmo quando utilizam métodos «suaves» de trancar ou corrigir, é sempre do corpo que se trata – do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, da sua repartição e da sua submissão.” (Foucault, 1997, p 25)

⁸⁶ “Por muito boa vontade que haja, é possível, para qualquer regime político conseguir agradar a todos. No entanto, a realidade mostrou-nos ao longo da história diversos regimes que não atendiam às necessidades gerais, sendo que ainda menos às individuais. A busca pela humanização do ser humano continua a ser uma das chagas que existe na sociedade atual, “Neste complexo de relações, julga-se que a intervenção do Estado é decisiva, podendo verificar-se segundo três eixos principais: através da simples repressão, utilizando para o efeito a acção da polícia e da justiça; pelo fortalecimento da consciência moral individual dos cidadãos e facilitando o exercício do auto-controlo; reclamando a colaboração de médicos e educadores, reunidos para justificar, sob o ponto de vista teórico, a homogeneização das condutas.” (Crespo, 1990, p 8)

codificação⁸⁷ dos gestos e das condutas consiste assim numa movimentação propagandista de determinado regime.

Na ótica desta ideia, surge a “propagandização” do trabalho. Este torna-se assim não só uma máquina de industrialização corporal e política, mas também de ocupação dos tempos. Quanto mais tempo ocupamos na produção, mais trabalho é desenvolvido para o regime, melhor aguenta o corpo as ocupações diárias de produção e menos tempo resta para pensamentos desviantes do sistema. Nesta ótica, era feita uma economia dos corpos e das mentes.⁸⁸

Na esteira da ideia anterior, mais forte é um regime quanto mais alienados estiverem as pessoas dos seus direitos. A busca pelo autocontrolo individual, que se irá sublimar no controlo coletivo, consiste no principal chavão de toda a busca pelo poder. O poder só se torna efetivo a partir do momento em que o outro deixa de existir como indivíduo, resumindo-se ao coletivo.⁸⁹

Neste sentido, as forças policiais, como órgãos em serviço do poder, procuram atuar no sentido de uma sociedade unificada, numa relação de poder, quer controlando o corpo e a mente da comunidade onde se inserem, quer impedido qualquer contacto com outras realidades culturais. O controlo a todos os níveis torna-se um instrumento imprescindível para a dinamização do poder⁹⁰.

O aparecimento da marginalização torna-se assim um acontecimento, mesmo que raro, a ser controlado, de modo a não gerar oportunidade para motins ou outros fenómenos a esse nível.⁹¹ Era assim necessário zelar pela segurança a todos os níveis.⁹²

⁸⁷ Não é possível mencionar o conceito de “sistema” sem refletir um pouco sobre os códigos. Os códigos existem como uma estrutura simbólica dos gestos, pois sem estes torna-se impossível falar de uma sociedade organizada estruturalmente. Ao mencionarmos os códigos, relacionamo-los com o poder simbólico. À guisa de exemplo, são usadas muitas codificações de estratos na sociedade atual, por exemplo, os uniformes militares correspondem a uma classe específica.

⁸⁸ “O trabalho era cada vez mais valorizado como meio de essencial de conquista da felicidade humana, tornando-se o fulcro da desejada coesão social e o factor decisivo na integração das marginalidades, constituindo-se como elemento principal de um projecto de unanimidade e de utilidade para o colectivo.” (Crespo, 1990, p 568)

⁸⁹ “Compreende-se que, numa sociedade diferenciada, o efeito de universalização é um dos mecanismos, e sem duvida dos mais poderosos, por meio dos quais se exerce a dominação simbólica ou, se se prefere a imposição da legitimidade de ordem social.” (Bourdieu, 2001, p 246)

⁹⁰ “O desenvolvimento dos encontros entre indivíduos era um fator importante na desejada intensificação de situações de controlo mútuo. Para este efeito, a fim de não comprometer a disciplina requerida, exigia-se uma adequada organização do espaço, um enquadramento susceptível de facilitar, ao mesmo tempo, as comunicações entre os indivíduos e a disciplina dos seus contractos recíprocos, bem como a eficácia das relações dinamizadas, numa perspectiva de economia de gestos.” (Crespo, 1990, p 517)

⁹¹ O controlo de todo e qualquer contacto que possa existir com o “exterior”. Nesta medida até ajuntamentos ou outro tipo de atividades eram altamente condenáveis e combatidos.

⁹² “Mas, para além destas consequências negativas, outras preocupações se juntavam: os factos demonstravam que as condutas humanas não se revelavam de acordo com a reclamada civilização dos costumes; as exigências de austeridade e de contenção dos gestos não se cumpriam; os desvios de comportamentos denunciavam a inexistência de um controlo social e eficaz.” (Crespo, 1990, p 464)

Nas relações de poder, estão sempre compreendidas várias dicotomias que entram em confronto. Há sempre um choque de classes, umas, detentoras do poder, que o usam para os seus fins, e outras, que lutam contra o poder. A luta pode ser desencadeada a diversos níveis, mas esta parêntese de diálogo existirá sempre. O problema que se coloca é até onde é possível ir no que toca a mostrar esse mesmo poder do qual somos detentores. É necessário ser-se sensível a todo este debate, de uma luta não só pelo reconhecimento, mas também pelo poder.⁹³

Na senda desta ideia, está ainda uma outra noção que vai ditar todo o absolutismo deste controlo. O tema do Panóptico⁹⁴ procura representar uma linha de pensamento, na medida que procura exemplificar a jurisdição do poder, mas também alterar os efeitos secundários que estas construções podem vir a representar. Até que ponto pode ser a transparência relacional eficaz ou não.⁹⁵ Assim nesta transparência de vigilância e segurança, o panóptico funciona como esse poder na sua forma mais absoluta.⁹⁶

O homem como animal simbólico assume a existência destas regras, na condução da sua vida diária baseada em hábitos, aos quais chamamos educação. O poder simbólico rege, através do estabelecimento de regras e códigos, uma vida mais tranquila, para o detentor e submisso ao poder. Por um lado, o detentor de poder, ao estabelecer as regras, garante uma cooperação pacífica; ao submisso, o estabelecimento de regras permite uma vida mais calma, em que o dia seguinte é um espelho do anterior⁹⁷.

⁹³ “A revolução simbólica contra a dominação simbólica e os efeitos de intimidação que ela exerce tem em jogo não, como se diz, a conquista ou a reconquista de uma identidade, mas a reapropriação colectiva deste poder sobre os princípios de construção e de avaliação da sua própria identidade que o dominado abdica em proveito do dominante enquanto aceita ser negado ou negar-se (e negar os que, entre os seus, não querem ou podem negar-se para se fazer reconhecer).” (Bourdieu, 2001, p. 125)

⁹⁴ O tema do Panóptico foi introduzido por Foucault para exemplificar o absolutismo do poder no sistema prisional. A ideia consiste no seguinte: na observação constante entre os guardas e os presos, a existência de uma coluna de vigia, ao centro, permite aos guardas uma observação em pouco tempo – numa economia de tempo – de todos os presos; mas por outro lado, permite aos presos a observação dos guardas. “Ser é ser percebido” de Berkeley ganha aqui uma codificação absoluta, resultante na observação total de todos os membros inseridos nesta relação.

⁹⁵ “O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça”. (Foucault, 1997, p. 169)

⁹⁶ “Mais que a divisão maciça e binária entre uns e outros ela recorre a separações múltiplas, a distribuições individualizantes, a uma organização aprofundada das vigilâncias e dos controlos, a uma intensificação e ramificação do poder”. (Foucault, 1997, p. 164)

⁹⁷ Neste momento, não é objeto do presente estudo estabelecer o valor de humanidade destas regras, sendo, no entanto, importante apenas ressaltar que o estabelecimento de normas pode ser considerado benéfico, tendo em consideração vários pontos de vista, “A fecundação recíproca da higiene e da pedagogia, levada a efeito sob a influência do pensamento de John Locke, tornava possível o aparecimento de uma literatura que apontava, como objectivos principais para a educação, os seguintes: apetrechar a alma com as virtudes apropriadas à preservação da inocência dos costumes e da honra, impondo a disciplina e prudência nas condutas, colocando os corpos ao serviço do bem público, em ordem à formação do bom cidadão e tendo, como princípios a seguir, a bondade, a justiça e a sabedoria de Deus; facilitar ao corpo a aquisição da saúde e do vigor, habilitando-o não só para o esforço

Na senda da ideia exposta anteriormente, surge aqui um problema relativamente aos direitos humanos. Que podemos fazer? Que queremos conquistar? Será o poder meramente um vínculo simbolicamente político, ou antes, o fenómeno existente desde de todos os tempos e em todos os lugares?

4.2 Território

Exige-se ainda que os elementos relacionados (e os sistemas em que se inscrevem) sejam mutuamente independentes e em principio utilizáveis para outras correlações. Exige-se além disso que os elementos do conteúdo sejam ulteriormente exprimíveis também da forma mais analítica por meio de outras expressões, ditas interpretantes da primeira. (Caprettini, 1994, p 131)

Ao longo deste estudo é possível observar uma grande confluência de conceitos que se entrecruzam uns com os outros. Já foi citada a noção de território como uma fronteira existente no corpo, mas é necessário saber que essa fronteira não existe por si só, ela é estabelecida por um conceito mais abrangente, o de poder. Neste estão implicadas todas as normas relativamente ao corpo e à mente, sendo que também é aqui que estão estabelecidas todas as fronteiras.⁹⁸

A noção de território estabelece a fronteira entre o que é ser livre e o seu oposto, sendo que esse estatuto é pré-estabelecido pelo detentor de poder. Uma educação, numa economia de gestos, e sem grandes paixões fomenta o autocontrolo das populações. É através da educação que se criam as primeiras condições de autocontrolo⁹⁹.

A manipulação comportamental funciona assim a diversos níveis, sendo que um outro aspeto a combater prende-se com os ajuntamentos de pessoas, que podem ter ideias contrárias

da formação intelectual e moral mas, também, para assumir as responsabilidades na economia domestica e na defesa da pátria.” (Crespo, 1990, p 546)

⁹⁸ “As autoridades encarregadas de disciplinar as condutas dos homens não viam, com menor apreensão, tal como acontecia em relação ao exercício da violência, este comportamento <demoníaco>, feito ao mesmo tempo de distanciação e de promiscuidade com as <impurezas> do mundo.” (Crespo, 1990, p 378)

⁹⁹ Um pouco mais à frente no tempo, nos anos 40, começa uma nova manipulação política da educação, em que a divisa “Deus, Pátria e Família” se fortifica e funciona como pano de fundo para um novo âmbito de regime, “No conjunto de mecanismos desencadeados para colocar os indivíduos sob uma pressão social mais eficaz, no sentido de se intensificar o autocontrolo, a situação mais valorizada era a que se integrava o face-a-face com os outros.” (Crespo, 1990, p 510)

ao regime¹⁰⁰ e facilitar a propagação de ideias opostas às que se pretendiam que fossem seguidas.¹⁰¹

O medo constante desta vigia apenas permitia uma pequena fronteirização do território, restrita ao âmbito do corpo. Mas esta verdade revelou-se muitas vezes ineficaz, no sentido de que o corpo era também ele manipulado para uma busca mais elevada do sentido de poder¹⁰².

Apesar de o poder se basear na observação minuciosa, existiam, ainda assim, alguns nichos de “marginalidade”. O caso da Mouraria é um bom exemplo como local privilegiado de comércio de ideias e propagação de outras “doenças”¹⁰³, e que foram janelas de oportunidade para aparecerem várias questões sociais.¹⁰⁴

A própria noção de poder opera assim num território muito específico, estando limitado por um tempo e por um espaço. O poder só existe na presença de uma luta constante pelo reconhecimento, e pela percepção do “eu”. Só neste jogo de poder se travava uma luta¹⁰⁵, que se dinamiza na projeção de sentido do outro, de uma autoafirmação.¹⁰⁶

Entrar neste jogo relacional significa, assim, principiar uma ótica de poder, por mais igualitárias que as relações entre os vários elementos possam ser. Existe sempre uma dicotomia

¹⁰⁰ O uso sistemático desta noção não procura aferir nenhum sentido depreciativo, mas antes facilitar a categorização política de determinado contexto. Foi uma ideia tirada da obra de Umberto Eco *A Passo de Caranguejo*.

¹⁰¹ “No âmbito da preservação dos bons costumes salientavam-se os seguintes aspectos: o respeito pelos actos religiosos; a defesa da tranquilidade pública; a luta contra a mendicidade e o roubo; a repressão dos jogos ilícitos e dos exageros do luxo.” (Crespo, 1990, p 463)

¹⁰² “Esse novo objeto é o corpo natural, portador de forças e sede de algo durável; é corpo suscetível de operações especificadas, que têm a sua ordem, seu tempo, suas condições internas, seus elementos constituintes. O corpo, tornando-se alvo dos novos mecanismos do poder, oferece-se a novas formas de saber. Corpo do exercício mais do que da física especulativa; corpo manipulado pela autoridade mais que atravessado pelos espíritos animais; corpo do treinamento útil e não mecânica racional, mas no qual por essa mesma razão se anunciará um certo número de exigências de natureza e de limitações funcionais.” (Foucault, 1997, p 132)

¹⁰³ O termo doença aqui usado tem de ser visto do ponto de vista daquele que é detentor do poder, mas ao mesmo tempo dos problemas sanitários que foram aparecendo com esta “liberdade”. Quanto à opressão comportamental, existe sempre, durante ou após, um momento de liberdade, em que são tomadas algumas decisões que muitas vezes podem comprometer o futuro. No caso português o mais visível é o caso do 25 de Abril de 1974 que, depois de um clima de opressão criou algumas leis protecionistas para o trabalhador, nomeadamente relativas aos contratos de trabalho, que hoje são vistas por alguns como um obstáculo para a economia nos dias de hoje.

¹⁰⁴ “Assim o mundo social, por meio sobretudo das propriedades e das suas distribuições, tem acesso, na própria objectividade, ao estatuto de *sistema simbólico* que, à maneira de um sistema de fonemas, se organiza segundo a lógica da diferença, do desvio diferencial, constituído assim em *distinção* significante.” (Bourdieu, 2001, p 144)

¹⁰⁵ A luta de classes foi talvez um dos chavões da dicotomia do poder, na história contemporânea, tendo dado azo ao estudo do estruturalismo do poder através das várias ramificações históricas.

¹⁰⁶ “As relações éticas de uma sociedade apresentam para ele, doravante, as formas de uma intersubjetividade prática na qual a concórdia complementar e assim a necessária comunidade de sujeitos opostos entre si é assegurada por um movimento de reconhecimento.” (Honneth, 2011, p 29)

de forças que são medidas e efetivadas nestas relações. Assim sendo, a desigualdade existe sempre, sendo mais ou menos evidente.¹⁰⁷

Neste sentido, o corpo enquanto território e tela em branco procura representar este regime que o pune. O corpo humilhado e exposto é um representante da realidade que integra. O aperfeiçoamento e a marca do regime eram espelhados na dinâmica do corpo.¹⁰⁸

Na sociedade, o indivíduo enquanto ser social, com um papel representativo, não pode desviar-se destas relações, sob pena de ser vítima de marginalidade e de exclusão, pois todo o ser humano acaba por pertencer sempre a este jogo.¹⁰⁹

O contexto de território, numa ótica de poder, procura significar não só o território físico, estabelecido através do corpo, mas também o território social, a classe onde este se insere. O sentimento de pertença é expresso através da formação de grupos sociais e está veiculado a um maior ou menor peso, numa sociedade, formando assim novos territórios com novos âmbitos de poder, com novas linguagens e novas estruturas.¹¹⁰

Independentemente de quão pequenos sejam estes novos aglomerados, estão sempre sujeitos a uma hierquização¹¹¹, logo a diferentes responsabilidades que se traduzem em parâmetros de poder distintos, expressos através das suas próprias codificações, signos e lutas sociais. A única forma de conjugar os diferentes aspetos da busca pelo poder de forma mais igualitária consiste numa mudança de quase toda a estruturação política, procurando dar voz a todos os estratos sociais.¹¹²

Em conclusão, o corpo, o poder e a marca são conceitos profundamente associados e encadeados num sentido muito específico, mas que coloca o Homem como centro desta relação.

¹⁰⁷ “Entrar no jogo, confrontar-se com o direito para resolver o conflito, é aceitar tacitamente a adopção de um modo de expressão e de discussão que implica a renúncia à violência física e às formas elementares de violência simbólica, como a injúria.” (Bourdieu,2001, p 229)

¹⁰⁸ “Seu corpo mostrado, passeado, exposto, suplicado, deve ser como o suporte público de um processo que ficara, até então, na sombra: nele, sobre ele, o ato de justiça deve-se tornar legível para todos.” (Foucault,1997, p 38)

¹⁰⁹ “Compreender a génese social de um campo, e aprender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram...” (Bourdieu,2001, p 69).

¹¹⁰ “...facto de participar num sistema simbólico - tem o mérito de designar explicitamente a *função social* (no sentido estruturo-funcionalismo do simbolismo)”. (Bourdieu,2001, p 10)

¹¹¹ Tem vindo a ser discutido, relativamente à corrupção dos grandes detentores do poder, o conceito de anarquia. Não sendo um conceito novo, nasceu em plena revolução industrial, tendo assumido contornos mais intensos nos dias que correm. O conceito fundado na autogestão de todos os membros da comunidade pode conter alguns problemas, na medida em que faltando esse autocontrolo, é possível cair numa sociedade sem regras nem leis, ou seja, num caos social.

¹¹² “Como consequência deste segundo estágio de investigação delinea-se assim a ideia de uma teoria crítica da sociedade, na qual se deverá explicar os processos da transformação social referentes às pretensões normativas estruturalmente ínsitas à relação de reconhecimento recíproco.” (Honneth,2011, p 8)

O corpo contém a marca, que procura simbolizar o poder. Esta será sempre uma relação existente em todos os tempos e em todos os lugares.

5. Uma problematização sociomuseológica levantada pela ética

O quarto conceito fundamental para sustentar a estrutura conceptual da presente investigação empírica está relacionado com a ética. A ética surge, em muitas ocasiões, associada ao conceito de moral, sendo, contudo, conceitos muito distintos. À orientação ética são associados comportamentos e normas inerentes a todo o corpo social, por exemplo, o mandamento cristão “não matarás”. À moral está associado um comportamento individual, por exemplo, é proibido tatuar o corpo no contexto da Primeira República Portuguesa, na medida é que imoral, mas não é eticamente condenável¹¹³, a não ser forem ídolos, facto que seria condenável pela Igreja. A ética pressupõe sempre uma ação que depende do sujeito e não de convenções no qual este se insere.¹¹⁴

À guisa de introdução, é necessário entender a componente ética dos marginais neste contexto, pois sendo um conceito complexo é também uma ideia que sobrevive a todas as realidades. Sócrates, e consequentemente Aristóteles, o primeiro pelo Bem e o segundo pela Felicidade, marcaram a história do pensamento, sendo que na reflexão contemporânea a ética é determinada pela liberdade, e não tanto pelo conceito de Bom¹¹⁵.

Após esta pequena introdução é mister ver o conceito de ética à luz do contexto dos marginais da Primeira República, e de como a fundamentação ética do viver para ser feliz se concretizou neles ou no poder que os regia. Que significava viver bem naquele contexto? Será que a ética poderia ter ajudado estes marginais? Será que pensavam em termos éticos? Ou só em termos de busca pelo poder?¹¹⁶

A segunda linha de pensamento desta análise do conceito de ética prende-se com as próprias instituições e as pessoas que nelas trabalham, sendo uma ética do ponto de vista mais prático, uma ética não tanto de viver a vida individualmente, mas de ajudar na vida dos outros e nas decisões do quotidiano inerentes à prática profissional, sendo que esta coleção ou qualquer

¹¹³ À moralidade está associada o dogma da ética. A ética não condena todo o tipo de comportamentos, pois estes não são contemplados em todas as suas acepções. No entanto, a moral condena as práticas individuais de cada um. Se a moral for amplamente agitada, poderá transformar-se num problema ético.

¹¹⁴ “[...] e do mesmo modo para outras acções realizadas conforme às suas excelências específicas.” (Aristóteles, 2004, 1099^a1)

¹¹⁵ O problema da relatividade de todos os conceitos, na medida em que algo bom para alguém pode ser menos bom para o outro, tomou rédeas na filosofia moderna, nomeadamente no pensamento de Stuart Mill, em que a liberdade funciona como ponto de referência de todas as atitudes. O sujeito pode empreender as suas ações, desde que não prejudique o outro, “Isto é suficiente para poder mostrar que a disposição do meio é louvável em todas as situações que podem constituir e que umas vezes se deve declinar o excesso, outras vezes, o defeito: assim é a maneira mais fácil de conseguirmos atingir o meio e o modo correcto de agir.” (Aristóteles, 2004, 1109b1)

¹¹⁶ “Assim entendemos por justo num certo sentido o que produz e salvaguarda a felicidade bem como as suas partes componentes para si e para toda a comunidade”. (Aristóteles, 2004, 1129b1)

investigação que use material humano está sujeita a questões éticas e legais¹¹⁷ que têm de ser atentadas.¹¹⁸

Nesta dinâmica surgem algumas questões pertinentes inerentes à prática museológica e que estão presentes nesta exposição. Não se trata de questões de ética ou de museologia na sua totalidade, mas de ideias que é fundamental serem consideradas e que pertencem aos dois ramos do conhecimento.

5.1 Fundamentos éticos para as comunidades

Ainda antes do nascimento de Cristo, Aristóteles fundou uma visão da ética, completamente diferenciada daquela que já havia sido estruturado por Platão. Se por um lado Platão associou a ética ao sentido do Bom e do Justo, Aristóteles vai mais longe ao afirmar que consiste em reger a vida para um determinado fim, e que essa meta se funda no conceito de felicidade.¹¹⁹

A primeira aceção da ética prende-se fundamentalmente com o princípio base do desenvolvimento humano, ou seja, a educação. Só com uma “educação nobre”,¹²⁰ aplicada à “virtude”, que responsabilize eticamente o indivíduo, se consegue alcançar o supremo bem, a felicidade. Neste sentido, a “educação”¹²¹ liberta-nos, na medida em que este deixa de ser escravo das suas paixões e passa a viver na esteira da razão. Esta noção fundamenta a base do controlo das paixões e uma existência em conformidade com a consciência.¹²²

A educação, que fundamentará a força do carácter e permitirá ao Homem a existência em conformidade com a sociedade,¹²³ será sempre a ferramenta que possibilitará estabelecer os

¹¹⁷ Não nos iremos alongar muito no âmbito legal, pois o INML já considerou todas as disposições legais.

¹¹⁸ “Que seja aliada, também, a autoconsciência dos profissionais de museus e a consciência do público de que os museus não somente refletem sistemas culturais como ainda, em certa medida, invetam culturas representadas nos museus. Esta responsabilidade é de carácter ético e político, pois sempre pressupõe escolhas.” (Passetti, 1999, p 212)

¹¹⁹ “Assim também sabedoria cria a felicidade, pois sendo parte da excelência total, torna quem a possui feliz, isto é, acontecimento da sabedoria é a causa da presença da felicidade nele.” (Aristóteles, 2004, 1141^a1)

¹²⁰ A educação nobre nada tem a ver como a educação segundo a nobreza de uma classe social abastada, mas antes com uma educação baseada na nobreza do carácter, no sentido de justiça e de firmeza.

¹²¹ Apesar de este conceito parecer um pouco “marginalizado” até à data, este termo irá ganhar força e terreno nos capítulos que se sucedem. É também importante frisar quão utilizado vai ser este conceito nomeadamente em Bourdieu e em Jorge Crespo, ainda que muitas das vezes entrelinhas.

¹²² “É que é próprio daquele que passou por um processo de educação requerer para cada passo particular de investigação apenas tanto rigor quanto a natureza do tema em tratamento admitir.” (Aristóteles, 2004, 1094b11)

¹²³ Prevê-se neste âmbito a relação entre educação e moral, pois são as atitudes pessoais que temos no quotidiano que irão determinar a nossa grelha ética.

limites de conceitos como a justiça e a bondade. A busca pela felicidade só irá ser possível numa vivência de acordo com a comunidade.¹²⁴

O último grau de nobreza baseia-se em ter força de carácter, consistindo em ultrapassar as adversidades e ainda assim manter uma “conduta justa”¹²⁵, de modo a podermos ser justamente recompensados. É nesta nobreza de carácter que se fundamenta a natureza íntegra e nobre das ações humanas.¹²⁶

Nesta continuidade, o autor assenta a sua ideia de que todo o homem procura, por princípio, a felicidade, sendo que ninguém deseja morrer miseravelmente. Esta ideia seria contrária a toda a natureza humana e, nesse sentido, o sujeito destes pensamentos teria de ser coagido a pensar racionalmente, entrando aqui obrigatoriamente o papel do Estado como regulador comportamental.¹²⁷

As ações humanas para além de necessitarem de ser analisadas de acordo com o bem de uma comunidade, espelham uma atitude com intencionalidade individual, que tem repercussões. Assim, quando o sujeito age contra o Poder vigente¹²⁸ está em oposição a si mesmo, visto que os órgãos detentores de poder apenas querem o melhor para as comunidades, sendo que os princípios éticos que regem a nossa existência podem ser postos em causa.¹²⁹

Assim torna-se evidente a importância do autocontrolo e do domínio de si, pois a sua falta invoca linhas de carácter que devem ser reprimidas. Além de destabilizar a própria estrutura interna de um indivíduo, funciona como mecanismo catalisador de um posterior desequilíbrio a outros níveis exteriores ao próprio sujeito, nomeadamente a comunidade na qual ele pertence.¹³⁰

¹²⁴ É na comunidade e com esta que se vão estruturar todas as nossas crenças e comportamentos. Apesar de podermos assumir a diferença em relação à sociedade, o horizonte de sentido do sujeito vai sempre encontrar o que é “socialmente aceite”, “Ninguém louva a felicidade como louve o justo; achamos; contudo, que é uma bem-aventurança porque ser justo é algo mais próximo dos deuses e melhor.” (Aristóteles, 2004, 1101b1)

¹²⁵ Aristóteles toca aqui num ponto legítimo ainda nos dias de hoje. A questão de que violência só gera violência continua tão viva hoje como nos inícios dos tempos e assim, torna-se necessário quebrar o círculo. Em última análise é aqui que está patente a força do meu carácter. Sou mais forte quanto mais em concordância moral e ética estiver as minhas ações com o Bom.

¹²⁶ “Ou seja, tornamo-nos corajosos habituando-nos a menosprezar situações terríveis e ao resistir-lhes”. (Aristóteles, 2004, 1104b1)

¹²⁷ “Ninguém é feliz quando experimenta tais reveses e acaba por morrer miseravelmente”. (Aristóteles, 2004, p1100a1)

¹²⁸ Temos de ter em grelha de análise que o poder vigente muda em função do tempo histórico em análise.

¹²⁹ “Mas contra quem? Contra o Estado ou contra si? Porque, na verdade, ele sofre de livre vontade”. (Aristóteles, 2004, 1138^a4)

¹³⁰ “A advertência, toda a espécie de censura, e a exortação indicam que a possibilidade incapacitante da razão pode no Humano transformar-se, de algum modo, por persuasão, numa possibilidade capaz dela.” (Aristóteles, 2004, 1103^a1)

Assim, todas as ações comportam sempre uma consequência, uma reação, que, mesmo não se evidenciando a curto prazo, se manifesta no futuro. Ao recorrer apenas às paixões, o sujeito mais não faz do que procurar o prazer imediato, físico, em vez do prazer a longo prazo, sendo, neste sentido, uma realidade metafísica.¹³¹

Assim, quem obedece às leis não pode fazê-lo por medo ou por vergonha, mas antes pela sua própria natureza, sendo que esta qualidade separa os sapientes dos que vivem em função das paixões. Neste sentido, deveriam ser os sábios a estabelecer as leis e não os corruptos a legislar, pois assim era viável a existência da Justiça e, consequentemente, o cumprimento destas em prol das comunidades e dos próprios indivíduos.¹³²

Com este sentido, Aristóteles começa por estabelecer uma “perspetiva ideológica” que irá vincar muitas ideias base de vários regimes que irão surgir ao longo da história, a ideia de uma vivência na parentela, quer seja biológica quer seja a comunidade. Nesta ótica, o lugar do homem como chefe de família irá ditar toda uma estrutura ética e social do sujeito em questão. Esta ideia irá servir de pilar a uma vida conforme a excelência e o supremo bem, no sentido em que ninguém quer magoar quem ama.¹³³

Nesta linha de pensamento, mesmo o que se julga ser “mau” poderá ser necessário para o fortalecimento. Procurar ser melhores indivíduos apresenta-se um dos fundamentos éticos segundo Aristóteles. Nesta medida, não podemos procurar definir as coisas pela sua aparência, mas antes pela sua essência.¹³⁴

Uma outra linha de análise que se vislumbra na ética aristotélica, e que se insere no tempo cronológico em que foi criada¹³⁵, prende-se com a ideia de que um indivíduo corretamente ético tem um corpo acertadamente estético. Neste sentido, o exterior revela

¹³¹ “A cidade tinha boas intenções, mas não se preocupava com nenhuma das leis. O perverso também faz uso das leis, só que faz uso de leis perversas.” (Aristóteles, 2004, 1152ª16)

¹³² “É que estes pela sua natureza obedecem não por vergonha mas pelo medo e não evitam praticar más ações por serem vergonhosas mas pelos castigos que podem acarretar. Como vivem por paixões, perseguem, por um lado, os prazeres que são próprios do seu nível e aquelas coisas que sevem de meios à sua obtenção, por outro, procuram escapar às dores que lhes são impostas.” (Aristóteles, 2004, 1179b1)

¹³³ “Nós entendemos por <auto-suficiente> não aquela existência vivida num isolamento de si, nem uma vida de solidão, mas a vivida conjuntamente com os pais, filhos e mulher, em geral, amigos e concidadãos, uma vez que o Humano esta destinado, pela sua natureza, a existir em comunhão com os outros. (Aristóteles, 2004, 1097b1)

¹³⁴ “A maior parte escolhe o gozo como sendo o bom, e rejeita o sofrimento como sendo o mau.” (Aristóteles, 2004, 1113b1)

¹³⁵ Tanto os gregos quanto os romanos eram extremamente zeladores da sua condição física. “Mens sana in corpore sano” revela-se como um estilo de vida, que vai sendo reciclado ao longo do tempo. Assim, torna-se importante voltar a reedificar o papel do corpo nos regimes políticos.

também as disposições da alma, sendo que uma pessoa feliz espelha um ente igualmente saudável. Um sujeito que é escravo das suas paixões transmitirá o seu carácter.¹³⁶

Neste sentido, este indivíduo apaixonado nunca será inteiramente feliz, pois andará sempre perseguindo algo que não está ao seu alcance, utilizando, deste modo, todos os meios possíveis para obtenção desse fim, sendo que quando finalmente o alcança, já outro está firmado no seu pensamento.¹³⁷

Deste modo, há sempre um regresso ao sentido orientador da vida, ao poder de decisão e intencionalidade das ações e ao modo como este aspeto é visto perante os restantes membros de um grupo social. As ações deverão ser sempre corretas mediante a consciência, ao fim de não gerar discórdia, e não por medo de fatores externos.¹³⁸

Apesar de precoce, nesta dinâmica podemos afirmar que o tão celebre lema de Nietzsche “O que não nos mata, torna-nos mais fortes” é tão válido no dia em que foi escrito como em todas as épocas, na medida em que a revolta só alimenta mais revolta. O mesmo aplica-se à teoria do efeito borboleta que estabelece que desde o nascimento do Homem todas as suas ações são consequência de um momento anterior, isto porque o atual estado dos regimes políticos, nomeadamente referente às corrupções e aos engodos, surge de um panorama anterior que tende a ditar a história futura.¹³⁹

Sem dúvida alguma que a ética aristotélica marcou toda uma história de consciência moral e em comunidade de cada ser em particular. Mas acima de tudo fundou princípios

¹³⁶ “Contudo, muitas vezes reconhece-se uma disposição a partir da que lhe é oposta. Muitas vezes, reconhecem-se disposições a partir dos substratos que operam. Se a boa forma do corpo se manifestar, também se manifesta a sua má forma. Quer dizer, é em vista do sentido <boa condição ou forma física> que podemos verificar se os corpos estão em boa condição ou em forma, tal como é, por outro lado, por outro lado, à vista de corpos em bom estado ou com boa forma física que reconhecemos o sentido <boa condição ou forma física>. Assim, se a boa condição física da carne é a firmeza, é necessário que a sua má condição seja a flacidez. Isto é, o que dá uma boa forma é o que produz a condição de firmeza na carne.” (Aristóteles, 2004, 1129^a3)

¹³⁷ “E é por este motivo que dizem que quem perdeu o domínio de si e sucumbe aos prazeres não tem conhecimento do que é o melhor mas apenas uma mera opinião”. (Aristóteles, 2004, 1145b21)

¹³⁸ “Como cada um quer para si próprio o seu próprio proveito, olha para o vizinho para o impedir do mesmo, pois quando não se vigiam uns aos outros, destrói-se o interesse comum. O resultado disto é a discórdia, na medida em que uns obrigam os outros a agir em conformidade com o que é justo, cada um deles individualmente, não fazendo qualquer tenção disso”. (Aristóteles, 2004, 1167b1)

¹³⁹ Não se pretende com estas afirmações espelhar uma visão fatalista, mas existe a dificuldade de quebrar o ciclo ao longo de tantos anos de um determinado legado. Aristóteles menciona várias vezes nesta sua *Ética* a necessidade de um controlo efetivo das paixões, traduzindo-se em última análise na busca desenfreada pelo Bem coletivo. O estado da sociedade, atualmente, tem resultado na crise de valores que foi resistindo à História, “Foi apresentada por nós uma caracterização nos seus traços essenciais do género comum das excelências. Primeiro, tratam-se de posições intermédias (entre duas extremidades). Segundo, são disposições do carácter. Terceiro, realizam a partir de si ações do mesmo género daquelas a partir das quais foram construídas. Quarto, está no nosso poder realizá-las. Quinto, são as ações voluntárias e tais como o sentido orientador que as prescreve.” (Aristóteles, 2004, 1114b1)

normalizadores que os Estados, ao longo dos tempos e nos seus determinados contextos geográficos, iriam aproveitar para fortalecer as suas ideologias políticas.¹⁴⁰

No contexto da presente coleção, se por um lado, temos um Estado corrupto e ditador, que utiliza as formas de ética e de poder para dominar as comunidades; por outro, temos a inadaptabilidade dos indivíduos que perseguem incessantemente as suas paixões, resultando no espartilhamento dos diferentes controlos sociais.¹⁴¹

À guisa de conclusão, é necessário entender que o conceito de ética irá fundamentar toda a história do pensamento, tornando-se ainda mais evidente quando existe uma luta desenfreada por um poder que se vai construindo nessa comunidade. Poder onde os corpos são vinculados e onde surgem as marcas como reação, ou por outras palavras, uma não-ética¹⁴². Deste modo, é importante perceber como uma ética para a comunidade serve de tábua a todo o pensamento que se irá perpetuar nesse campo simbólico.

5.2 As Éticas Técnicas

Neste ponto pretende-se refletir um pouco sobre a segunda aceção deste conceito de ética – a ética técnica. A título introdutório, a exposição no qual a presente dissertação se debruça teve origem numa coleção de tatuagens não estudadas que existiam num único frasco de formol no INML¹⁴³. Aquando o restauro, realizado pelo investigador Dr. Carlos Ferreira, que as limpou e colocou em frascos de formol individuais, chegou-se à questão de as estudar e, dentro do possível, torná-las públicas. Após a morte, os cadáveres chegam ao instituto para análise de dados e determinação da causa de morte.¹⁴⁴ Ao dar entrada no instituto, um médico achou de alguma relevância e preservou, mediante as suas possibilidades, as tatuagens destes indivíduos.

¹⁴⁰ “Toda a análise da luta política deve ter como fundamento as determinantes económicas e sociais...” (Bourdieu, 2001, p 163)

¹⁴¹ “Porque a violência e a astúcia eram atitudes mentais favoráveis a comportamentos de desperdício, devoradores dos homens indispensáveis ao progresso, a policia entendeu montar uma organização susceptível de condicionar esses excessos, racionalizando assim o consumo de energias humanas.” (Crespo, 1990, 272)

¹⁴² Ainda assim sendo uma ética, ainda que de um grupo social desfavorecido.

¹⁴³ Instituto Nacional de Medicina Legal.

¹⁴⁴ Há dois motivos comuns para os corpos serem levados para o INML. Primeiramente, sinais de violência física na altura da morte, que determinarão judicialmente a causa da mesma, de modo a poder ser levantada uma investigação na Polícia Judiciária. A segunda, trata-se de quando os cadáveres são de presidiários ou até mesmo de vítimas de outro tipo de queixa anterior. Em qualquer caso é feito um processo minucioso da vítima com uma ficha de identificação (nome, filiação, naturalidade, profissão) e com a causa de morte (data de entrada e data de autópsia).

No decurso desta análise teórica deparámo-nos com algumas questões muito sensíveis que serão, sumariamente, mencioná-las. A primeira prende-se com a falta de ética em vida. Tanto os prisioneiros quanto o Estado não procuraram fomentar atitudes éticas durante a sua existência. O Estado procurou através do uso e abuso de poder vincar e homogeneizar os comportamentos sociais. Os indivíduos “marginais”¹⁴⁵, por sua vez, resolveram empreender uma busca pelos seus direitos, uma atuação de forma violenta. Há aqui dois pontos que podem ser estruturados à luz do capítulo anterior, nomeadamente a problemática levantada por Aristóteles, na questão do autocontrolo dinamizado pela educação, com a finalidade da obtenção da felicidade.¹⁴⁶

A segunda problemática da ética é expressa através da existência das tatuagens num frasco de formol. Muito sucintamente, surgem questões relacionadas com a dignidade humana e com o abuso do poder médico em dois sentidos: a autopsia deveria existir apenas para determinar dados legalmente relevantes e, no âmbito deste estudo, é colocada uma questão muito simples: porque estas e não outras tatuagens? Sumariamente surge uma pergunta que aparece na grande discussão da ética contemporânea¹⁴⁷, e que vincula a existência de uma metavontade nas questões naturais ao homem, mas que se traduz na dignificação do homem enquanto Ser e que procura, nesse sentido, estabelecer os limites da liberdade humana.¹⁴⁸

O terceiro sentido da ética volta a ser colocado quando alguém do INML resolve estudar e apresentar ao público, sendo que a questão que aqui é levantada torna a ser a legitimidade deste ato: não deveriam as pessoas descansar em paz? Não será novamente esta uma nova forma de poder? Encontramo-nos novamente perante a questão da nossa liberdade em confronto com a do outro, com a agravante de que o outro já não existe enquanto sujeito racional, mas apenas

¹⁴⁵ Apesar de a palavra ser verdadeira, continua a existir um certo desconforto na utilização desta terminologia, pois tem sentido depreciativo.

¹⁴⁶ "As manifestações de nobreza e o sentido de justiça nas ações humanas, sentidos visados pela perícia política, envolvem uma grande diferença de opinião e muita margem para erro, tanto que parecem existir apenas por convecção e não pela natureza." (Aristóteles, 2004, p 1094b11)

¹⁴⁷ Esta é uma questão que é fundamental para todo o contexto da filosofia contemporânea no que diz respeito à bioética (legitimidade de escolha na eutanásia e direito ao aborto). No fundo trata as questões humanas com uma outra perspectiva. Há uma ideia chave na fundamentação da bioética, nomeadamente na escolha genética dos fetos, que se traduz na questão: o que queremos nós fazer? Ao longo de toda a projeção desta dissertação esta questão tem sido uma constante, sendo que se torna necessário debruçar-nos sobre esta ideia.

¹⁴⁸ "Unfortunately, the standards of proper stewardship above, are sometimes ignored – often with dire consequences. The temptation to submit to pressures, or to what is perceived as an immediate advantage, often takes precedence. This is particularly true with regard to acquisitions and even more so in those that involve the presentation of human remains. In the latter case, something more than preservation or scholarship is involved: it is respect for the departed and for human dignity. These should not be negotiable for they involve fundamental decency". (Edson, 1997, p 190)

enquanto corpo físico,¹⁴⁹ existindo enquanto vontade, ainda que da família, o que por vezes se pode traduzir noutra forma de poder. Concluindo, a vontade do indivíduo exposto será sempre, se não considerada, dignificada.¹⁵⁰

A quarta e última questão levantada pela ética é de como irão os museólogos atuar, e se é de todo legítimo fazê-lo, no âmbito desta exposição. Embora todas as anteriores questões tenham a sua pertinência é neste âmbito que, como profissionais de museologia, podemos atuar. A ética dos museólogos, o seu código de ética, começa logo não só na escolha dos temas, mas também na mensagem se que procura transmitir aos públicos da instituição.¹⁵¹

Neste sentido não importa apenas que a linguagem seja perceptível para todas as camadas sociais e todas as faixas etárias,¹⁵² mas o tipo de ideia que se procura transmitir, e na intencionalidade e viabilidade da mesma¹⁵³, de modo a não ser uma mensagem com algum tipo de influência externa, mas que consiga de algum modo ser educadora.¹⁵⁴

Nesta linha de pensamento, a mensagem da instituição museológica tem de refletir um conhecimento profundo, em todas as leituras possíveis, sobre o que está exposto, de modo a dar um enquadramento real dos objetos museológicos, de maneira a conseguir ser uma instituição transparente para a comunidade onde está inserida.¹⁵⁵

¹⁴⁹ A pertinência do levantamento desta questão é a chave do campo ético nesta dissertação. Por um lado, temos a ciência, que tem sido desenvolvida a partir da forma do cadáver, quer seja em formato de aulas de medicina legal, quer seja no progresso de investigações. Por outro, temos a legitimidade deste ato, traduzindo-se na questão dos direitos humanos. Neste sentido, é colocada a questão de que este estudo, poderá ter ou não relevância científica suficiente que possa justificar a utilização do cadáver. Acresce ainda a esta ideia o facto de uma exposição decorrer num contexto público e das aulas/projetos em medicina acontecer num contexto privado. Apesar desta argumentação, consideramos importante a exposição em si, talvez não no formato em pele humana, mas nos desenhos inerentes à epiderme.

¹⁵⁰ "Where a museum maintains and/or is developing collections of human remains and sacred objects these should be securely and carefully maintained as archival collections in scholarly institutions, and should always be available to qualified researchers and educators, but not to the morbidly curious. Research on such objects and their housing and care must be accomplished in a manner acceptable not only to fellow professionals but to those of various beliefs, including in particular members of the community, ethnic or religious groups concerned. Although it is occasionally necessary to use human remains and other sensitive material in interpretative exhibits, this must be done with tact and with respect for the feelings for human dignity held by all peoples". (Edson, 1997, p 251)

¹⁵¹ "It is the manner in which daily activities are addressed that defines the integrity and character of the individual and demonstrates the ethical nature of an institution". (Edson, 1997, p 12)

¹⁵² Desde do convite para participar neste projeto, uma das minhas principais preocupações debruça-se nas tipologias de público que poderão ou não existir numa exposição desta espécie.

¹⁵³ Outra grande questão deste projeto prende-se com a mensagem que se pretende transmitir e o modo como ela é percebida pelos públicos. Neste tema, tem sido especialmente complicado passar uma mensagem fiável, sem interferências políticas ou questões de opinião.

¹⁵⁴ "In analyzing a situation ethically, it is necessary to go beyond the impulsive response and to view the events from different perspectives. Often the first analysis is a validation of the anticipated rather than the actual." (Edson, 1997, p 38)

¹⁵⁵ "As ethics is about choice, the process of decision making is not always easy, since choosing is not an objective process but a matter of point of view." (Edson, 1997, p 49)

Neste sentido, não cabe aos profissionais de museologia julgar o que está certo e o que está errado. A leitura do objeto deve ser sempre aberta ao interpretante. O museólogo terá de enquadrar o objeto e as diferentes leituras possíveis numa leitura de síntese criticamente democrática.¹⁵⁶

Ao fazer um enquadramento neste âmbito, o papel dos museólogos é já de uma índole metafísica, visto sermos mediadores entre os vários tempos cronológicos: entre o passado, com o qual estamos em comunicação; do presente, o tempo onde estamos inseridos, e o futuro, para a projeção da posteridade com base no que foi observado. Mas não é apenas no tempo que a nossa mediação age, sendo que também nos apresentamos como mediadores de emoções entre as exposições e os públicos.¹⁵⁷

Todo este sistema de codificação ética espelha o carácter da instituição museal ao qual se refere. Assim, indivíduos eticamente profissionais irão passar uma imagem de profissionalismo ético aos restantes membros daquela comunidade que procura servir.¹⁵⁸

Antes de concluirmos, é necessário atender uma especificidade desta exposição: o facto de ela se debruçar sobre o corpo humano. Este aspeto cria, sem dúvida alguma, algumas questões de ética que têm de ser consolidadas, de modo a respeitar todos os envolventes nas suas questões de sistemas de valores.¹⁵⁹

A título de conclusão têm de ser pensadas as questões éticas referentes às práticas técnicas que estão envolvidas neste projeto. Tudo tem de ser pensando de forma a dar dignidade a todo o processo museal. Só assim se realiza algo digno de um projeto de Sociomuseologia: com escolhas bem fundamentadas.

¹⁵⁶ “Individual moral relativism may contend that all moral (ethical) judgments are a matter of personal taste.” (Edson,1997, p 97)

¹⁵⁷ “É chegada a hora dos museus representarem também a História em processo, aquela que se dá no instante da relação, voltando-se para o presente, sem abandonar o passado (é desses dois tempos que se constitui a memória) mas projetando-se, assim, para o futuro. O Museu Integrar é aquele que trabalha não somente na integralidade do homem e do meio, como também na integralidade do tempo, considerando passado, presente e futuro para entender as relações.” (Soares,2006, p 459)

¹⁵⁸ “Museum workers have a dual obligation – to the profession and the public. Each has special requirements that may, at times, appear to conflict.” (Edson,1997, p 95)

¹⁵⁹ “Occupying the role of catalyst and amplifier, museums are operating in real time with real people, as a mechanism through which people correspond with their past, their collective memory, their collective ego, their coded identity, with their fears and hopes.” (Edson,1997, p 174)

6. Sociomuseologia

Esta exposição encontra a sua melhor explicação no âmbito da Sociomuseologia, pois na esfera da Museologia tradicional, para além do tema não ser geralmente muito bem aceite, correria o risco de falta de contextualização das problemáticas levantadas por esta coleção.

Um dos aspetos a ter em consideração trata-se da dimensão social que este projeto encerra. Todo o ser humano é um ser social, um indivíduo que sofre de constantes mudanças, perante acontecimentos sociais. Perceber esta dinâmica – a de que as peças comunicam e que não estão paradas num só sítio¹⁶⁰ – constitui uma das principais premissas de uma exposição no âmbito da Museologia, tendo ainda mais importância no campo da Sociomuseologia.¹⁶¹

Toda a mensagem que irá fundamentar o aspeto museológico encontra-se assim inerente a um determinado contexto externo (fatores políticos, económicos e sociais), mas também ao próprio contexto do indivíduo, ou seja, às suas experiências e expectativas. A coleção em análise só pode ser entendida na sua totalidade¹⁶² em determinados estágios da vida, pois pressupõe sempre a aceitação do outro.¹⁶³ Ao museólogo cabe o entendimento que todos os indivíduos são seres no mundo, com as suas experiências e as suas expectativas¹⁶⁴.

A exposição, comportando em si um carácter museográfico deve enquadrar em si, uma reflexão sobre a comunidade, diferença e alteridade, numa perspetiva de compreensão das várias componentes de uma comunidade. Mas além dessa compreensão, servirá para as próprias

¹⁶⁰ Tanto o observador quanto a representação constituem seres numa realidade complexa, que é composta por uma dialética que a condiciona. As peças, dentro ou fora de contexto, existem num espaço-tempo, assim como o receptor da mensagem museológica. Todos os aspectos afetos à prática da museologia são condicionados pelo espaço que as comporta, quer a nível político quer individual.

¹⁶¹ “El Museo debe aparecer como el ámbito en el que se expresan las visicitudes de los hombres y de los pueblos que construyen su futuro. Aunque se apoye en el pasado debe irradiar cultura demostrando que ele no es algo muerto porque mantiene el sentido de ese pasado en un movimiento hacia el futuro, es decir, que ele Museo más que un dador de respuestas al pasado es el que plantea interrogante. Es el receptáculo del saber acumulado que se proyecta temporalmente.” (Taramasco, 1986, p 29)

¹⁶² Partindo do princípio que toda a mensagem museológica conflui numa compreensão total das peças da exposição.

¹⁶³ “Thus, it is possible to notice from the examined publications an effort to develop theoretical frameworks that link museums to social exclusion and to reflect on museums potentialities. They also emphasise the need for evaluation models, as research tools and, perhaps, as the only way bring legitimacy to museums’ role as social inclusion agents.” (Santos, 2003, p 176)

¹⁶⁴ O museólogo tem de funcionar como uma tábua rasa, procurando mediar os “conflitos” e as emoções do modo mais isento possível, sendo que o profissional de museologia apenas abre portas de interpretação a quem vê os objetos, “The collective memory, short-term or long-term, is only of the factores that give the art museums its raison d’être. There are two more factors, art as cultural heritage and the role values play. The museum is a meeting point of these factors. Each visitor carries with him his private experiences and memories out of which he creates values. In the museum the private value system of the visitor is confronted with that of the museum professionals through the exhibited items of the collections. This is very evident in the art museum.” (Burén, 1997, p 53)

peças que se sentem socialmente excluídas terem a possibilidade de se incluírem e de participarem.¹⁶⁵

A coleção vista pelas lentes da Sociomuseologia deve conseguir educar os públicos para problemáticas contemporâneas, tais como: a marginalização das populações, ora por pobreza ora por falta de identificação; as questões de poder associadas aos diferentes grupos sociais; a tatuagem como expressão ideológica dos indivíduos, etc.¹⁶⁶

A esta dimensão social, da existência de um contexto estruturado, junta-se proposta museológica que venha dar uma interpretação de um outro lado da história, de uma história que as maiorias procuraram que fosse esquecida. Dar voz aos objetos é neste sentido dar voz às pessoas que existem por detrás desses objetos. É procurar dar uma voz entre todas essas vozes.¹⁶⁷

A Museologia ao atuar sobre a questão da construção do objeto, através de mensagens e ideias patentes no discurso museológico, deve considerá-lo em si como uma fonte documental, sendo neste sentido um espaço de histórias e de memórias. Um objeto é sempre algo mais para além de si mesmo, que embora tenha sido museologicamente construído comporta em si vários sentidos que podem não ser contemplados pelos profissionais, e que estão sempre em constante transformação.¹⁶⁸

Ecos das vozes que o Poder vigente na época tentou silenciar através do ensino que foi sendo lecionado nas escolas. A Sociomuseologia procura debruçar-se sobre esses mesmos esquecimentos, essas mesmas pessoas que foram esquecidas ou deixadas à margem.¹⁶⁹

¹⁶⁵ “Durante longo tempo os museus serviram apenas para preservar os registros de memória e a visão de mundo das classes mais abastadas; de igual modo funcionaram como dispositivos ideológicos do estado e também para disciplinar e controlar o passado, o presente e o futuro das sociedades em movimento. Na atualidade, ao lado dessas práticas clássicas um fenômeno novo já pode ser observado.”. (Chagas,2011, p 5)

¹⁶⁶ “O museu como meio, como polo de multiplicação e de inserção, procura, através da troca de um novo olhar com o público, proporcionar experiências positivas que permitam fortalecer a autoestima, além de ter a possibilidade de estimular uma imagem positiva de si mesmo.”. (Gomes e Cunha,2013, p 62)

¹⁶⁷ “Tensão entre a mudança e a permanência, entre a mobilidade e a imobilidade, entre o fixo e o volátil, entre a diferença e a identidade, entre o passado e o futuro, entre a memória e o esquecimento, entre o poder e a resistência.”. (Chagas,2011, p 13)

¹⁶⁸ “Acreditamos que os programas dos museus são o resultado da concepção de museologia e de museu, assumidas por aqueles que atuam nas instituições museais, e que por meio da sua atuação, no interior ou fora da instituição, podem alimentar a teoria museológica, e, conseqüentemente, provocar a necessária transformação no museu. A instituição “museu não é um dado pronto, acabado. É o resultado das ações humanas que o estão construindo ou reconstruindo a cada momento; portanto, é prática social, é parte do patrimônio cultural. A museologia é processo.”. (Santos,2002, p 67).

¹⁶⁹ “Trabalhar com a perspectiva de um movimento de memória que se conecta estrategicamente ao presente sem querer esquecer-lo, mas olvidando necessariamente alguns aromas do passado, conduz o investigador ao reconhecimento de que aquilo que se anuncia nos museus não é a verdade, mas uma leitura possível, inteiramente permeada pelo jogo do poder.”. (Chagas,2002, p 56)

É através da Museologia Social, na qual a interpretação desta exposição se fundamenta, que se procura abrir um espaço de reflexão, um debate, um modo de refletir esta exposição numa comunidade. Sem a sociomuseologia este trabalho não faz sentido. Procura-se acima de tudo o diálogo entre as comunidades nos dias de hoje¹⁷⁰, fruto de uma museologia participativa, de uma museologia com a comunidade e não para a comunidade. Esta premissa irá ser estabelecida como base desta exposição, que procurará levar às comunidades os riscos e os problemas dos prisioneiros, de modo a que estas populações em risco possam ganhar consciência das suas ações e inações.¹⁷¹

Uma exposição feita num âmbito de função social dos museus deve ter em consideração o levantamento de questões e de problemáticas. Não se trata tanto de arranjar uma solução. Na Sociomuseologia não há soluções absolutas, apenas interpretações que vão sendo feitas à medida que o caminho é percorrido. Neste sentido, nunca é possível recuperar o passado do objeto na sua totalidade. Essa interpretação será sempre uma projeção.¹⁷²

O segundo ponto a ter em conta é a própria questão ética deste projeto. Não basta compreender o outro, é preciso, antes de mais, entender as dinâmicas do outro, os seus movimentos e o seu contexto. Sem este torna-se impossível fazer incidir uma luz sobre as peças. A ética deste projeto é uma das traves-mestras teóricas porque só através da ética é possível criar um núcleo museológico que consiga dar resposta aos problemas que vão sendo levantados.¹⁷³

O terceiro ponto de reflexão no âmbito da Sociomuseologia prende-se com o facto de esta reflexão, no campo teórico, começar a acabar na coleção. A coleção é o ponto de partida, pois só há efetivamente análise a partir do seu estudo, e colmata no seu ponto de chegada, pois só através desta investigação conseguimos entender na plenitude o que estamos a tentar expor.¹⁷⁴

¹⁷⁰ “As to the notion of community as subject and object of action, that is to say, community’s life –and community’s problems- are the theme of the museum and the reason for its existence.” (Santos,2003:73)

¹⁷¹ “O museu não pode modificar a sociedade. Ele pode no máximo modificar a si próprio e, assim, contribuir para a conscientização e modificação da sociedade como um todo fornecendo os instrumentos necessários para o exercício da cidadania responsável que, atuando criticamente ajudará a combater as desigualdades sociais.” (Gomes e Cunha,2013, p 81)

¹⁷² “O museólogo deverá constatar que cada modo de observação implicará opções e escolhas diferentes. Não tanto por causa de uma distância ou de uma diferente proximidade, mas sobretudo por causa de um diferente critério mental, pelo qual o observador segmenta a realidade. E escolhe o que é pertinente, ou não é, para ser a realidade a observar.” (Pereira,2009, p 302)

¹⁷³ “Mas ao colocar-se num patamar diferente, e ao pretender descrevê-los dentro de uma atitude e de um discurso científico, tem que ter consciência que os transmite e é influenciada por essa ideologia científica.” (Pereira,2009, p 281)

¹⁷⁴ “Peter van Mensch explains that objects are documents (sources of information) and have a complex data structure (section “Object as data carrier” in van Mensch 1992). He speaks about four levels of data: structural

A museologia é o poder de se conseguir ter consciência reflexiva sobre os objetos no passado e aplicar essas considerações às questões contemporâneas que nos assolam, dando uma solução prática a essas mesmas problemáticas. É uma museologia que se baseia num entendimento do outro, das suas capacidades e limitações.¹⁷⁵

Neste âmbito, o museu é uma instituição privilegiada que faz a ponte entre o passado e o futuro, vivendo no presente. Assim, o museólogo é o *médium* entre os tempos e os lugares. Se por um lado, estamos no presente, observamos o passado e projetamos o futuro, numa ótica de tentar resolver os problemas que são levantados nesta dialética. Por outro lado, mediamos os espaços, o confronto entre os diferentes territórios. Apesar do que foi escrito anteriormente, é necessário de ter em conta que o objeto museológico é sempre uma construção, visto que é sempre uma representação da realidade de um determinado tempo.¹⁷⁶

No fundo, partimos da história para encontrarmos um sentido para o porquê da realidade presente. Além de físico, o objeto ganha assim um carácter metafísico expresso por esta representação, que irá ser motora para desbloquear as questões atuais. Algo que temos de aprender é que a história se repete sucessivamente, embora com alguns contornos particulares, ao longo dos diferentes tempos e lugares. Cabe-nos aprender com ela, através dos objetos expostos.¹⁷⁷

Assim, temos de ter em conta duas ideias chave. A primeira prende-se com o facto de um museu ser um espaço de memórias, isto é, um espaço onde as comunidades partilham as suas experiências pessoais¹⁷⁸ e, desse modo, procuram responder às suas questões. Por outro lado, temos noção de que a estas ideias vai estar associado algum poder, o poder da memória e a memória do poder, sendo que se torna impossível seleccionar todos os objetos.¹⁷⁹

properties (physical characteristics of the object); functional properties (potential or realized use of objects); context (physical and conceptual environment of the object); and significance (meaning and value of the object).” (Santos,2010, p 83)

¹⁷⁵ “Thinking in terms of the social and political role of museums, I propose to look at how objects and collections can connect with us, human beings living today, social actors striving to cope with the challenges of the modern world.” (Santos,2010, p 77)

¹⁷⁶ “Chacun de ces groupes forme une identité culturelle distincte, dans une identité politique territoriale unique. Mais peut-on s’arrêter à ces divisions simplistes, lorsque l’on sait que chaque canton, que chaque paroisse peut avoir ses propres signes caractéristiques, qu’elle défendra avec son équipe de football.” (Desvallées,1993, p 31)

¹⁷⁷ “The memory serves the decision making necessities of the human race and in cultural terms it is generally accepted that the study of history and the cultural past help us, as modern human beings, to understand ourselves, and to understand from where we come to better prepare ourselves to the future. Cultural memory serves the decision making necessities of what should our social, political and economic institutions reflect in the future.” (Maranda,1997, p 118)

¹⁷⁸ Os museus são uma construção com a comunidade e não para a comunidade. O professor Mário Chagas vinha muitas vezes esta ideia, mas neste caso torna-se impossível a sua praticabilidade. No entanto, esta coleção consegue visar problemas sociais contemporâneos, como a marginalidade e o poder.

¹⁷⁹ “O problema da escolha começa a ser resolvido quando se reconhece que decidir sobre o conteúdo do acervo, quais as directrizes que norteiam as pesquisas e o que será exposto – e de que maneira –, são as resoluções que

Deste modo, o museu é sempre uma escolha. Na impossibilidade de abranger tudo, é necessário ir sempre ao objeto socialmente significativo¹⁸⁰ e procurar deste modo a resolução de questões pertinentes para a sociedade. Nesta coleção são abarcadas algumas questões de pertinência social – as sociedades e o poder, a marginalidade, o racismo, entre outras –, em constante evolução.¹⁸¹

Na construção desta exposição, é necessário apelar novamente à ética, não só a ética de uma coleção em que o material não só é biológico como tem origem humana, mas também a ética das mensagens comunicadas e da história que se pretende contar. A prática inerente à atividade museológica deve ser tida como uma prática ao serviço das comunidades e não ao nosso serviço.¹⁸²

Nesta coleção, como aliás foi debatido nos capítulos anteriores, a questão da ética surge logo à partida na aquisição das “peças museológicas”¹⁸³, e da sua posterior preservação e exposição. No fundo, além da ética aqui inerente, temos de pensar que tipo de mensagem é transmitida quando se fala de poderes¹⁸⁴, pois é possível cair em ideologias que não fazem parte do objetivo do presente estudo¹⁸⁵.

No fundo, é importante não esquecer de que o trabalho do museólogo começa na escolha do objeto, numa seleção. Posto isto, a sua função nesta coleção em particular opera sobre uma

dependem de políticas, não apenas políticas administrativas, localizadas em procedimentos burocráticos que permitem o museu funcionar através da organização administrativa, financeira, científica e técnica, mas de escolhas que obdecem a posições políticas e éticas.” (Passeti,1999, p 194)

¹⁸⁰ Expressão utilizada pelo professor Pedro Pereira Leite na disciplina de "Museologia e Questões Sociais Contemporâneas", que se traduz na escolha dos objetos que reflitam problemas sociais contemporâneos, e que, nesta ótica, impelem o leitor para fora da sua zona de conforto.

¹⁸¹ “Then, understanding how things change, and being so, never are exactly the same, in each instant: and therefore, sense is not in the things, it is in the relationship. The Museum can thus be understood as a fold, as phronemeon, as process – free, plural, in permanent and it continuous mutation”. (Scheiner,1999, p 169)

¹⁸² “A museologia trabalha com objectos. Objectos- signo, portadores de memórias. Objectos interpretantes. O trabalho do museólogo consiste em descodificar o objecto através de operações de documentação, de estudo, de restauração, quando é o caso, e, finalmente, em expô-lo tornando-o objecto interpretado mas que interpela o visitante e o faz participar da cultura e da memória de que o objecto é portador, ajudando à construção da sua cultura crítica e, porventura contribuindo para o seu reforço identitário.” (Tinoco,2012, p 95)

¹⁸³ Expressão entre aspas, porque a menos que a leitura do capítulo anterior não tenha sido completamente entendida, o vocábulo aqui utilizado torna-se demasiado impreciso.

¹⁸⁴ No capítulo anterior são debatidas as questões de poder, nomeadamente do Poder dos órgãos políticos e posteriormente o poder das técnicas: médicos e museólogos.

¹⁸⁵ Num trabalho de cariz académico como este, é necessário ter em consideração a necessidade de ser o mais imparcial possível e atender a todos os pontos de vista, “Diversos textos trazem essa referência. Avançando um pouco pode-se reconhecer, ao lado de Pierre Nora (1984), que os museus vinculados às musas por herança materna (matrimónio) são “lugares de memória”; mas por herança paterna (património) são configurações e dispositivos de poder.” (Chagas,2002, p 52)

seleção da seleção. Mas onde e quem decide essa legitimidade? Como combater uma escolha de um objeto socialmente aceite, se esta já havia sido realizada anteriormente?¹⁸⁶

Neste sentido, a mensagem tem de ser o mais transparente possível, sem relação com o poder vigente ou com interesses diversos. O empenho deve passar por servir a comunidade. Nesta coleção seria uma mais-valia as visitas a escolas em risco ou a estabelecimentos prisionais, bem como a estabelecimentos de tatuagens tentando entender o que as pessoas procuram através dos símbolos, de modo a poder educar as comunidades para a questões sociais que aqui são visadas.¹⁸⁷

Assim, sem dúvida que o museu tem de estar ao alcance de contribuir, efetivamente, para uma transformação não só do outro que olha e que interpreta, mas própria transformação do museólogo, sendo que este também é afetado pelo processo museológico.¹⁸⁸

Mediante esta transformação, o museu serve também como motor de desenvolvimento, sendo que neste caso muito específico será uma evolução, não tanto a nível económico ou ambiental, mas antes das mentalidades das populações através da aceitação do outro.¹⁸⁹

Compreender a Museologia nesta aceitação, seja de raça, nacionalidade, orientações sexuais, tem sido uma luta para trazer a cultura de um modo inclusivo. Neste sentido, trata-se então de aceitar o outro em todas as suas qualidades e modos de comunicação, neste caso, através da semiótica da tatuagem.¹⁹⁰

Neste âmbito, a Sociomuseologia encontra-se num campo em debate aberto,¹⁹¹ assim como uma potência em constante atualização, pois além de se encontrar inerente às várias

¹⁸⁶ Todos estes objetos sobre os quais este estudo se desenvolve tinham sido preservados, desde os anos 40 num único frasco de formol. Neste sentido, foi realizado o restauro e a exposição dessa seleção prévia. Eis a possível conclusão: o que fazer com estes pedaços de pele? Nas palavras de Pedro Pereira Leite, “O museólogo não se deverá alhear da museologia, pois não lhe deixará de ser imputada no presente ou no futuro a responsabilidade pelas escolhas e pelas opções de conservação. As questões políticas serão imputadas aos profissionais da política.” (Pereira, 2009, p 122)

¹⁸⁷ “From the point of view of a museological gaze aware of the contemporary Museology trends, it is possible to state that this applied discipline has been interested in the understanding of the relationships between societies and heritage, as well as that its application propitiates the transformation of heritage references into cultural inheritance.” (Bruno, 2007, p 130)

¹⁸⁸ “The person who interprets, even without meaning to do so, is somehow adding his subjectivity. And in doing so, is making a selection according to his/her own interpretation. Interpretation is always at stake, whether it refers to bringing a form into existence that does not yet exist or reviving one that already exists.” (Decarolis, 1999, p 23)

¹⁸⁹ “This set of academic reflections, documents and production, allows the consideration that museums are in process, and that the museological processes depend on the methodological approaches in order to face the necessary transformations, as well as the proliferation of specialised training courses in order for the perspectives of ruptures and transformations to be widened.” (Bruno, 2007, p 139)

¹⁹⁰ “C’est une affirmation de sa place et de sa position dans ces mondes et l’affirmation des droits, responsabilités, comportements, croyances, expectatives et symboles que requièrent ces positions.” (Spialbauer, 1986, p 87)

¹⁹¹ Um debate que não se esgota no poder das tecnicidades, mas antes que não se finaliza e que está em constante mudança. Não é um debate que diga respeito aos poderes vigentes, mas antes a uma força motora que sempre mudou a história: as comunidades. Como diria a personagem Maria no *Frei Luís de Sousa*: “Voz do povo, voz de Deus.” É imbuída deste espírito que a comunidade se deve reinvidicar o seu património.

questões sociais contemporâneas que nos vão aparecendo, as próprias questões em debate estão sempre afetadas ao surgimento de novas linhas de pensamento.¹⁹²

O museu como instituição educacional, não deve fazer o que o Estado da Primeira República Portuguesa implementou, ou seja, a marginalização das pessoas. A educação deve ser livre, e o educando será convidado a explorar a história nas suas aceções, na sua totalidade e não limitado por o que lhe é transmitido.¹⁹³

Assim, o museu como valor educacional deverá direcionar o seu estudo para as questões éticas, não só levantadas por esta coleção, mas da ética museológica enquanto profissão¹⁹⁴ e para as questões inerentes aos diferentes conteúdos expositivos.¹⁹⁵

Neste sentido, surge o papel do museu como vínculo de comunicação, que está patente também na educação. Quando o sujeito comunica, como aliás já foi anteriormente descrito, está ligado à transmissão de uma mensagem, neste caso de um conhecimento. A maneira como o transmite torna-se de extrema importância face ao facto de um museu ter uma carga simbólica muito forte, de uma instituição que nos procura mostrar a história, encerrando assim uma enorme responsabilidade.¹⁹⁶

Mas ao emitir uma mensagem, ela dispersa-se, sendo então resolvida no recetor, segundo o qual é analisada e interpretada de acordo com a sua experiência. Neste sentido, uma mensagem museológica é sempre compreendida no outro que observa os objetos e não no que emite todo esse contexto em volta dos objetos expostos. Ao colocarmos um objeto em destaque estamos a aferir ao mesmo toda uma simbologia.¹⁹⁷

¹⁹² “O desafio é democratizar a ferramenta museu e colocá-la ao serviço dos movimentos sociais; colocá-la a favor, por exemplo, da construção de um outro mundo, de uma outra globalização, com mais justiça, humanidade, solidariedade e dignidade social.” (Chagas, 2011, p. 6)

¹⁹³ “As perspectivas apontaram para o uso dos bens culturais como meio para o desenvolvimento das comunidades; a observância da diversidade e da necessidade de estímulo à crítica da realidade; o trabalho conjunto com a escola, fazendo dos professores seus agentes multiplicadores e, finalmente; a capacitação e treinamento regulares dos educadores dos museus para o trabalho com a comunidade.”. (Cândido, 1998, pp. 36-37)

¹⁹⁴ No capítulo anterior mencionei as éticas técnicas. Neste momento, relaciono as éticas técnicas ao poder de uma educação imparcial, sem poder político, económico e social à mistura.

¹⁹⁵ “The present decade has seen many political upheavals. Ethnic strife taken its toll throughout the history of humanity, the present era with all its sophistication and maturity of thought has not been spared. To lessen the turmoil due to human strifes, museums can play an active role by bringing communities together through better understanding of each other. A museum display is a window of culture. Through this powerful medium of art and material culture and supporting documents can imbue a better understanding of <foreign/alien> cultures among its visitors. Though this may be a small effort yet it is worth taking up to establish harmony and peace in the world. Museums can help communities to understand their own cultural reality as well as generate understanding and admiration for other cultures, thus establishing a dialogue between cultures”. (Shah, 1997, p. 78)

¹⁹⁶ “La présentation, l’incorporation ou la comparaison d’une identité par la manipulation de ses symboles doit se faire dans une perspective plus large qui tempère l’intérêt personnel pour un sens de responsabilité.” (Spialbauer, 1986, p. 94)

¹⁹⁷ “Este proceso es parte de la masualización de los objetos; al ser ecogenia de los objetos una decisión subjetiva basada en un determinado discurso socio-político y económico, la exhibición deviene un discurso visual con estas mismas características.” (Navarro, 2006, p. 370)

No processo de contextualização de um objeto associa-se a carga simbólica dos mesmos, neste caso, à pele tatuada, e toda a uma simbologia que o engloba. Daí resulta a compreensão, por parte dos profissionais, do cuidado que temos de ter ao contextualizarmos uma coleção, sendo que ganha novas codificações face ao que tinha anteriormente. Nesta aceção torna-se importante mencionar que os objetos não falam por si e que todo o significado que se lhe possa dar, não existia anteriormente.¹⁹⁸

Quem, hoje em dia, não espera que um museu seja uma instituição de cultura onde possa deixar os filhos em segurança? Pois bem, a grande questão prende-se com o facto de os museus ditos tradicionais não fomentarem o pensamento individual nem procurem contar a história toda, mas apenas a da parte vencedora¹⁹⁹. Isto não será história, no sentido profundo do termo, mas antes propaganda, sendo importante questionar constantemente os dados fornecidos pelos sentidos.²⁰⁰

Os museus podem ser considerados instituições prestadoras de serviços, em que a preocupação principal deve incidir sobre o indivíduo, com as características a ele patentes, numa prática de inclusão e de aceitação, onde o museólogo media as tensões que existe entre o objeto exposto e o público.²⁰¹ Nesta ótica, é necessário que os museus tradicionais aceitem a mudança de paradigma e que deem primazia aos indivíduos em vez dos objetos (não aprisioná-los dentro de vitrines e sufocá-los), de modo a fazer do museu uma instituição menos ausente e mais presente na vida das comunidades, nos seus problemas e nas suas esperanças.²⁰² Neste sentido, o poder dos museus transforma-os em locais de debate dos acontecimentos atuais e de projeção para o futuro. Deste modo, o museu ganhará um novo campo de poder – o poder da

¹⁹⁸ “And museology must be ready to avoid being manipulated by history, and try to keep the independence that will let them to present the facts, objects and documents with the objectiveness and freedom characteristic of an independent institution due to serve the society”. (Hernández, 2006, p 311)

¹⁹⁹ Um bom exemplo é o Museu Cosme Damião, comumente conhecido por Museu do Benfica. Sociologicamente falando, é um museu com características sociais bastante vincadas. No entanto, transmite a ideia de que apenas as vitórias construíram a história daquele clube, apesar de ser do senso comum de que a História está sujeita a vitórias como a derrotas, e é esta noção de dialética é expressa através do devir dos tempos.

²⁰⁰ Novamente surge a questão do poder, desta vez vinculada ao ensino. O que acontece em muitos países, onde há ensino, é produto das escolhas dos ministérios responsáveis. Desde a escolha dos livros escolares, aos temas, aos próprios professores: é tudo produto numa escolha exaustiva por parte do Poder vigente, para deste modo controlar as mensagens que são emitidas às comunidades, “A educação como prática da liberdade é um dos fatores dessa conscientização, assim a comunicação, interna ou externa a comunidade, é fator de enriquecimento; não existe verdadeira conscientização em circuitos fechados, pois o despertar da consciência crítica surge da confrontação do encontro, do desencontro e da comparação com os outros.” (Primo, 2014, p 23)

²⁰¹ “Na definição do Varine o simbólico também se apresenta próximo da «pessoa-recurso», mas ela actua como um mediador, incentivando a aproximação pelos outros membros da sociedade.” (Primo, 2014, p 8)

²⁰² “Em primeiro lugar, o museu deveria passar a dar prioridade ao indivíduo em vez de dá-la ao objecto.” (Pereira, 2009, p 46)

mudança, expressa não só pela educação, mas também pela comunicação, pela abertura ao diálogo e pela construção de soluções.²⁰³

Na análise das marcas destes prisioneiros, cabe ao museu deixar a marca, mas não tornar-se uma²⁰⁴. O museu deve, no entanto, fazer os possíveis para a promoção de uma boa experiência museológica, que deixe uma marca, mas que seja fiel a si mesma.²⁰⁵

Os museus servirão assim como escolas, como instituições abertas, sempre em construção, sempre na dialética histórica. O museu como espaço de história e histórias, de pulsações e emoções, de vida e não de morte. Assim, os museus transpiram as histórias, não só a história de há centenas de anos, mas a história atual que é um resultado da anterior. Como resultado surge a emergência de aceitação da História enquanto um todo e não como uma parte afastada da totalidade²⁰⁶: De uma história, nem sempre evolutiva²⁰⁷, que existe há milhões de anos e que nos trouxe até ao presente.²⁰⁸

Antes de concluirmos a análise referente a este conceito, temos de ter presente que a noção de Sociomuseologia se encontra fundamentada também na ideia de território²⁰⁹, seja ele espacial ou metafísico, ou englobe questões relacionadas com etnias. Compreender a

²⁰³ “The justifications for museology’s existence as an autonomous area of knowledge are always noble, for they regard the human trajectory, they interact with the environment, they feature links with Power, they contribute to the construction of identities, among many other aspects.”. (Bruno, 2007, p 137)

²⁰⁴ Ultimamente têm surgido os museus de *branding* muitas vezes associados às grandes marcas empresariais, seja do mundo da moda, do futebol, em que o capital investido vai muito para além do orçamento da maioria dos museus, resultando numa expografia mais complexa.

²⁰⁵ “Still, this issue of the time available to correspond to the visitors’ expectations does not seem to be a concern of most museums, maybe due to the fact that each museum has been opening regularly each day at the same time for many years. It is possible to repeat the visit but this fact does not eliminate a failed experience.”. (Moutinho, 2012, p 106)

²⁰⁶ Em 2006, Umberto Eco escreve um conjunto de ensaios reunidos numa obra intitulada *A Passo de Caranguejo*. A principal linha de pensamento baseia-se na corrupção italiana, nomeadamente na governação de Berlusconi. A dada altura, Eco faz uma afirmação bastante vincada sobre o estado mundial das políticas. Ao falar da atual guerra no Iraque, tenta procurar entender a fundamentação islâmica da guerra, que designa como “Frustração Otomana”. Apesar de poder ter mais do que uma interpretação, é importante pensar na ideia do senso comum que se relaciona com a ideia de que a humanidade ainda sofre as consequências que surgiram na história do século III d.C., ou seja, a divisão do império ocidental e oriental. Todo este aspecto foi vincando sempre os aspectos culturais e sociais que nos dividiam. As Cruzadas rumo ao oriente foram uma tentativa vã de aniquilação dos ideais islâmicos. Presentemente, a guerra apesar de ter os mesmos contornos, incluindo o económico, ganhou outras vertentes, em que a segurança e a vigilância andam de mãos dadas.

²⁰⁷ Expressão susceptível de ser amplamente discutida, pois se, por um lado, a História é sempre uma evolução, independentemente da qualidade de vida, seja em que parâmetros for, por outro lado, a História tem mostrado imensos “passos de caranguejo” relativamente às questões dos direitos humanos.

²⁰⁸ “...ao mesmo tempo em que realizaremos uma aplicação da nossa proposta, tendo a historicidade como substrato de análise para a compreensão do objeto museal, enquanto elemento educativo.” (Nascimento, 1998, p 18).

²⁰⁹ A questão do território já foi abordada. Nesta medida bastará afirmar que a noção de território presente nesta coleção se prende com a própria noção de corpo. Todas as questões referentes ao território, sendo um problema social contemporâneo, se encontram vastamente tratadas em diversos autores da Filosofia Contemporânea.

museologia social é também compreender as diferentes dialéticas espaciais na sua globalidade.²¹⁰

À guisa de conclusão deste capítulo, temos de ter em consideração algumas noções referentes ao conceito de museologia que atravessam as diferentes áreas do conhecimento, com especial destaque para o objeto de estudo sobre o qual nos debruçamos. Por um lado, temos um conhecimento da História, que se aplica aos conceitos de memória e de identidade, no entanto não se esgotando neles e procurando dar sentido aos objetos expostos.²¹¹ Em segundo lugar, surge a Sociologia, a ciência que permite entender os fenómenos culturais no decorrer da História e no entendimento da dinâmica sociológica desse campo histórico, de acordo com os fenómenos sociais que aí se operam.²¹² Em terceiro lugar, a Educação, pois sem esta não seria possível entender os objetos na sua significação nem encontrar um modo de comunicar esses mesmos objetos e a experiência museológica.²¹³ A Antropologia, como ciência do Homem que explica museologicamente os seus ritos e códigos, e tal como a Sociomuseologia procura colocar o Homem no centro do campo empírico.²¹⁴

A Museologia é o pano de fundo desta teatralização do objeto em que as comunidades se iserem, procurando focar o sujeito e não o deixando à margem como expectador de um cenário, seja montado ou improvisado²¹⁵.

²¹⁰ “Muitos modelos institucionais têm sido testados, com evidentes diferenças, marcadas pelas características sócio-culturais dos países ou regiões onde estão inseridos. Entretanto, o ponto comum a todos eles é o respeito à biodiversidade e à sociodiversidade, reconhecendo, inclusive, que a natureza tem dinâmica própria e que as sociedades vivem tempos culturais diferentes.” (Bruno,1997, p 55)

²¹¹ “A História se produz, assim, como narrativa formal, como interpretação do real que reorganiza os fatos a partir de processos de escritura, compondo um texto que resignifica os processos culturais, no tempo e no espaço. Uma operação de completo deslocamento.” (Scheiner,2006, p 52)

²¹² “Tais propósitos são estruturados e estruturadores das relações que envolvem o Estado, interesses de grupos e subjetividades. O Museu pretende a legitimidade científica e discursiva. Ele é, na expressão bourdiana, campo de lutas sociais e simbólicas.” (Moraes,2006, p 106)

²¹³ “O museu é um espaço de transformação, diálogo e valorização dos saberes individuais e coletivos.” (Pasqualucci,2016, p 96)

²¹⁴ “The museum-people is looking into this mirror perceveing themselves, realising the own conditions and experiences of life – well connected to the ancestors without regard to if this relation is characterised by continuity or change.” (Vieregg,1997, p 155)

²¹⁵ Há aqui uma clara intenção de separação entre a Museologia Tradicional, isto é o cenário montado, e a Museologia Social, o cenário com base na vida e no fluir dos acontecimentos, mas sem isso significar que ele não seja também pensado, “Se o património é uma <construção sónica> que está diretamente ligada ao sentimento de valorização de pertença, é o Museu o responsável pelo seu reconhecimento e valorização. Os dois, tanto o Museu como o Património, devem ser apreendidos a partir da sua face intagível, aquela que se dá no momento da relação, no momento em que a memória desperta o sentimento de pretença, no instante em que se dá a construção das identidades. É assim, através da musealização, que o património opera na valorização dos traços de memória e, em consequência, na aceitação da diferença. Sendo assim, é o Património que permite ao Museu trabalhar com a História, que aqui será tratada em processo, assim como hoje apreendidos o Museu e o Património.” (Soares,2006, p 458)

A Psicologia também é fundamental, pois só através dela conseguimos atribuir e interpretar os estados emocionais destas pessoas, que são dependentes das condições vividas naquela época, mas que ainda assim são fruto de uma importante reflexão nos parâmetros desta tese.²¹⁶ A Criminologia, associada por seu turno ao Direito Penal, pois permite o cruzamento de dados entre as tatuagens e os indivíduos²¹⁷, dando uma perspetiva da coleção do outro lado do espelho.²¹⁸ O Jornalismo, associado à Comunicação Social, permite ou não²¹⁹ realizar a identificação da criminalidade na Primeira República Portuguesa, bem como o cruzamento entre os tatuados e os crimes cometidos.²²⁰ A Medicina, reflexo da Medicina Legal e da Anatomia, que foi a causa da existência física deste grande debate em volta destes indivíduos, fornecendo a base conceptual e empírica para toda esta investigação.²²¹ E, por último, a Filosofia, mãe das ciências que procura fomentar o diálogo entre a ética e a estética, explorando uma visão mais abrangente e metafísica das problemáticas das ciências anteriores.²²²

É com este pensamento de interdisciplinaridade, ou seja, do casamento das várias áreas científicas que é importante refletir sobre o tratamento das várias coleções que surgem aos profissionais da museologia. Só com este pensamento bem presente é possível dar uma possibilidade de contexto legítima e, nesta ótica, empreender uma completa formação de consciências.²²³ No ramo da museologia firma-se o lema “a União faz a força!”, ou, neste caso: a União faz Conhecimento.

²¹⁶ “A polémica desenvolvida por indivíduos habituados à representação das situações, dominados pelas preocupações essencialmente normativas, confirmava afinal, a extrema perplexidade vivida pelas autoridades, mais inclinadas, no confronto directo com a realidade, para a tomada de atitudes pragmáticas. Em especial, as autoridades policiais hesitavam, constantemente, entre os perigos da repressão abstracta, a tolerância vigilante mas com certos riscos, ou a tendência mais subtil para controlar a situação através da organização dos próprios eventos.” (Crespo, 1990, p 282)

²¹⁷ O arquivo da Polícia Judiciária permitiria um cruzamento absoluto das datas de entrada dos prisioneiros no cárcere, bem como as suas datas de saída e as acusações contra eles feitas.

²¹⁸ “[...] para todos a mesma morte, sem que ela tenha que ostentar a marca específica do crime ou o estatuto social do criminoso; morte que dura apenas um instante, e nenhum furor há de multiplica-la antecipadamente ou prolonga-la sobre o cadáver uma execução que atinga a vida mais do que o corpo.” (Foucault, 1997, p 15)

²¹⁹ No campo empírico dedicado à análise das notícias iremos encontrar algumas incongruências no que diz respeito à transparência de informação do Órgãos de Comunicação Social.

²²⁰ “Por uma espécie de falsificação de escrita, fazem-se desaparecer as questões mais importantes: por um lado, a própria questão do político, a da acção própria dos agentes que, em nome de uma definição teórica da <classe>, destinam aos seus membros os fins oficialmente mais conformes como os seus interesses <objectivos>, quer dizer, teóricos, [...]” (Bourdieu, 2001, p 139)

²²¹ “Em qualquer caso, a higiene e a moral estavam presentes em relação mútua, contribuindo para a formação de uma nova mentalidade, cada vez mais fundamentada nas inovações permitidas pela ciência e nos valores da civilização.” (Crespo, 1990, p 258)

²²² “Um museu que propõe impactos inesperados aborda a vida, pois consegue ressaltar propriedades dos objectos e das relações estabelecidas entre eles que os reanima e nega a velha expressão preconceituosa à qual muitas vezes estão associados.” (Passetti, 1999, p 198)

²²³ “Neste sentido, a renovação na museologia implica renovação de mentalidades, renovação das técnicas para uma melhor adequação da teoria e da prática museológica, renovação e formação dos corpos técnicos e administrativos. Somente com a renovação a acção museológica poderá reflectir-se nos processo de

7. Sociomuseologia, Ética e Poder

Ao longo da presente dissertação temos observado o modo como os diferentes poderes podem ser manifestados. Múltiplas ferramentas podem ser utilizadas numa ótica de poder, estando de um lado as legislações e, do outro, os órgãos de comunicação social.²²⁴ Para o efeito desta dissertação apenas iremos analisar estes últimos. Neste sentido, é importante analisar *O Século*, pois era o órgão de comunicação de cunho republicano, importante particularmente para este tema.

Para encontrar a história do criminoso, ou antes, compreender a sua “infâmia”²²⁵ é necessário recorrer à comunicação social, não só para mostrar as notícias sobre os tatuados, mas também dar um contexto fundamental para o entendimento desta coleção.

Neste aspecto, as notícias abordadas não serão apenas sobre os criminosos e as suas marcas, mas sobre os diversos fatores que contribuíram para a existência da criminalidade no início do século XX.

Foram recolhidas 143 notícias, analisadas de acordo com a sua temática, não sendo seguida a sua ordem cronológica. Nesse sentido, optou-se por organizar as ocorrências em diversos grupos por temáticos: lugares de crime; pobreza; bairros sociais; asilos de mendicidade; saúde; escolas e educação; estrageiro e situação internacional; controlo social e legislação; emigração; república, conspirações e revoluções; limoeiro, criminalidade e contexto penal e os “nossos presos”²²⁶.

Iremos de seguida analisar as notícias revelantes para o enquadramento destes presos, no quadro social, económico e político.

7.1 Lugares de crime

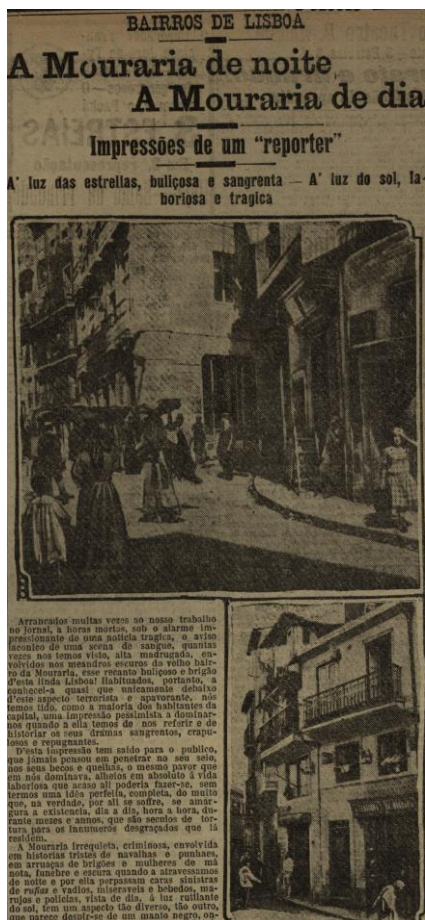
desenvolvimento, fazendo uso da interdisciplinaridade, do saber fazer, do aprendizado em comunhão, da troca de experiências, da memória colectiva e da educação de carácter libertador e dialógico.”. (Primo, 2007, p 132)

²²⁴ Apesar de, no início da presente investigação, se ter ambicionado tratar os dois pontos aqui mencionados, chegou-se à decisão de que não seria possível trabalhar os dois aspectos.

²²⁵ Foucault surge novamente nesta questão, em que a “infâmia” destes indivíduos é gerada pela “fama” que deles se apoderou, mas que também é “fama” que fundamenta mais profundamente a sua “infâmia”.

²²⁶ Contudo, não iremos desenvolver todas as notícias em corpo de texto, sendo que irão ser apenas expostas aquelas cuja temática é socialmente mais significativa, ficando as restantes a figurar nos anexos.

Os ditos lugares de crime são locais privilegiado, devido às suas condições e aos seus agentes para o acontecimento da criminalidade, a diversos níveis: doméstico, público, de cunho sexual, homicida ou ainda suicida.



Digitalização do Jornal *O Século*, 9 de setembro de 1910 p.3

Apesar de estarmos cronologicamente no início da observação empírica na comunicação social, ainda assim o bairro da Mouraria surge como local privilegiado de criminalidade. O Bairro da Mouraria tem sido ao longo dos séculos²²⁷ um lugar propício a uma forte identidade/identidades que residem até aos dias de hoje.

Quem na atualidade não se perde nos cheiros e nas cores da Mouraria ainda que sentido algum receio do perigo do passado²²⁸?

²²⁷ Desde da sua instauração enquanto bairro dos Mouros, aquando a invasão de D. Afonso Henriques a Lisboa, foi cunhado de uma forte marginalidade cultural.

²²⁸ O bairro da Mouraria, conjuntamente com o bairro de Alfama e toda a zona do Martim Moniz têm sido alvo de requalificações. Na esteira desta ideia, a Mouraria como lugar onde nasce o Fado, ganhou um nova cara com vista ao turismo. Com a vitória da Selecção Portuguesa no Europeu e na Eurovisão, por Salvador Sobral, Lisboa tem estado cada vez mais na moda, um pouco também devido ao baixo custo de vida.

Digitalização do Jornal *O Século* de 25 de novembro de 1910 capa

Um outro bairro conhecido pelos problemas sociais no início do século XX é o bairro de Alfama. Ao longo de toda esta análise empírica vai sendo visível várias notícias sobre as vivências deste bairro. A notícia d' *O Século* datada de 21 de agosto de 1912 (Anexo I) e a redação de 28 de agosto de 1923 (Anexo II) elucidam, deste modo, a miséria que habitava no bairro de Alfama.

O Caís de Sodré e todos estes locais em termos gerais estão geograficamente perto de portos marítimos, dado interessante para o presente estudo, pois a marinhagem contribuía para o acesso singular a ideias estrangeiras²²⁹.

²²⁹ Sobre este aspecto, ver o capítulo referente ao corpo da presente dissertação.



Digitalização do jornal *O Século* de 8 de agosto de 1921 p.2

Ainda sobre estes locais do crime, existe a notícia referente ao Bairro Alto datada de 7 de dezembro de 1919 (Anexo III), outro local privilegiado de criminalidade.

7.2 Pobreza

Para efeitos de uma Museologia Social e, consequentemente, para uma Sociologia da Criminalidade²³⁰ temos de conseguir abranger o panorama das vivências das pessoas no início do Século XX. Neste sentido, encontra-se uma Lisboa muito pobre, com falta de condições sanitárias e muitos casos de doenças contagiosas, nomeadamente a sífilis de transmissão sexual, e que está presente em variados anúncios ao longo do jornal. Todo este panorama vai tendo as suas consequências nefastas na vivência pública e também nos hábitos domésticos.

²³⁰ Neste ponto da presente análise temos de conseguir entender que a questão criminal pode não surgir meramente por devaneios psicológicos. A pobreza extrema e a precariedade das condições de vida levam a que muitas vezes não pareça existir alternativa senão a criminalidade.

Digitalização do jornal *O Século* de 20 de setembro de 1923 capa

As más condições de higiene existentes da cidade de Lisboa foram propícias para a propagação de doenças e posteriormente não só o aumento da taxa de mortalidade, mas também pela diminuição de pessoas aptas para o desenvolvimento de uma atividade profissional. De facto a crise financeira era tão grave, devido à instabilidade política, que era possível encontrar precariedade em todos os níveis da sociedade e em todos os estratos sociais.

PORQUE FALTA A AGUA EM LISBOA

A quantidade de agua destinada ao abastecimento da cidade é a mesma de ha cêrca de cincoenta anos

A condenavel indiferença das estações competentes, em face da gravidade do problema

A Companhia das Aguas de Lisboa fez publicar hontem nos jornaes uma nota, onde punha de sobreaviso o publico, aconselhando medidas de precaução e economia no consumo da agua.

Procurámos informações junto da Companhia sobre as razões da resolução adotada. São as mesmas, são as de sempre. Não ha agua, porque se dá a natural estagnação. E como não ha reservatórios suficientes para o consumo publico e as causas que abastecem a cidade diminuem na razão, evidentemente e escasseia a agua. Mas isto verifica-se só agora? Não, tem-se dado sempre desde que Lisboa exists como aglomerado humano. Mesmo quando da cidade só existia o velho crasto romano, os poços e cisternas cavadas onde é hoje a Mouraria, não bastavam ao consumo dos habitantes. Por toda a Idade-Média, apesar de não se fazer muito consumo de agua, a agua sempre escasseou, e a sua falta não foram estranhas as epidemias, que então assolaram a velha Lisboa.

Só em princípios do século XVIII se começou a tomar a sério o abastecimento das aguas. O rei magnânimo pensou em construir o aqueduto e aí por 1728, não obstante a riqueza que lhe vinha do Brazil, tributou os habitantes da cidade em 6, 5, 10, 20 e 30 réis, respectivamente, por cada canada de vinho, arratel de carne, canada de azeite, alqueire de sal e pazo de palha entrados nas portas. Gastaram-se então 7.700 contos para trazer a Lisboa pouco mais de 1.000 metros cubicos de agua.

Foi só em 1873 que o director da Companhia das Aguas, sr. Carlos Pinto Coelho, levou a cabo a grandiosa empresa de ca-

A quem attribuir estas delongas? Ao Governo, ao Parlamento, à Companhia das Aguas?

Esta attribue-as à Camara Municipal, porque, tendo esta corporação sido contratada sobre as bases do contrato que conviriam para ser outorgante d'ele com a Companhia, em vez de o serem esta e o Estado, ha tres mezes que se deveria ter pronunciado sobre a consulta, não o tendo feito, contudo.

No principio d'este ano foram tomadas providencias, pela pasta do Comercio, para que se pudessem captar, pelo menos, as aguas do rio Ota, cujo caudal minimo na estagem, não é inferior a 15.000 metros cubicos diarios.

Na apreciação das bases do contrato a fazer com a Companhia das Aguas?

O sr. Haui Caldeira diz-nos que não. Não só a comissão executiva não negligenciou, como já deu sobre ele o seu parecer, tendo-se comunicado ao sr. ministro do Comercio que estava disposta a Camara a estudar a forma de ser, com o Estado, outorgante do contrato.

Efektivamente, a comissão executiva da Camara formulou ha tempos uma apreciação das bases do contrato, que existe impressa e assinada pelo sr. Marques da Costa, na qual se limita a comentar o mais favoravelmente possível as referidas bases. Esse documento, destinado a ser submettido a apreciação do Senado Municipal, ainda não foi tornado publico.

As bases são as primitivamente apresentadas pela comissão do sr. Lucio de Azevedo, comissio a qual o sr. Haui Caldeira presta homenagem, como tecnico, pois considera o seu trabalho muito completo e claro, contendo as formulas de resolver o problema do abastecimento de agua á cidade para um prazo não inferior a 25 annos.

Entende o vereador do pelouro das aguas que o assunto é de grande magnitude, não devendo ser tratado sobre o joelho, nem de animo leve. A Camara—diz—está disposta a tratá-lo, aberta e conscientemente, sem pressões nem ameaças. Não é a edilidade hostil por principio ás grandes empresas, não as protegendo, contudo. Com a Companhia das Aguas mantém a Camara as relações mais correctas, o que não impede o vereador sr. Caldeira de dizer o que pensa acerca do magno assunto. Em seu entender, o abastecimento de aguas deveria ser conside-



O publico aguardando debaixo de sol a vez de se abastecer de agua



O chafariz de Alcolena, o unico que tem abastecido as areas de Belem e Ajuda

Digitalização de jornal *O Século*, de 3 de outubro de 1923 p.2

Na notícia reproduzida é novamente notório o modo como as más condições de saneamento aprofundam a diminuição da qualidade de vida que se fazia sentir em Lisboa,²³¹ sendo relatada a consequência de toda a situação de precariedade política e de instabilidade financeira, provocando novamente consequências a nível de saneamento e das condições de vida em geral.

Apesar de toda a capital se encontrar em miséria, ainda assim há bairros que pela sua localização geográfica ou o seu cunho histórico²³² se revelam em maior estado crítico que outros, como é o caso do bairro da Mouraria.

²³¹ A presente dissertação centra-se na cidade de Lisboa devido à proveniência dos tatuados presentes na coleção. No entanto, esta realidade pode ser observada um pouco por todo o país.

²³² Sobre o cunho geográfico não será necessária nova menção. Relativamente ao aspeto histórico, não se pretende tratar aqui a História de cada bairro, mas antes o historial de cada sítio (mal frequentado, locais de criminalidade conhecida, entre outros).



Digitalização do Jornal *O Século*, de 24 de agosto de 1923 capa

Nesta notícia em particular somos confrontados com a forte conotação negativa que os próprios portugueses²³³ dão a todo o panorama nacional. A comparação de Lisboa a Marrocos denota bem, principalmente no caso da Mouraria em especial, o desgoverno daquele local, sendo que foi um sítio vítima de algum abandono ao longo dos tempos. Ainda sobre esta temática valerá a pena consultar as notícias de 16 de agosto de 1923 e 11 de dezembro de 1926 (Anexo IV, V).

²³³ É preciso ter em mente que está em análise um órgão de Comunicação Social Nacional.



Digitalização do Jornal O Século, de 23 de agosto de 1923 capa

Em meados de 1922/23 existe uma fundada preocupação sobre o pensamento estrageiro relativamente a Lisboa, sendo que a necessidade de “limpar a capital”²³⁴ do que é para ela nefasto se torna imprescindível. Vai havendo uma certa prevenção para todo o género de poluição que possa por em causa a imagem da pátria.

²³⁴ Em muitas das notícias em análise existem títulos que referem a prisão dos criminosos como “limpeza de Lisboa”.



Digitalização do jornal *O Século*, de 11 de maio de 1924 p.6

Relativamente a esta temática poderiam muitas outras notícias figurar no presente trabalho. Neste sentido, torna-se importante observar notícias de 28 de novembro de 1922 (Anexo VI) e de 19 de janeiro de 1927 (Anexo VII), onde constam notícias sobre a situação lisboeta e a tentativa de regeneração da cidade de Lisboa.

7.3 Bairros Sociais

Uma outra perspectiva a analisar numa componente social espelha-se na existência, em resultado da pobreza extrema que se fazia sentir, dos bairros sociais. Estes procurariam albergar famílias mais carenciadas e que muitas vezes não tinham modo de sustento. Serviu também para combater a mendicância que existia nas ruas da capital.



Digitalização do jornal *O Século*, de 28 de abril de 1919 capa

No final da primeira vintena do século XX começam a surgir novas preocupações de regenerar a capital, tentando plasmar as ideias do intelectualismo português. “Elevar a cidade de Lisboa a uma verdadeira capital” constituía um verdadeiro objetivo, que entraria em conformidade com o pensamento do “bom português”. Começa a ser feita a primeira “limpeza” da cidade pela extração desta população toda que vivia nas ruas.



Digitalização do jornal *O Século*, de 15 de maio de 1920 capa

A primeira pedra erigida no sentido da requalificação da cidade de Lisboa foi assente no bairro do Arco do Cego.²³⁵ É curioso ver a proximidade quase “perigosa” deste bairro com a zona do Saldanha, uma das áreas mais “chiques” da capital, onde ainda presentemente é visível essa dualidade²³⁶, entre a riqueza dos cada vez mais ricos e a pobreza dos cada vez mais pobres.

Ainda sobre este tema podemos verificar a notícia datada de 27 de julho de 1923 (Anexo VIII) sobre a construção deste bairro e a redação de 17 de novembro de 1926 (Anexo IX) relativamente às dificuldades de construção deste, muitas vezes deixado ao esquecimento.

²³⁵ Até ao ano de 1928, fim cronológico do presente capítulo, este será o único bairro social a ser construído, não havendo assim um meio de comparação.

²³⁶ Com a saída do terminal Rodoviário Nacional do Arco do Cego para Sete Rios tornou-se visível a diminuição de mendigos e de prostitutas do primeiro sítio, sendo que no segundo, devido à estação de Caminhos de Ferro de Portugal, se têm vindo a conhecer relatos de furtos.



Digitalização do jornal *O Século*, de 28 de novembro de 1927 capa

Ainda que exista a preocupação com as camadas mais desfavorecidas da sociedade, havia pessoas que tinham em poucas condições de vida, pois as requalificações de uma cidade pressupunham sempre a demolição de algumas habitações²³⁷ para construir uma malha urbana mais apresentável. Assim, podemos concluir que todo este processo de requalificação além de não ter sido pacífico, pôs ainda mais em evidência algumas famílias carenciadas, que pelo menos até à construção de nova habitação ficariam sem ter espaço onde ficar.

²³⁷ Aliás o que está a acontecer na Mouraria é fruto destas mesmas requalificações, onde aos poucos se vai perdendo a identidade deste bairro em prol de ser uma zona turística em crescimento.

7.4 Asilos de Mendicidade

Os asilos de mendicidade são outra vertente desta realidade das populações do início do século XX. Estes abrigos procurariam albergar famílias pobres e que não tinham meio de sustento. Era uma forma de permitir ainda que a limpeza da cidade de Lisboa fosse mais eficaz.



Digitalização do jornal *O Século*, de 12 de dezembro de 1912 p.3

Logo no início da implantação de república podemos observar as preocupações crescentes pela imagem de Lisboa, sendo a melhoria das condições de vida das populações mais um resultado desta regeneração social. Encontramos novamente nesta esfera a importância da elevação de Lisboa a capital²³⁸, sendo que esta realidade passava pela criação de infraestruturas sociais que ajudariam a melhorar o aspeto da cidade.

Ainda sobre este ponto, ver a notícia referente as más condições existentes no Asilo de Santa Maria, datada de 8 de novembro de 1919 (Anexo X).

²³⁸ Como já havia sido mencionado neste capítulo, na alínea dedicada à pobreza.



Digitalização do jornal *O Século*, de 26 de maio de 1920 capa

No entanto esta notícia²³⁹, datada de 1920, já demonstra não apenas a necessidade da imagem do “bom português”, mas procura deste modo, responder à questão da crise, que vem surgindo um pouco por toda a Europa com a Primeira Guerra Mundial.

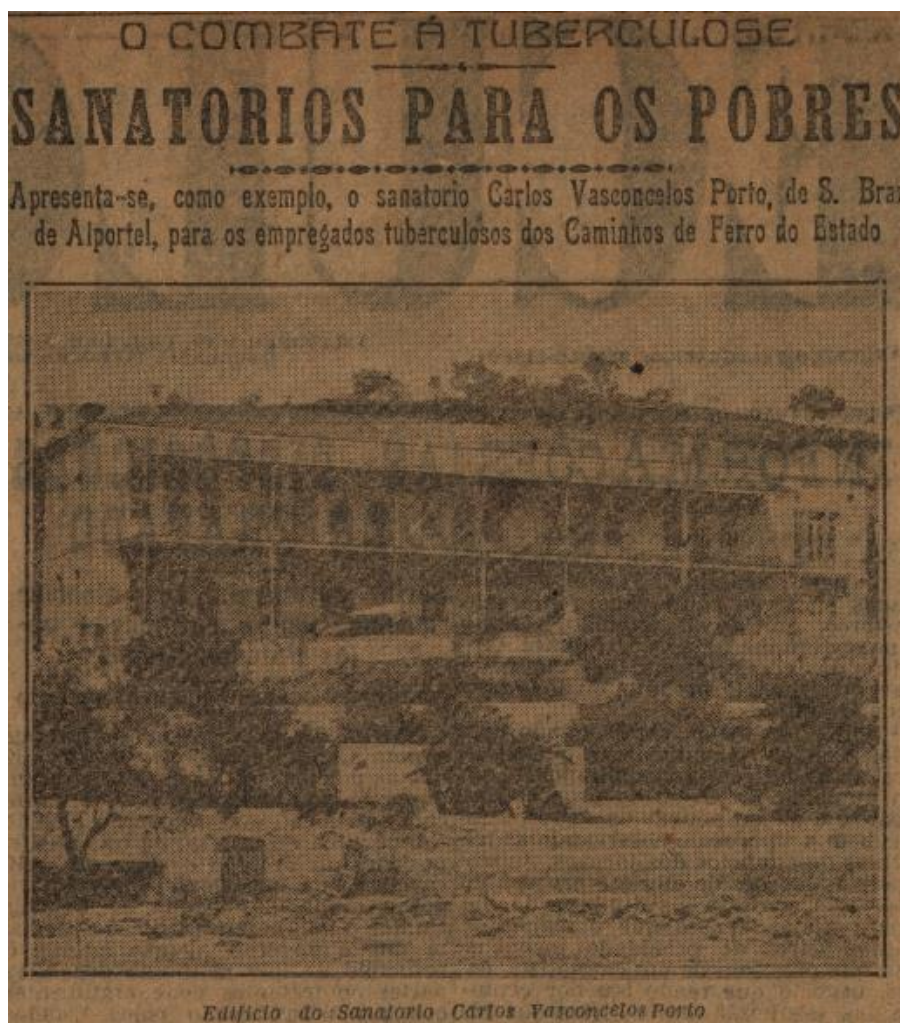
Neste sentido, temos de começar a debruçar-nos um pouco sobre a situação internacional²⁴⁰ e de como contribui efetivamente para a precariedade vivida por esta sociedade.

²³⁹ Ao longo desta análise irão existir inúmeros casos fronteira, como no capítulo seguinte, das iconografias das tatuagens, em que se pode encontrar uma tatuagem enquadrada em diversos grupos.

²⁴⁰ Ainda neste capítulo irá sempre trabalhado um ponto referente ao estado internacional, que adensou muito a situação social que se vivia no início do século passado.

7.5 Saúde

Ainda na senda da melhoria das condições de vida das populações, surgem vários estabelecimentos de saúde e melhores condições para o combate à pobreza. Sanatórios, vacinas e consultas gratuitas são alguns exemplos que marcam este subcapítulo dedicado à saúde.



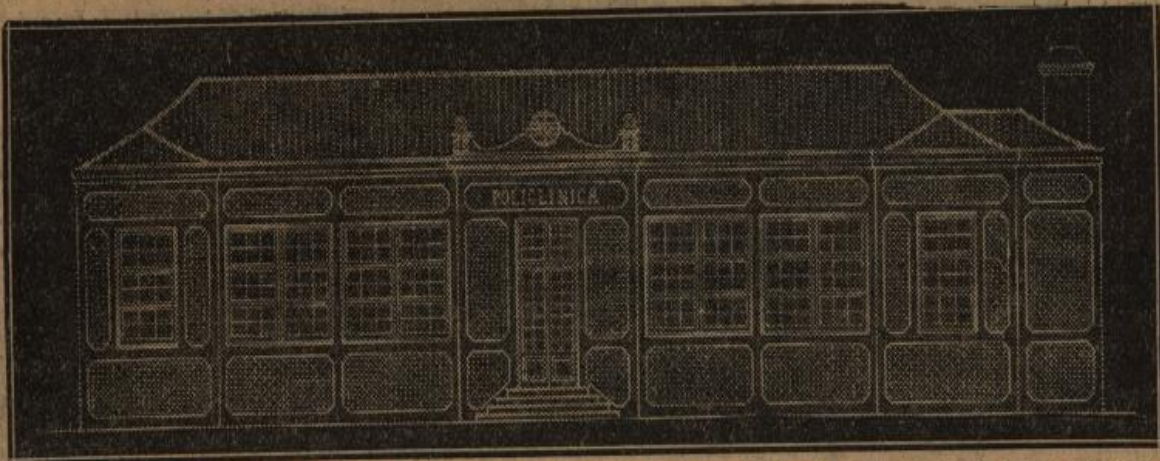
Digitalização do jornal *O Século*, de 28 de dezembro de 1919 p.2

Na esteira do que foi mencionado no subcapítulo anterior referente aos asilos de mendicidade, os sanatórios surgem como locais de internamento prolongado para doenças respiratórias, como a tuberculose. Eram sítios destinados às pessoas mais carenciadas que necessitavam de cuidados médicos prolongados, mas que não tinham dinheiro ou condições sociais para sustentar os tratamentos, sendo estes à base do repouso.

Ainda sobre este tópico consultar a notícia datada de 22 de maio de 1923 (Anexo XI).

Consultas gratuitas para os pobres

Vae iniciar-se brevemente a construção do edificio da Policlinica da Assistencia Publica



Publicamos hoje o projeto do edificio da Policlinica que o sr. ministro do Trabalho mandou construir no terreno ajardinado da Provedoria da Assistencia Publica, onde os pobres indigentes, que nada tem encontrarão uma consulta de especialidades, que lhes proporcionará benefícios semelhantes aos demais estabelecimentos congêneres, sem que tenham que despendar qualquer importância.

A criação d'esta Policlinica que se deve á iniciativa altruista do sr. dr. Xavier da Silva, que tem dedicado toda a sua atenção e carinho ao problema da Assistencia, ha muito que se impunha pela grande necessidade de dispensar aos desprotegidos da sorte consultas gratis.

A construção do edificio começa brevemente, devendo concluir-se dentro de alguns mezes, para o que estão sendo adquiridos os materiaes necessarios

A Policlinica que será edificada em beton armado e tijolo, terá só um pavimento, com quatro gabinetes para medicos, um vestibulo, sala de espera, dois corredores, arrecadação, casa de enfermagem e farmacia com laboratorio anexo.

A sua disposição é de molde a poder fazer-se a consulta ou tratamento de doentes com independencia de sexos.

O sr ministro do Trabalho determinou que a Policlinica dê também consultas nocturnas destinadas exclusivamente a operarios.

Digitalização do jornal *O Século*, de 25 de setembro de 1924 capa

Como foi expresso no início desta alínea e indo no seguimento do que já foi mencionado anteriormente, a sociedade do início do século XX encontrava-se assim no limiar da pobreza. Este fenómeno adensa assim a falta de condições de saneamento e a degradação do nível de saúde pública. Esta programação das consultas para os pobres aliada à existência de vários sanatórios gratuitos ou a custo mínimo, procuraria o melhoramento não só da cidade de Lisboa, mas também das próprias populações.

A LUTA CONTRA A RAIVA

Portugal é dos poucos países da Europa onde ainda existe este terrível flagelo

São tratadas por dia, no Instituto Camara Pestana, em média, duzentas pessoas mordidas por animais suspeitos, e o numero destes averiguadamente raivosos atinge quasi uma centena por ano

não o ignora logo. Ela o diz, pela boca dos seus técnicos mais abalados.

Uma visita à clinica anti-rábica do Instituto Camara Pestana

Para conhecer bem a grandeza do mal que nos ameaça e a fim de nos darmos conta para a campanha que se erga logo em prol de luta anti-rábica, visitamos o Instituto Bacteriológico Camara Pestana, a casa da curação dos mordidos por animais suspeitos.

Na gavilha onde o doutor bacteriologista sr. dr. Luis Figueira aponta a va-



Dr. dr. Luis Figueira apontando a raiva a uma pobre criança moribunda

A raiva é um flagelo natural. Não há flagelo sem situação. A maior parte dos países civilizados, onde há verdadeira disciplina social, conseguiu já levar a raiva dos seus territórios. A Inglaterra desde 1905 que a extinguiram nos seus domínios. Depois de 1905, a raiva se registrou apenas em casos raros, atribuídos aos animais que, como «dinossauros», sobreviveram da época dos camponeses. Energias humanas mortais sobre a ditadura do morto. Pouco tempo depois os estabelecimentos sanitários, que não funcionavam desde 1905, passaram a funcionar, por não terem que fazer. Na Inglaterra, portanto, os técnicos viram-se agora para a prevenção por via aérea da doença contagiosa de raiva. A raiva pode penetrar a passagem do ar, como uma nuvem, que se espalha no ar e se espalha a que podem estar milhares de pessoas. Como se vê, o perigo está reduzido ao mínimo, porque a transmissão de tal doença é impossível.

Em Portugal, a despeito das precauções oficiais, ainda se vê o papel, entre outros, a raiva, se não extirpada, também se elimina, depois de ter atingido certos governos. Lisboa continua a ser a capital europeia que registra maiores percentagens de casos de raiva. Há muitas pessoas e animais, porém que sempre foram felizes, por não serem do distrito da Infância, os animais domesticados e... das presenças oficiais.

Não adianta que assim seja. Lisboa está infestada de cães. Não se sabe quantos cães há, mas os segredários mais do mundo não sabem dizer a não ser que



É tanta a quantidade de pessoas aguardando o tratamento anti-rábico no Instituto Bacteriológico



Digitalização do jornal O Século, de 24 de abril de 1926 capa

Ainda que exista um cuidado continuado na cidade de Lisboa, e consequente generalizado a todo o país, continuam a existir altos valores percentuais de doenças infecciosas, como relata esta notícia relativamente à raiva. Tendo origem no contacto por via de saliva ou feridas abertas, de animais com o vírus, a raiva era dos principais flagelos que se fazia sentir naquele período histórico. Pode-se atribuir à origem da raiva, sobretudo pelos seus condutores, ao hiato higiénico daquela baliza histórica.

7.6 Escolas e Educação

Uma das apostas que serviu para contrariar toda esta crise foi na educação. Logo no início da segunda década do século XX podemos observar algumas notícias referentes a escolas, seja de ensino normal ou de ensino especial. Mas não nos iremos debruçar apenas na questão da educação nesta secção, pois não é apenas esta que fomenta a melhoria social, salientando também esta a preocupação pelas crianças.



Digitalização do jornal *O Século*, de 17 de setembro de 1927 p.2

No seguimento do que foi supracitado, as crianças tornaram-se uma forte preocupação governamental, pois além de serem entes mais frágeis constituíam o futuro da nação. Existe assim, como que toda uma fundamentação da génese da criança,²⁴¹ que consistiu no semblante da identidade portuguesa, face ao pensamento português e estrangeiro.

²⁴¹ Sobre este aspeto torna-se importante voltar a reler os capítulos referentes à Sociomuseologia, Ética e Corpo, sendo que estes demonstram que é na educação que se forma a essência do nosso Ser.

ANALFABETISMO

A percentagem de analfabetos em Portugal é pouco mais ou menos, de 50 por cento. Apesar de todos os esforços dos governos e de todas as iniciativas particulares, diminuiu apenas de 30 a 25 por cento de 1910 até hoje. Situação vergenhosa! Mas a opinião pública ainda não apreende nem sente o doloroso vexame d'esse facto, que desonra o país.

Os senhores, os orientadores do povo não se preocupam com ele? Não lhes pode ser indiferente, no emtanto, que Portugal apareça aos olhos dos estrangeiros com a fisionomia bárbara d'uma nação inculta, incapaz de verdadeira civilização.

Orientadores e público desprezam esse aspecto essencial da nossa vida colectiva. Esperam, talvez, e apenas, a intervenção do Estado? O Estado que, depois da implantação da República, tem desenvolvido uma actividade, não directa disciplinada, mas in-

Universidades, recrutados assim em tre classes mais ricas ou, se quizerem, menos pobres, serão quasi sempre incapazes de estender até ao povo, mais tarde, os benefícios da sua cultura. E o divórcio permanecer, sem possibilidade, sequer, de alargar-se um pouco... E o que se verifica, infelizmente, em Portugal.

O proprio sentimento da Patria, o idealismo cívico da população, não tem maneira de lançar raízes estáveis senão pelo conhecimento, embora simples, dos factos que justificam a nossa existência colectiva. Tanto falamos de patriotismo, e não sabemos senão o quê! Mais de metade da população portuguesa está incapaz para receber qualquer ensinamento duradouro sobre a grandeza e a gloria da sua terra! Não bastam discursos, por muito belos e sugestivos que sejam, sem o poderoso fôlego de factos, de emoções, de idéas e ideais, que é a leitura.

Situação vergenhosa, na verdade! Para remediar, urge fazer o quê? Intensa propaganda, persistente propaganda, teimosa propaganda contra o analfabetismo.

Falho d'Almeida descreve um dia, os intelectuaes empurrar, ao muito, terem feito da instrução primaria obrigatoria uma cruzada incessante. Olavo Bilac, n'um apeloado que entrou anos a fio, proclamou aos brasileiros que só pela diffusão do ensino primario se manteria e consolidaria a unidade da sua grande Patria. Eis aqui dois homens de elite, dois artistas de requintado lirismo, que não desprezaram a humilde crença das primeiras letras. E que a recomendam, ambos, como primordial ao engrandecimento e ao progresso d'um país. No Brazil, teve e tem Bilac muitos continuadores. Em Portugal, raros foram aqueles que seguiram o nobre e oportuno apelo de Falho d'Almeida.

Mas a hora que vivemos, quando as energias da nação todas se arvoram e vibram na promessa de um renascimento, força-nos a obedecer ao gongoro ditame. Nenhum escritor, nenhum professor, pode, sem falhar a sua missão, deixar de inscrever na consciencia, como um imperioso mandamento, o combate



Dr. João de Barros
Escritor e poeta, membro da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras, secretário geral do Ministério da Instrução.

Digitalização do jornal *O Século*, de 6 de novembro de 1923 capa

Apesar de todos os esforços do governo no combate ao analfabetismo, ou escolaridade mínima, as falhas na educação ainda continuam a ser um dos flagelos do povo português. Apesar da queda da monarquia 13 anos antes, ainda assim, existe a mentalidade de que a escolaridade é só para alguns, sendo notório um completo desinteresse pelo estudo. Neste caso específico, a escolaridade também se tornaria uma ferramenta necessária face ao Poder abusivo por parte dos governos, que existe sempre de uma forma mais ou menos evidente. Neste sentido, torna-se profundamente necessário uma mudança de mentalidades, uma renovação que permitiria um maior progresso de todas as camadas sociais do povo português.



Digitalização do jornal *O Século*, de 17 de agosto de 1919 capa

Outro passo na educação, não só das crianças, mas da população em geral, consiste na criação de sítios afetos ao ensino em regime especial. Observando a data, estamos perante o fim da Primeira Guerra Mundial, época em que houve uma maior taxa de mortos e feridos um pouco por toda a Europa, o que levou à criação de vários estabelecimentos como este aqui mencionado, entre outros²⁴². Mas entre outros factores, esta notícia procura acima de tudo demonstrar um regime inclusivo com a implantação da nova forma de governo.

²⁴² Poderá ser esta uma das causas para a criação de asilos de mendicidade ou dos próprios sanatórios, por exemplo, sendo que na guerra os soldados voltam sem rumo e com doenças de gravidade severa.



Digitalização do jornal *O Século*, de 2 de março de 1917 capa

A 2 de março de 1917 é publicado um conjunto de crónicas, que se irão prolongar até meados de 1920, sobre Criminologia e Educação. Já foram anteriormente mencionadas algumas razões que levam as pessoas a tornarem-se criminosas, sendo uma das principais a pobreza talvez seguida pela falta de instrução. Neste sentido, esta redação do Jornal *O Século* procura educar, à sua maneira, as populações que têm acesso às publicações,²⁴³ através de relatos doutros delinquentes que à data os crimes eram perpetuados por menores de idade.

Ainda referente a este assunto ver as notícias de 27 de novembro de 1913 (Anexo XI), com referência a um estabelecimento de ensino/“asilo escola”; de 25 de fevereiro de 1922 (Anexo XII), sobre a preocupação pelas crianças e pelo futuro das mesmas (Anexo XII)²⁴⁴ e de 25 de junho de 1926 (Anexo XIII), que relata uma visita de estudo que ocorreu no âmbito de uma programação escolar.

7.7 Estrageiro e Situação Internacional

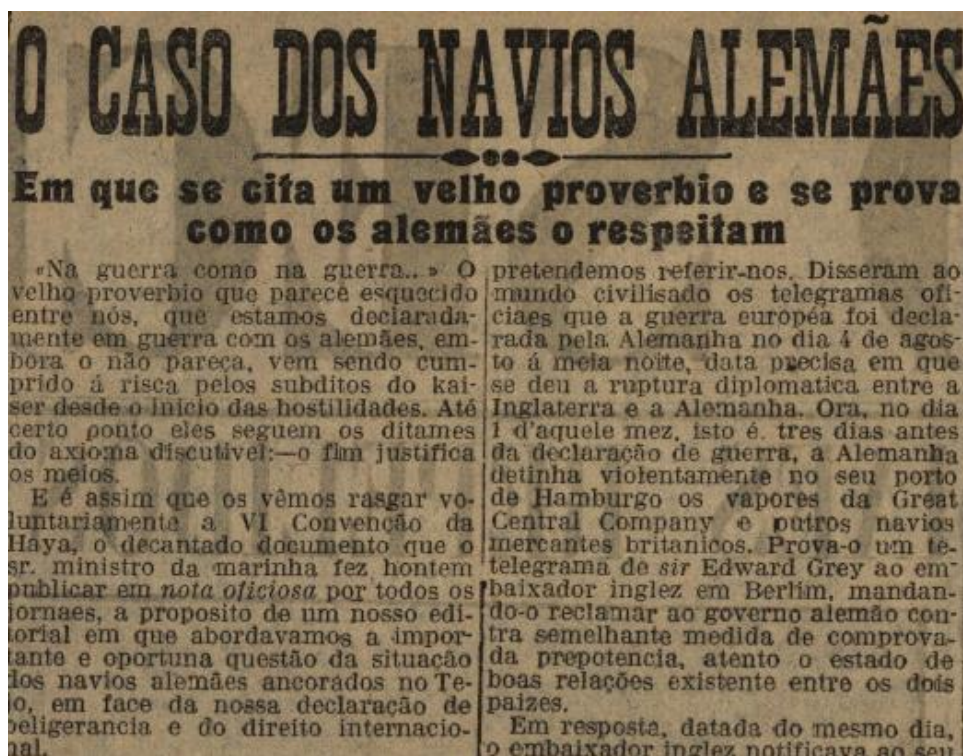
Portugal, como país inserido no Mundo e na Europa em particular, procura através da Comunicação Social estar ao corrente da situação internacional, sendo que esta irá plasmar toda a situação que irá acontecer no nosso país. A primeira notícia que espelha alguma instabilidade

²⁴³ Apesar de as notícias não serem acessíveis a toda a gente, nota-se aqui um evidente o esforço por parte da Comunicação Social para a própria modernidade civilizacional.

²⁴⁴ A referência a esta notícia poderia constar na alínea referente à Pobreza. No entanto, decidimos dedicar ao capítulo da Pobreza não tanto situações recorrentes, mas antes lugares bastante pobres existentes na capital. Como já foi anteriormente mencionado, esta divisão pode ser sempre contestada, pois a interpretação dos dados empíricos pode diferir.

política está datada de 23 de agosto de 1912 (Anexo XIV). Nesta redação somos confrontados com o Tratado Franco-Espanhol sobre a divisão de Marrocos.

Outra notícia que vale apenas mencionar é o apontamento datado de 30 de setembro de 1914 (Anexo XV), que relata as expedições a África com vista à realização de trabalhos navais, mas que também irá contribuir para alguma instabilidade no território nacional²⁴⁵.



Digitalização do jornal *O Século*, de 11 de novembro de 1914 p.2

Em julho de 1914 o mundo é confrontado com um cenário de caos e morte. Começa assim a Primeira Guerra Mundial. Todo este cenário apocalíptico surgiu por um conflito de poderes entre a Rússia e o Império Austro-Húngaro pelo território dos Balcãs e consequentemente pelo assassinato do arquiduque Francisco Fernando por estudantes Sérvios, que levou a que houvesse uma intensificação do conflito entre a Sérvia e o Império Austro-Húngaro, causando posteriormente a divisão da Europa.

Ao longo destes quatro anos de guerra irão ser frequentes as notícias sobre a situação estrangeira: 5 de maio de 1916 (Anexo XVI) em que se fala no progresso da França no território das Balcãs; a 10 de outubro de 1916 (Anexo XVII) sai uma notícia referente à situação da

²⁴⁵ Esta situação é pouco clara, pois a notícia é pontual e na própria redação não há grande desenvolvimento. Mas sendo África um território altamente colonizado torna-se relevante para Portugal enquanto nação a referência a esta notícia.

Roménia e da Macedónia, sendo que a 1 de novembro (Anexo XVIII) do mesmo ano compreendemos o papel de Portugal no conflito europeu; a 4 de novembro de 1916 (Anexo XIX) é mencionado o lugar na guerra da Grécia, Itália e da Alemanha; a 23 de janeiro de 1917 (Anexo XX) temos a percepção da situação da África Oriental e novamente da Itália, fazendo ligeiros apontamentos referentes aos prisioneiros de guerra; a 6 de março de 1917 (Anexo XXI) somos confrontados com o cenário chinês, americano e alemão no decorrer da guerra; a 8 de março de 1917 (Anexo XXII) temos a noção do papel efetivo da Alemanha neste período de guerra, em que conseguimos entender as atrocidades cometidas em nome do conflito; a 15 de agosto de 1917 (Anexo XXIII) conseguimos ter a percepção de que os aliados estão a ganhar terreno mas que também se começa a entender que a guerra não é apenas no “campo” mas também fora dele²⁴⁶; a 19 de janeiro de 1918 (Anexo XXIV) temos novamente o âmbito da Itália na guerra e o estado das negociações em Brest-Litowsk; a 29 de abril de 1918 (Anexo XXV) surge a relação do ataque da Alemanha a França que resultou na morte de milhares de pessoas, na batalha de La Lys que resultou numa enorme baixa nos soldados portugueses; a 24 de setembro de 1918 (Anexo XXVI) temos uma pequena notícia sobre os prisioneiros de guerra; a 2 de novembro de 1918 (Anexo XXVII) surgem relatos das investidas por parte da Polónia em território Alemão.



Digitalização do jornal *O Século*, de 19 de dezembro de 1918 p.5

Com o fim da guerra em 1918, Portugal encontrava-se à beira do precipício. Milhares de portugueses ativos haviam perdido a vida nos contingentes enviados a França, resultando

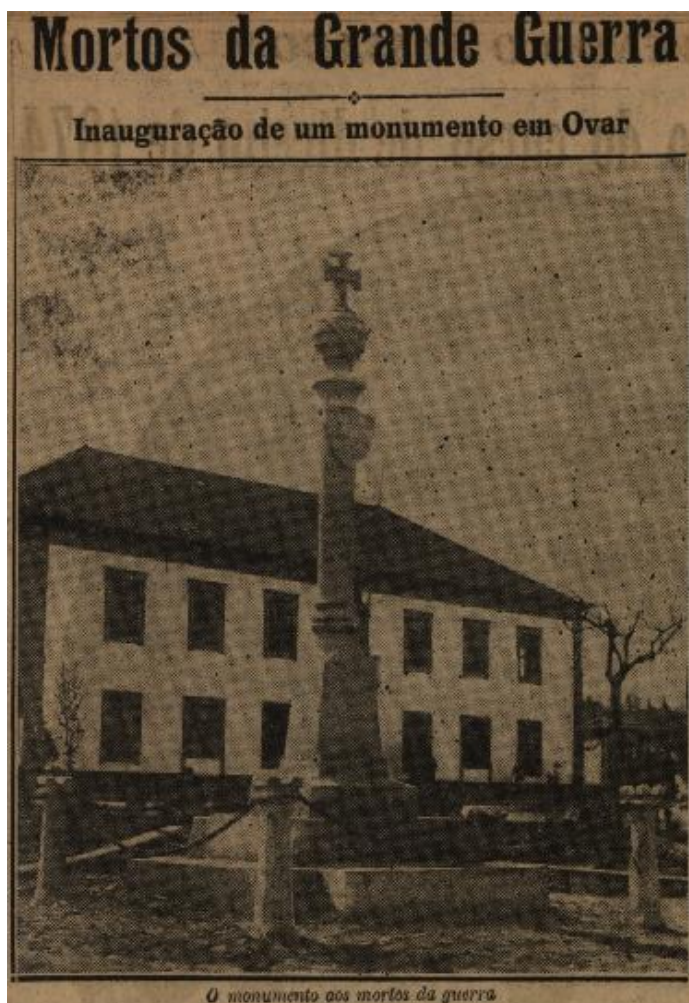
²⁴⁶ A concepção de que a guerra também se faz nos bastidores, e em que existem muitos interesses na sua base.

assim no adensamento da crise financeira, social e política que havia tomado conta do nosso país.

Ainda a 24 de fevereiro de 1919 (Anexo XXVIII) ainda conseguimos ver alguma pressão imposta pela guerra, resultando em demissões de diversos governos; 4 de maio de 1919 (Anexo XXIX) surgem apontamentos da formalização de tratados de paz entre os diversos países que entraram na guerra; a 20 de agosto de 1919 (Anexo XXX) começam a surgir novos relatos relativamente ao número de órfãos deixados nos países em guerra. Neste caso, na Sérvia.

A 25 de abril de 1921 (Anexo XXXI) resumem-se os danos que a Primeira Guerra Mundial causou ao estado da nação e as nossas alianças de guerra e o modo como Portugal faria o luto dos soldados mortos em França.

Em 1922, precisamente a 30 de setembro (Anexo XXXII) surgem notícias referentes a conflitos entre a Grécia e a Turquia, resultantes da queda do Império Otomano em 1918, com a entrada desastrosa da Turquia da Primeira Grande Guerra.

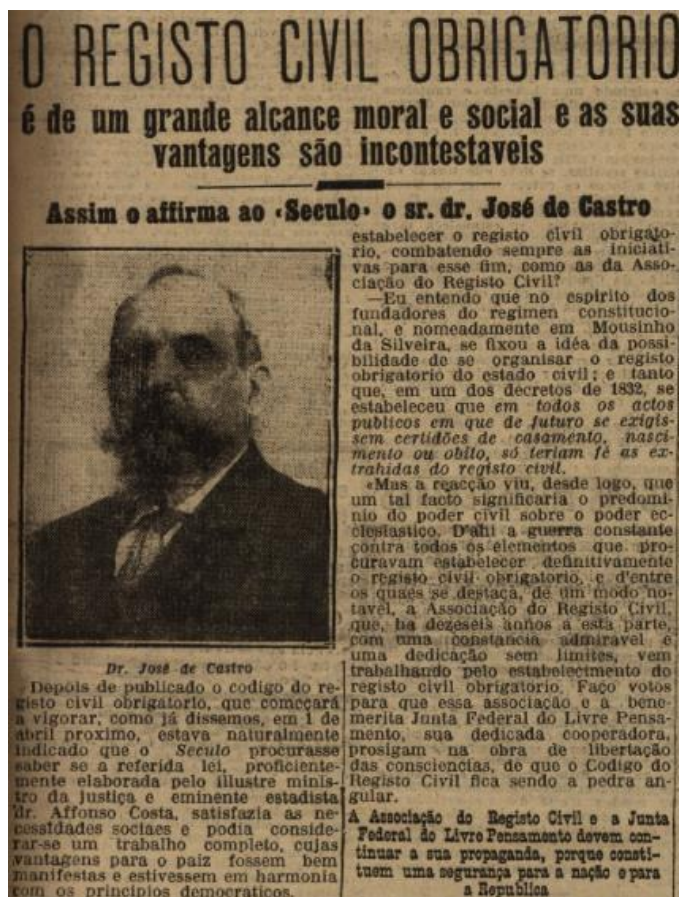


Digitalização do jornal *O Século*, de 8 de maio de 1925 p.6

Todo este panorama de crise mundial contribuiu em muito para a instabilidade política não só de Portugal, mas a nível mundial. Toda esta panóplia de desastres bélicos, crises sociais, tratados políticos e crise financeira contribuíram para que existisse efetivamente uma marginalidade crescente e, consequentemente, uma maior taxa de criminalidade.

7.8 Controlo Social e Legislação

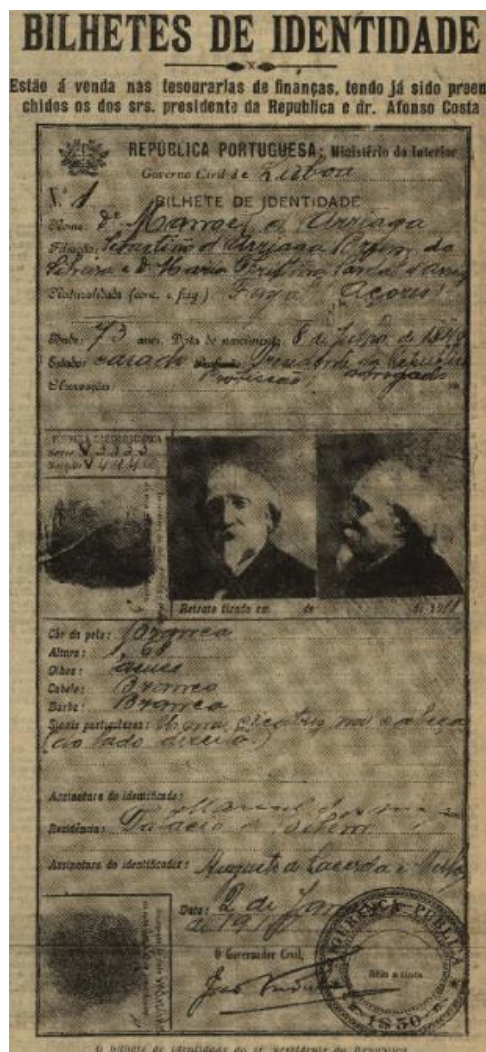
Dada a situação política que se fazia sentir neste período, o governo teve de criar ferramentas que permitissem não só ter acesso às taxas de natalidade e de mortalidade que caracterizam o estudo da população, mas também ter acesso às taxas de criminalidade para observação das populações revolucionárias²⁴⁷.



Digitalização do jornal *O Século*, de 23 de fevereiro de 1911 capa

Logo imediatamente após a implantação da Primeira República Portuguesa, é observável a obrigatoriedade de variados mecanismos de arrolamento populacional. Se, por um lado, temos o controlo das comunidades em toda a sua extensão, e com isto a normalização e proibição de inúmeras ações referentes ao *behaviorismo* dos indivíduos, por outro lado, temos uma sociedade pobre, que muitas vezes tem de recorrer à criminalidade para sobreviver, e logo beneficiaria dessa falta de registo, permanecendo desconhecida.

²⁴⁷ Iremos observar mais adiante uma alínea que irá mostrar como o controle social pode ser benéfico para o governo, no controle de movimentos antigovernamentais.



Digitalização do jornal O Século, de 4 de fevereiro de 1914 capa

Nesta medida, os bilhetes de identidade passaram a ser de carácter obrigatório, sendo que através da fotografia existente nestes documentos era fácil fazer um reconhecimento facial em pouco espaço de tempo, resultando na criação de um sistema de vigilância mais eficaz. Surgia assim, deste modo, uma primeira versão do “panóptico” de Foucault, onde toda a gente via e era visto.

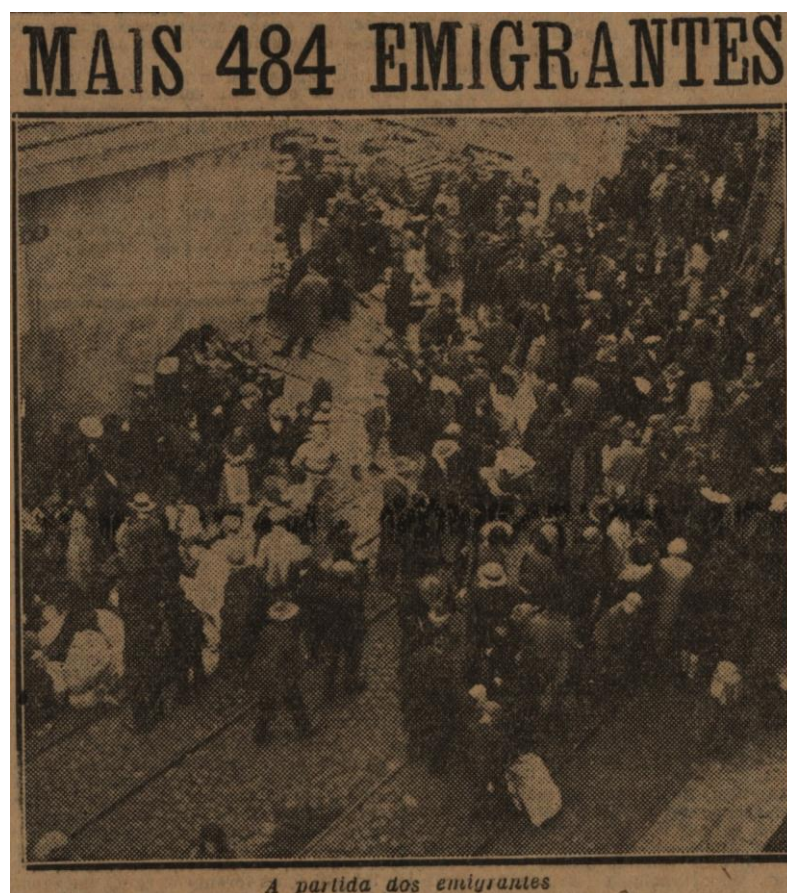
No entanto, o controle social não deveria apenas cingir-se aos comportamentos públicos, mas também às práticas privadas, nomeadamente as praticas de lazer, como é o caso expresso pela notícia de 21 de abril de 1927 (Anexo XXXIII).

Ainda sobre este tema, apesar de não prestar referência direta, existe uma tentativa de refendo sobre a pena de morte noticiada em 8 de março de 1922 (Anexo XXXIV), sobre a legalidade e humanidade desta questão a 19 de abril de 1923 (Anexo XXXV) sobre as melhorias das condições de vida, através de aumentos nos vencimentos.

7.9 Emigração

Ainda na sequência do pensamento sobre o controlo social, surge o conceito de emigração. Esta aparece como resultado da crescente instabilidade vivida no país, ainda mais adensada pelo êxodo das populações rurais rumo à capital. A promessa do que viria a ser o Sonho Americano, em parte resultado do papel dos Estados Unidos na Primeira Grande Guerra, fez com que o fluxo de emigração se fizesse para o continente americano, seja acima ou abaixo da linha do México.

No dia 16 de janeiro de 1927 (Anexo XXXVI) surge a notícia de que as populações procurariam, quer a nível nacional quer internacional, melhores condições de vida, muitas das vezes a milhares de quilómetros de distância, longe do seu país de origem.



Digitalização do jornal *O Século*, de 30 de novembro de 1928 p.4

Em tempos de crise, um dos fenómenos sociais que se torna recorrente é o da emigração. A taxa de criminalidade; mortalidade (causa natural ou suicídio) e a taxa de emigração são

factores que tendem a crescer nos tempos difíceis. Nesse sentido, a baliza temporal a que resolvemos chamar Primeira República, não foi diferente²⁴⁸.

7.10 República, Conspirações e Revoluções

A instauração da Primeira República Portuguesa como forma de governo fundada a 5 de Outubro de 1910, procurava ser uma solução política, que não fosse uma forma centralizada de poder, como aliás acontecia na monarquia. Assim, este governo baseava-se na igualdade entre as populações e na promessa de que estas seriam ouvidas pelo novo governo constituinte. No entanto, com as lutas evidentes entre os republicanos e os maçons, estes últimos a favor da monarquia, a instauração deste novo tipo de governo não se revelou ser fácil, sendo que estas pequenas guerrilhas perduraram ainda alguns anos.



Digitalização do jJornal *O Século*, de 5 de outubro de 1922 capa

Como forma de homenagem à implementação da república e como celebração deste grande acontecimento nacional, todos os anos o jornal *O Século* dedica algumas das suas

²⁴⁸ Refletindo um pouco sobre o presente capítulo, podemos concluir que toda esta panóplia de condições contribuiu para a emigração e para a instabilidade política, que iremos mencionar de seguida.

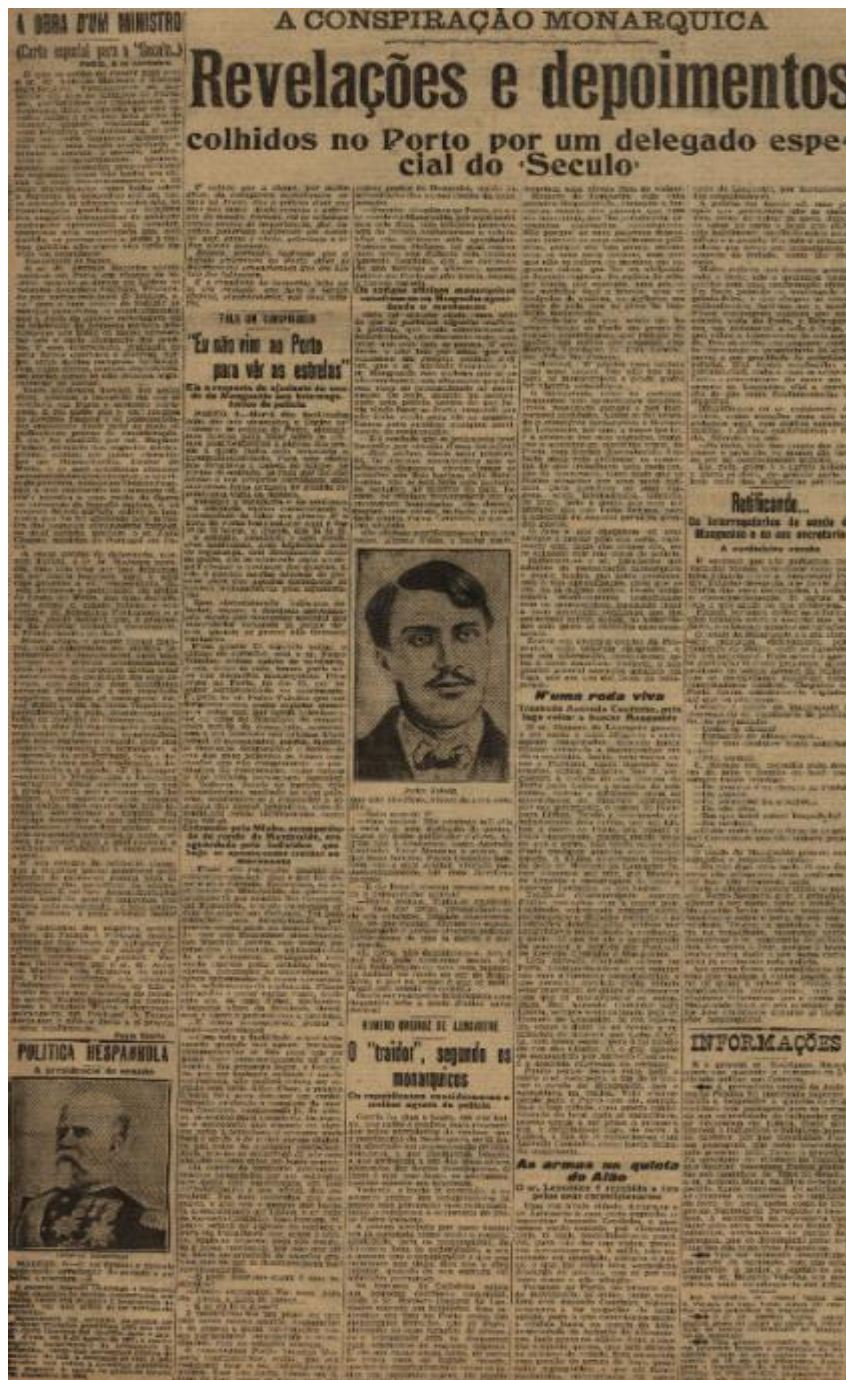
páginas a este tema, sendo que ainda na redação neste mesmo dia, valerá a pena olhar para a página 2, onde continua a homenagem aos homens da república.



Digitalização do jornal O Século, de 10 de outubro de 1913 capa

Apesar de todos os esforços de elaboração de uma forma de governo que fosse transversal a toda a sociedade e que permitisse de algum modo a constituição de uma vida justa,

havia sempre instigações por parte daqueles que haviam desejado a centralização do poder numa única entidade. Nesta medida, continuariam, por várias décadas mesmo depois da instauração do governo em 1910, a existir várias ocorrências de diversas formas de insurreição, que vão surgindo ao longo dos tempos.



Digitalização do jornal O Século, de 9 de novembro de 1913 capa

Toda a informação prestada na redação deste dia está novamente relacionada com as diversas formas que foram arranjadas pela monarquia a fim de deitar o poder da república

abaixo e, deste modo, poder voltar novamente a atenção de uma forma de poder que apenas existia para uma minoria elitista por uma questão de sangue²⁴⁹ ou nomeação.

Existem várias tentativas de golpes de estado fracassadas durante o período do presente estudo: a 23 de outubro de 1913 (Anexo XXXVII e XXXVIII), na capa e na página 2, existem notícias dos ecos das pequenas manifestações monárquicas; a 11 de fevereiro de 1919 (Anexo XXXIX), encontramos um apontamento sobre a insurreição monárquica e o aparato causado por esta; a dia 21 de outubro de 1921 (Anexo XL) é relatado um conjunto de incidentes que em vários pontos do país geraram conflitos.

Apesar de tudo, existia outro tipo de movimentos, designados “radicais e comunistas”²⁵⁰, como podemos observar na notícia em anexo de 13 de setembro de 1924 (Anexo XLI), que tinham igualmente por objectivo derrubar o governo.



Digitalização do jornal *O Século*, de 22 de novembro de 1924 p.2

Dada a instabilidade política, em parte devido às manifestações monárquicas e também a algum descontentamento que possa existir nas populações, os primeiros tempos da Primeira

²⁴⁹ É preciso ter em atenção que estas noções são os ideais que foram apregoados durante as diversas campanhas de novas formas de governo, mas que nem sempre se revelam desse modo quando os partidos ou indivíduos tomam posse.

²⁵⁰ Neste ponto específico torna-se necessário relacionar esta ocorrência com a Revolução de Outubro na Rússia, novamente fruto de uma crise política interna daquele país com a entrada na Primeira Guerra Mundial.

República revelaram-se prodigiosos na quantidade de pessoas que ocuparam cargos de poder. No presente caso, estamos perante uma notícia referente à dificuldade de eleição de um Ministro das Finanças que quisesse aceitar a pasta correspondente²⁵¹.

Temos outro exemplo de um novo panorama de instabilidade política, na notícia de 29 de junho de 1926 (Anexo XLII), que menciona uma nova reunião em Belém para debate de assuntos do Estado.



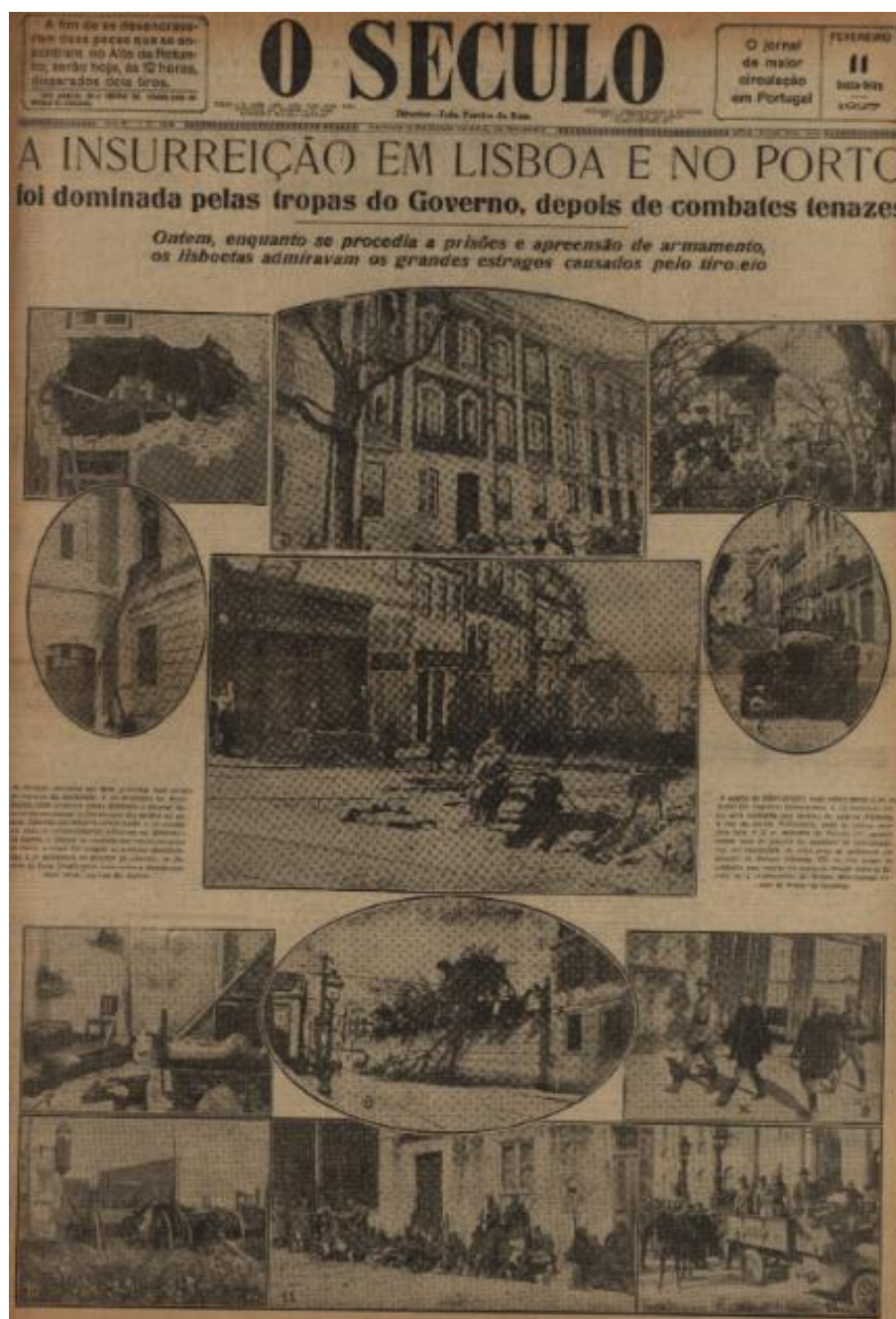
Digitalização do jornal *O Século*, de 10 de julho de 1926 capa

Tornam-se novamente evidentes os contornos de uma instabilidade política, que poderia levar a uma iminente rutura governamental. Postas estas situações que temos vindo a analisar,

²⁵¹ A crise financeira era de tal ordem que mesmo a aceitação da pasta referente às Finanças antecipava muitos problemas, não sendo aceite pelas pessoas propostas para o cargo.

o país encontrava-se à beira do abismo, fator que funciona como resultado da crise internacional, como já observamos anteriormente. Nesta medida, o período compreendido entre 1910-1926 é vastíssimo em notícias do foro político, tendo enfoque em golpes de Estado. Ainda no dia de 10 de julho de 1926 (Anexo XLIII), na página 5, podemos observar a continuação desta notícia.

A 17 de dezembro de 1926 (Anexo XLIV), podemos verificar uma notícia que remete a alguma pacificação das insurreições políticas, com o apelo político ao bom republicanismo das populações.



Digitalização do jornal *O Século*, de 11 de fevereiro de 1927 capa

O Jornal do dia supracitado anteriormente apresenta mais conteúdo informativo referente a um episódio da vida política da Primeira República: um novo golpe de estado. Entre o dia 3 e o dia 9 de fevereiro de 1927 dá-se no Porto e em Lisboa a tentativa de derrube da Ditadura Militar²⁵², que, apesar de todos os esforços e baixas tanto dos revolucionários quanto dos civis, não teve sucesso.

A 18 de agosto de 1927 (Anexo XLV), temos novamente um artigo na capa deste jornal sobre outro golpe de estado, desta vez no Palácio Fronteira.

Para concluir esta análise feita à República, Conspirações e Revoluções, servem de menção as seguintes notícias: 27 de abril de 1920 (Anexo XLVI), em que é mencionada a parada republicana, mais uma vez procurando demonstrar o poder do governo; a 22 de setembro de 1923 (Anexo XLVII), que menciona a existência de um Congresso da República e a suspeição de uma divisão interna e a 14 de dezembro do mesmo ano (Anexo XLVIII), que anuncia a demissão do governo na véspera.

Todos estes fatores tiveram um grande impacto nos fenómenos nos capítulos que se irão seguir no âmbito desta observação empírica.

7.11 Limoeiro, Criminalidade e Contexto Penal

Neste ponto, centramo-nos nos assuntos que mais proximidade têm com os indivíduos tatuados em estudo. Este contexto de prisão e criminalidade irá ajudar a compreender o contexto mais próximo do presente objecto de estudo.

Começando pelo Limoeiro, a prisão de Lisboa, onde se encontravam estes prisioneiros em cumprimento de pena, torna-se importante analisar a precariedade de população dentro do contexto prisional, a falta de condições de higiene e as situações de abusos de poder por parte das forças policiais, levando a diversos motins dos presos.

²⁵² Uma pequena nota que devemos ter em conta quando falamos de Ditadura Militar é que a sua principal característica é intrínseca à ocupação por indivíduos das forças armadas dos principais órgãos de poder.

O «MANUELINHO» EM FOCO

UM CRIME NA CADEIA DO LIMOEIRO

O celebre gatuno, para satisfação de uma vingança, mata um seu companheiro de prisão

O Limoeiro, que nos últimos tempos tanto tem dado que falar, foi hontem theatro de mais uma scena de sangue. O caso, que, sem nenhuma duvida, attesta a forma pouco cuidada com que determinado guarda d'aquelle estabelecimento cumpre os seus deveres, produziu um grande alarme entre os demais reclusos e vem, mais uma vez, dar razão ás nossas reclamações quando aqui temos pedido que se modifique, de uma forma profunda, o regulamento do Limoeiro, e que uma vassourada radical ponha tudo aquillo mais são, com principios de moralidade que até hoje ainda ali se não conheceram. Entrando, pois, na descripção dos factos occorridos, devemos dizer, antes de mais nada, que elle teve origem na velha e decantada questão de, para os logares de fiscoes das diferentes prisões, serem nomeados os individuos de peor cadastro, os facinorosos mais em evidencia, os degenerados mais salientes.

Assim, logo que o celebre gatuno *Manuelinho* foi preso como um dos auctores do roubo na ourivesaria da Guia, e deu entrada na cadeia do Limoeiro, nomearam-no fiscal da sala n.º 2, entregando á sua guarda nada mais nada menos do que 110 presos, os quaes passaram, desde então, a soffrer-lhe as exigencias de dinheiro, as ameaças, toda a casta de prepotencias de que pode ser capaz um homem do seu estylo, porque, caro leitor, é bom que aqui se diga, os fiscoes das prisões, logares que são cobicadissimos, fazem com os reclusos o mais vil dos negocios, denunciam-nos e fazem-nos até encerrar no «segredo», sempre que lhes não agrade a sua conducta ou os seus protestos.

Em agosto findo, como quer que um grupo de presos se queixasse das suas proezas, o capitão sr. Sanches de Miranda, director da cadeia, ordenou que fosse feita uma syndicancia, resultando d'essa diligencia a remoção do *Manuelinho* para outra prisão. E' claro que os nomes dos protestantes foram divulgados e o ex-fiscal ficou como um dos cabeças de molim um rapaz de nome, Manuel de Oliveira Feljão, o *Laranjo*, sobre o qual jurou tirar uma solenne vingança, ultimamente mais accentuada, ao ter conhecimento de que o *Laranjo*, relacionado com certas pessoas da categoria, pretendia para si o referido logar.

Dois facadas no peito
O assassino espera o «Laranjo» n'um corredor e mata-o como a um cão



«Manuelinho», o assassino

visitarem os reclusos, não o puderam fazer, por ordem do sr. Sanches de Miranda, contando-se n'esse numero a mãe, as irmãs e a noiva do assassinado, as quaes, ao receberem a noticia do triste acontecimento, se debulharam em lagrimas, fazendo entre si uma scena que commoveu todos os presentes. Ao mesmo tempo, o caso era participado ao delegado, sr. dr. Daniel Rodrigues, ao juiz do 1.º juizo de investigação criminal, sr. dr. Meyrciles Leite, procuradoria geral da Republica e ao ministro da justiça, o segundo dos quaes enviou immediatamente um officio á direcção do Limoeiro, ordenando a remessa do cadáver para a Morgue e a sua autopsia. Effectivamente, ás 7 horas e meia da noite, o cadáver, metido n'uma maca do pátio de D. Fradique e acompanhado por um guarda civico, seguiu para ali, depois de cumpridas as formalidades usadas em taes casos.

O «Manuelinho»
Na sua biographia contam-se innumerables proezas, a ultima das quaes foi o roubo da Guia

O nome do criminoso é já sufficientemente conhecido dos nossos leitores, iniciando-se na senda do crime muito novo, quando por se tornar celebre pela forma

Digitalização do jornal O Século, de 1 de outubro de 1911 p.2

Como é possível observar, existem muitas desavenças, como ainda hoje, em contexto prisional, não só entre guardas e penitenciários, mas também entre estes, resultando de uma instabilidade acrescida²⁵³ de um campo dentro de um campo,²⁵⁴ e nesta medida devem ser compreendidos enquanto tal. Ainda sobre este tema, podemos observar também a notícia de dia 9 de outubro (Anexo XLIX), ainda referente a este crime.

²⁵³ O tempo de clausura devido a uma forma de castigo, acelera todo o processo de desgaste psicológico entre os presos e os guardas. Torna-se uma luta de todos contra todos, adensada pela agressividade, a montante e a jusante, entre ambas as forças aqui em causa: a do poder e a do antipoder.

²⁵⁴ A prisão procura funcionar como um pequeno organismo dentro de uma macro realidade que é o campo social. Nesta medida, também existem agentes/atores neste campo, mas com outras vivências e sensibilidades.

As notícias referentes ao Limoeiro servem também de sondagem sobre as movimentações, ou seja, entradas e saídas dos prisioneiros neste estabelecimento. O auxílio do registo fotográfico acentua ainda mais este “primeiro cadastro”²⁵⁵. Na notícia de 14 de novembro de 1911 (Anexo L) é mencionado um reincidente que deu entrada nesta instituição.

A 4 e 7 de maio de 1919 (Anexo LI e LII) existe a notificação de uma ação de fogo posto na prisão do Limoeiro como consequência de um motim de prisioneiros, tendo como figuras cadastrados. Deste modo, observamos novamente as consequências imediatas da busca desenfreada pelo poder.

Um pouco na esteira do que foi anteriormente mencionado a 25 de outubro de 1926 (Anexo LIII), observamos outra vez um incidente que tem lugar do Limoeiro, desta vez referente ao direito penitenciário da receção de visita, gerando como consequência um novo motim por parte dos reclusos.



Digitalização do jornal *O Século*, de 5 de março de 1914 capa

²⁵⁵ Novamente podemos reler a tese da Doutora Leonor de Sá sobre os registos fotográficos da criminalidade.

Esta notícia é das mais ricas na abordagem de uma história do crime em Portugal. Nela, vemos imagens das três prisões em funcionamento nesta altura: o Limoeiro, a Penitenciária e o Aljube, este último estabelecimento para os presos políticos.

O CRIME DA RUA DOS ALAMOS

ESTÁ PRESO O ASSASSINO
DA „MARIA DO CANTO”

O homem de Aveiro confessa o crime

Depois de o praticar, tentou ainda fazer o mesmo a outra rapariga. até que, saindo de Lisboa, foi para a sua terra

No dia 14 de março de 1909, como os leitores do *Seculo* devem estar lembrados, algumas das muitas mulheres de vida fácil, que então residiam na rua dos Alamos, a Mouraria, estranhando o facto de que uma das suas companheiras, Laura da Conceição, a *Maria do Canto*, ou ainda a *Laura de Coimbra*, residente na loja n.º 46, esquina da rua Silva e Albuquerque, onde hoje está estabelecida uma oficina de torneiro, ainda não tivesse aparecido a sua porta, quando era costume fazer o sempre bastante cedo, depois de terem batido tempo imenso, acabaram por ir chamar a policia, convencidas de que qualquer coisa de extraordinária tinha ocorrido. De facto, tendo apparecido um guarda que proximo andava de serviço, a porta foi aberta e as pessoas presentes foram dar com a sua locataria, no aposento que lhe servia de alcova, estendida no chão, o rosto congestionado, coberta de sangue, n'uma posição que denunciava immediatamente que ella tinha sido vítima de um crime, por meio de estrangulamento, visto que os dedos do assassino haviam ficado bem gravados no pescoço da vítima. Também se lembra o leitor, certamente, da emoção que o caso produziu e das diligencias aturadas da policia, que, dirigida pelo chefe Ferreira, pôz em pratica para a descoberta do criminoso, cujo mobil não poderia ter sido outro senão o do roubo, porquanto do pescoço da vítima havia desaparecido um cordão de ouro, com uma libra encastada, e das orelhas um par de argolas e um brinco, visto que o outro apparecera envolto nos cabelos da *Maria do Canto*. Além d'isto, ainda algumas das suas companheiras afirmavam que ella possuia oito libras em ouro e duas notas de 20\$000 réis, produto das suas economias, dinheiro este que, não só não foi encontrado em qualquer móvel da casa da rua dos Alamos como n'um quarto que a vítima tinha alugado e onde costumava pernoitar com o amante, um marinheiro da armada, com quem, pouco tempo antes, se tinha zangado.



O crime começa a esquecer

O homem de Aveiro confessa o crime

Posto em liberdade

O agressor da Gertrudes Marques vai para a Boa Hora, entra no Limoeiro, mas restituem-no á liberdade

O homem, vendo que lhe ia custar caro o atreimento, conseguiu desvencilhar-se das mulheres e deitou a correr pela rua abaixo, até que foi agarrado por um policia, que o conduziu para a esquadra das Monicas, d'onde foi remetido para o governo civil, depois de ter declarado chamar-se Manuel Rodrigues de Carvalho, ser corrico e residir na rua do Vale Formoso de Baixo, 22, loja.

No dia immediato, o chefe Ferreira, suspeitando, pela forma como o homem havia procedido para com a Gertrudes, em tudo semelhante á maneira como se presumia que o crime da rua dos Alamos tinha sido praticado, interrogou-o largamente e defrontou-o com as taes mulheres que conheciam o *Homem do chapu cinzento*. Estas, porém, declararam que elle não era o mesmo e, passados dias, o Manuel de Carvalho era enriado para a Boa Hora, apenas accusado da aggressão á rapariga da rua do Capello. Infelizmente, porém, n'aquelle tribunal, em vez de o pronunciarem como tudo indicava—pelo crime de homicidio frustrado, remeteram-no para o Limoeiro e esqueceram-se d'elle, por forma que, passados oito dias, como ainda a pronuncia não estivesse terminada, puzeram-no em liberdade. E o homem lá foi e tudo se esqueceu até ha poucos dias em que appareceu uma mulher no governo civil á indicar como sendo o celebrado *Homem do chapu cinzento* um carroceiro que era seu amante e com o qual residia n'uma das habitações do antigo edificio do correio geral, na calçada do Combro. O carroceiro esteve preso e incomunicavel e, passados dias, era posto na rua, visto que estava inocente.

O verdadeiro criminoso

O homem preso em Aveiro, apertado com perguntas, declara, com grande copia de pormenores, ser o assassino de Laura da Conceição

A' força de se repetirem estes casos, o publico começou a encicar as noticias referentes ás prisões que se faziam n'estas circumstancias como repetições das anteriores, convencida toda a gente de que o criminoso nunca mais seria descoberto e que a morte da infortunada *Maria do Canto* seria um facto que toda a vida ficaria pairando nas regiões do misterioso. Hontem, porém, apparecia no *Seculo* uma d'essas

Digitalização do jornal *O Século*, de 30 de outubro de 1912 p.3

A referência a esta notícia torna-se importante, pois algumas das tatuagens analisadas no próximo capítulo são desenhos expressos em pele feminina, nomeadamente mulheres com

reputação “moralmente duvidosa”, que muitas vezes acabavam as suas vidas como a notícia acima citada.

Sobre este capítulo referente à criminalidade num âmbito mais geral, temos a mencionar os seguintes artigos: 14 de dezembro de 1912 (Anexo LIV), onde apesar de não estar relacionada com nenhum dos objetivos primários deste estudo, ainda assim é importante pelo título, que se refere ao criminoso como “Um Sádico”, revelando um completo desdém pela pessoa responsável pelo crime. Mais uma vez somos confrontados com o poder da Comunicação Social ao serviço do Governo.

A 14 de março de 1914 (Anexo LV) temos a notícia da recaptura de “Pedro Maluco” que apesar de não ser fundamental na nossa tese referente aos tatuados, é ainda assim uma personalidade da década de 1910. A 15 de julho de 1914 (Anexo LVI) temos novamente a situação geográfica da Mouraria, a brutalidade de um crime nesse local. Surgem com alguma frequência notícias referentes a presos do Limoeiro, como é o caso do artigo de dia 29 de agosto de 1916 (Anexo LVII), em que quase se relata uma novela de prisão; a 14 de junho de 1919 (Anexo LVIII) fala-se de dois indivíduos que procuram a fuga do Limoeiro.

A 8 de julho de 1919 (Anexo LVIX) somos confrontados com uma nova zona geográfica da criminalidade lisboeta através de um crime cometido no Casal Ventoso.²⁵⁶

A 2 de novembro de 1920 (Anexo LX), é reportada mais uma notícia referente a um criminoso apelidado de “Russo” e que as suas notícias vão sendo recorrentes ao longo deste período de estudo.

A 9 de setembro de 1927 (Anexo LXI) podemos encontrar uma referência extremamente negativa à criminalidade e aos modos de combate a este fenómeno, com o termo “Limpendo a Cidade”.

²⁵⁶ Podemos voltar à primeira página deste capítulo onde se analisou os lugares do crime, tudo nesta alínea pode ser analisado.



Digitalização do jornal O Século, de 15 de abril de 1928 página n/d

O interesse deste artigo prende-se com o número de reincidências desta personalidade, perfazendo um total de 32 prisões, em 40 anos de vida. Apesar dos crimes cometidos por este homem serem leves, de pequenos furtos, não deixa de ser curioso o nível de quase celebridade que estes presos ganham. Uma vez mais podemos mencionar Foucault, sobre o homem infame que se torna famoso, ao contrário do que é suposto nos livros de história.

O termo "notícia" me conviria bastante para designá-los, pela dupla referência que ele indica: a rapidez do relato e a realidade dos acontecimentos relatados; pois tal é, nesses textos, a condensação das coisas ditas, que não se sabe se a intensidade que os atravessa deve-se mais ao clamor das palavras ou à violência dos fatos que neles se encontram. Vidas singulares, tornadas, por não sei quais acasos, estranhos poemas, eis o que eu quis juntar em uma espécie de herbário. (Foucault, 2003, p 1)



Digitalização do jornal *O Século*, de 11 de janeiro de 1927 capa

Este artigo pode pretender revelar duas coisas importantes. Por um lado, a preocupação por disciplinar os reclusos, mantendo-os no ativo, e deste modo também poupar na contratação de pessoas exteriores aos edifícios em questão. Por outro lado, uma total ausência de preocupação sobre estas mesmas pessoas, permitindo a exploração gratuita.²⁵⁷

Ainda referente a este tema existe a notícia de 19 de abril de 1927 (Anexo LXII), que relata o trabalho dos encarcerados na construção do forte de Monsanto.

²⁵⁷ A violência exercida sobre estes presos era marcante, sendo o chicote amiúde um instrumento de disciplina, resultando no facto de estas atividades serem realizadas pela contrariedade de quem as desenvolvia, tendo uma vez mais como consequência a existência de motins.

7.12 Os “nossos presos”

Chegámos agora ao fim desta etapa com o objeto de estudo que aqui nos levou. De seguida, irão ser elencadas as identidades dos “nossos presos”.



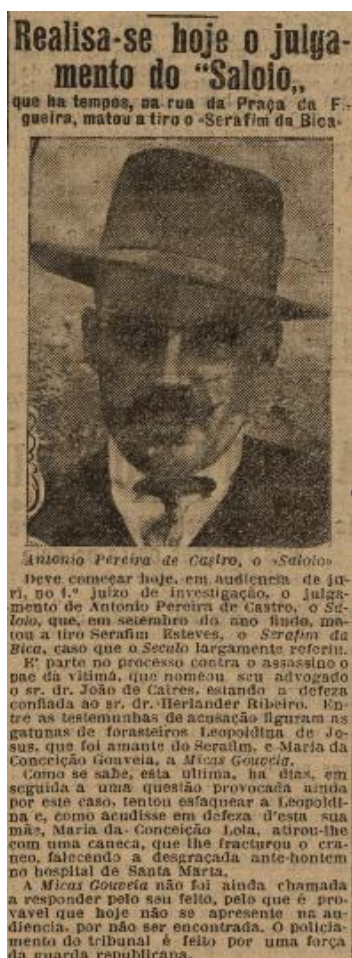
Digitalização do jornal *O Século*, de 4 de janeiro de 1912 p.2

Jacinto Machado irá ser o autor do crime que tira a vida ao indivíduo tatuado do processo P.258 “O Giribi”, presente na tabela de identificação geral, morrendo com agressão de arma branca.



Digitalização do jornal *O Século*, de 4 de setembro de 1912 p.3

Na personagem do “Serafim de Bica” (P. 717), podemos achar grande parte da fundamentação que nos trouxe aqui, de uma criminalidade quase romanceada por proezas e factos do destino, dos amores e vinganças que tanto caracterizam este início de século.



Digitalização do jornal *O Século*, de 13 de novembro de 1913 p.2

Este caso específico da morte do “Serafim da Bica” irá ser por esta altura bastante mediático, não pelos contornos criminais, mas antes pela celebridade destes criminosos. Uma vez mais, é claro que a infâmia destes homens gerou a fama, à sua maneira, como aliás diria Foucault:

Divertamo-nos, se quisermos, vendo aí uma revanche: a chance que permite que essas pessoas absolutamente sem glória surjam do meio de tantos mortos, gesticulem ainda, continuem manifestando sua raiva, sua aflição ou sua invencível obstinação em divagar, compensa talvez o azar que lançara sobre elas, apesar de sua modéstia e de seu anonimato, o raio do poder. (Foucault, 2003, p 6)

Ainda sobre este caso em particular podemos seguir a notícia redigida no dia seguinte, dia 14 de novembro de 1913 (Anexo LXIII), sobre o julgamento do “Saloio”²⁵⁸.



Digitalização do jornal O Século, de 8 de maio de 1914 p.6

O “Crime da Cova da Piedade”, como assim ficou conhecido, apesar de não se localizar na área da grande Lisboa, irá ser relevante pois José Ludovice, alcunhado de “José Gordo” corresponde a um dos processos dos tatuados, ao P. 1763, que foi morto por agressão com arma de fogo por Manuel Antão Júnior.

²⁵⁸ Sobre esta alcunha em particular devemos atuar com prudência ao investigarmos nas notícias. A alcunha do “Saloio” volta a repetir-se em 1914 e em 1927 não se referindo à mesma pessoa.



Digitalização do jornal *O Século*, de 9 de maio de 1914 página n/d

Nesta notícia é possível ver o rosto do assassino de José Ludovice. Mais uma vez podemos reparar o modo como o registo fotográfico serve de cadastro ao criminoso e como tal constitui uma forma de poder, que se torna panoptismo à observação do leitor da redação.

Antes de concluirmos, há ainda que salientar que após 1914 os registos das notícias de criminalidade dos tatuados deixam de existir. Podemos alegar que este facto se deveu à celebridade que os criminosos andavam a adquirir pela quantidade de artigos realizados nas redações. Podemos ainda inquirir se este factor não se poderá ter dado na tentativa de elevação da nação portuguesa face ao estrangeiro. Seria necessário empreender uma outra investigação para apurar estes factos.

Concluindo este capítulo, é possível tirar duas ilações. Primeiro, existe todo um contexto político, social e económico nos bastidores da criminalidade. Neste sentido, nada é feito por acaso, mesmo que essa causa não seja óbvia, por exemplo, uma doença mental. Secundariamente, a afirmação do uso da fotografia num registo criminal público, que através da comunicação social engloba todos estratos da sociedade daquele tempo e até posteriormente.

8. A Marca e o Poder

Não há verdadeiramente uma distinção entre as “práticas de incorporação” e as “práticas de inscrição”, porque toda a memória social passa pela incorporação. (Durão, 1994, p 19)

À guisa de introdução, torna-se necessário ressaltar a importância desta parte empírica, ou seja, das marcas no corpo, significando deste modo as próprias tatuagens.

Neste ponto, é essencial refletir que as marcas que irão ser apresentadas não constituem a totalidade dos fragmentos existentes²⁵⁹, mas ainda assim são bastante ilustrativas do género de iconografias realizadas naquele contexto social.

Nesta amostra iremos tratar da análise detalhada de 50 fragmentos, individualmente ou em conjunto, pertencentes a 22 indivíduos (Anexo LXIV) implicados nos processos expostos na exposição em nota supracitada. Esta pesquisa irá ser orientada e reunida em diferentes grupos iconográficos²⁶⁰(Anexo LXV), procurando semelhanças e divergências entre os diferentes processos destes prisioneiros da Primeira República Portuguesa.

A título conclusivo desta pequena introdução às iconografias destes tatuados da Primeira República Portuguesa, restará salientar que todo este trabalho, tal como tem sido evidenciado ao longo destas páginas, nomeadamente no capítulo referente à Sociomuseologia, é um processo de interpretação, não sendo, por isso, a resposta aos problemas que aqui têm sido levantados. Resta-nos deste modo proceder à análise das imagens.

A tatuagem, no caso dos prisioneiros da Primeira República Portuguesa²⁶¹, adquire uma função privilegiada em relação a todo este contexto político. Ela procura fundar uma hermenêutica própria, vinculada ao estigma da marca simbólica numa luta pelo poder simbólico.

²⁵⁹ Como já foi anteriormente mencionado no capítulo dedicado à metodologia desta dissertação, não tivemos acesso total às fontes necessárias. No caso das iconografias das tatuagens, estas ficaram disponíveis ao público durante três meses, ainda que com acesso fotográfico limitado. Assim sendo, uma vez que as imagens estavam de acesso público, resolveu-se recorrer à ilustração e às imagens da exposição “O Mais Profundo é a Pele”, realizada entre 30/3/2017 a 31/6/2017.

²⁶⁰ Este trabalho, da recolha das iconografias foi realizado pelo Dr. Carlos Ferreira, sendo a sua grelha de análise o nosso ponto de partida.

²⁶¹ Todo este processo pode ser sistematizador de qualquer tempo histórico. Podemos mudar o contexto e automaticamente todo o processo mudar, apesar dos conceitos estruturantes, presentes na parte teórica desta dissertação serem os mesmos.

[...] pessoas é, sem duvida, menos a complexidade da linguagem em que ela se exprime do que a complexidade das relações sociais que constituem o campo político que nelas se reexprime... (Bourdieu, 2001, p 179)

Deste modo procura funcionar com um código, sujeito a interpretação, não para quem o “veste” mas igualmente para quem o observa. O sistema de iconografias existente nestes prisioneiros está vincado não só a esta afirmação simbólico-política, mas também a um mapeamento de cicatrizes²⁶² presentes no território corporal.

Para os indivíduos que procuram a tatuagem como forma de representação simbólica inscritiva no corpo... (Durão, 1994, p 62)

A tatuagem comporta aqui uma luta constante pelo reconhecimento, enquanto ser inserido numa sociedade e vincado a uma vontade comum, mas ainda assim, com as suas experiências e percepções incomuns.

Só nos resta concluir que, numa época em que as vivências dos <dramas> do corpo estão cada vez mais condicionadas e regulamentadas, as expressões de ordem dramática parecem encontrar, nas fantasias e nas mais diversas <impressões>, as energias que escaparam às gesticas, às erupções sentimentais e às turbulências afectivas, noutra tempo, assumidas. (Durão, 1994, p 100)

No entanto, ela também funciona enquanto código, na medida em que cria uma codificação dentro de uma codificação pré-existente²⁶³, sendo uma construção marginal à normalização já existente²⁶⁴ e que além de não ser aceite, revelava-se por vezes bastante temível.

Embora, na actualidade, permaneça a ideia de que os corpos são mais ou menos livres, entre aqueles que se fazem tatuar, o controlo social é agora mais subtil que nunca e continua a exercer-se. (Durão, 1994, p 79)

Nesta medida, a tatuagem colocava ainda outras duas questões em evidência. Primeiro, o facto de os castigos poderem ser evitados através de tatuagens religiosas, pois ninguém, mesmo trabalhando para o poder vigente, procurava ofender Deus. Secundariamente, a

²⁶² Expressão com duplo significado. Primeiramente, a tatuagem resulta forçosamente de uma cicatriz que advém do processo de sangria. Secundariamente, põe-se a hipótese de a tatuagem ser um cadastro, não só resultante dos crimes cometidos, dos desejos vinculados a cada pessoa e das entradas no Limoeiro. Ainda que de difícil resolução, devemos considerar esta hipótese, visto haver politatuados reincidentes.

²⁶³ Menção à codificação imposta pela sociedade.

²⁶⁴ Atualmente ainda é visível o estigma que o corpo tatuado pode adquirir, não só a nível social mas também económico, pois ainda existe o preconceito que só as pessoas com um menor grau de escolaridade aderem a este procedimento.

tatuagem funcionava como um amplo grau de reconhecimento do indivíduo, significando que mesmo do ponto de vista da sua autopreservação, ela torna-se deste modo mais difícil, sendo que fronteira, identidade e segurança são conceitos estruturantes para a sua individualidade.

A prática da tatuagem aproxima-se do domínio do que Bourdieu conceptualizou como <ritos de consagração>, <ritos de legitimação> ou <ritos de instituição>, cuja eficácia simbólica reside em perpetuar as <fronteiras sagradas>. Os corpos aparecem como meio privilegiado de <aprendizagem social>. (Durão, 1994, p 97)

Do ponto de vista iconográfico, os desenhos das tatuagens dividem-se em: nomes e iniciais; datas; frases; figuras humanas; mulheres nuas; figuras animais; sentimentais; políticas e patrióticas; eróticas ou sexuais; profissionais; signo saimão; flores; religiosas; cinco pontas; armas; pénis; astros e outros.²⁶⁵

8.1 Nomes e Iniciais



P.4837 – Antebraço masculino

²⁶⁵ Todas as ilustrações existentes neste capítulo são da autoria de Rui Mourão.

Garciano
Francisco.
Maria.
Gertrudes

Sem identificação

Os nomes e iniciais são registos iconográficos bastante frequentes nas tatuagens, realizadas ao longo da história. Elas procuram incorporar uma pessoa, não sendo esta necessariamente o sujeito tatuado. Podem dizer respeito à família, a lugares, a pessoas com as quais tivemos algum tipo de vivência. São tatuagens bastante comuns nos prisioneiros da Primeira República Portuguesa, mas ainda muito usadas na atualidade, por exemplo, na marca do nome de um filho. Os nomes e as iniciais são o indicador mais importante na recolha e identificação dos indivíduos depois da sua morte.

Do seu número, natureza e sede colige actualmente a antropologia criminal subsídios de valor além de representarem, em medicina legal, um meio quase sempre seguro e eficaz de constatação da identidade individual. (Peixot, 1990, p 18)

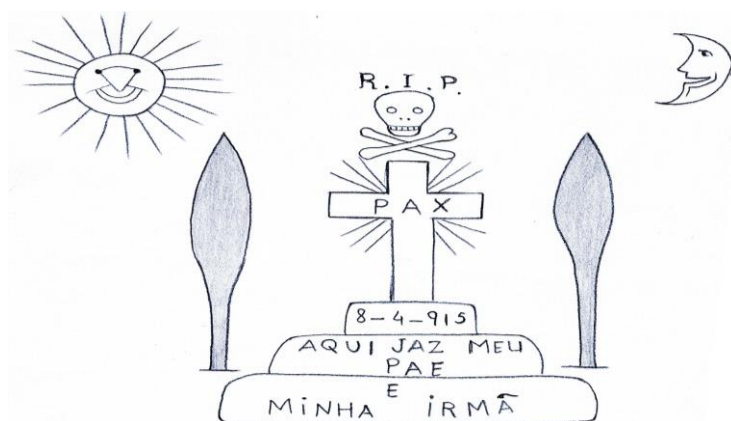
8.2 Datas

4.7.1914

P.9378 Braço esquerdo masculino

As tatuagens de datas procuram sempre representar o nascimento ou a morte de alguém, assim como datas de acontecimentos importantes dessas vidas. Sobre esta tipografia de tatuagem pouco mais há a acrescentar, sendo que permite fazer uma reconstituição temporal do prisioneiro.

8.3 Frases



P.11204 – Tórax masculino

No caso desta tatuagem, a frase funciona como uma dedicatória e veio acompanhada por uma data e pela expressão “R.I.P” que significa *Rest in Peace*. Digno de menção, sem dúvida, é este estrangeirismo que resulta no contacto entre nações e da supremacia da língua inglesa, como forma de entendimento universal, mas também de uma ótica de poder.

Ainda sobre este grupo iconográfico, iremos ver mais adiante mais alguns fatores no grupo designado de “Astros”.

8.4 Figuras Humanas

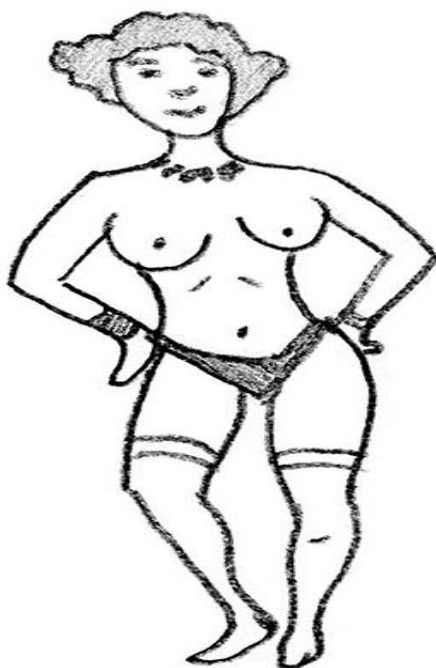


P.767 Tórax e braços feminino²⁶⁶

²⁶⁶ Existem uns quantos exemplos, no decorrer desta análise, de tatuados femininos. Não são tão comuns como as marcas existentes no género, mas ainda são bastante exemplificativas nas iconografias presentes nestes “marginais”. A tatuagem feminina neste contexto era mais recorrente em fadistas e em prostitutas.

Outro desenho iconográfico bastante significativo é expresso pelo recurso a figuras humanas, totais ou parciais. Estas podem aludir a algumas orientações sexuais, o caso recorrente de mulheres e de homens nus ou a ideologias políticas, sendo a mais conhecida o busto da república²⁶⁷. Neste caso específico, não se trata do busto da república, mas de uma figura feminina coroada, provavelmente alguém que seria contra a república e a favor da monarquia ou podendo ainda ser considerada a hipótese de se tratar de uma rainha específica ou mesmo da Virgem Maria.

8.5 Mulheres Nus



P. 2083 Braço esquerdo feminino

Este é, sem dúvida, o grupo mais influente das tatuagens – as mulheres nuas. As mulheres nuas representam a suma necessidade da afirmação da virilidade dos presos, bem como a constante privação de relações íntimas com mulheres. Mas em todas as tatuagens com este contexto gráfico, há um *twist*, pois a mulher não está inteiramente despida, tem um par de

²⁶⁷ Irá ser recorrente, a partir desta organização por grupos, algumas repetições iconográficas, sendo que é difícil agrupá-las em categorias fechadas. Neste caso específico, podíamos aludir que esta imagem também pertence ao grupo iconográfico: políticas e patrióticas.

ligas, alguma roupa interior²⁶⁸ e um colar simples ou um crucifixo. Mencionando um pouco este último aspecto, ele pode ter uma importância paradoxal. Ou significa um total desapego às leis da igreja, pretendendo deste modo ser uma ofensa ao plano divino²⁶⁹ ou então a necessidade patente de querer voltar à pureza quase religiosa, ainda que numa tentativa de corrupção.

Neste caso específico, estamos perante uma tatuagem de uma mulher nua numa pessoa de género feminino, o que levanta algumas dificuldades. Primeiro, poderia ter alguma atração por pessoas do mesmo género, sendo que se revela uma hipótese remota, pois não há como comprová-la. Secundariamente pode significar âmbito profissional desta pessoa, ou seja, que esta mulher era uma prostituta e que procuraria um reconhecimento imediato.

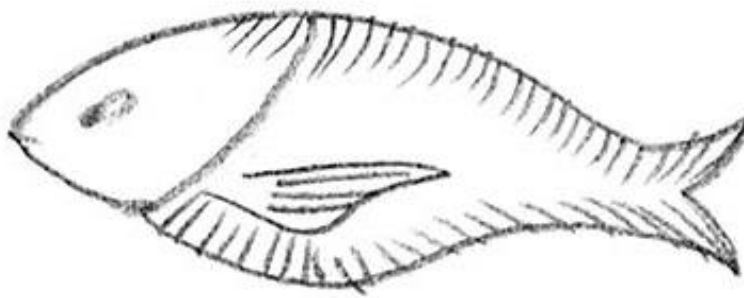
As mulheres são ordinariamente desenhadas sob formas rotundas; num tatuado que examinei recentemente havia no antebraço esquerdo a figura de uma mulher em que a preocupação dominante fora a amplitude dos seios, do ventre e das nádegas; no antebraço direito um homem igualmente nu com o órgão sexual característico de dimensões quase iguais às de todo o desenho. (Peixoto, 1990, p 28)

No fundo, estamos aqui perante tatuagens de cariz fetichista que evocam a necessidade de calor humano, que não estava acessível num âmbito prisional.

²⁶⁸ As restantes tatuagens relevantes para o presente trabalho, deste e de outros grupos iconográficos, irão figurar na parte de anexos, presente no final.

²⁶⁹ Analisando um tempo cronologicamente distante, “Deus, Pátria e Família” não devem ser considerados como ideias que apenas figuram no Estado Novo. Estas ideias já eram muito antigas, nomeadamente na “Política” aristotélica. Como profissionais no campo da investigação da museologia, não devemos tomar como certezas as realidades observadas, ainda que não consigamos entender plenamente as suas origens.

8.6 Figuras animais



P. 4837 Antebraço masculino esquerdo

Este será o primeiro grupo sígnico de menção e de separação entre dois grupos distintos: o das imagens de cariz religioso e das imagens de índole afectiva.

A imagem acima supracitada, pertencente ao processo 4837, pertencerá ao primeiro grupo, ainda que possam existir algumas na efetivação desta afirmação²⁷⁰, sendo que integra uma imagem de cariz religioso, significando o processo de salvação realizado por Jesus Cristo²⁷¹ e como tal é comum no sistema prisional a utilização de motivos religiosos, como justificativa dos comportamentos nefastos por parte destes indivíduos. Patente a este sistema de referência, existe ainda a hipótese interpretativa fundada no reconhecimento das suas vidas como a vida de Cristo, mas em que estes indivíduos não conseguiram ultrapassar as dificuldades que se lhes afiguraram, sendo que a sua prisão é relacionada também com a crucificação.

Ainda dentro desta semiótica existem várias imagens de pombas²⁷² com uma iconografia religiosa. Significa o oposto aos cinco pontos, ou seja, a liberdade. Mas não significando apenas este aspecto, mas também a paz, como sentimento almejado por estes indivíduos.

²⁷⁰ Todo o processo decorrente na interpretação iconográfica baseia-se num olhar pessoal para tentar dar sentido aos dados recebidos empiricamente. Dito isto, serve esta nota de rodapé de uma nova ressalva que este processo de Sociomuseologia que é fundamentado numa resposta possível e não procura a verdade absoluta dos factos e num controlo interpretativo e discursivo.

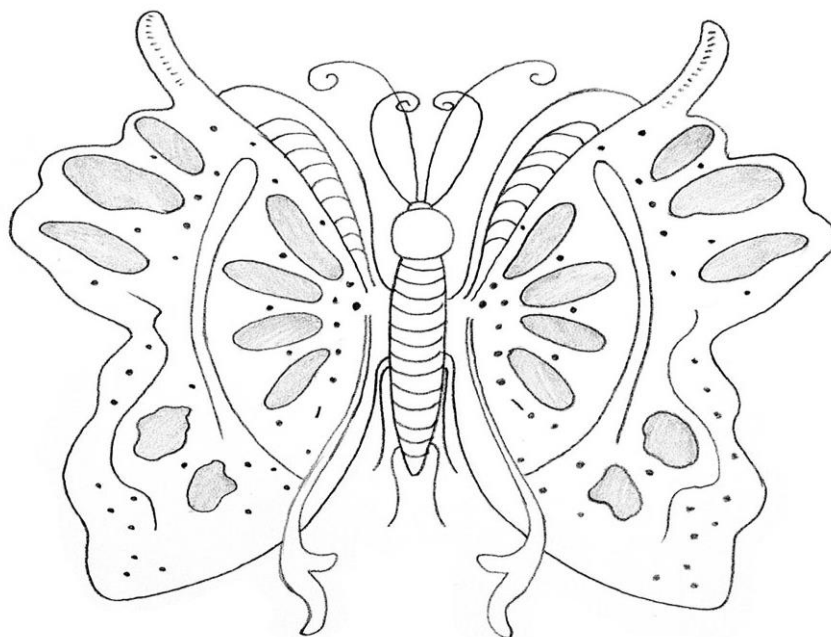
²⁷¹ Astrologicamente falando o signo de Peixes (20/2 a 20/3) é considerado o signo de Jesus. Aparentemente isto é uma consequência de ser o último signo da Astrologia como a conhecemos hoje, sendo que antes desta Era, a astrologia baseava-se na existência de um décimo terceiro signo, a serpente, que foi banida pela Igreja, dando origem ao horoscopo como hoje o conhecemos.

²⁷² Imagens que irão figurar em anexo.



P. 707 Braço direito masculino

Esta iconografia é digna de análise, apesar de poder ser considerada um símbolo religioso, principalmente na Ásia e África, sendo usado como metáfora do poder soberano. Neste sentido, não só consiste numa afirmação de poder num meio onde poder e medo consistiam num meio de sobrevivência.

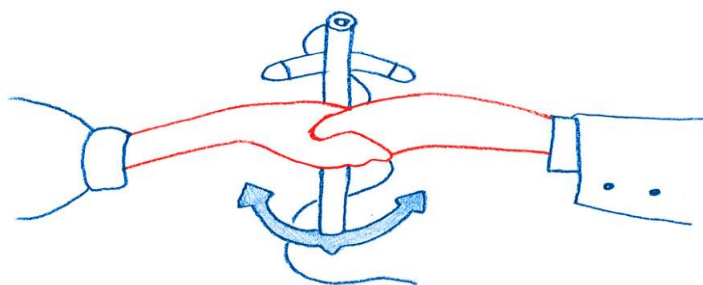


P. 2207 Tórax masculino

Este é talvez o animal que mais aparece nas tatuagens exibidas na exposição. Tendo um significado muito especial, a borboleta é dos animais mais simbólicos do mundo iconográfico. Ela procura representar a beleza, a transformação, a vida, a morte, a ressurreição e a renovação.

São ainda figurados leões e outros animais felinos, significando a força, a determinação, o poder, a segurança e a justiça, servindo esta iconografia de uma nota de afirmação sobre o território, o meu corpo e a minha fronteira (Anexo LXVI).

8.7 Sentimentais



Sem identificação – antebraço direito

Esta é sem dúvida das tatuagens expostas mais profundas. Ela pretende significar não só a prática de uma atividade, a marinhagem, mas também os laços criados para a vida durante o decorrer dessa prática. É uma tatuagem que procura, sem margens para grandes dúvidas, a força extraída pela amizade e o que ela simboliza na sua acepção última (Anexo LXVII).

A este grupo iconográfico podem estar associados símbolos como corações e jazigos ou mesmo mensagens revelando intencionalidades de forma direta, sendo que existem inúmeras tatuagens de cariz amoroso, que podem ser incluídas em agrupamentos diversos.

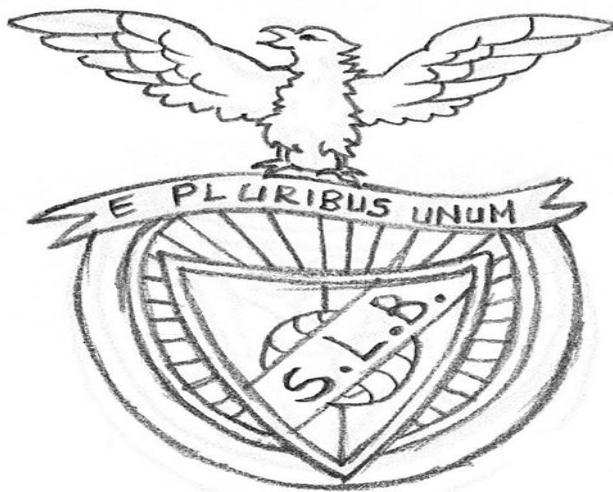
Ainda que existam tatuagens fortemente vincadas ao cariz sentimental nesta dissertação, há uma bastante importante, que embora não constando neste período histórico específico, vale a reflexão – a célebre tatuagem do “amor de mãe”.

Posto isto, vale a pena pensarmos na intemporalidade das tatuagens e dos sentimentos que nelas são refletidas. São sem dúvida marcos importantes para a fé²⁷³ destes indivíduos, uma

²⁷³ Não tanto a fé religiosa, mas a fé de que “Depois da tempestade vem a Bonança”, ou seja, a confiança que de as coisas vão melhorar, mesmo tendo a tatuagem sido feita entre quatro paredes.

base de suporte em que existe a crença num amor que supera tudo, neste caso até o devir dos tempos e da morte.²⁷⁴

8.8 Políticas e Patrióticas



P. 15888 Tórax masculino

Este será um dos casos fronteira mais discutíveis desta dissertação. Estamos perante uma imagem iconográfica em que a heráldica tanto pode ser enquadrada no agrupamento das tatuagens sentimentais, como no referente ao patriotismo. Se, de um lado, temos um sentimento relativo ao clubismo e à pertença em determinado grupo²⁷⁵, por outro, temos o sentimento de um brasão como símbolo de uma identidade, ainda que de cunho regional.²⁷⁶

É possível assistir a uma inversão da tendência do uso das fantasias, no mundo da tatuagem. A representação emblemática, geralmente protectora e calmante dos espíritos – como é o caso da segurança obtida

²⁷⁴ Refletindo um pouco sobre o processo da marca, conseguimos entender que a tatuagem além de um processo doloroso, consiste neste caso específico numa redenção de uma penitência. De um símbolo que não fica só registado nas suas vidas, mas também em todo o tipo de processos, seja o dos Instituto Nacional de Medicina Legal, mas também dos próprios arquivos existentes na Polícia Judiciária. Por outro lado, chegamos a uma conclusão da causalidade óbvia, tudo o que fazemos é para a eternidade, pois toda a ação têm uma consequência, seja visível ou invisível no decorrer na nossa vida.

²⁷⁵ Com a sua mística e o seus rituais muito específicos, o futebol começa a ganhar novos contornos além do jogo realizado em campo. A própria Sociomuseologia tem-se debruçado no fenómeno deste desporto inerente ao surgimento dos museus dos grandes clubes desportivos que estão agora na ordem no dia, quer seja através da sua mística, expressa através dos rituais e das conquistas, mas também funcionando como pontos de memória, ainda que apenas procurem espelhar as vitórias clubísticas.

²⁷⁶ Sport Lisboa e Benfica significa assim Lisboa dentro de um círculo mais pequeno e Portugal, dentro de uma função maior.

pela referencia de um símbolo da região ou país ou por um motivo religioso – ou, que “lembra”, é agora substituída por uma representação expansiva ou subversiva, geralmente excitante dos espíritos. Se num momento anterior a inspiração era encontrada naquilo que se apresentava de comum a um determinado grupo de homens, hoje ela é encontrada pela distinção entre os grupos, e mesmo entre os indivíduos – pois, mesmo existindo um grupo relativamente denso de indivíduos apreciadores do “estilo macabro”, estes deverão sempre evidenciar-se por aquilo que os distingue entre si. (Durão, 1994, p 67)

Voltando um pouco atrás, ao grupo de “Figuras Humanas” surge novamente a ressalva da figura coroada. No entanto, nem as figuras humanas nem as imagens patrióticas se esgotam nela.

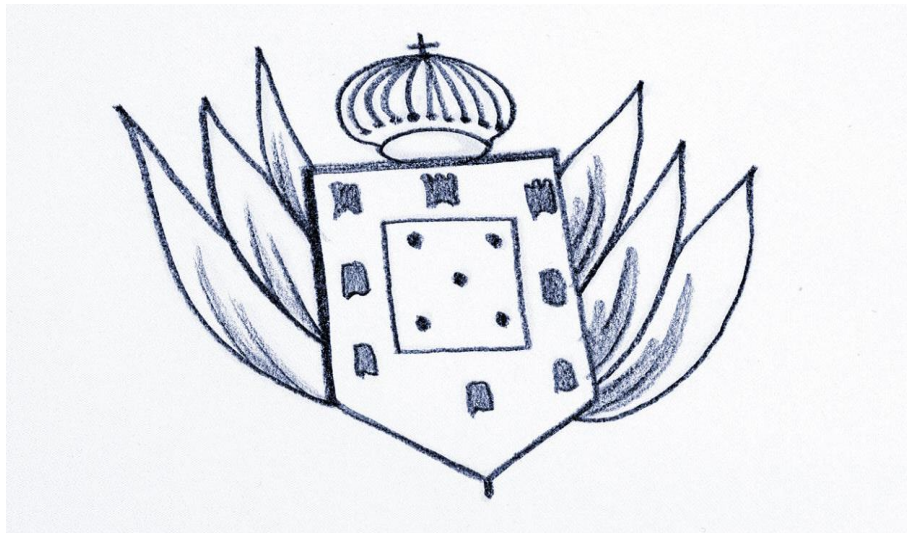


P. 14206 Braço direito masculino

O caso desta imagem é um exemplo claro da sustentabilidade da afirmação anterior. Por um lado, temos a figura feminina que articula dois grupos iconográficos distintos: as figuras humanas; políticas e patrióticas. Esta imagem é bastante curiosa, por vários motivos distintos. Primeiro, é uma das poucas tatuagens a cores existentes na pele destes prisioneiros, o que revela algum cuidado e meios aquando da realização da mesma. Segundo, o facto de ser uma tatuagem patriótica dizendo respeito à nação onde o indivíduo está inserido²⁷⁷, demonstrando um certo orgulho no meio político que o contextualiza. Ainda assim, não deixa de ser paradoxal este

²⁷⁷ Existem algumas tatuagens alusivas a outros países, nomeadamente ao Estados Unidos da América, procurando refletir ideais como liberdade e o sonho americano. Novamente conseguimos aferir o antagonismo existente entre a condição física destes indivíduos e as iconografias existentes na sua pele.

comportamento, visto que essa mesma nação foi um dos responsáveis, em conjunto com ele próprio, da situação em que se encontra inserido. Por último, à guisa de conclusão desta imagem, é notável o cuidado, relativamente aos trajes e ao rosto, que não se observa das outras tatuagens anteriormente supracitadas.



P. 7808 Braço direito masculino

A utilização desta imagem procura contradizer a afirmação de que a história é linear, relacionando-se com outras imagens iconográficas, nomeadamente as que plagiam o busto da república, tanto em voga naquela época.

Nesta imagem somos confrontados com a esfera de instabilidade política que se vive na altura. Se existem indivíduos a favor da república, outros já não são assim tão adeptos quando isso²⁷⁸.

Concluindo, torna-se necessário salientar uma vez mais a importância do entendimento de que a história conflui sempre numa dialéctica entre vários movimentos tectónicos e que nem sempre se revela espelhada como os livros nos ensinam.

²⁷⁸ Todo este processo já foi evidenciado no capítulo anterior com as notícias, relativamente ao estado político da nação, desde a pobreza extrema, ao aumento da criminalidade (consequência da pobreza que se fazia sentir), da criação de asilos de mendicidade. Dito isto, torna-se significativo ter em conta o modo como todo o processo da instauração da Primeira República se realizou. Tomando novamente a Sociomuseologia como pano de fundo, é necessário tornar relevante um contexto em que as fenómenos sociais decorreram, ou então será meramente uma exposição sem cunho educacional.

8.9 Eróticas ou sexuais



P. 258 Tórax masculino

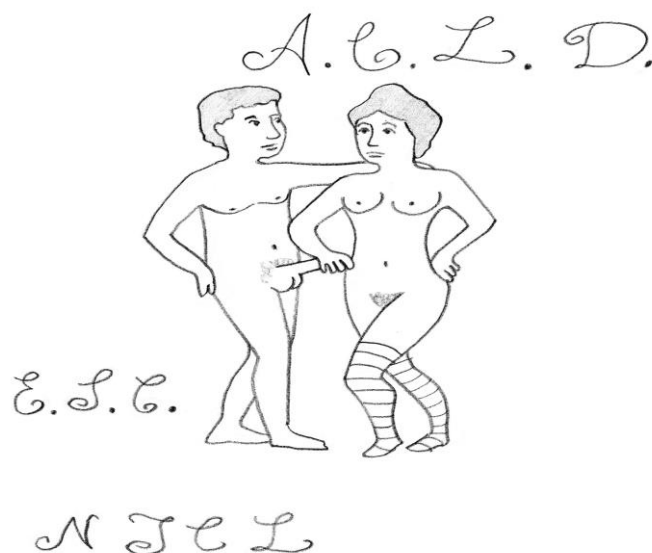
A nível iconográfico esta é talvez a tatuagem mais rica desta dissertação. Ela remete-nos para quatro grupos iconográficos distintos: mulheres, figuras animais, político/patrióticas e eróticas ou sexuais.

Se de um lado observamos uma mulher nua, novamente com as meias de liga, e neste caso específico com um crucifixo²⁷⁹, pegando numa flor com a mão esquerda, a mão associada à inteligência emocional. Do outro, temos a mulher da revolução, que luta pelo país, tendo uma espada na mão direita, significando deste modo o triunfo da razão sobre a emoção ou os prazeres da carne. No meio desta iconografia temos novamente a borboleta,²⁸⁰ anteriormente supracitada, significando a liberdade e a metamorfose. Surge ainda um quarto elemento nesta tatuagem, que pode ser considerado e que se assemelha a um ramo de oliveira.

Refletindo um pouco sobre este último aspeto, podemos atribuir a significação de força, vitória (sobre o pecado). É um símbolo puramente cristão, pois anuncia o fim do dilúvio. Está gerado mais um grupo em que esta iconografia se insere, o grupo das tatuagens de cariz religioso.

²⁷⁹ Ver nota de rodapé 11.

²⁸⁰ Ver subcapítulo dedicado a esta iconografia, no separador de figuras animais.

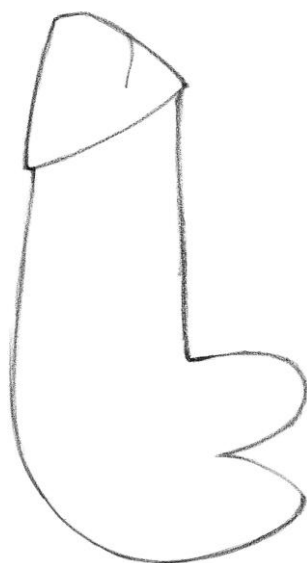


P. 11284 Braço direito masculino

Esta tatuagem é, sem margem para dúvida, das que mais gera incredibilidade e desconforto. Novamente, é possível associar mais do que um grupo iconográfico a este desenho, sendo os grupos mais significativos: os nomes ou iniciais e de cariz erótico ou sexual.

Repetidamente somos confrontados com uma figura feminina de meias de liga, acentuando o carácter sexual, erótico e fetichista da própria tatuagem. Sobre este ponto, pouco há a acrescentar, ressaltando talvez o facto de o homem estar completamente nu, que demonstra até certo ponto, a necessidade de liberdade total de todos os constrangimentos físicos.

Neste caso específico, as iniciais indicam, muito provavelmente, os nomes das pessoas envolvidas neste relacionamento.



P. 4095 Órgão sexual masculino

Os órgãos sexuais ganham assim novos graus de evidenciação,²⁸¹ na medida em que servem de ícones para a ritualística existente dentro e fora do contexto prisional, nomeadamente a sedução de outras pessoas. É um diferente grau de ritual com uma diferente intensidade e uma diferente semiótica.

Apesar de toda a clareza desta marca, ela ainda assim pode ter uma interpretação entre linhas, mediante o sítio onde se encontra.

Três tatuados portugueses tinham no pénis: um, o número da companhia a que pertencera quando era militar; outro, um falo grosseiramente desenhado; o terceiro, as iniciais do nome da amante. (Peixoto,1990, p 29)

Pode ser realizada meramente para chocar o outro, e aí temos uma marginalidade a montante que caracteriza o indivíduo que a usa, como sendo algo inerente à sua personalidade, constituindo de facto a marca da infâmia.

Pode também traduzir-se na busca pelo insulto, aos diferentes poderes da sociedade, e nesta medida, ser um insulto direto para quem o observa,²⁸² sendo que esta forma de poder se baseia na última fronteira possível que cada pessoa tem sobre si, ainda podendo ser transposta, como aliás tem sido debatido ao longo deste estudo.

A multiplicidade, a sede, de ordinário escolhida nas regiões do corpo vulgarmente ocultas, a intenção pornográfica de uma grande percentagem de desenhos, denunciam a insensibilidade à dor, o impudor e a obliteração, ou melhor, a ausência de elevação moral da maior parte dos tatuados. (Peixoto,1990, p 24)

O próprio método de fazer a tatuagem, pode ser considerado para alguns um modo fetichista, onde dor e prazer andam de mãos dadas²⁸³.

Quanto ao desenho propriamente dito, de cariz altamente sexual, ele constitui, como anteriormente já foi referenciado, uma necessidade patológica inerente à clausura – o desejo

²⁸¹ Em anexo consta a tabela realizada pelo Dr. Carlos Branco no decorrer de sua investigação. Neste momento resta aludir para o processo 9313, no qual podemos ler sobre o o indivíduo cuja alcunha é “O Pénis”. Claramente, perante as evidências com que nos deparamos, existe um aprofundamento das imagens eróticas/ sexuais em ambiente de prisão, fruto pela ausência das mesmas.

²⁸² Existem inúmeras marcas, ainda nos dias de hoje, que procuram existir para ser observadas por outros. Só nessa medida é que existem realmente, só quando são percebidas.

²⁸³ Encontramo-nos perigosamente, cronologicamente falando, e sendo bastante incisiva, perante grandes vultos da “subcultura” em termos de literatura da “libertinagem”: Marques de Sade, Leopold Masoch, BramStoker em termos internacionais e Antero de Quental em termos nacionais. Todas estas obras, consideradas de cariz romântico-gótico, trouxeram novas necessidades à sociedade da época. A necessidade crescente de luxúria, gula, sexo e sangue aumentaram em muito não só a criminalidade sexual do século XIX mas ainda a criminalidade no geral. O “mal du siècle” além de transmitir o tédio que se vivia nesse período, refletiu o mal no coração dos homens, a nível nacional espelhando a descrença em Deus, resultado do terramoto de Lisboa em 1755, no dia de Todos os Santos.

carnal. Já foi igualmente mencionando²⁸⁴ no capítulo sobre o corpo a constante repressão que se fazia sentir nesta época histórica, resultando em grande medida, nos processos iconográficos que vemos nestas tatuagens.

As eróticas são numerosas e encontram-se quase exclusivamente nos que habitam assiduamente as prisões... (Peixoto, 1990, p 28)

Concluindo este grupo iconográfico há imensas tatuagens a serem analisadas, mas dada natureza deste estudo, irão ser analisadas numa outra investigação.

8.10 Profissionais



P. 8910 Desconhecido masculino

As tatuagens profissionais são das iconografias mais comuns neste tempo histórico. São ilustrações com uma mensagem bastante vincada que se traduz na pertença a um grupo, neste caso, ao profissional.

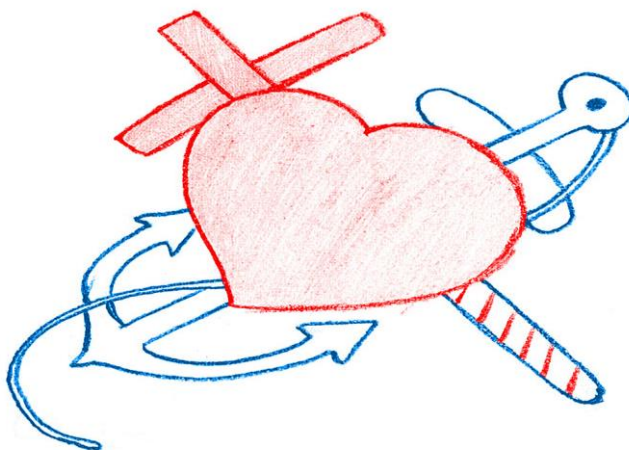
É fácil, todavia, encontrar tatuados com figuras em partes várias do corpo; um ex-soldado da armada possuía no antebraço uma mulher nua, um coração atravessado por uma flecha e um âncora; no direito, um homem nu em atitude extramente obscena; no peito, emblemas de marinha; na glande, o número da companhia; num dedo do pé direito o signo-saimão. Um preso na Penitenciária de Lisboa deixou gravar nos braços, peito, ventre e pernas, vários emblemas simbólicos, corações, nomes de amantes, na perna esquerda um homem nu, uma mulher nua na direita, uma serpente num dos braços, um lagarto no outro, etc. (A.A. Castelo Branco). A seguinte, encontrada num mendigo e provavelmente desertor, foi noticiada pelos jornais do seguinte modo: no braço esquerdo um peixe e um coração trespassado por uma seta; ao lado uma cruz e as iniciais A.C.F.Q. (António Cipriano Ferreira Querido, nome do tatuado), depois M.F.Q. e E.C.Q., iniciais dos nomes do pai e mãe; abaixo, uma âncora e uma pedra de dominó; junto, um signo-saimão e lateralmente a mesalha da Torre e Espada (como em alguns soldados franceses e da Legião de Honra e em alguns criminosos italianos as armas da casa de Saboia); abaixo do do signo

²⁸⁴ Nomeadamente no capítulo referente ao corpo sobre o espartilhamento continuado dos corpos e dos comportamentos, o que resultou num amontoar de emoções e de necessidades, para estes indivíduos consideradas ainda mais urgentes do que para a restante população, pois em termos de ética estes fundamentavam a sua vida em função das suas paixões.

o hábito de Cristo e a data 3 6 88, morte do pai; no peito, lado direito, a figura da República; esquerdo, a bandeira francesa; nas costas da mão esquerda uma estrela e as cinco chagas. (Peixoto,1990, p 23)

Neste caso, o significado de âncora é bastante transparente, transmitindo tranquilidade, estabilidade e paz. Podemos sempre pôr a hipótese, ainda que por vezes remota, de esta tatuagem ter uma mensagem metafísica, significando não tanto uma profissão mas antes a tentativa de atingir um certo estado de espírito.

A celebração chega até nós como uma das vivências mais comuns entre os “marialvas”, os presos, os marinheiros. Por isso, se compreende os motivos religiosos fossem tão importantes – para a protecção desses perigos enfrentados. Todos os desenhos que remetem para a vida quotidiana destes grupos: “emblemas profissionais”; ou “emblemas de vida” (as guitarras dos fadistas, figuras femininas, armas, datas de amores, de lutas e de confrontos e “inscrições”. As denominadas inscrições – de nomes, datas ou clubes. encontram-se hoje entre o estilo que se nega a todo o custo, pois são declaradas “prisões”, desaconselhadas, a pessoas, instituições... do domínio irracional porque incontornável, um perigo para um processo de “libertação” do corpo”. (Durão,1994, p 62)



Sem identificação – Album de tatuagens n.º 2 Posto Antropológico da Cultura Nacional de Lisboa²⁸⁵

Esta tatuagem surge na esteira do que foi afirmado anteriormente. Nesta marca podemos encontrar uma multiplicidade de iconografias, novamente enquadrando em vários grupos iconográficos: profissão, religiosas e sentimentais.

Estamos perante um sinal bastante explícito de intencionalidade, onde os sentimentos e o dever se misturam numa única imagem, que também revela a possibilidade de existência de uma luta interna: o coração surge empalado por uma cruz e por uma âncora. Há uma

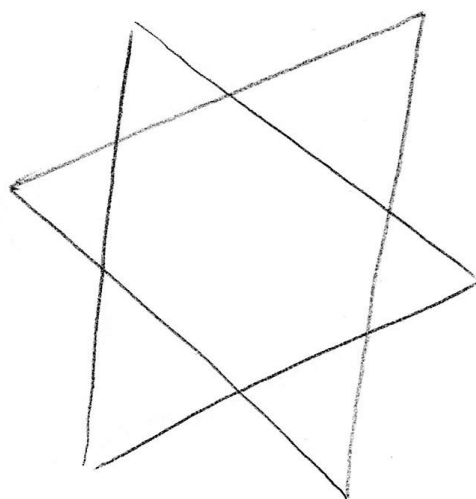
²⁸⁵ Legenda presente nesta marca na exposição citada ao longo deste estudo.

sensibilidade de restrição cunhado nesta tatuagem²⁸⁶ que nos impele a um reconhecimento das nossas vidas nesta marca.

Estes sinais aparecem em soldados italiano e francês e há-os mesmo especiais para distinguir os membros de diversas armas: cavalos e clarins, na cavalaria; espingardas, na infantaria; canhões e granadas, na artilharia, etc. Tanto basta para incluir os emblemas militares na categoria dos profissionais. (Peixoto, 1990, p 27)

Concluindo, esta tatuagem revela também algo interessante. É uma das poucas tatuagens com cor, o que revela especial cuidado na realização da mesma, o que espelha uma meditada intencionalidade na significação desta, perante o indivíduo e também pela sociedade que o observa.

8.11 Signo Saimão



P. 7471 Braço esquerdo masculino

Este símbolo traduz-se da sobreposição de dois triângulos, formando uma figura de seis pontas, que procura significar um elemento religioso.²⁸⁷ Como todas as iconografias relativas à

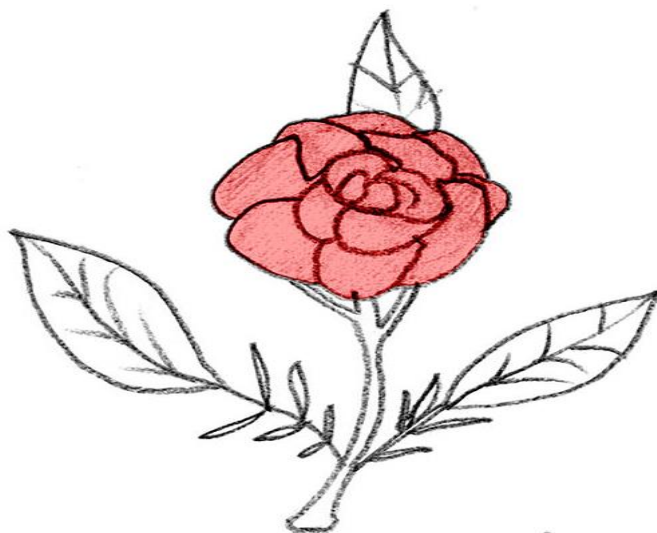
²⁸⁶ Desde da instauração de um novo paradigma pela implementação dos ideais católicos e do novo sistema de valores que afastou a razão das paixões, que conduziu os sistemas sociais a uma crescente padronização comportamental, onde tudo era mais facilmente vigiado em nome de uma sociedade mais segura. A era clássica foi rica na junção destes dois aspectos, resultando contudo na avareza máxima e na consequência da queda do império romano.

²⁸⁷ Este será talvez o grupo iconográfico mais difícil de analisar. Primeiramente, ressalta uma forte ambivalência até a nível de nomeação, sendo que esta se divide entre signo-saimão ou estrela de Davi. Secundariamente, estamos perante um símbolo que independentemente do seu nome é já ambíguo. Assim, esquematizando um pouco, é um signo de grande presença no Judaísmo, mas também pode ser relacionado com o Hinduísmo. No Judaísmo este símbolo está cunhado em termos de força, defesa, identidade e escudo, sendo o forte símbolo identitário. Já no Hinduísmo ele procura assemelhar-se a uma visão forjada na ideia de Criação.

religião, a intencionalidade do desenho prende-se com uma tentativa de salvação e de redenção, inerente à situação de prisão e criminalidade vivida pelo sujeito.

Servindo ainda de pretexto, o presente sinal pode demonstrar face à semiótica associada ao Judaísmo, significando assim um sentimento de exclusão e de perseguição²⁸⁸.

8.12 Flores



P. 717 Braço direito masculino

Flores são marcas tatuadas por excelência ainda nos dias de hoje. Atualmente exprimem-se mais no género feminino, sendo associada à pureza. No entanto, como quase toda a simbologia presente nesta dissertação, o que acontece é que varia de cultura para cultura, mas estando sempre ligada a um processo de equilíbrio, de visão interior ou da desfloração (perda de virgindade).

A flor em si, tomando esta como uma flor e não uma espécie em concreto, representa também o ciclo da criação, sendo que em última instância pode também aludir à busca pela liberdade, pois é um ente ser orgânico que precisa de luz e água para sobreviver.

À luz desta última significação, podemos pegar numa das características primárias desta imagem – a cor. O vermelho associado a esta flor, demonstra uma história cunhada no amor e no sangue, no fogo na vida. A rosa vermelha é tatuagem, possivelmente, quando se quer alientar

²⁸⁸ Esta leitura pode parecer um pouco forçada mas ainda assim consiste numa leitura possível face aos conflitos religiosos que irão advir deste período e que se vão fazendo sentir desde 1918. Nesta marca podemos também afirmar, não ainda sem alguma especulação, que está aqui também inerente um sentimento de revolta, em que o último grito do indivíduo tatuado se faz pela pele.

um carácter vibrante, sendo que a significação também depende em muito do sítio onde esta foi colocada²⁸⁹.



P. 4837 Braço esquerdo masculino

Ainda relativamente às flores existem figuras compostas como podemos observar nesta imagem²⁹⁰.

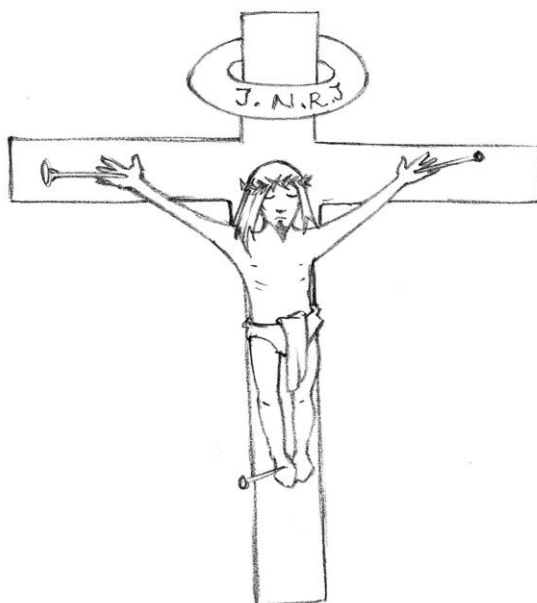
Nesta surge a figura de um anjo segurando uma flor na mão direita e algo indefinido na mão esquerda. Esta marca centraliza-se num anjo, mas existem várias imagens onde as flores têm um especial destaque na mensagem que queremos transmitir.

Neste caso, a mensagem remete-nos para a tranquilidade, harmonia e equilíbrio espiritual que é procurada nestas vivências difíceis destes presidiários, onde só a marca na sua pele consistia no seu cunho rumo à liberdade.

²⁸⁹ Nesta etapa, é importante ter em conta que as marcas podem variar muito consoante a posição que tomam no corpo. A tatuagem no braços e pernas (ainda que mediante no sítio da perna) pretendem transmitir uma mensagem ao outro, mas a um indivíduo fisicamente distante. Sinais inscritos no abdómen, ancas, peito e costas poderão significar algo mais íntimo, tanto que varia no modo como a intimidade é feita.

²⁹⁰ Já anteriormente havíamos sido confrontados com uma composição não de um anjo mas de uma prostituta, no grupo iconográfico de tatuagens eróticas ou sexuais.

8.13 Religiosas



P. 9960 Tórax masculino

Esta marca é provavelmente a ilustração mais comum na história da infâmia, sendo uma das mais difíceis de ser interpretada²⁹¹.

Não devemos olhar para esta tatuagem apenas como motivo de uma crença religiosa instaurada no sujeito que usa esta marca como seu estandarte de guerra. Primeiramente funciona como proteção, sendo mais vincada nas costas, pois ninguém se atreverá a punir um presidiário que mostra um Cristo redentor, pois mesmo para as forças de polícia isso seria considerado uma ação condenável. Secundariamente, existe um sentimento de identificação destes indivíduos com o próprio Cristo, sendo que também carregam um enorme fardo às costas, trazendo-lhes dor, agonia e destruição²⁹². Por último, podemos contar que esta semiótica procura demonstrar a força necessária para cumprir as penitências, ganhando novos contornos de significação²⁹³.

Existem muitas mais interpretações para a significação da Cruz de Cristo, mas dada a complexidade dos grupos iconográficos não se torna possível ir mais fundo nas significações

²⁹¹ Se criássemos um arquivo da história de todas as marcas existentes nos prisioneiros, independentemente do seu sistema de valores, observaríamos uma vasta amostra deste género iconográfico.

²⁹² É um facto conhecido que o indivíduo ultrapassa melhor as dificuldades se conhecer alguém, atual ou histórico, que tenha passado remotamente pelas mesmas tormentas que ele. A psicologia consegue explicar, através dos elemento identificativo do trauma como as pessoas conseguem ultrapassar mais facilmente as dificuldades.

²⁹³ Na esteira deste pensamento é justo afirmar que o próprio processo de feitura de tatuagem se baseia numa autopunição, ou dito de outro modo, de flagelação.

de todas as imagens apresentadas. Contudo, é ainda possível afirmar que este é um dos ícones mais comuns nos prisioneiros da Primeira República Portuguesa e até nos presidiários na atualidade.



P. 7808 Tórax masculino

Esta é uma das imagens mais intrigantes da série que foi recolhida. A figura não procura apenas mostrar Cristo, mas mostra também as ferramentas que foram usadas durante a Crucificação.

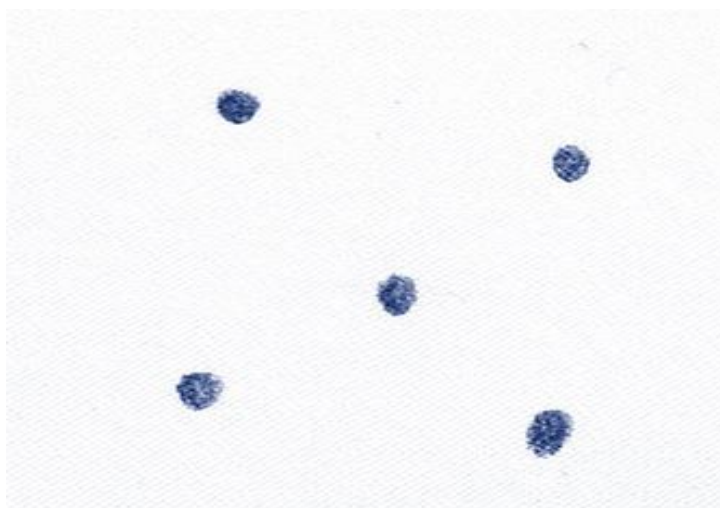
Na presença duma tatuagem representativa do martirológico de Cristo o operado conta uma história que nunca saberia reproduzir literalmente; as figuras amorosas ou obscenas envolvem muitas vezes pensamentos relativamente complexos; os astros, as flores, os animais, a âncora, o navio, o tambor e todas as marcas profissionais enfim são representações objectivas de ideias cuja transmissão mal fariam por outro modo. (Peixoto, 1990, p 42)

Esta imagem vale a menção pela falta de interpretação por representar um Cristo passivo, que foi crucificado, mas também os objetos da sua crucificação, o que lhe dá toda uma dimensão mais intensa.

Há muitas outras tatuagens de imagens de Cristo, sem dúvida ressaltando novamente que este ícone²⁹⁴ é dos mais usados, em qualquer marca – seja bijutaria, t-shirts ou neste caso, tatuagens.

²⁹⁴ Ver a introdução ao conceito de Marca nesta dissertação, onde foi analisado o tema da marca ou cicatriz num corpo, mas também como tudo o que é usado no dia a dia mostra ao exterior traços de personalidade, por outras palavras, uma imagem de marca.

8.14 Cinco pontos



P. 8500 Braço direito masculino

Na esteira do que anteriormente foi salientado, esta é também das tatuagens mais iconográficas de sempre em contexto de prisão.

É um símbolo que pode acartar consigo múltiplas significações. A primeira, o símbolo dos 5 elementos: água, fogo, terra, ar e o espírito. Assumindo esta significação, podemos concluir que o sujeito procura a união consigo mesmo, e neste sentido é uma tatuagem de meditação, ou de ponderação interior. Secundariamente, ainda na sequencia do que foi afirmado, pode ainda significar os cinco sentidos, igualmente significando a unidade de um indivíduo²⁹⁵. Terceiramente, esta tatuagem pode significar o ponto de equilíbrio, entre os primeiros algarismos na nossa numeração (1 a 9), sendo o cinco o meio termo²⁹⁶. Em quarto lugar, os cinco pontos podem também significar os quatro pontos cardeais, partindo no meio: Centro, Norte, Sul, Este, Oeste. Em quinto lugar, significará as cinco chagas de Cristo, significando a soma de dois braços, duas pernas e um tronco. Em sexto, e mais comumente aceite, as quatro paredes, com o indivíduo inserido entre elas, emparedado.

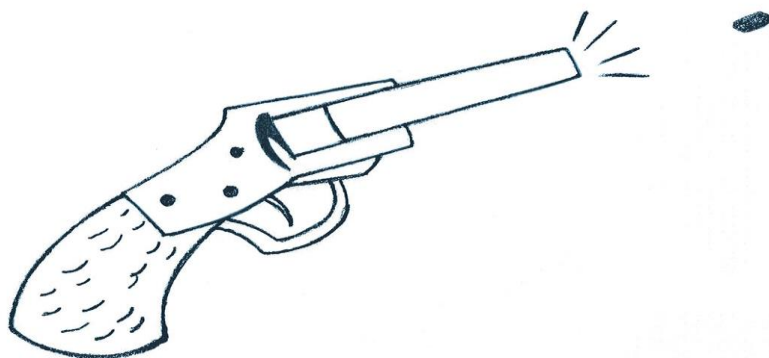
A percentagem da figura religiosa é, pois, a mais elevada. Os dois traços da cruz ou cinco pontos representando as cinco chagas de Cristo, as letras I.N.R.I. sobrepostas aos dois cravos cruzados com que pregaram as mãos do Senhor no madeiro, são as mais simples e ingénuas. (Peixoto,1990, p 29)

²⁹⁵ Há muita coisa a aferir sobre o número cinco, significando a união e harmonia. Para corroborar a nossa anterior afirmação, cinco é número do mundo, sendo que existem cinco continentes. Por bandeira nacional, significam os cinco reis mouros que D. Afonso Henriques mata na batalha de Ourique.

²⁹⁶ Existe algum desconforto em afirmar esta questão, sendo que muitas vezes o 0 também é considerado um algarismo, sendo que o 4,5 seria considerado o termo médio desta inferência.

Deste modo, existem vários contextos a que esta marca pode estar associada, os primeiros relacionados com as liberdades, e os segundos com a ausência das mesmas. Prisão e liberdade, paixão e razão, serão sempre dualismos existentes nas almas e nos corpos destes indivíduos, onde o físico e o metafísico se juntam numa só pessoa.

8.15 Armas

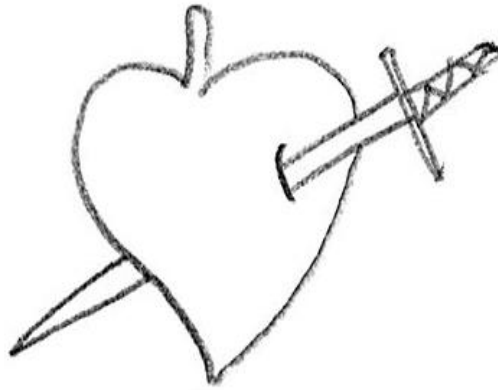


P. 3460 Braço direito masculino

Há grupos iconográficos tão confusos como as próprias imagens que neles se inserem. As tatuagens de armas não são um dos grandes grupos existentes, mas ainda assim merecem algum destaque.

A imagem mostra uma pistola a ser disparada, com uma bala a ser projetada. Uma interpretação possível é tratar-se de uma arma de um crime cometido. Outra leitura possível pode ser encontrada na libertação que é sentida ao premir um gatinho e na sensação de adrenalina a ele associada. Uma outra, e talvez a mais interessante para o presente estudo, trata-se da sensação de poder e importância que o revolver adquire dentro da significação semiótica²⁹⁷.

²⁹⁷ Existe sem dúvida um paradoxo nesta marca, onde significações como liberdade/ prisão; adrenalina/ calma; vida/ morte; poder/ importância, andam de mãos dadas. São pares que nos levam a pensar constantemente na parte social das existências destes seres.



P. 8093 Braço esquerdo masculino

Esta imagem remete-nos para dois grupos iconográficos distintos: sentimentais e armas. Obviamente olhando para esta imagem numa primeira aceção observamos o coração e só depois a espada que o trespassa.

Sem aprofundar muito o significado amoroso que esta imagem pode conter, diria que estamos perante alguém que sentiu os dissabores do sentimento amoroso, em que o coração se afundará no seu próprio sangue. Numa segunda observação, podemos, no entanto, tirar outras elações bem distintas, relacionadas sobretudo pela ambivalência entre dever e o coração.

A espada por si só pode significar a Justiça e Injustiça, sendo que é curioso estar associado a algo tão volátil como o coração. No entanto, pode também significar o profundo sentido de amor às forças militares, sendo deste modo uma tatuagem a favor das forças do poder da pátria.

8.16 Astros



P. 7471 Braço esquerdo masculino

O significado atribuído aos astros tem inúmeras variáveis, consoante o sinal específico associado.

A estrela (ver grupo iconográfico de frases),²⁹⁸ por exemplo, estará relacionada com o nascimento, o divino e a proteção, sendo que é muito utilizada nas iconografias religiosas, quer seja de quatro, cinco, seis, sete ou oito pontas,²⁹⁹ consoante a significação que se pretende adquirir.

No caso do Sol (Anexo LXVIII)³⁰⁰ está patente ao contexto de poder, virilidade, paixão e à força. É o astro que nos permite sobreviver enquanto seres humanos³⁰¹ e essencial para a vida na Terra. É o astro de todos os astros. Assim como o Leão³⁰² é o rei da selva, o Sol é o rei dos céus, desde de sempre associado ao poder da divindade e deste modo uma marca até certo ponto religiosa.

²⁹⁸ Não se tratando diretamente desta imagem específica, a verdade é que ela consta de diferentes modos em outras tatuagens prisionais.

²⁹⁹ Dada a riqueza desta marca, não nos iremos alongar muito, mas aconselha-se a consulta online do Dicionário de Símbolos e simbologias, presente em <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/>, e que muito resumidamente ajuda no entendimento mais genérico das marcas que aqui têm sido apresentadas.

³⁰⁰ Novamente existe, ainda bastante forte na nossa era, muitas marcas alusivas a este símbolo, daí a sua significação ser digna de menção.

³⁰¹ Ainda na esteira deste pensamento existem vários estudos que os países menos visitados pelo Sol são os que apresentam uma taxa de suicídio maior. São exemplos conhecidos a Noruega, a Finlândia e Suécia.

³⁰² Outra imagem que existe muito em contexto destes prisioneiros mas também na realidade vivida atualmente.

Por último, iremos debater o significado da iconografia que nos trouxe a este diálogo, a Lua. Este astro ao contrário do Sol, existe sempre, mas muitas vezes não se encontra visível. Podíamos jogar com visibilidade e invisibilidade que decorre no nosso debate na Sociomuseologia, mas ainda assim ficaria bastante para ser dito sobre este astro. A lua obedece a leis universais que representa a ciclo da vida e o da mulher. Representa todos os fatores que não se regem pela razão: a paixão, o mundo onírico e os instintos primordiais.³⁰³ É uma marca que consegue traduzir o estado de espírito destes prisioneiros, os seus desejos e pensamentos. O próprio desejo inerente ao sangramento da pele demonstra o modo como a paixão rege a vida destas pessoas.

A personificação da Lua em quarto crescente obedece a uma lógica bastante característica. Representa a fase de introspeção, de crescimento e da renovação da vida. É uma fase de amadurecimento e de consolidação.³⁰⁴ Assim sendo, esta marca procura uma semiótica muito particular, que além de romântica é também espiritual.

Os astros representam assim uma vontade de ascensão, de nos tornarmos espiritualmente melhores e mais unidos, em comunhão com o reino dos céus.

³⁰³ Existe muito polémica neste ponto. As pessoas quando a Lua está cheia são mais receptivas às paixões e aos sonhos, tal como outros fenómenos naturais como a neblina ou a trovoadas. A falta de receptividade da Humanidade para a paixão é muita, mas no fundo o que se pretende afirmar neste ponto concreto, é que nós somos uma unidade na multiplicidade, somos um equilíbrio entre dois polos opostos que ainda assim não devem ser ignorados.

³⁰⁴ Nas práticas das religiões pagãs, esta fase da Lua significa a tomada de decisões importantes para o restante ciclo lunar. Significava a potencialização de uma ação que deveria ser realizada na fase seguinte, na Lua Cheia.

8.17 Outros



P. 717 Braço direito masculino

Esta é seguramente das iconografias que mais interrogações nos pode causar. Na imagem vemos uma cabeça espetada numa estaca.

A primeira significação possível para esta imagem passa pelo ritual que foi muitas vezes usado durante o período da Idade Média.³⁰⁵ Nesta altura podemos falar de um certo panoptismo relativamente à tortura, onde os cruzeiros nas povoações, serviam como caminho da infâmia ou posto de consagração do local. Olhando novamente para imagem, podemos associá-la ao ser visto com alguma facilidade. *Heads on the spikes*³⁰⁶, consistia num tipo de ritual associado ao crime de traição. Esta pode ser a dois níveis específicos: física ou psicológico, sendo que estes

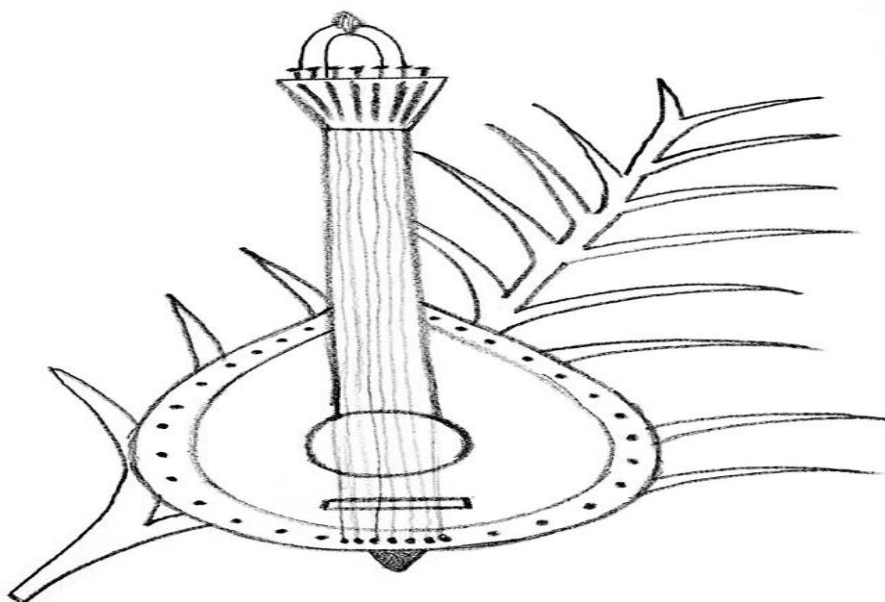
³⁰⁵ A Era Medieval traduz-se em dois factos muito especiais: a religião e o feudalismo. Se por um lado o Clero consistiu numa ótica de poder, a jusante a Nobreza consistia no outro braço do mesmo. Todo o sistema de valores foi fundando nestes dois pressupostos. Quem ousasse desafiar estas “verdades absolutas” sofria as consequências “radicais” desta afronta. Apesar do pressuposto religioso a Idade Medieval foi rica em “requintes de malvadez” no que dizia respeito aos príncipes fazerem-se ouvir. Sobre este aspecto vale a pena visitar o Castelo de Vide onde tem uma exposição sobre este tema.

³⁰⁶ Por razões inerentes ao meu modo de pensar, prefiro usar esta nomenclatura, sendo esta a que irei adoptar daqui em diante ao referir-me a esta imagem.

tipos de formalidades coadunam com este tipo de cisão interior entre o mundo da razão e o mundo das paixões³⁰⁷.

A segunda aceção que esta imagem pode adquirir está relacionada com a semelhança da estaca à cruz. Ambas são feitas do mesmo material e ambas deixam o corpo mortificado em posições semelhantes. Novamente, somos confrontados com a existência de mais uma marca de dor e semelhança com Cristo.

Olhando uma vez mais para a imagem, podemos aferir que o facto de a cabeça (razão) ter sido separada do corpo (paixão) é também um sinal de libertação da vontade, em que o sangue que escorre da cabeça constitui o preço a pagar por esta escolha.



P. 767 Tórax e braço feminino

Estaria inacabado este capítulo sem a referência ao Fado. A este estilo de música³⁰⁸ mas também de existência.

O Fado nasce no território da Mouraria, lugar privilegiado de amores e crime, de marinagem e de prostituição. Este género de música é típico do Saudosismo português, conta a história da melancolia e da nostalgia vividas pelo nosso povo. É um modo de vida bastante

³⁰⁷ Mesmo a traição a nível psicológica, por exemplo, a troca de uma ideologia, se baseia sempre em qualquer tipo de inclinação sentimental, por muito bem fundamentada que a decisão possa ser.

³⁰⁸ No caso destes prisioneiros foi também um estilo de vida, sendo que eles viviam na pele as amarguras na sociedade e a sua exclusão, os seus dramas e os seus sentimentos, muitas vezes, contraditórios.

vincado ao conceito de “destino”, sendo este uma coisa fatídica, um pouco como aconteceria nos grandes clássicos greco-romanos³⁰⁹.

Existem inclusive referências, no jornal *O Século* da importância atribuída a este quadro que espelha as vivências de uma fadista – a Severa, a 3 de maio de 1912:



A alusão explícita a um quadro sobre o Fado procura demonstrar a importância deste na construção da identidade dos “marginais” sobre os quais abrimos este debate (Anexo LXIX).

A imagem acima representa uma guitarra portuguesa sobre um ramo de oliveira, símbolo da vitória sobre o pecado³¹⁰. Neste sentido podemos novamente observar a dualidade entre razão e paixão.

Como se vê, há complexificação da “passagem”, isto é, este acto de transformação do corpo parece querer sustentar o tempo, a própria passagem. Pode dizer-se que essa transformação agrega grupos por oposição a outros: o

³⁰⁹ É do conhecimento público a grande obra de Homero, a *Odisseia*, que é exemplificativa do carácter do destino na vida dos homens.

³¹⁰ Ver figura presente na página 14.

ser jovem contra o ser adulto, o ser tatuado contra o não ser tatuado – movimento de exclusão do grupo, em geral, daqueles que não se fazem tatuar. É assim criado um núcleo de identidade, que envolve grupos e pessoas tão dispares, suspenso por uma decisão. (Durão, 1994, p 37).

A título conclusivo deste capítulo torna-se necessário focar alguns aspetos sobre estas imagens. Primeiro, estas marcas foram adquiridas numa visita à exposição “O Mais Profundo é a Pele” numa visita realizada a 23 de junho do presente ano. Nesta medida, as imagens recolhidas não foram todas as imagens que existiam naquele espaço³¹¹. Foram retiradas cerca de 37 imagens, algumas simples sendo as restantes compostas,³¹² sendo estas divididas em grupos iconográficos feitos pelo Dr. Carlos Branco. As restantes imagens, por questão de paginação e de sentido ao texto, figuram em anexo, mediante esta mesma divisão por heráldica.

³¹¹ Ressalvo nesta nota de rodapé que gostaria ter tido a autorização necessária para ter realizado este capítulo nos paramentos idealizados.

³¹² Normalmente imagens de politatuados, que aproveitam uma grande superfície de tela, nomeadamente as costas ou o peito.

9. A Sociomuseologia e a Marca do Corpo

Este ponto da dissertação constitui a última de reflexão sobre toda a problemática dos poderes ao longo dos diferentes tempos de existência, não apenas destas pessoas, mas de todas as comunidades aqui abarcadas. Neste pressuposto surgem questões em que as ciências contemporâneas podem procurar ultrapassar estas dinâmicas de poder. Como espera a Sociomuseologia fazer com que as minorias sejam ouvidas e a verdadeira história escrita? Como ter a consciência de que este trabalho, escrito hoje, pode efetivamente mudar as mentalidades e serem vozes ativas de ação?

Nesta medida, a museologia terá de transmitir uma voz mais ativa, como disciplina interligada à História, que, trabalhando ao serviço da sociedade, deve reconhecer a importância de todas as mudanças na construção da historicidade, associando-se às metodologias bem definidas.³¹³

Certamente não podemos esperar que, numa história cunhada na perspectiva do poder absoluto, as realidades sejam assim tão simples, daí a advertência aristotélica³¹⁴ para uma vida eticamente correta, significando o exercício da virtude do ponto de vista pessoal e profissional.³¹⁵

Apesar de todos os esforços de grandes pensadores ao longo da história, o facto de o poder ser cada vez mais evidenciado e desejado vai permitir que este ganhe novos contornos sociopolíticos, até ao ponto de ser usado como uma arma em nome do conceito de segurança.³¹⁶ Isto significa que as inseguranças e ameaças que existem contra as populações são usadas na ótica do medo, contra essas mesmas pessoas que visavam ser protegidas.³¹⁷

³¹³ “El compromiso de los museos con la sociedad y su desarrollo exige a la museología no sólo una sólida ética profesional, sino también la necesidad de *objetividad* y *universalidad* reclamable a cualquier ciencia. Para ello, la relación al tema de este documento, creemos que la museología necesita articular metodologías concretas, científicamente argumentadas, que permitan explorar y <discernir> la realidad con el fin de <reconocer> lo *patrimonial* de cualquier grupo, en cualquier tiempo y lugar, y cualquiera que sea el sector (o tipología) de la realidad abordado.” (Mendonza, 2006, p 244)

³¹⁴ Obviamente é necessário salientar a ética que, pela inteligibilidade de conceitos como o Belo e o Bom, Aristóteles irá recolher para fundamentar os ideais de vida justa.

³¹⁵ “Devemos, então, considerar aquele indivíduo que tem as melhores disposições, tanto de alma como de corpo, no qual isto é evidente; porque os indivíduos têm uma índole perversa, tem-se a impressão de que é o corpo a governar a alma, devido à condição degradada e desnaturada.” (Aristóteles, 1998:1254^a, 35)

³¹⁶ Manuel Serafim Pinto, sociólogo e docente na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, aprofunda o conceito de Segurança em “Segurança – Perspectivas para uma Sociologia da Acção”.

³¹⁷ “Ou seja, neste caso, a ameaça verifica-se sempre que existe o perigo de uma acção que conduz a uma mudança, identificado ou não, decorrente de uma aspiração de dominação ou hegemónica, legitimada em nome do interesse colectivo, ou da propensão para o controlo da vontade do <outro> que é entendida, por sua vez, como uma ameaça para a segurança do <eu>.” (Pinto, 2015, p 63)

Deste modo, estamos perante a problemática que levou ao início desta reflexão, o conceito de marca. Com este conceito procurou-se estruturar a dimensão dada à existência dos sinais destes indivíduos e de como as suas codificações procurariam funcionar num sistema de regras anteriormente imposto pelo Poder vigente.³¹⁸

Debatendo novamente, em última instância, este conceito ainda perdura na sociedade como a conhecemos. Ainda há como que uma tentativa de normalização, seja com a desculpa cultural, de segurança ou de juízo estético, tornando-se necessário a busca pela identidade normalizada, mesmo que em nome de um reconhecimento não factual.³¹⁹

Em consequência desta inferência surge o segundo conceito, a ideia de corpo. Nesta noção volta-se a reter o conceito do corpo normalizado, como fundamentação da existência de uma outra corporização, o corpo político.³²⁰

Neste sentido, podemos jogar com estes dois conceitos afirmando que a tatuagem é a incorporação da marca no corpo. A evidência deste silogismo está plasmada nas diferentes interpretações feitas às marcas destas pessoas³²¹ que ganham outra significação que não apenas a expressa no seu corpo.³²²

Nesta linha de pensamento, o conceito de Poder aqui presente torna-se fulcral para entender o contexto em que se passam estes acontecimentos. Estamos na Primeira República Portuguesa, uma época bastante instável, nos níveis político e económico. Com a queda da monarquia e instauração de um governo provisório, onde as lutas das fações monárquicas e republicanas se faziam sentir a todo o momento, a sociedade encontrava-se dividida entre o sentido de dever para com o governo e a sua vida privada. Nesta ótica, foi criada a “polícia cívica”, uma alteração à polícia civil que já existia antes da implementação da República, e que

³¹⁸ “Para que exista a percepção da *ameaça*, nas situações conhecidas e desconhecidas, os símbolos têm particular interesse, a sua descodificação e interpretação toma importância relevante para a construção da *percepção* e para o entendimento do *sentimento*.” (Pinto, 2015, p. 73)

³¹⁹ Em nome destes tópicos ainda se continua a debater o papel das burcas na sociedade contemporânea. Neste sentido, temos duas linhas de argumentação: as burcas devem ser abolidas, pois revelam um problema para a segurança, nomeadamente no país de chegada, sendo sempre um país culturalmente diferente, mas também devemos respeitar aquilo que para essas culturas são os direitos humanos, ou seja, o respeito pela tradição, “A semiótica torna-se assim a forma científica de antropologia cultural.” (Eco, 1985, p. 169)

³²⁰ “A sua capacidade pedagógica avaliava-se, especialmente, pela cividade demonstrada no seu gesto quotidiano. Assim se estabeleciam as condições do controlo mútuo, generalizando-se à maioria o complexo processo de disciplina das condutas. A ideia de todos se tornarem exemplares, uns em relação aos outros, era pormenor de extrema importância no fortalecimento da cadeia de pressões sociais indispensáveis ao estabelecimento e fixação de regras colectivas.” (Crespo, 1990, p. 508)

³²¹ Ver capítulo sete da presente dissertação.

³²² “Tal como nos trabalhos de escola de antropologia criminal em voga, a <physiognomia viril> e as <tatuagens> eram apontados como estigmas da degenerescência...” (Bastos, 1997, p. 230)

visava o controlo de todas as camadas sociais³²³, de modo a que fosse tudo controlado e que não houvesse atentados contra o poder vigente³²⁴.

Seguidamente foi discutido e definido o conceito de ética, indispensável para ser possível responder às problemáticas levantadas nesta dissertação. Na verdade, se por um lado temos a “ética dos poderes”, por outro, não nos podemos esquecer da “ética dos antipoderes” e de como estes se organizaram para usarem a violência e se fazerem ouvir.³²⁵

Toda esta discussão terá de ser repensada sempre na ótica dos dois sujeitos aqui expressos – nos diferentes graus de “poderes”, de “domínio” e de “dominação”, seja da maioria ou da minoria.

Antes de nos dedicarmos ao conceito estruturador deste último capítulo, temos de mencionar a razão da importância exercida com a parte empírica.

Na esteira deste pensamento seguiu-se, para a investigação desta parte empírica, a técnica da “análise de conteúdo” recolhendo-se, através das notícias e dos desenhos das marcas³²⁶, elementos inseridos na comunicação social que nos ajudaram a perceber o processo de incorporação das marcas socorrendo-nos da conceitualização da parte teórica.

Começando pela primeira parte da empíria, as notícias revelaram-se grandes fontes de informação em termos de arquivo sobre a vida social da época. O arquivo visual constituído pelas fotografias que nos são permitidas observar, decorrente de uma catalogação de 18 anos de pesquisas³²⁷, corresponde a um acervo de factos importantes não só a nível de material corpóreo, mas até ao nível arquivístico. Primeiramente, porque através das notícias se consegue contextualizar toda uma vivência de miséria e pobreza, pois através dos textos supracitados isso revela-se com bastante clareza. Secundariamente, em termos de registo criminal, a comunicação social funcionou como novo “carimbo” ou “marca” da “infâmia”.³²⁸

³²³ Esta polícia não atuava isoladamente, ou seja, contava com o apoio dos chamados “cidadãos exemplares”, que normalmente significava pessoas bem inseridas socialmente e bem integradas. Com o tempo e com a ditadura militar as polícias recorriam a todo o género de “testemunhos”, sendo muitos deles falsos e contraditórios. Mas o pânico, por parte dos governos, era tanto que todos os depoimentos eram aceites e deste modo vivíamos numa época altamente injusta, que se prolongou até ao Estado Novo.

³²⁴ Para um aprofundamento maior nesta matéria vale a pena ver a “A PIDE antes da PIDE”, um programa que passou na RTP2 composto por nove episódios.

³²⁵ “De modo semelhante também não se pode falar aqui de domínio, porque a falta de domínio não deve ser apenas evitada, como é uma das coisas que devem ser absolutamente repreendidas.” (Aristóteles, 2004:1148b, 1)

³²⁶ Procurou-se, a determinado momento deste trabalho, a inserção da legislação vigente, mas devido à paginação e ao escasso tempo de investigação, não foi possível rever as cerca de 18000 páginas necessárias para esse efeito.

³²⁷ O espaço temporal de análise para a pesquisa de todas as fontes situa-se entre 1910-1928, após a instauração da ditadura militar, sendo que as notícias e mesmo as próprias marcas irão obedecer a esse tempo cronológico.

³²⁸ “Todas essas vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros – breves, incisivos, com frequência enigmáticos – a partir do momento de seu

Na senda da ideia anterior, a fotografia³²⁹ existente da Comunicação Social é desde logo vinculativa às óticas do poder dominante, pois funciona como um cadastro. Ao sermos confrontados com o rosto dos criminosos pela fotografia expressa no jornal, temos a percepção efetiva do rosto do autor do crime, sendo este, desde logo, timbrado com uma outra marca da infâmia.³³⁰

Os títulos são igualmente sugestivos com o recurso à leitura da adjetivação negativa³³¹ comprometem mais ainda a imparcialidade sobre estas pessoas, sendo que temos sempre de pensar se as acusações eram de facto verdadeiras.³³² Todos estes fatores ditam as óticas dos diferentes poderes e que podem toldar todo o julgamento que nós podemos fazer destes indivíduos.³³³

Do outro lado da moeda, encontra-se a tentativa de afirmação do poder, ainda que um poder meramente exercido sobre a liberdade e o corpo, de um conjunto de indivíduos que, no caso, usaram o corpo como uma ferramenta dessa mesma libertação, procurando deste modo a obtenção da afirmação da sua vontade, individualizada, ultrapassando e criando situações de constrangimento de todo o sistema político normalizador³³⁴.

Pelas imagens demonstradas no sétimo capítulo pode-se observar uma visão de "antipoder" aqui formalizada. Neste sentido, as iconografias expressam uma busca pelo

contato instantâneo com o poder. De modo que é, sem dúvida, para sempre impossível recuperá-las nelas próprias, tais como podiam ser “em estado livre”; só podemos balizá-las tomadas nas declamações, nas parcialidades táticas, nas mentiras imperativas supostas nos jogos de poder e nas relações com ele.” (Foucault, 2003, p 4)

³²⁹ Sobre este tema Leonor de Sá na sua tese de doutoramento, intitulada “*INFÂMIA E FAMA: O MISTÉRIO DOS PRIMEIROS RETRATOS FOTOGRÁFICOS JUDICIÁRIOS EM PORTUGAL 1869-1895*”, trabalha amplamente o conceito de retrato criminal. A presente tese foi lida mas, em contacto com a autora, foi pedido para não proceder à realização de citações, pois o referido estudo irá ser publicado no primeiro trimestre de 2018, pelo grupo editorial Almedina.

³³⁰ “Vidas que são como se não tivessem existido, vidas que só sobrevivem do choque com um poder que não quis senão aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vidas que só nos retornam pelo efeito de múltiplos acasos, eis aí as infâmias das quais eu quis, aqui, juntar alguns restos.” (Foucault, 2003, p 6)

³³¹ Adjetivos como “odiosos” e “vergonhoso” são amplamente utilizados nestas notícias, sendo que nalguns casos são usadas expressões como a “Ânsia da Liberdade” deixando antever um pouco o escrutínio que existia na comunicação social e nos diferentes órgãos de poder.

³³² Há um elemento comum nos dias que correm na comunicação social. Muitas vezes as notícias saem sem o profundo conhecimento do caso em causa e comprometem a investigação e a opinião pública motivando a especulação no âmbito criminal e, consequentemente, dão lugar a raciocínios que carecem de dados concretos.

³³³ “Trata-se de mostrar por quais interferências é que esta série de práticas – a partir do momento em que são coordenadas com o regime da verdade -, por quais interferências é que esta série de práticas pôde fazer com o que o que não exista (a loucura, a doença, a delinquência, a sexualidade, etc.)...” (Foucault, 2010, p 44)

³³⁴ “É certo que a actividade da tatuagem obedece à noção geral de ritual pois, desencadeia a passagem de um tempo, tido como normal e regularizado a um tempo não-regularizado, pela inversão de um estado normal para um outro não-natural”. (Durão, 1994, p 89)

reconhecimento, mas também formalizam a questão do medo, de repulsa, do estigma na medida em que os polituados eram indivíduos, à época, considerados marginais e pessoas a evitar.³³⁵

Todo este processo de conceitualização relacional e racional sobre a “marca, o corpo e o poder” aplicado ao trabalho empírico abriu portas à possibilidade da discussão ética dentro da Sociomuseologia.

O que aqui se procura realizar não é tanto a arquitetura expositiva no espaço,³³⁶ mas antes uma reflexão sobre outra dinâmica espacial, a que Bourdieu veio a chamar “campo”. O campo é o contexto da ação, da “luta”, sendo que este contexto revela em supremacia todas as ações e reações vinculadas a esse espaço.³³⁷

A Sociomuseologia tem um “campo” de atuação e, enquanto ciência, obriga-se a fazer entender os diferentes contextos existentes ao longo da história. Sem estes dados, elos da “corrente histórica”, torna-se difícil a realização de um bom coerente. Somos seres no mundo, e como tal, não devemos descartar esta essência da fenomenologia do real.³³⁸

Assim a Sociomuseologia entende que se deve lidar constantemente com as questões sociais em toda a sua dimensão. Isto significa que, seja relativamente ao passado, ao presente ou ao futuro, as exposições devem procurar responder às ânsias, expectativas e, até, aos medos dos seus públicos. A Museologia tem um papel preponderante relativamente às expectativas da sociedade, de tal modo que é considerada como uma área científica socialmente ativa.³³⁹

Neste paradigma, a Sociomuseologia será capaz de realizar o diálogo entre os públicos e as suas coleções, sendo neste caso imprescindível a compreensão de que ainda existe um efetivo abuso de poder em muitas civilizações³⁴⁰, que apesar de poder ter sido já mitigado

³³⁵ “[...] isto é, que os comportamentos marginais (divergentes, desviantes) não constituíam apenas uma ameaça à estrutura social, mas possuíam consequências positivas na sua manutenção, evolução e transformação”. (Bastos, 1997, p 19)

³³⁶ Não vou procurar debater-me sobre questões de inventário, legendas ou expografia, que consistem em áreas muito importantes na Museologia. Também, referente a este ponto, não procuro criar um espaço expositivo que possa acolher este espólio.

³³⁷ “A noção de campo é, em certo sentido, uma estenografia conceptual de um modo de construção do objeto que vai comandar – ou orientar todas as opções práticas da pesquisa. Ela funciona como um sinal que lembra o que há que fazer, a saber, verificar que o objeto em questão não está isolado de um conjunto de relações que retira o essencial das suas propriedades”. (Bourdieu, 2001, p 27)

³³⁸ “Sendo a partir dessas ‘nossas’ percepções que construímos uma imagem, um modelo, uma «visão do mundo»”. (Pereira, 2009, p 293)

³³⁹ “No campo museal, a valorização do social mostra-se como forma de supressão de «traumas/recalques culturais», as memórias do social são utilizadas numa perspetiva de transformação de toda a vida presente”. (Primo, 2014, p 9)

³⁴⁰ Todos os dias, em todo o Mundo, morrem pessoas às mãos de regimes. A Coreia do Norte é um desses países onde o abuso de poder acontece, e temos de ter a consciência de que por não aparecer no poder da “Comunicação Social” não significa que não exista, está simplesmente escondido.

nalgumas sociedades, ainda assim se encontra camuflado noutras. Neste aspeto cabe também à Sociomuseologia a perceção e o entendimento de todas as problemáticas que esta ciência poderá abarcar.³⁴¹

Mas porque todo o conhecimento é precioso, a Sociomuseologia inclui o relacionamento com as questões da ética, não só das vivências dos diferentes intervenientes, mas também da natureza da própria coleção, como é o caso da pele humana exposta³⁴². Apesar de o conhecimento científico ser um dos pilares da era moderna, ainda há que analisar toda a relação deste mesmo conhecimento com a existência dos direitos humanos.³⁴³

Neste sentido, a ética procura responder a alguns dilemas provocados pela obra estética, na medida em que a arte tem de ser novamente analisada e profundamente fundamentada para não existirem violações ao carácter universal dos direitos do Homem, assim como a própria legitimidade dos poderes inscritos neste contexto³⁴⁴.

A Sociomuseologia independentemente de utilizar o conhecimento que dela brota, obriga a agir de forma autónoma. Com esta afirmação procura-se dizer que os profissionais de Museologia em especial da Sociomuseologia têm de atuar não incorporando qualquer ideologia específica, seja ela política, religiosa ou de género. As ciências humanas obrigam à isenção.³⁴⁵

Nesta dinâmica, torna-se necessária a compreensão de que os museus deverão ser sítios de debate abertos³⁴⁶ e que são locais de escola. O conceito da Professora Judite Primo relativamente ao Museu, considerando-o uma “extensão da escola”, torna-se aqui muito

³⁴¹ “Esta nova noção algorítmica de “objecto”, de um “objecto de consciência” distinto do “objecto material, patrimonial ou património” tradicional, que sugerimos que seja estendida ao domínio da Museologia, e consequentemente à noção de Património, seria talvez um caminho a não menosprezar, no contexto da tentativa de tornar a Museologia um possível novo ramo do saber.”. (Pereira,2009, p 331)

³⁴² Vem sendo aceites exposições intrusivas por vários membros da comunidade científica. A exposição sobre o corpo humano intitulada “Fantástico Corpo Humano” denota bem o reconhecimento deste tipo de acervos.

³⁴³ “The identity of the Museum is, therefore, multiple: several different forms of museum may coexist. It also means to understand that Museum is process, not cultural product: it is a continuous mutation, and defines in the instant, in the relationship – and therefore it is capable to represent, simultaneously, the plans of reality of the Same of the Other, in all their manifestations.” (Scheiner,1999, p 171)

³⁴⁴ O capítulo referente à ética, nomeadamente às éticas técnicas, demonstra os problemas éticos levantados pelo trabalho sobre esta coleção, “En effet, le musée s’apparente à d’autres institutions (comme l’école, l’hôpital ou la prison), institutions secondaires médiatisant des besoins naturels (comme la langage, le mariage, etc.). Alors que les institutions secondaires réunissent des êtres humains pour les instruire, les soigner ou les surveiller, le musée est une institution analogue, mais il ressemble que des objets ou leurs substituts pour le conserver, les étudier et les montrer”. (Deloche,1999, p 12)

³⁴⁵ “Uma seleção de acontecimentos, eventos e processos são enfatizados ou silenciados segundo interesses, estratégias e lógicas que escapam aos cidadãos. Novas condições que permitem toda a sorte de produção dos sentidos, modelos relacionais e de produção são introduzidos nas esferas do poder de estado e dos interesses privados.” (Moraes,2006; p 108)

³⁴⁶ Novamente, mencionando outra vez o conceito exposto no capítulo dedicado à Sociomuseologia, como Ágoras, locais de debate e reflexão.

revelante, ainda mais no caso que nos trouxe a este trabalho, de pessoas marginalizadas que nunca tiveram a oportunidade de serem ouvidas.³⁴⁷

Na senda desta ideia, os museus podem ser espaços de poder, mas do “poder saber”, do “poder do conhecimento”, sendo esta outra forma de poder derivada da análise dos diferentes poderes aqui expressos, o poder social dos projetos inerentes ao próprio exercício das diferentes profissões. Partindo deste pressuposto, isto é, que o “conhecimento é também poder”, podemos ter a ideia que muito deste poder pode estar nas mãos das próprias minorias que se consideram com menos capital simbólico³⁴⁸.

No seguimento da ideia acima supracitada o museu tem ainda outro papel fulcral na construção das diferentes identidades. Com este papel privilegiado de uma estrutura ao serviço das comunidades, o museu pode “jogar”³⁴⁹ com a sua identidade de poder e procurar usá-la em serviço das comunidades, sendo que na maioria das vezes o poder vive no seio dessas mesmas populações desfavorecidas.³⁵⁰

Neste sentido, o museu procura contribuir para a formação identitária da humanidade, para o entendimento de cada um em relação a si mesmo, e do que podem fazer uns pelos outros, enquanto seres com os mesmos desejos e necessidades e que não existem sozinhos. Este novo paradigma, ou seja, a atuação de equipas enquanto coletividade tendo todos o mesmo objetivo, é também um dos fatores que distingue a Museologia Tradicional da Museologia Social e da prática da Sociomuseologia, sendo que na primeira impera com maior incidência a ação individualista³⁵¹.

Mas como elemento cultural o museu deve procurar a integração urbanística do espaço, ou seja, a fronteira do seu território. Museu e território são conceitos frequentemente ligados.

³⁴⁷ “Daí que o papel do museu e das políticas patrimoniais deve ser, não apenas o de expor os objetos, a arquitetura e os costumes, mas sim o de tornar inteligíveis as relações entre eles e propor hipóteses sobre os seus significados para os cidadãos que os evocam e/ou os veem.” (Primo,2014, p 10)

³⁴⁸ O capital social é medido, segundo Bourdieu, de várias formas. Capital financeiro, capital político são exemplos para aumentar o capital social de uma entidade, “Estes indivíduos tendem a construir a resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que alicerçam as instituições de poder da sociedade; por fim a «identidade de projeto»...” (Primo,2014, p 16)

³⁴⁹ A nomenclatura do jogo surge no “Poder Simbólico” de Bourdieu quando este fala que todos os elementos de uma determinada sociedade entram no jogo, ou seja, no campo social, com as suas regras específicas.

³⁵⁰ “Pero la cultura, no es una unidad completamente integrada en ninguna sociedad, y la sociedad tampoco está perfectamente integrada entre sí: ahí es donde aparecen las subculturas, concepto que alude a aquellos valores, normas, ideas, creencias, símbolos, específicos de cada agrupamiento social”. (Clissa,2006, p 184)

³⁵¹ A existência de técnicas nos museus, em que cada nome próprio está responsável por uma unidade de investigação, em detrimento da equipa existente nesse museus só acentua a falta de interdisciplinaridade existente nestas instituições, “In the course of history groups of people have dominated other groups of people. Although dominant groups assimilate elements of the culture of subjected groups, the general trend is that subjected groups adopt too a high degree the culture of the dominant group at the cost of their own cultural identity. Or move often: they are forced to adopt the culture of the dominant group, whereas the dominant group spends much energy in suppressing the cultural identity of the subjected groups”. (Mensch,1986, p 202)

Neste caso específico podemos afirmar que o museu é a extensão do corpo destes “marginais” isto porque irá ser o espaço privilegiado para estes se fazerem ouvir. Nesta dinâmica, os museus ainda estão associados a lugares de verdade epistemológica.³⁵²

Na esteira do museu enquanto território, não devemos pensar no mesmo apenas fisicamente. Existe ainda assim, o “espaço metafísico”, o espaço de reconhecimento de todas as vicissitudes vividas neste contexto, de todos os indivíduos que ainda presentemente se sentem marginalizados e não aceites por uma sociedade normalizadora.³⁵³

Neste âmbito os museus devem atuar como instituições ao serviço da sociedade, em que a prática inclusiva é uma das metas a alcançar, em que o conhecimento é liberdade e os objetos não são musealizados, mas sim os indivíduos, numa ótica de que os museus são seres vivos e que respiram, de modo a que sejam promovidos valores que atuem em função de cada pessoa envolvida na sociedade.³⁵⁴

A esta descrição manifesta ao conceito de museu existe ainda o carácter do questionamento que as diferentes exposições nos colocam. O que distingue a Sociomuseologia da Museologia Tradicional é que a primeira não concebe que seja na inauguração da exposição que o trabalho dos profissionais acaba, mas antes onde começa, partindo assim do material para o metafísico.³⁵⁵

Este questionamento é o que nos permitirá avançar além do que é observado, entrar na realidade metafísica dos objetos. As coisas observadas não são apenas esses entes, mas são um conjunto de circunstâncias que os levou àquele espaço e àquele tempo. Compreender todas as dinâmicas onde estes objetos museológicos³⁵⁶ se encontram é também entender as circunstâncias das realidades, do devir do tempo.³⁵⁷

³⁵² “In connection with community center approach we see an increase of the number of local, community-based museums: neighbourhood museums and community museums. These decentralized museums place themselves at the service of the community in which they are established.” (Mensch,1993, p 17)

³⁵³ “E, se o museu aborda questões inerentes à condição humana, e a condição humana é corporal, considerar a fenomenologia é perceber o sujeito que visita o museu como um corpo encarnado, campo de percepção e de ação; corpo que habita o espaço (Merleau-Ponty, 1992).” (Pasqualucci,2016, p 81)

³⁵⁴ “In the social dimension, it refers to the access to social services (e.g. health and education), access to labour market and the opportunity for social participation and its effects on the social fabric; hence concerns with self-worth, dignity, identity, participation in decision-making and the marginalization of disadvantaged groups.” (Santos,2003, p 177)

³⁵⁵ “Eles resultam de gestos criadores que unem o simbólico e o material, que unem o sensível e o inteligível.” (Chagas,2011, p 5)

³⁵⁶ Não apenas e somente os objetos musealizados mas igualmente os objetos na nossa vida quotidiana devem ser alvo de um profundo questionamento.

³⁵⁷ “When they are mental objects, ideias, they must be transmitted to us as memories. The next step is to say that when physical objects are used as evidences of the cultural heritage, they must be combined with, or referred to, a

Apesar de a Sociomuseologia, neste caso, partir de uma reflexão sobre o passado, tem sempre repercussões no futuro, ou seja, deverá sempre incidir em problemáticas contemporâneas, outro aspeto que difere da Museologia Tradicional que se preocupa em expor os objetos sem qualquer ideia projetiva a eles associada.³⁵⁸

Os profissionais da área museal têm de conseguir entender as dinâmicas das comunidades – comunidade prisional, no caso –, pois só assim pode surgir o questionamento sobre o real e o modo como se podem aplicar essas mesmas inquietudes à nossa vida quotidiana, pois todos nós gostamos de ser ouvidos, mas devido à sociedade cada vez mais competitiva, tendemos a ser cada vez menos “humanos”³⁵⁹.

O museu como instituição simbólica³⁶⁰ tem de estar atento às expectativas geradas pelas comunidades, mas também ser fiel ao seu papel enquanto instituição. O problema dos museus na atualidade tem passado por uma estagnação e desatualização sobre os problemas sociais.³⁶¹

Na esteira do que anteriormente foi mencionado, os museus devem acompanhar os tempos, correndo o risco de continuarem inertes, consistir na memória da memória, algo já pensado mas também ultrapassado, não sendo já um lugar de questionamento de uma realidade atual.³⁶²

reconstruction of a cultural context. Sometimes this reconstruction can be identified as a memory itself, but it is not evident that it always can be seen in that way.” (Burén,1997, p 57)

³⁵⁸ “La conformación de la memoria colectiva está integrada por una multiplicidad de individualidades diversas y no siempre coincidentes. Aunque difícilmente puedan coincidir no existe el futuro sin memoria. Por lo tanto, los museos con sus relatos históricos, cumplen un rol importante para la preparación del futuro”. (AA.VV,2006, p 153)

³⁵⁹ O forte poder capitalista que temos vindo a sentir, através da sociedade de consumo, é um dos principais fatores de favorecimento ao elitismo museológico. Se por um lado, temos os não públicos que não tem tempo ou prioridades para ir ao museu (não sendo apenas os museus as vítimas, mas também outras áreas de cultura, como por exemplo a literatura), do outro lado temos os públicos elitistas, muitas vezes completamente ignorantes da realidade alheia, que visitam os museus tradicionais, “From this we may infer that museology and museums cannot live turning away society and its history, but they must play attention to the different trends of thinking, in order to include their questions, worries and plans for the future, and help them to create a synthesis of creative attitudes and behaviours capable of transforming the reality and getting a higher degree of humanization for citizens”. (Hernández,2006, p 306)

³⁶⁰ Museu significa educação, comunicação e conhecimento. Estas são as simbologias atribuídas aos museus. No entanto, estas três premissas não deveriam ser estáticas, mas antes realidades em movimento, como o tempo, “A necessidade da inclusão indica que existem situações de exclusão a qual é manifestada de diversas maneiras na sociedade.”. (Gomes e Cunha,2013, p 62)

³⁶¹ O que tem acontecido nos museus nacionais consiste na existência, por vezes de vinte anos, da mesma exposição permanente. Este facto contribui para que os públicos nacionais não voltem aos museus, sendo que estes seriam os principais alvos de um museu nacional. Não quero com isto afirmar que devemos mudar a exposição permanente todos os anos, mas devemos ir alterando alguns conteúdos e até mesmo algumas peças, pois nem sempre mudar é algo é dispendioso, sendo que os recursos às novas tecnologias, nomeadamente as redes sociais ajudam em todo este processo.

³⁶² “Portanto é muito importante que não só os museus, mas as demais instituições culturais estejam em perfeita sintonia com o pensamento e as políticas culturais contemporâneas, pois são pensamentos e políticas que não só reconhecem a diversidade cultural e social...” (Gomes e Cunha,2013, p 62)

Voltando às questões que nos trouxeram a esta reflexão neste capítulo: “Como espera a Sociomuseologia fazer com que as minorias sejam ouvidas e a verdadeira história escrita? Como ter a consciência que mesmo o nosso trabalho hoje, pode efetivamente mudar as mentalidades e serem vozes ativas de ação?” A resposta partirá definitivamente dentro do conhecimento e da ação de cada museólogo, no lugar que a Sociomuseologia tem nas suas vidas e no seu papel enquanto sujeito das questões, da promessa da tentativa de melhorar o mundo.³⁶³

Em síntese, a Sociomuseologia não é uma técnica profissional, é uma área científica que implica também um modo de vida, uma nova fundamentação de existência, baseada na compreensão de que somos seres no mundo e de que todas as populações, incluindo nós próprios gostamos de ser ouvidos e compreendidos. Neste sentido, não devemos, portanto, alimentar o egoísmo crescente, existente em grande medida devido à sociedade de consumo, mas olhar o outro com empatia, como um ser com problemas semelhantes.

9.1 Proposta expográfica Sociomuseológica

Todo este processo de contextualização revela-se inacabado sem que exista uma componente prática que resulte do trabalho anteriormente realizado. Apesar de ter um conhecimento relativamente profundo da exposição, torna-se uma tarefa árdua a escolha de um método expositivo.

- **Proposta 1:**

O primeiro método, resultado de um trabalho conjunto enquanto ainda ingressava o grupo de investigação do Centro de Filosofia da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e que consiste na utilização da ideia de Panóptico, criada por Bentham e posteriormente desenvolvida por Foucault. Na esteira deste pensamento, o que se tentou criar na exposição foi uma estrutura central que se assemelha a este conceito. No entanto, são visíveis algumas questões que poderão ser repensadas. A primeira, prende-se com o facto desta estrutura ser completamente opaca, ideia contrária à transparência existente nesta noção, em que todos vêem todos. A segunda, é que o panóptico existente na estrutura da exposição esconde, pela parte de dentro, os objetos expostos, assemelhando-se a uma prisão comum.

³⁶³ Como a Sociomuseologia se debruça sobre problemas de índole atual, toda esta perspetivação desta área científica, visa a servir as comunidades no presente e no futuro, e com isto uma melhoria, ainda que ínfima, da situação atual no mundo, “It proposes an integrative vision in the sense of trying to comprise different proposals and relate them in one framework for museology as a resource for development; and in the sense of relating museology proposals to the broader field of community development.” (Santos, 2003, p 12)

Assim, a melhor maneira de colmatar estas falhas seria criar toda a estrutura semelhante a uma grade, não só dando a ideia de prisão mas também de uma visão abrangente de todo o espaço, simulando a ideia de panóptico, ainda que fosse apenas parcialmente³⁶⁴, na medida em que não poderíamos ver em volta, mas apenas em frente. Neste sentido, as peças poderiam não estar em vitrines,³⁶⁵ mas suspensas criando assim uma ilusão que permitisse de que o tempo evocado como presente seja o da Primeira República Portuguesa, assim como os nossos prisioneiros inseridos naquela malha social. Os focos da iluminação ajudariam assim à concretização desta ideia, sendo que tudo estaria às escuras exceto as peças expostas, recriando assim uma Lisboa cinzenta e escura, com todos os pressupostos na condição da capital do início do século passado. A legendagem seria simples, mencionando sempre o local da tatuagem e o número do processo, pois as notícias em si são uma fonte rica de informação e de leitura, sendo que o próprio contexto torna-se mais rico nas próprias notícias, do que numa legendagem explicativa.

No entanto, torna-se importante, como aliás foi feita na exposição “O Mais Profundo é a pele” o auxílio de bibliografia utilizada na parte teórica torna-se importante para esse mesmo enquadramento.

- **Proposta 2:**

A segunda proposta expositiva é completamente diferente da primeira, pois aproveita a situação do espaço aberto, sendo que apenas divide-o ao meio por barras de ferro.

A ideia patente a esta solução passa pela separação física dos elementos que dizem respeito aos diferentes tipos de poder, por uma barra mostrando a divisão física entre as forças governamentais e os prisioneiros.

À semelhança do que foi atrás descrito, os objetos poderiam ser expostos na mesma maneira, em suspenso, novamente com o intuito de interromper o fluxo contínuo dos tempos e permitir aos diferentes públicos uma análise efetiva na exposição. A legenda teria de fazer acompanhar a peça, por isso teria de ser pensado como anexar a legenda à peça em suspenso. Novamente a iluminação seria semelhante à ideia anterior, tendo apenas um ligeiro *twist*,

³⁶⁴ A noção de Panóptico é deveras complexa, pois se, por um lado, implica visibilidade, por outro, pode implicar invisibilidade. Pois se por um lado, podemos ver para o centro do estabelecimento prisional, por outro, não está inteiramente claro como se processa o campo visual entre os próprios reclusos. O Panóptico pretende mascarar assim, apenas os diversos graus de poder, não enquadrado indivíduos que possam estar no mesmo estrato social, ou seja os presos.

³⁶⁵ Estariam sim em dispositivos que permitissem a protecção do espólio, como os fracos de formar ou acrílicos próprios para a conservação de papel.

consistindo em focos de luz com detetor de presença, que ora apresenta-se a peça ao visitante, ora o apresentasse à peça, de modo a que as pessoas que acessem à exposição também se sentissem expostas. Mas este foco de luz só se ligaria no caso dos prisioneiros, sendo que no caso dos órgãos políticos, estes manter-se-iam sempre ligados, com a lembrança de que sempre foram legitimados pela História. A luz também poderia ser estática no caso dos órgãos de Comunicação Social, mas apenas dizendo respeito ao contexto português na sociedade de início do século.

A luz equiparava-se, assim, ao conhecimento de que temos de subcapítulos da História como este, onde a invisibilidade impera em prol de uma História linear, onde finalmente surge um renascimento da própria História “não contada”.

Neste sentido, e jogando um pouco com todos os elementos expostos, poderíamos recorrer a sistemas digitais, como som e imagem. O Som seria importante neste registo, pois serviria para recriar o próprio contexto, assim como vídeos ou fotografias que pudessem existir neste contexto.

Ainda neste registo expográfico mais sombrio poderia existir um simulador de registo fotográfico criminal, novamente ao serviço de um entendimento dos públicos sobre o papel da fotografia criminal e o modo com esta se revela desarmante.

- **Proposta 3:**

A terceira proposta expositiva vai aproveitar dados das propostas anteriores, tendo a especificidade se apresentar as peças colocadas numa sala *open space*. As peças não estariam inteiramente fora de contexto, pois os próprios frascos, ou na impossibilidade de tal, fotografias, mostrariam o sítio exato das tatuagens. Neste aspeto, teríamos de arranjar um material leve para simulação dos corpos destes presos. A legenda acompanharia o boneco recriado.

Há ainda uma outra hipótese para a ideia supracitada, que abrange que essas mesmas figuras sejam tatuadas por artistas contemporâneos, tendo, no entanto, a tatuagem original num suporte perto do boneco recriado, o que daria uma visão muito contemporânea do traço das tatuagens recriadas.

Este processo poderia ser acompanhado por entrevistas aos próprios artistas recriadores das tatuagens questionando-os sobre o significado que estes revêm no traçado original,³⁶⁶ e aos

³⁶⁶ Na inauguração da exposição original já havia sido feito um evento que reunia tatuadores de Lisboa, traçando a visão contemporânea das tatuagens expostas. Neste sentido, esta ideia não é inteiramente nova.

próprios presos ou ex-presidiários da atualidade,³⁶⁷ de modo a ser refletida não só o papel dos presidiários na sociedade, mas também o modo com os presos de hoje vêm as tatuagens dos presos de ontem.

Ao contrário da suspensão nos outros casos, esta teria de ser realizada o mais baixo possível, pois temos tatuados que vão da parte superior à parte inferior do corpo, permitindo aos visitantes a observação de todo o corpo tatuado.

A iluminação podia realizar-se pela construção de pequenos focos existentes na sala, mas de modo a esconder um pouco os visitantes uns dos outros. Dada a natureza da coleção, todo o percurso expositivo deveria ser feito num ambiente de autorreflexão e de introspeção, não necessitando de meios exteriores ao nosso próprio entendimento da realidade.

- **Proposta 4:**

A quarta proposta irá novamente aproveitar algum do trabalho realizado pela equipa do MUDE: as cortinas escondem as marcas do corpo mais impressionantes por detrás de cortinas vermelhas. Este facto criou não só a expectativa inerente ao contexto escondido da exposição, mas também estabeleceu uma fronteira física de visibilidade e invisibilidade dentro do espaço de exposição.

A ideia aqui apresentada não se prende tanto com essas cortinas no meio da sala, mas usar as cortinas como foram utilizadas na exposição original, ou seja, aproveitando os meandros do espaço. Para tal seria necessário que o espaço tivesse pequenos esconderijos para esse efeito. Pegando na ideia de uma sala completamente vazia, os cantos numa sala com essas características poderiam ser usados para esse fim, visto que o próprio conceito de canto se revela apropriado para este tipo de conteúdo.

O centro desta mesma sala, seria ocupado por uma grade, com a simulação de um dos prisioneiros mais mediáticos do nosso conjunto, podendo ser por exemplo, o “Serafim da Bica”, contendo as suas tatuagens desenhadas numa simulação de um corpo, conjuntamente com as notícias referentes à sua pessoa, os registos da polícia judiciária e a sua fotografia, sendo que todos estes elementos iriam fazer-se acompanhar de legendas apropriadas.

³⁶⁷ Durante os dois anos desta investigação, deparei-me com duas situações em que fui confrontada com a tatuagem dos cinco pontos. Uma num taxi, em que o condutor tinha entre o pulgar e o indicador da mão direita, essa mesma tatuagem. A segunda, encontrei num indivíduo com que me cruzei no Metropolitano de Lisboa, tendo uma tatuagem com características no mesmo sítio. A hipótese de ser a mesma pessoa é remota, visto que muitas pessoas apropriaram-se do significado desta tatuagem como resultado nalguma prisão, física ou psicológica, que possa existir nas duas vidas.

Em volta desta peça central, girariam todos os restantes prisioneiros, as lutas pelo poder, e toda a panóplia exemplificativa das lutas constantes entre governos e “marginais”, sendo que os cantos ficariam sempre reservados para as marcas mais íntimas. Na falta da existência de cantos apropriados para este fim, criar-se-ia um género de minipanóptico opaco, de modo a poderem ser escondidas as “³⁶⁸vergonhas”.

Novamente a luz teria um destaque na visibilidade e invisibilidade da exposição, sendo que os focos de luz, nesta proposta expográfica seriam mais centralizados na sala e mais escuros nos cantos, sendo que nestes últimos as luzes só veriam após o afastamento dessas mesmas fronteiras, ou seja, as cortinas.

É no fundo uma proposta museográfica com base num objeto socialmente relevante³⁶⁹ que irá ditar tudo o que acontece em volta, que irá comunicar com os objetos periféricos, e também com os públicos.

- **Proposta 5:**

À medida que as propostas expográficas avançam, também a dificuldade vai aumentando. A última proposta é talvez, do ponto de vista da Sociomuseologia, a que mais impacto terá junto das comunidades. Esta sugestão baseia-se na itinerância desta exposição. É uma sugestão que oferece inúmeras dificuldades de logística, nomeadamente na segurança e transporte das peças. Ainda que consideremos a ideia com imensos entraves à sua concretização, será possivelmente a que dará mais frutos perto das comunidades em risco³⁷⁰.

Como exposição itinerante existem questões difíceis, sendo a iluminação a mais evidente. A única solução para o problema da itinerância passaria pela realização de uma instalação,³⁷¹ que contivesse um ou outro caso de relevância social e que comportasse consigo toda a panóplia identificativa dos objetos, isto é, a legendagem apropriada, mas que também fosse associada a um painel de iluminação apropriado a esta coleção. Não é uma tarefa simples

³⁶⁸ Um dos elementos constrangedores numa tipologia de coleção como esta, prende-se com o facto de algumas iconografias aqui presentes serem de foro sexual, o que pode provocar algum desconforto entre os públicos.

³⁶⁹ Este factor é um dos mais contestáveis no ramo da Sociomuseologia, pois a escolha apesar de poder ser das comunidades, neste caso, a proposta teria de partir sempre naquele objecto socialmente relevante no âmbito esta tese, isto é, de um dos prisioneiros com mais informação.

³⁷⁰ Um dos factores que extrema relevância no âmbito da Sociomuseologia, prende-se com a inclusão das comunidades nos processos expositivos. Esta exibição é ainda mais específica, pois procura incluir os não públicos, ou pessoas altamente marginalizadas. O caso de escolas em bairros sociais ou das próprias prisões, procurariam elucidar o abismo das penitenciárias e a exclusão social daí resultante.

³⁷¹ Dando novamente primazia aos casos com mais informações associadas, mas pensando também nos casos de maior violência exercida sobre estes corpos.

dado a variedade do material da coleção, sendo que neste sentido, o que é ideal neste tipo de expografia seria o uso de material fotográfico em detrimento da própria utilização da pele.

Esta proposta teria, deste modo, uma mensagem muito específica para estes grupos, nos quais a criminalidade juvenil têm vindo a aumentar³⁷². A questão de que o corpo é do indivíduo e este comanda as suas atitudes, torna-se vital para o esclarecimento efetivo destas comunidades, muitas delas ignorantes da dura existência dentro e após a prisão.

Em todas as propostas acima citadas, temos de conseguir realizar outros fatores, para um entendimento mais aprofundado na realidade com que nos deparamos.

O primeiro prende-se a obtenção dos dados do Arquivo da Polícia Judiciária, pois seria importante para a compreensão efetiva da realidade prisional dos reclusos em estudo.

O segundo, com algumas tatuagens que não estão presentes nesta tese, por falta de autorização do Instituto Nacional de Medicina Legal, e que aprofundariam o enquadramento empírico na exposição.

Terceiro, a obtenção dos próprios processos dos tatuados, também seria uma preciosa ajuda na realização de todas estas propostas expográficas, de modo a melhorar a parte empírica da exposição.

Quarto, de um modo mais ou menos evidente todas as propostas acima mencionadas teriam de ser repensadas de modo à possível utilização da fotografia em vez do emprego da pele humana. Esta última questão levanta muitas ramificações relativamente a ética e a bioética, onde de um dos lados temos as questões da dignidade humana e do outro lado, encontramos as questões relativamente ao avanço, das ciências.

Neste sentido ficará sempre a questão relativamente a esta exposição: que queremos fazer em prol do conhecimento?

³⁷² Fruto da escravatura recorrente nas ex-colónias, tem crescido um ódio patente aos países conquistadores, que escravizaram, conquistaram, pilharam o território indígena, considerando-se superior aos demais. Com a facilidade de emigração pelos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) e pelas restantes colónias, nomeadamente o Brasil, onde houve um grande fluxo enorme de emigração, fruto das más condições de vida nesses países.

10. Considerações Finais

A uma conclusão de um trabalho académico está sempre inerente uma autocritica com um levantamento das lacunas e de outras situações problemáticas que, criando insatisfação, necessitam ser trabalhadas.

Por um lado, procedeu-se à determinação dos conceitos fundamentais à reflexão da temática que aqui nos trouxe, sendo que as noções de Marca, Corpo, Poder, visam fundamentar o contexto de relações vividas entre as diferentes tipologias de poder. Em que a Marca é equiparada à Tatuagem, o Corpo à tela onde a tatuagem está inserida e o Poder ao dinamismo de campo social. Seguidamente, seguindo a lógica e a coerência, realizou-se a inserção de mais dois conceitos que sustentam a estrutura teórica: a Ética, para relacionar as éticas existentes entre os diversos níveis de poder; e a Sociomuseologia, conceito fundamental para a contextualização que seria necessária para esta exposição.

A parte empírica veio a ser essencial para entendimento do contexto em causa, seja a nível político, económico e social e que nos ajuda a compreender a motivação na procura de razões da criminalidade no início do século XX; e os desenhos, muitas vezes com diversas interpretações possíveis, mas que nos ajudam a entender a linguagem inerente ao registo pictórico.

O último capítulo consistiu numa “escolha pictórica” – a amostra empírica cujas dimensões foram racionalmente determinadas – para a estruturação de toda a dissertação e constituiu-se como numa pré-conclusão.

No entanto, ainda consideramos que muita coisa ficou por fazer.

Primeiro, faltou a realização do produto de uma ambição que nutria na parte empírica, que diz respeito à legislação, da Série I, que foi redigida pelo Diário do Governo de 1910-1928 e que se revela material riquíssimo que espero um dia vir a trabalhar.

Segundo, faltou a visita a um estabelecimento prisional, que ajudaria a compreender a criminalidade contemporânea. Nesta ótica seria importante a realização de entrevistas a estes reclusos (registo escrito ou áudio). Se possível, e porque em toda a cultura contemporânea da criminalidade existem tatuagens, analisar as motivações e os desenhos que impressos nos reclusos de hoje.

Além das entrevistas feitas aos prisioneiros, era necessário também a realização de conversas com os estúdios de tatuagens. Visto as alterações corporais serem uma moda na

atualidade, era importante entrevistar tatuadores e tentar perceber os pontos de contacto entre os diversos utentes dos espaços de tatuagens.

Terceiramente, seria importante cruzar os registos médico-legais com os judiciários/museu da polícia judiciária, algo que já foi feito parcialmente na exposição, mas que ainda assim seria importante fazer em registo de dissertação/tese e que é fundamental para a compreensão do movimento dos reclusos para o Limoeiro e também do registo de tombo dos seus crimes.

Em quarto lugar, faltou proceder a uma análise mais detalhada das tatuagens na sua totalidade, pois neste momento ainda carecemos da autorização do Instituto de Medicina Legal, pois toda a tese ficou mais pobre sem estes objetos iconográficos, que vão muito além dos que são aqui expostos.

Em quinto lugar, seria importante a exploração mais aprofundada da viabilidade das propostas sintetizadas no capítulo anterior, de maneira a entendermos o processo de montagem das exposições, os seus desafios e o modo como os conquistamos.

Em sexto lugar, explorar de um modo mais profundo o papel da mulher tatuada, no contexto da Primeira República, sendo que no final da década de 10 começam a surgir na Roménia os primeiros movimentos femininos, que se irão prolongar pelas décadas seguintes e que irão ser importantes para emancipação do género.

Em sétimo lugar, analisar mais detalhadamente os órgãos de comunicação social, pois no processo houve imensa documentação que teve de ser excluída, mas que ainda assim consideramos importante para a compreensão sociológica da criminalidade portuguesa de início de século.

Em oitavo lugar, tentar pensar profundamente sobre o impacto da Primeira Guerra Mundial sobre o cidadão português e sobre a criminalidade que possa ter surgido no nosso país. A análise estatística destes dados ajudaria a compreender melhor os acontecimentos sociológicos que se sentiram neste período. Ainda nesta perspetiva, tentar entender um enquadramento político que irá acontecer um pouco por toda a Europa, que seja dos países apoiantes do Extremismo Esquerdo, ou seja o Movimento Comunista que acontece dos países de Leste (existente na Rússia e Roménia); com os países de Extrema Direita, como os Movimentos Nacionalistas (presentes na Alemanha e na Itália). Ainda neste panorama tentar compreender as implicações para a Europa, da queda do Império Otomano, um dos mais antigos da Europa, mas que ainda assim tem consequências bastante atuais. Ainda na senda do mapa político na Europa, apreender igualmente a dissolução do Império Austro-Húngaro.

Ainda na esteira do pensamento anterior, um pouco utilizando o conceito de Prof. Manuel Serafim, de pensamento lateral, seria interessante proceder à análise de toda a obra estética, englobando a filosofia e teoria de arte, e ver o modo como houve efetivamente a queda de um paradigma.

Em nono lugar, considerar mais detalhadamente todas as implicações éticas que exposições com restos mortais podem comportar, e tentar debater a importância da existência de um código de ética para estes espólios expositivos.

Em décimo, fazer um levantamento de outras exposições semelhantes, por exemplo a *Tatoueurs* Tatoués* realizada em Paris no ano de 2015, se possível ir proceder à sua visita ou trocar ideias com quem projetou esta exposição.

Em décimo primeiro, e já avançando um pouco para o contexto do Estado Novo, entender o papel que o Great Crash irá desempenhar em futuros níveis de criminalidade em Portugal, comprovando que os tempos de crise geram o maior número de conflitos internos.

Todos estes pontos sustentam a importância de novos temas dentro da academia que possam contribuir para as suas áreas de conhecimento correspondentes, e que apesar conseguirem desvendar uma questão, abrem portas a que muitas mais questões surjam.

Quanto ao papel da Sociomuseologia enquanto ciência, temos de conseguir demonstrar a importância, cada vez mais urgente da acção que esta pode desempenhar na sociedade atual que cada vez mais apática carecendo de simpatia, e que tende a ser negligenciada pelo medo de afirmação de que como o devir dos tempos a Museologia também deveria mudar.

Relativamente aos prisioneiros, acreditamos que o seu grito tenha sido suficientemente alto, para que possamos refletir sobre a realidade criminal e política da atualidade. São tempos difíceis estes, em que o limiar do abuso psicológico se tornou evidente em toda a malha social. Este será sempre o papel da Sociomuseologia: ver, ser visto, ouvir e ser ouvido – fazer sentir a gente, gente.

Bibliografia

- AA.VV. (2008). *Sinais e símbolos: guia ilustrado das origens e dos significados*. Londres: Dorling Kindersley.
- AA.VV. (2006). *Symposium: Museology and History*. Alemanha e Argentina: ICOFOM, ISS, 35.
- AA.VV. (1999). *Symposium: Museología y Filosofía*. Venezuela: ICOFOM, ISS, 31.
- AA.VV. (1997) *Symposium: Museologie et Memorie*. França: ICOFOM, ISS, 27.
- AA.VV. (1993). *Symposium: Museums, Space and Power*. Atenas: ICOFOM, ISS, 22.
- AA.VV. (1986a). *Symposium Museums, Museology and Identity*. Buenos Aires: ICOFOM, ISS, 11.
- AA.VV. (1986b). *Symposium: Museums, Museology and Identity*. Buenos Aires: ICOFOM, ISS, 10.
- Aristóteles. (2004). *Ética a Nicómaco*. Lisboa: Quetzal Editores. (Original escrito no séc. IV a.C.).
- Aristóteles. (1998). *Política*; Lisboa: Editora Vega. (Original escrito no séc. IV a.C.).
- Bastos, S. P. (1997). *O Estado Novo e os seus vadios: contribuição para o estudo das identidades marginais e da sua repressão*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Berkeley, G. (2017, novembro). *The Principles of Human Knowledge*. Acedido em dezembro de 2017, em <http://www.earlymoderntexts.com/assets/pdfs/berkeley1710.pdf> (Original publicado em 1710).
- Bourdieu, P. (2001). *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL. (Original publicado em 1989).
- Bruno, M. C. O. (2007). Museology as a pedagogy for heritage. *Cadernos de Sociomuseologia*, 27, p.127-143.
- Bruno, C. (1997). Propostas, projectos, modelos: os caminhos para a experimentação museológica. *Cadernos de Sociomuseologia*, 10, p. 52-90.
- Cândido, M. M. D. (1998). Museus: busca de adequação à realidade por que os museus?; trajetória dos museus e urgência de transformação; o discurso da neutralidade; objeto signifiicante; conceitos de museologia; o trabalho nos museus: atividades básicas. *Cadernos de Sociomuseologia*, 12, p. 19-41.
- Caprettini, G. P. (1994). Código. *Enciclopédia*. 31, p. 98-138.

- Chagas, M. d. S. (2002). Memória e poder : dois movimentos. *Cadernos de Sociomuseologia*, 19, p. 35-67.
- Chagas, M. d. S. (2011). Museus, memórias e movimentos sociais. *Cadernos de Sociomuseologia*, 41, p. 5-16.
- Crespo, J. (1990). *A História do corpo*. Viseu: DIFEL.
- Cunha, M. N. B. d., Gomes, M. F. (2013). O museu como agente de transformação: a inclusão cultural. *Cadernos de Sociomuseologia*, 45, p.61-84.
- Durão, S. (1994). *Tatuagem e Identidade – entre as práticas e as representações: estudo para um processo dinâmico (O Caso Português)*. Trabalho final de licenciatura apresentado ao departamento de Antropologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa com a orientação científica do Doutor Jorge Crespo, Lisboa.
- Eco, U. (1995). *O signo*. Lisboa: Editorial Presença. (Original publicado em 1973).
- Eco, U. (1994a). Signo. *Enciclopédia*, 31, 11-52. (Original publicado em 1984).
- Eco, U. (1994b). Símbolo. *Enciclopédia*; 31, 138-177. (Original publicado em 1984).
- Edson, G. (1997). *Museums ethics*. Londres: Routledge.
- Foucault, M. (2010); *O nascimento da biopolítica*. Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1978).
- Foucault, M. (2003). A vida dos homens infames. In *Estratégia, poder-saber: ditos e escritos IV* (pp. 203-222). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (1997). *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Lisboa: Editora Vozes. (Original publicado em 1975).
- Honneth, A. (2011). *A luta pelo reconhecimento: para uma gramática moral dos conflitos sociais*. Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1992).
- Moutinho, M. (2012). Museums as service providers. *Cadernos de Sociomuseologia*, 43, p. 103-114.
- Moutinho, M. (1993). Sobre o conceito de Museologia Social. *Cadernos de Sociomuseologia*, 1, p. 5-6.
- Nascimento, R. (1998). O objeto museal, sua historicidade : implicações na acção documental e na dimensão pedagógica do museu. *Cadernos de Sociomuseologia*, 11, p. 13-141.
- Levi-Strauss, C. (1955). *Tristes trópicos*; Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1955).
- Pasqualucci, L. (2016). O espaço museológico pautado pelas perspectivas fenomenológicas e interdisciplinares. *Cadernos de Sociomuseologia*, 52, p.77-99.
- Peixoto, R. (1990). *Etnografia portuguesa (Obra Etnográfica Completa)*. Lisboa: Publicações D. Quixote – PortugaldePerto. (Original publicado em 1967).

- Pinto, M. S. (2016) *Estado da arte e teoria do conhecimento*. Porto: Fronteira do Caos Editores.
- Pinto, M. S. (2015). *Segurança: perspectivas para uma Sociologia da Acção*. Porto: Fronteira do Caos Editores.
- Pereira, P. M. F. C. (2009). Preservar e desenvolver em museologia, contributo para o estudo do objecto e do processo museológico. *Cadernos de Sociomuseologia*, 34, p. 3-415.
- Primo, J. S. (2007). Documentos básicos de museologia : principais conceitos. *Cadernos de Sociomuseologia*, 28, p.117-133.
- Primo, J. S. (2014). O social como objecto da museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, 47, p- 5-28.
- SÁ, L. (2015). *Infâmia e fama: o mistério dos primeiros retratos fotográficos judiciários em Portugal 1869-1895*. Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de Doutor em Estudos de Cultura com orientação científica de Professora Doutora Isabel Capelo Gil, Lisboa.
- Santos, M. C. T. M. (1994). A preservação da memória enquanto instrumento de cidadania. *Cadernos de Sociomuseologia*, 3, p. 67-78.
- Santos, P. A. (2010). Give or take: thoughts on museum collections as working tools and their connection with human beings. *Cadernos de Sociomuseologia*, 38, p. 75-87.
- Santos, P. A. (2003). Museology and community development in the XXI Century. *Cadernos de Sociomuseologia*, 29, p. 11-251.
- Santos, M. C. T. M. (2002). Museu: centro de educação comunitária ou contribuição ao ensino formal?. *Cadernos de Sociomuseologia*, 18, p. 35-73.
- Tinoco, A. (2012). Crianças em risco: a museologia como instrumento educacional. *Cadernos de Sociomuseologia*, 42, p. 89-100.
- Trigueiros, C. (2011). *Panóptico: as ordens da vigilância*. Lisboa: Editora Caleidoscópio.

Webgrafia

- <https://www.dicionariodesimbolos.com.br> Acedido entre setembro e novembro de 2017.
- <http://www.earlymoderntexts.com/assets/pdfs/berkeley1710.pdf> Acedido em dezembro de 2017.

Anexos



Anexo I - Digitalização do jornal O Século, de 21 de agosto de 1912 capa



Anexo II - Digitalização do jornal *O Século*, de 28 de agosto de 1923 capa



Anexo III - Digitalização do jornal *O Século*, de 7 de dezembro de 1919 capa



Anexo IV - Digitalização do jornal *O Século*, de 16 de agosto de 1923 p.3



Anexo V - Digitalização do jornal *O Século*, de 11 de dezembro de 1926 capa



Anexo VI - Digitalização do jornal O Século, de 28 de novembro de 1922 capa



Anexo VII – Digitalização do jornal *O Século*, de 19 de janeiro de 1927 capa



Anexo VIII - Digitalização do jornal O Século, de 27 de julho de 1923 capa



Anexo IX Digitalização do jornal O Século, de 17 de novembro de 1926 capa



Anexo X Digitalização do jornal *O Século*, de 8 de novembro de 1919 p.3



Anexo XI Digitalização jornal *O Século*, de 22 de maio de 1923 capa



Anexo XII Digitalização do jornal *O Século*, de 25 de junho de 1926 capa



Anexo XIII – Digitalização do jornal *O Século*, de 25 de fevereiro de 1922 capa



Anexo XIV – Digitalização do jornal O Século, de 23 de agosto de 1912 p.2



Anexo XV Digitalização do jornal O Século, de 30 de setembro de 1914 p.3

A CONFLAGRAÇÃO

Os francezes progridem no ocidente e nos Balkans

Na Belgica e na França

Os francezes continuam a avançar em Mort-Homme

PARIS, 4.—Comunicação oficial das 15 horas:

«Na Belgica, os tiros da nossa artilharia destruíram as organizações inimigas da grande duna e provocaram o explodo de um deposito de munições.

«Durante a noite ampliamos e consolidamos os nossos ganhos de hontem em Mort-Homme. Confirma-se que as perdas inimigas foram consideráveis, devido, principalmente, ao facto da preparação da nossa artilharia. Num ponto vieram entregar-se dois homens durante o tiroteio; eram os ultimos sobreviventes dos soldados que occupavam a trincheira.

«Em Eparges ficamos salutar uma mina, cuja escavação organisamos.

«A leste de Saint-Mihiel, um forte reconhecimento inimigo, que tentava aproximar-se de um dos nossos postos, na região de Apremont, foi repellido.

AVIAÇÃO.—Um dos nossos aviões travou combate com dois aparelhos alemães, na região de Douaumont; um d'elles caiu desamparado, o outro fugiu.—H.

Os alemães ordenam a evacuação de Metz

PARIS, 4.—Os alemães ordenam a immediata evacuação da cidade de Metz pela respectiva população civil.—S.

Novo contingente russo em Marselha

MARSELHA, 4.—Chegou um novo contingente de tropas russas esta manhã, sendo acolhido com o mesmo ceremonial e aclamações que os precedentes.—H.

As operações nos Balkans

Os francezes avançam no sector de Monastir

PARIS, 4.—Telegramas de Athenas, d'esta noite, dão a nova de terem as tropas francezas occupa-

petentes interrogaram hoje demoradamente o traidor Roger Casement sobre a sua acção revolucionaria.—S.

Ha dias, uma nota officina do governo britânico recordava que nem um mos passou ainda sobre aquela sessão em que foi retirada a palavra no Reichstag ao deputado Liebknecht, por afirmar que estava na posse de documentos que estabeleciam até a evidencia que Roger Casement mantinha relações clandestinas com Zimmermann, sub-secretario permanente do ministerio alemão dos negocios estrangeiros.

O incidente americano-alemão

A resposta da Alemanha á America

PARIS, 4.—Parece estar confirmada a noticia de ter Jagow redigido já a nota alemã de resposta ao ultimo aviso norte-americano sobre a guerra submarina.—S.

Continúa sendo imprevisível a situação diplomatica entre os Estados Unidos e a Alemanha. Parece que todo o optimismo dos alemães é, pelo menos, um pouco prematuro. Os jornais Americanos não encaram a situação da mesma forma por que o fazem os de Berlin e outras capitais do imperio germanico. Perjudica ha até em Viena que entendem que a participação na guerra de um exercito norte-americano, combatendo ao lado dos aliados, tornaria ainda mais difficil a missão do supremo comando austro-alemão e que essa intervenção produziria uma grande impressão moral favoravel aos aliados. Acresce a isto que se deve ter em conta a questão financeira, em que a America pode dar cartas e ditar leis.

Mas isto não é tudo. A dar-se a ruptura, seriam apropriados os grandes transatlanticos alemães internados nos portos norte-americanos. Só o Norddeutsche Lloyd e a Hamburg Amerika Linie tem vapores. Além d'estes, estão fundados no porto de New-York e em varios outros portos muitos outros vapores de menor tonelagem, mas ainda assim de grande utilidade.

Noutro lugar do nosso jornal vae um telegrama, em que se diz estar redigida a resposta da Berlin em Washington. Falta saber em que termos. É' bem possível que a Alemanha, em ultima análise, voglia a humilhação, para afastar os Estados Unidos da guerra.

Hotel Eduardo VII, a diversas entidades do mundo financeiro e comercial assistindo o ministro de Portugal, sr. João Chagas, o sr. Navarro, conselheiro comercial da legação portuguesa David Munnet, presidente da Camara de Comercio de Paris, Paul Forsans, presidente da União dos Interesses Economicos, e Dupeyron, presidente da Associação Nacional Economica e Financeira.

Durante esse almoço foi apreciado um curso numero de problemas respeitantes á economia da França e de Portugal.

O sr. Carlos Gomes partiu esta noite para Lisboa, tendo lido uma despedida amigavel na gare d'Orsay.—S.

A Hespanha neutral

Os alemães provenientes dos Camarões

CADIZ, 4.—Fizeram combolos especiaes para Alcalá, Madrid, Aranjuez, Saragoca e Valladolid com os alemães procedentes dos Camarões. Nenhum incidente se deu á partida.—S.

CADIZ, 4.—Fundaram aqui á meia noite dois paquetes conduzindo 700 alemães que estavam nos Camarões e que constituem a primeira expedição. As autoridades dirigiram o desembarque, que se effectuou sem incidente. Ás seis horas da manhã partiram em combolos especiaes para os diversos destinos que lhes foram designados.—H.

Lerroux noticia que vae atacar o governo

MADRID, 4.—O chefe radical sr. Lerroux tencionava, quando reabrir o parlamento, pedir explicações ao governo sobre a situação internacional, por não ter ainda definido, francamente, o seu criterio.—S.

No discurso da corda falar-se-ha da situação internacional

MADRID, 4.—No discurso da corda que será lido pelo monarcha na sessão de reabertura do parlamento, pelo que respecta á guerra, trata-se da applicação da convenção da Haia aos internados alemães que ánnahã chegarão, abordando-se a situação internacional com palpante interesse e annunciam-se hes-

Anexo XVI - Digitalização do jornal O Século, de 5 de maio de 1916 p.2

NA TRANSILVANIA E NA MACEDONIA



BOLETIM DA GUERRA

Até, presentemente, sob o fogo da artilharia de Tcherbitcheff e é de presumir que o inimigo não tardará a evacuar.

PELO TELEGRAPHO

Na frente occidental

Resumo das operações inglezas na semana finda

me monstro aereo que jaz desmantelado mas com todo o seu armamento ainda tão completo que parece impenetrável que uma tão colossal obra possa ter caído no solo lica curvadas e retorcidas, elas mostram claramente as linhas geradas da aeronave. Acham-se atiradas na estrada, com as extremidades sobre os campos lateraes; a vedação da armie. A carcassa vista de dentro revela o milto ao esqueleto de um avião ou de outra estrutura, o fundo da aeronave no de um pagente de não muito pequenas dimensões, quando se alça

Mackensen, com 120.000 homens, tomava Turukel e Silistria e entrava na Dobrudja. Depois de ter ameaçado a linha de Ornavola-Constanza, era repellido violentamente para o sul, onde os progressos dos romenos continuam.

Gracas á retirada de corpos de exército da frente occidental, Falkenhayn appareceu, em meados de setembro, nos vales da Transilvania com grandes contingentes, travando batalhas em Sibiu, Tour Henge e Fogaras, tendo os seus ataques convergentes por objetivo Bucarest, pois os alemães pretendiam tentar contra a Romania uma expedição repressiva, com muitas centenas de milhares de homens.

No previsto d'este assalto, o general Zoltu, diz o *Petit Parisien*, ordenou ás tropas que retirassem para a crista da fronteira. A Transilvania será assim evacuada na parte meridional, subestindo, porém, a occupação norte, sendo possível que assistamos a um fluxo e refluxo identicos aos que se produziram no Trentino.

Se, como é provavel, o esforço da Falkenhayn for quebrado, os romenos poderão proseguir com vantagem nas suas occupações.—S.

Na Macedonia

Prosegue a offensiva dos aliados

PARIS, 9.—A offensiva dos aliados desenvolve-se favoravelmente na Macedonia. Servios, russos e francezes continuam eficazmente o movimento envolvente da cidade de Monastir.—S.

Na frente italiana

Lutas de artilharia—Ações repetidas

ROMA, 8.—Comunicação official: «Contra a nossa nova posição no massico de Bussa, no alto Vancil Cimmon, o adversario den alguns ataques successivos durante a noite de 7, intercalados com intenso bombardeamento, mas foi repellido em todos elles, com elevadas perdas, verificadas pelas nossas reconhecimentos. Houve violentas ações de artilharia idmual sobre Cobriccon (vale de Travignolo), na zona de Colliana (alto Cortevole) e Punta de Lorence (alto Botte). As

Anexo XVII Digitalização do jornal O Século, de 10 de outubro de 1916 capa

PORTUGAL NO CONFLITO EUROPEU

As vitórias de África

Uma manifestação ao governo

Pelas 21.30 de hontem organisou-se no Rocio, junto á estatua, uma manifestação, composta de algumas centenas de individuos, levando alguns d'elles bandeiras das nações aliadas. Uma hora depois, o cortejo poz-se em marcha, descendo a rua do Ouro e dirigindo-se ao Terreiro do Paço, onde parou em frente do ministerio do interior. O respectivo ministro, sr. Mousinho de Albuquerque, encontrava-se no seu gabinete trabalhando com os seus secretarios e com o governador civil, que se fazia acompanhar do seu secretario, sr. José Sarmento. Os manifestantes, levantando vivas á guerra e aclamando o governo pelas ultimas vitórias das nossas tropas em Africa contra os alemães, esperaram na rua que uma comissão subisse ao ministerio, a expôr os motivos d'aquella homenagem, vindo depois a uma das janelas o sr. Raimundo Alves, que pronunciou algumas breves palavras e levantou um caloroso viva á Patria, que foi muito correspondido. Os manifestantes, ato continuo, debandaram, seguindo os portadores das bandeiras pela rua do Ouro e subindo ao Chiado, seguidos de perto por dois pelotões de cavalaria da guarda republicana, que recolheram ao seu quartel, no Carmo, logo que chegaram á rua Nova da Trindade.

Parece, porém, que um grupo aggressivo de individuos se permitiu seguir os portadores das bandeiras até ao Centro Solidarieidade Republicana, na travessa da Boa Hora, manifestando alguns d'elles o desejo de assaltarem a sede d'aquella coletividade. Isto deu lugar a que, do referido centro, um outro individuo, chegando a uma das janelas, disparasse uns tiros para a rua, que não acertaram em qualquer pessoa, sendo do facto prevenido o governo civil, pelo telefone do posto da Misericordia. Imediatamente saiu do quartel do Carmo um esquadrão de cavalaria e logo uma força de infantaria, que varreram a rua de curiosos, enquanto o piquete da policia do governo civil e o reforço da esquadra do Bairro Alto, dirigidos pelo capitão Esmeraldo e pelo chefe Antunes, faziam outro tanto por todo o bairro. O agente Felisberto de Oliveira e os seus auxiliares estiveram na sede do citado centro, a proceder a averiguações sobre o caso dos tiros, saindo sem terem apurado nada.

A subscrição do «Seculo» para os feridos

Em seu favor vendem-se hoje belos crisantemos que estiveram na exposição. Foram constante objeto da particular admiração de todos os visitantes os formosos e gigantescos crisantemos expostos pelos grandes horticultores portuenses srs.

gues as adesões do sr. Adelino Augusto Marques, 1800, e D. Adelaide M. Santos, 1850.

Pela sr.ª D. Elisa Dias de Freitas Rodrigues foram apresentadas as adesões das sr.ªs D. Eva Baldaque da Silva Coutinho de Vilhena, 1850; D. Adelaide Baldaque Pereira da Silva, 1800.

—Por intermedio da comissão de propaganda foram enviados ao sr. José dos Santos Silva, da Beira (Africa Oriental), quatro quadragesimos da «Loteria Patriótica», que pediu, enviando um cheque de 4 libras, que rendeu 28\$13. Estes quadragesimos são destinados ao remetente e mais a madame Pilar Ossuna Moreno, ao sr. Antonio Augusto de Sousa Duarte e Manuel Soares Franco. Por ordem d'estes senhores, deduzidas as despesas de registo, reverte para a Cruzada o que vae além do preço dos quadragesimos.

—Os empregados do escritorio central da Nova Companhia de Moagem, rua do Jardim do Tabaco, 74, coligaram-se entre si, reunindo 9\$00, que, por intermedio da sr.ª D. Antonia Bermudes, foi entregue á comissão de propaganda.

—Pela sr.ª D. Maria Guimarães Pala foi entregue 4\$14 á sr.ª D. Ana de Castro Osorio, produto da venda de 19 conferencias «A mulher portuguesa e a guerra actual», da sr.ª D. Beatriz Pinheiro, e «A mulher heroica», pela mesma senhora feita, tendo o sr. J. Cordeiro pago um exemplar por 1\$50 e o sr. Pereira de Sousa por 1\$00 e todos os outros por quantias superiores a 5 centavos.

—A sub-comissão da Cruzada das Mulheres Portuguezas entregou á secretária geral 200\$00, produto liquido de uma «kermesse» realisada na explanada do Casino de Ribamar em favor dos feridos da guerra e familia dos mobilisados.

—Em carta dirigida á presidente, por uma portugueza residente no Ibo, foram enviados 3\$50 em notas do Banco Ultramarino, para auxiliar a obra da Cruzada.

Bens dos inimigos

Foi concedida aos subditos neerlandezes a prorrogação, por trinta dias, do prazo estabelecido para reclamação de carga dos navios ex-alemães.

Os navios apreendidos

O Tribunal do Comercio comunicou ao ministerio da marinha que foram julgados, como boas presas de guerra, os seguintes navios ex-alemães:

«Alentejo», «Barreiros», «Belem», «Figueira», «Gil Eanes», «Granja», «Leixões», «Madeira», «Ovar», «Patrão Lopes», «Porto», «Sacavem», «Sado» e «Sines», respectivamente, ex-«Uckesmark», «Lubek», «Rhodes», «Rotterdam», ex-«Luhne», «Ricadu», «Cheruskia», «Petropolis», «Casa Blanca», «Newa», «Prinz-Helairich», «Juffa», «Pluto» e «Milos».

Anexo XVIII - Digitalização do jornal O Século, de 1 de novembro de 1916 capa

A GUERRA

Nas linhas do ocidente

Comunicado oficial inglez

LONDRES, 3.—Comunicação do general Haig, d'esta tarde:

«Capturamos uma trincheira inimiga por surpresa, hontem á noite, a leste de Gueudecourt e consolidámos a posição durante a noite.

«Deu resultado um raid que fizemos contra as trincheiras inimigas, proximo de Arras.»—H.

A luta de artilharia em Armentières e Ypres

PARIS, 3.—O *Petit Parisien*, fazendo sobresair a noticia de que a actividade da artilharia é grande ao sul de Armentières e ao norte de Ypres, acentua que esses dois nomes não devem ser esquecidos.—S.

Ataque alemão repellido—Luta de artilharia e de aeroplanos

LONDRES, 4.—Comunicado britânico.—O general Haig informa que esta tarde os alemães dirigiram, contra a trincheira por nós conquistada hontem, a leste de Gueudecourt, um contra-ataque, que foi completamente repellido.

«Durante o dia a nossa artilharia e os nossos morteiros de trincheira bombardearam as linhas alemãs a leste de Fauquissart, e as paragens de Blanville. Durante os combates aereos de hontem foram destruidos dois aeroplanos alemães.»—H.

A Italia no conflito

Os austriacos confessam os seus revezes

PARIS, 3.—Os jornaes austriacos reconhecem que o segundo e o terceiro exercitos italianos deram hontem um formidavel assalto ás posições do vale de Viphaeco e confessam que Loricca ficou nas mãos dos italianos. Ainda dizem que as forças de Cadorna eram muito superiores em numero.—S.

A Grecia e os beligerantes

A legação da Alemanha guardada militarmente

PARIS, 3.—Um relatório de Dartige du Fournet ao governo francez refere que o ministerio helenico acentua que o Anghelik, o Kiki e o Isata foram torpedeados pelos submarinos alemães, tendo esta comunicação causado grande impressão. A legação da Alemanha em Atenas está guardada militarmente.—S.

Anexo XIX Digitalização do jornal O Século, de 4 de novembro de 1916 p.2

COMO SE MANIFESTA A "KULTUR"

Alemães e austriacos equivalem-se—Na Trópoliana, na França e no Trentino

OLETIN DA GUERRA

As condições da guerra são de tal modo que os alemães e austriacos se equivalem na Trópoliana, na França e no Trentino. A guerra é de tal modo que os alemães e austriacos se equivalem na Trópoliana, na França e no Trentino. A guerra é de tal modo que os alemães e austriacos se equivalem na Trópoliana, na França e no Trentino.

NA PROPAGANDA DE PORTUGAL

"A TERRA PORTUGUEZA"

As condições da guerra são de tal modo que os alemães e austriacos se equivalem na Trópoliana, na França e no Trentino. A guerra é de tal modo que os alemães e austriacos se equivalem na Trópoliana, na França e no Trentino. A guerra é de tal modo que os alemães e austriacos se equivalem na Trópoliana, na França e no Trentino.

PORTUGAL NO CONFLITO EUROPEU

O desativo do "Seculo"

Para as linhas dos beligerantes, o "Seculo" é de tal modo que os alemães e austriacos se equivalem na Trópoliana, na França e no Trentino. A guerra é de tal modo que os alemães e austriacos se equivalem na Trópoliana, na França e no Trentino. A guerra é de tal modo que os alemães e austriacos se equivalem na Trópoliana, na França e no Trentino.

Armas militares

As condições da guerra são de tal modo que os alemães e austriacos se equivalem na Trópoliana, na França e no Trentino. A guerra é de tal modo que os alemães e austriacos se equivalem na Trópoliana, na França e no Trentino. A guerra é de tal modo que os alemães e austriacos se equivalem na Trópoliana, na França e no Trentino.

Interessos comerciais

As condições da guerra são de tal modo que os alemães e austriacos se equivalem na Trópoliana, na França e no Trentino. A guerra é de tal modo que os alemães e austriacos se equivalem na Trópoliana, na França e no Trentino. A guerra é de tal modo que os alemães e austriacos se equivalem na Trópoliana, na França e no Trentino.

Informações para a imprensa

As condições da guerra são de tal modo que os alemães e austriacos se equivalem na Trópoliana, na França e no Trentino. A guerra é de tal modo que os alemães e austriacos se equivalem na Trópoliana, na França e no Trentino. A guerra é de tal modo que os alemães e austriacos se equivalem na Trópoliana, na França e no Trentino.

Anexo XX - Digitalização do Jornal "O Século" de 23 de Janeiro de 1917 capa

A CHINA, OS ESTADOS UNIDOS E A ALEMANHA

A atitude dos socialistas francezes—Os portugueses no Brazil—O empréstimo italiano

A China e a Alemanha

A República oriental vai declarar guerra ao Império

LONDRES, 5.—O governo chinês, após larga deliberação, resolveu cortar as relações diplomáticas com a Alemanha, declarando posteriormente a guerra.

O presidente da República conformou-se com a resolução tomada, com a condição de que será aprovada pelo parlamento.—S.

Nos Estados Unidos

Wilson e o senado — O obstruccionismo dos pacifistas — O presidente quer uma sessão especial

WASHINGTON, 5.—O presidente Wilson, na declaração publicada no domingo à noite, informou o país de que pode achar-se na impossibilidade de armar os navios mercantes ou tomar outras medidas que tenham por fim fazer face à ameaça submarina, em consequência da falta de toda e qualquer autorização do Congresso para este efeito. O presidente Wilson acrescenta que é necessária uma sessão extraordinária para lhe dar essa autorização, mas que acha bem inutil convocar também uma nova sessão enquanto o senado estiver sujeito ao mesmo regulamento que permite a uma pequena minoria fazer obstrução a uma maioria esmagadora. Por conseguinte, o presidente Wilson propõe para hoje uma sessão especial do senado, para rever os regulamentos em vigor e autorisar os meios de acção, a fim de salvar o país de um desastre.—H.

A agência Havas distribuiu, hontem, em telegrama de Roma, que publicamos na integra na nossa edição da noite, uma larga apreciação ao ultimo discurso do chancelier alemão sobre a situação actual, especialmente na parte em que se refere aos Estados Unidos e a guerra submarina. Com respeito aos Estados Unidos diz o telegrama da Havas: «A parte polemica, circunscrita e inspirada no proposito de não extremar uma questão muito difícil, é dedicada aos Estados Unidos, a quem o chancelier acusa de parcialidade e fragueza para com a Inglaterra. No nosso modo de ver, não há a parte mais im-

avels e 100 com trigo. Pela administração militar foram alugados tambem 300 hectares para culturas culturais.—H.

O sucesso do empréstimo

ROMA, 5.—Segundo telegramas recebidos pela presidencia do sindicato financeiro dos bancos, acerca da colocação do empréstimo consolidado, as subscrições recebidas até ao dia 3 da corrente, nas sucursaes do banco de Italia e até ao dia 2, nas caixas dos outros institutos similares, representam complexivamente uma soma de capital de mais de dois milhões e meio, sendo 1.730 milhões em dinheiro de contado.—H.

Como os austriacos desmentem factos consumados

ROMA, 5.—A Agência Stefani publica o seguinte: «O correspondente da agencia de Viena desmentiu a nossa noticia acerca d'um raid efectuado sobre Pola pelas nossas aeronaves, na noite de 30. Este desmentido é completamente inefficaz em presença do raid efectuado. A mesma agencia vienense nega tambem uma tentativa de bombardeamento aereo sobre Bari, em 24 de fevereiro, declarando que se tratava de um voo de reconhecimento, mas esta declaração é tendenciosa, e se a tentativa inimiga não deu resultado, foi isso devido à efficacia da nossa defesa anti-aerea.—H.

Ernesto Mathan aconselha economias

ROMA, 4.—(Atrazado).—Ernesto Mathan, ex-sindico de Roma e ex-grão-mestre da masonaria italiana, pronunciou hoje um discurso, muito aplaudido, no teatro Costanzi, aconselhando a população ás maiores economias durante a guerra.—S.

A questão económica

ROMA, 4.—(Atrazado).—A *Idea Nazionale*, comentando a situação economica italiana, sobretudo no que respeita ao carvão de pedra, diz que a frente economica italiana é em Londres, sendo, por isso, necessario resolver o problema, tomando medidas rapidas e energicas em Londres e não pronunciando inutilis discursos em Roma.—S.

Comunicado russo

Ataque turco repellido

PARIS, 5.—Comunicado russo.—Repellimos um ataque dos turcos ao nordeste de Kalkit. Ao sudoeste de Louisk abatemos um avião, fazendo prisioneiro o seu piloto.—H.

Anexo XXI digitalização do jornal O Século, de 6 de março de 1917 p.2

A SITUAÇÃO INTERNACIONAL

A PERFDIA TEUTONICA

BERLIM ATRAÍDOAVA WASHINGTON

Um incidente com a Suíssa

A America não quer mais o atual ministro d'aquella Republica

Os ingleses avançam

600 metros mais no Ancre

O Japão repudia o convite que lhe d'veria ser feito por intermedio do Mexico

WASHINGTON, 2.—Um comunicado official japonês declara que o Japão está em completo accordo e em estreitas relações com as outras potencias, com as quaes tem uma causa comum e convênções formaes; que a boa amizade entre o Japão e os Estados Unidos vai crescendo dia a dia, em sinceridade e cordialidade, e que, em qualquer circunstancia que fosse, nunca o governo japonês daria ouvidos a um convite da natureza do que a Alemanha teria feito por intermedio do Mexico.—H.

As relações entre os Estados Unidos e o Mexico são amigaveis

WASHINGTON, 2.—O sr. Lansing, ministro dos negocios estrangeiros dos Estados Unidos, declarou estar persuadido de que o Mexico não faria parte de semelhante complot, dadas as relações amigaveis que existem entre os Estados Unidos e o governo mexicano, e acrescentou que as linhas geraes do complot, já publicadas, são exatas, não podendo, porém, comunicar os pormenores.—H.

A razão de ser d'estas duas notas vão os leitores encontrá-la em seguida.

Os alemães propuzeram uma aliança ao Mexico e ao Japão para atacarem os Estados Unidos

tra a Alemanha e enquanto o Congresso se mostrava hesitante. Estava em poder do presidente quando o chanceler Bethmann-Holweg declarava que os Estados Unidos tinham dado a declaração de guerra submarina

LONDRES, 2.—O Daily Telegraph insere um telegrama de New-York noticiando que, segundo uma informação do jornal Sun, de New-York, o presidente Wilson pediu á Suíssa que mandasse retirar o seu ministro plenipotenciário, sr. Ritter, ou que o informasse de que devia cessar de ser persona grata, isto por causa da sua attitude germanofila.—H.

LONDRES, 2.—Comunicação official: «Durante o mez de fevereiro fizemos 2.433 prisioneiros, entre os quaes 36 officiaes. As aldeias de Ligny, Thillois, Thillois-le-Barque, Warlencourt, Pys Miraumont, Petit Miraumont, Grandecourt, Puisieux-au-Mont, Serre e Gommecourt foram tomadas por nós ou deixadas em nosso poder, pela retirada

Anexo XXII Digitalização do Jornal "O Século" de 8 de Março de 1917 capa

OS ALIADOS E A SUA AÇÃO CONJUNTA

O governo sueco não quer a conferencia socialista em Stockholm?

A crise provocada pelo caso Henderson — A traição da familia real da Grecia — Os neutros vizinhos da Alemanha são perigosos...

Uma só ação n'uma frente única

Será assim, efetivamente, após a reunião de Londres?

ROMA, 14.—O informador do «Stampa» assegura que a conferencia de Londres terá por efeito o renascimento imediato da ofensiva em todas as frentes.—S.

A reunião de Stockholm

O kaiser não quer ouvir falar em responsabilidade!

PARIS, 14.—Um decreto do governo alemão apenas dará passaportes para Stockholm aos delegados que se comprometeram a recusarem-se a discutir a questão das responsabilidades da guerra.

Também de Londres informam que o sr. Bonar Law declarou na Câmara dos Comuns que o governo inglês recusou passaportes para Stockholm.—S.

LONDRES, 14.—Câmara dos Comuns: O sr. Bonar Law anunciou que o governo decidiu recusar autorização para assistir à conferencia de Stockholm, tendo sido tomada identica resolução pelos Estados Unidos, França e Italia.—H.

O governo sueco não autorisa a conferencia na capital do seu país?

Um contra-torpedeiro inglês bate em uma mina e afunda-se

LONDRES, 14.—O almirantado anuncia que um contra-torpedeiro britânico foi de encontro a uma mina no mar do Norte e afundou-se, sendo salvos o comandante, dois officiaes e 43 marinheiros.—H.

Do «Daily Mail»: O almirantado britânico comunica que durante a semana terminada em 5 de agosto as chegadas de navios mercantes de todas as nacionalidades foram de 2173 e as partidas de 2798. Navios mercantes britânicos afundados por mina ou submarino, de 1463 toneladas e para cima, 21; inferiores a 1000 toneladas, 21 barcos de pesca. Os ataques frustrados, 14.

O esforço italiano

26 classes submetidas a uma nova inspeção

ROMA, 14.—Um decreto do logar-tenente do rei ordenou que se proceda a uma nova revisão medica das 26 classes que vão de 1874 a 1890. Os soldados que forem considerados aptos devem apresentar-se imediatamente nos seus regimentos.—S.

Regresso de Sonino a Roma

ROMA, 14.—Regressou de Paris e Londres o barão de Sonino, ministro dos estrangeiros italiano.—S.

As despesas da guerra até junho

ROMA, 14.—As despesas da guerra da Italia até ao fim de junho atingiram 21 bilhões e 601 milhões de liras.—S.

As memorias de Gerard

O momento decisivo!

O encontro do Kaiser com o embaixador a quando do rompimento

nossas patrulhas infligiram aos turcos perdas num total de 60 homens. Só tiveram 3 mortos, 7 desaparecidos e 13 feridos.—S.

O que dizem os austro-alemaes

MADRID, 14.—Comunicado official de Viena:

«Os alemães assaltaram a povoação de Breda. O inimigo opoz tenaz resistência. Os seus contra-ataques no Danubio, em Galatz e ao norte de Focani falharam. Em Stanislaw houve luta, em Zherz foram repellidos os assaltos dos russos. Na frente italiana, vivo bombardeamento».

Comunicado official de Berlim:

«Na frente ocidental o inimigo preparou fortes ataques, que falharam. Violentos conhecimentos do inimigo em diversos sectores. No Scarpe falharam os avanços dos ingleses. Em Neuve-Chapelle fizemos um certo numero de prisioneiros portugueses. No Alame e na Champagne occidental aumentou o bombardeamento. Ao norte de Verdun fortes ataques dos franceses; repellidos avanços em Pirey. Em numerosos combates aereos abatemos 9 aeroplanos e 2 globos. No teatro oriental diversos contra-ataques repellidos com grandes baixas do inimigo. No Seretli combates favoraveis. Fizemos prisioneiros».—S.

As grèves tambem na Russia

LONDRES, 14.—Como a grêve dos ferroviarios se torne inquietadora, o governo de Petrogrado resolveu tomar medidas que conjurem os seus perigos. O ministro competente deixou a capital, seguindo para Moscou, onde fará cliente a conferencia da opinião governamental.—S.

INFORMAÇÃO MILITAR INGLEZA

Estão combatendo melhor do dia para dia os nossos exércitos na frente da Italia italiana.

Anexo XXIII Digitalização do jornal O Século, de 15 de agosto de 1917 p.2

ITALIA E A GUERRA

Os socialistas e os realistas no parlamento francez

Nas linhas francezas

Manobras inimigas — Avião abatido

PARIS, 14.—Official.—«Comandante Informante» em certos pontos da Italia, resultaram infructuosas duas manobras inimigas tentadas na noite de 10 para 17 do corrente sobre os nossos pequenos postos na região de Monte.

«Aviação». No dia 16 foi abatido pelos nossos caixões especiais um avião inimigo.—H.

Nas linhas Italianas

As causas da retirada das tropas

ROMA, 14.—Um decreto real nomeia uma comissão, presidida pelo general Canova, ex-generalissimo das tropas Italianas na Tripolitania, para proceder a um inquerito sobre as causas do desastre de Caporetto e a retirada para o Piave.—S.

Na frente Inglesa

Nada de novo a assinalar

PARIS, 14.—Comunicado britânico: «Nada a assinalar, além da habitual actividade da artilheria nas linhas de Lens e Ypres».—S.

O escandalo Caillaux

Chegam a Paris mais documentos

PARIS, 14.—Chegaram esta tarde a Paris os documentos de Florença, produzindo o capitão Touchard a sua abertura na presença de Caillaux. A operação continuará amanhã, na presença dos tres officiaes e magistrados Italianos que fizeram as investigações em Florença.—H.

Lansing tem mais papeis importantes?

LONDRES, 14.—Dizem de New-York que Lansing possui outros documentos sobre o escandalo Caillaux, entre estes os relatorios do embaixador dos Estados Unidos em Roma.

Os defensores de Caillaux enviarão uma carta a Clemenceau, protestando contra a falsidade da existencia de um livro prestes a entrar no prelo e que estivesse no cofre-forte de Florença.—S.

No parlamento francez

Os socialistas e a «Action Française»

Contra a industria alemã

PARIS, 14.—Dizem de Petrogrado que o general Korniloff foi ferido n'uma perna em um recente combate contra as tropas maximalistas.—S.

As transações financeiras e o governo inglês

LONDRES, 14.—Na câmara dos Comuns, respondendo a uma pergunta que lhe foi feita o sr. Bonar Law declarou que, em vista da desorganização actual das transações financeiras com a Alemanha, o governo tomou sobre si os direitos dos portadores de «bills» do tesouro da Russia e os dos detentores de títulos de empréstimo em circulação, segundo o accordo comercial de 1915 entre o banco da Inglaterra e o ministro das finanças da Russia, embora nenhuma responsabilidade caiba ao governo inglês.—S.

No Brazil

Contra a industria alemã

RIO DE JANEIRO, 14.—Os directores das fabricas de tecidos efectuaram uma reunião na sede da Associação Commercial para estudar um plano de combate a industria alemã depois da guerra. A industria de tecidos de lã e algodão occupa o segundo lugar na escala da produção nacional, produzindo um rendimento de mil milhões de francos. As 240 fabricas que existem nos diversos Estados brasileiros representam um capital de 169 mil contos e empregam 30 mil operarios nacionaes e estrangeiros.—A.

A construção de navios mercantes

RIO DE JANEIRO, 14.—Riotar Naves, ministro plenipotenciario do Japão no Brazil, pediu ao governo brasileiro autorização para a exportação de metais para o Japão, a fim de facilitar a construção de navios mercantes e intensificar a produção de material de guerra destinado aos países aliados.—A.

Pela Italia

Dinheiro da guerra

ROMA, 14.—Estatísticas officiaes dizem que as despesas da guerra da Italia em novembro ultimo foram de 4 bilhões e 400 milhões de liras. As despesas da guerra e começo da guerra são de 27 bilhões e 500 milhões de liras.—S.

ROMA, 14.—O novo empréstimo de guerra encontra o melhor acolhimento. Em julho, no primeiro dia, subsciveram 220 milhões de liras.

O papa e a cidade de Padua

ROMA, 14.—O cardeal Gaspari, secretario de Estado, enviou uma carta a memorador belizze, bispo de Padua, dizendo que o papa pede todos os dias pelos habitantes da cidade perseguida pelos aeroplanos austriacos e exortando a população a ser forte e corajosa. Envia a ligação especial especial.—S.

A paz russo-alemã

NOTÍCIAS DE HESPAÑHA

Vae declarar-se outra grande grêve?

MADRID, 14.—Dizem de Oviedo que renha o «comite de Resistencia Obrera», resolvendo convocar a assembleia provincial de todos os sindicatos da Federación Asturiana para a adoção de resoluções. A renha, se as empresas ferroviarias se negarem a admitir os operarios despedidos, ou a Companhia do Norte insistir em que não se readmitirá, foi resolvido propor que se vá para a greve geral. A assembleia reunida no dia 16, tendo-se telegraphado ao congresso da Primeira Internacional, a camprimento da sua afirmação feita em momento de que seriam readmitidos os ferroviarios despedidos.—S.

O pessoal dos correios

MADRID, 14.—O director das communicações chamei os chefes e officiaes dos correios, a fim de expor-lhe a inconveniencia que resulta da publicação de noticias acerca de operarios despedidos por parte do pessoal. Os funcionarios citados declararam que eram alheios a todas as noticias da imprensa, pois nunca pediram a distinctão do director, estando dispostos a proceder conformidade com o interesse supremo da nação e tendo em conta o momento critico que se atravessava.—S.

Grêve solucionada

MADRID, 14.—Um telegrama de Cadix diz que foi solucionada a grêve dos estivadores.—S.

Visita ministerial

MADRID, 14.—O ministro do fomento tencionou ir no dia 15 visitar as minas de Asturias e as oficinas de vagões de Basaín.—S.

Sete mulhas

MADRID, 14.—O «comite de Armas» marítimo applicou seis mulhas de 5000 pesetas a outras tantas «empresas» de navegação por coqueiros, trechos elevados.—S.

No palacio

MADRID, 14.—O embaixador da Franca entrou no palacio a apresentar os seus credenciaes. A cerimonia celebrou-se segundo as formulas protocolares, com a assistencia do introduzidor dos embaixadores.—S.

Um grande desastre no campo de aviação

MADRID, 14.—Quando no campo de aviação dos Cuatro Ventos se procedia a instrução de um piloto de recrutas no exercicio das armas, saiu do «barril» um biplano pilotado pelo capitão Sousa. Pondo-se em marcha, elevou-se pouco, mas chegou com grande velocidade ao ponto onde se encontravam os soldados. O official e alguns outros que tiram o perigo a tempo detestaram-se no solo, conseguindo escapar, mas outros foram spanhados pela hélice, que desmanchou tres recrutas e feriu seis, cinco acitos gravemente. De cada

Anexo XIV - Digitalização do jornal O Século, de 19 de janeiro de 1918 p.2

A GRANDE BATALHA AO NORTE DA FRANÇA

O incidente com a Holanda—As reservas do Japão—As relações austro-alemãs—A vassalagem dos slavos

A situação no Ocidente

O inimigo repellido—«Raids» felizes dos inglezes

LONDRES, 28.—Oficial.—Hontem de tarde desenvolveu-se um ataque inimigo nas proximidades de Woormezeele. O inimigo conseguiu tomar a aldeia, mas foi d'ela expulso, durante a noite, por meio de um contra-ataque. O inimigo atacou mais tarde n'este mesmo ponto. Houve combates locais durante toda a noite nos dois lados do canal de Ypres a Commines.

Fizemos «raids» felizes a noite passada ao sul de Gravelle, no sector de Lens e na cota 70, e fizemos n'elas mais de 50 prisioneiros e tomámos quatro metralhadores e um morteiro de trincheira.

Foi repellido uma tentativa inimiga ao norte de Bailloni. A actividade de artilharia proseguiu de uma e outra parte na linha de batalha.—H.

Os francezes obtêm vantagens e fazem prisioneiros

PARIS, 28.—Comunicado das 15 horas: «Violentas acções de artilharia ao norte do Avre e na região compreendida entre Las-signy e Noyen.

«Ao norte de Chemin-des-Dames os francezes obtiveram bons resultados em duas manobras sobre as linhas alemãs, conseguindo trazer 25 prisioneiros.

«Repelliram também tentativas alemãs, precedidas de bombardeamento, ao noroeste de Réims, nos sectores de Saint-Mihiel, Lameville e bosque Le Pretre. Ficaram em poder dos francezes varios prisioneiros alemães. Nos restantes pontos da linha a noite decorreu calma.»—H.

Os aliados nada perdem em esperar

PARIS, 28.—Pode dizer-se sobre a situação militar que a questão está em saber se o inimigo poderá continuar a pagar pelo mesmo preço de até agora os seus ganhos de terreno até ao dia em que a contra-offensiva se desencadear do lado dos aliados. O futuro depende notoriamente do sucesso dos recursos disponíveis que ainda possui o adversario. A contra-offensiva dos aliados só pode ganhar esperando, tanto em vista do aumento diário das forças anglo-americanas, como no que respeita ao enfraquecimento progressivo das tropas de assalto inimigas.

Chegou-se a uma fase da luta em que os esforços mais fortes são os mais caros, não se devendo portanto medir o ganho pelo numero de metros conquistado, mas pelo numero de perdas sofridas por cada um dos grupos contendores.—S.

Declarações secretas muito graves sobre as perdas alemãs

PARIS, 28.—De Berlim noticiam para a

gos foram todos repellidos pelos hidro-aviões francezes.—S.

Uma narrativa interessante

UM PORTO DO ATLANTICO, 27.—Um vapor hespanhol chegou aqui, depois d'um encontro com um submarino alemão, com 179 passageiros, alguns dos quaes estão a bordo ha 51 dias. Este vapor é o primeiro que ha meses chega de Hespanha, d'onde saiu a 22 de fevereiro, voltando para traz ao receber um aviso Marconi de que um submarino aguardava a sua passagem. Saiu novamente do porto em 13 de março, entrou em outro porto hespanhol para tomar mais carregamento, saindo em 19 de março. Na tarde de dia seguinte, uma granada caiu na agua a distancia de uns 60 metros do navio. Havia um ligeiro nevoeiro, não se distinguindo a presença de qualquer barco. O comandante percorreu os horisontes com o binoculo durante tres quartos de hora, quando avistou um submarino d'onde faziam sinais que parasso. Assim se fez e o imediato do vapor foi a bordo do submarino, onde se demorou cin o horas, voltando por fim com o comandante alemão e cinco officiaes. Estes subiram para o vapor e interrogaram os passageiros, enquanto o submarino rondava perto, vigiando a possível chegada inesperada de outro navio qualquer.

O alemão mandou logo desmantelar o aparelho da telegrafia sem fios. O rev. William Goethe, padre dominicano, chamou sobre si as atenções dos officiaes alemães por causa do nome.—Que especie de americano é você?—perguntou um alemão. Goethe respondeu: Meu pae era alemão, mas eu sou americano.—Então porque não está mobilizado?—insistiu o official.—Porque sou padre,—disse Goethe.—Pois lá no nosso país os padres também tem que trazer a espingarda ao hombro—retorquiu o alemão. Foram examinados os passaportes de todos os passageiros. Então o comandante do submarino disse ao capitão hespanhol que, apesar de ter verificado que esta levava a bordo bastante contrabando para justificar o ser afundado, resolvera deixá-lo regressar a um porto hespanhol. Ordenou-lhe que fosse para Cadix e mandasse apontar um bote que os levasse a bordo do submarino. O vapor hespanhol voltou para Cadix, d'onde saiu novamente em 6 de abril, chegando ao seu destino.—S.

A hora da Holanda

Da sessão secreta do parlamento nada consta

PARIS, 28.—Dizem de Amsterdam que nenhum comunicado foi publicado sobre a reunião secreta do parlamento holandez. A sessão ordinaria efetuar-se-há na terça-feira.—S.

O Japão e a Siberia

A politica interna niponica entra na acalmia

LONDRES, 28.—Comunicam de Tóquio que persiste o silencio nas altas esferas politicas, parecendo que se caminha para uma acalmia absoluta.

O marechal Yamagata, o visconde de Motono e outras personalidades importantes encontram-se no campo. Nenhuma declaração foi feita pelo ministro dos estrangeiros sobre a questão da Siberia, se bem que os boatos quotidianos assinalam agitação continua entre os «bolchewiks».—S.

PRISIONEIRO DE GUERRA

A Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha recebeu mais as seguintes listas oficiais vindas da Alemanha referentes aos nossos prisioneiros:

Campo de Munster III, vindos do campo de Friedrichsfeld: Adelino Patrício, soldado de inf. 15, Chaves; Antonio Pereira, soldado de inf. 20, S. Nicolau; Adriano P. Pinto, soldado de inf. 34, S. Maria; Penafiel; Antonio Pires, soldado de inf. 20, Favas; Alijó; José Rato, soldado de inf. 5; J. Pereira Rita, soldado de inf. 11, Gloria; Alentejo; Henrique S. Vilarinho, soldado do 1.º grupo de metralhadoras, Linhares.

Campo de Munster III, vindos do campo de Munster II: João Silva, sarg. de inf. 8, R. Nova Santa Cruz; Braga; Domingos José dos Santos, sarg. de inf. 3, Campo do Exército; Valença do Minho; Afonso H. Lemos, sarg. de inf. 2, rua Damasceno Monteiro, 1, Lisboa.

Campo de Allengrobow, vindos do campo de Medlinburg: Joaquim Fernandes Alfaiate, sold. da 3.ª comp. pion., Cabação; Antonio Augusto, sold. da 2.ª comp., inf. 3, Bragança; Edmundo Carvalho, cabo da 1.ª bat. art. 1, Lisboa; Abílio Caldeira, sold. de eng. 3, Elvas; José Costa, sold. da 2.ª comp. de inf. 35, Lagares da Belra; Antonio da Costa, sold. da 4.ª comp., inf. 13, Varzea; José da Palma, sold. da 11.ª comp., inf. 4, Santa Catarina; Antonio da Silva, sold. da 2.ª bat. met. 17; Joaquim Domingos dos Santos, sold. da 1.ª comp. inf. 2, Arouzeiros; Manuel Borges do Nascimento, sold. da 1.ª comp. inf. 10, Vinhaes; Antonio Ferreira, sold. da 4.ª comp. de Ponton, Paredes; Julio Fonseca, sarg. da 12.ª comp. inf. 4, Olhão; José Lagueiras, sold. da 10.ª comp. inf. 11, Alandroal; Antonio Lopes, sold. da 1.ª comp. inf. 13, Amarante; Ernesto Castro Magalhães, sold. Calaceiros; João Maria, sold. da 1.ª comp. inf. 24; Manuel Martins, sold. da 4.ª comp. reg. 7, Lage; Manuel Pires, sold. da 1.ª bat. de art. 1; Firmino Rodrigues Queiroz, sold. da 1.ª comp. inf. 10, Chaves; Manuel José Rodrigues, sold. 3.ª comp. inf. 29, Ponte da Barca; Joaquim Roque, sold. 12.ª comp. inf. 151, Orvalho; Manuel Rosado, sold. da 10.ª comp. inf. 11, Alandroal; José Santos, sold. da 1.ª bat. de art. 1, Calcau.

Campo de Limburg, Lehn: José Antonio Ferreira, sold. da 6.ª comp. de inf. 8, Adufe.

Anexo XXVI Digitalização do jornal O Século, 24 de setembro de 1918 p.3

ULTIMAS NOTICIAS

A IMPORTANCIA DA QUEDA DA TURQUIA

AS CONDIÇÕES QUE SERÃO IMPOSTAS A VIENA

A Polonia vae entrar na guerra contra a Alemanha

As operações militares proseguem favoravelmente para os aliados

Os Habsburgos em crise

Na capital da Austria a causa da Republica ganha alento

MADRID, 1.—O «Berliner Tageblatt» de ontem diz que a Republica caminha a passos largos em Viena.

Fugiu, efetivamente, o imperador?

MADRID, 1.—Informam de Berne que o imperador da Austria se retirou de Viena para o campo, levando consigo a sua familia.

Polonia declara guerra a Alemanha

PARIS, 1.—A Polonia declarou guerra a Alemanha.

Grande atividade de aviação

PARIS, 1.—Comunicado oficial americano das 21 horas de ontem: «Ao norte de Verdun, as nossas tropas destruíram o inimigo da linha de Briouilly. Na margem ocidental do Moselle, continuou o fogo de artilharia, bem como em toda a linha de batalha americana, tendo particular intensidade entre Alençonville e o bosque de Banneville. «A noite passada, os aviões franceses de bombardeamento, adidos ao 1.º exercito obtiveram pleno êxito n'um raid a Metz e a Metz-Terron, lançando mais de 12 toneladas de explosivos sobre os importantes caminhos de ferro da região. Esta manhã, os nossos aviadores lançaram tres toneladas de bombas sobre as estradas e os campos na vizinhança de Bailly, Harcourt e Villers, metralhando as tropas e os comboios inimigos. Durante o dia foram abatidos sete aparelhos inimigos, tendo regressado todos os nossos aviões.» (T. S. F.)

A libertação dos húngaros

Pormenores dos acontecimentos revolucionarios de Budapest

PARIS, 1.—Telegrafam de Berne que, ontem a noite, milhares de manifestantes se reuniram na praça Gellia, diante do palacio do Conselho Nacional húngaro.

Os alemães continuam praticando abusos

PARIS, 1.—Comunicado oficial americano das 21 horas de ontem: «Ao norte de Verdun, as nossas tropas destruíram o inimigo da linha de Briouilly. Na margem ocidental do Moselle, continuou o fogo de artilharia, bem como em toda a linha de batalha americana, tendo particular intensidade entre Alençonville e o bosque de Banneville. «A noite passada, os aviões franceses de bombardeamento, adidos ao 1.º exercito obtiveram pleno êxito n'um raid a Metz e a Metz-Terron, lançando mais de 12 toneladas de explosivos sobre os importantes caminhos de ferro da região. Esta manhã, os nossos aviadores lançaram tres toneladas de bombas sobre as estradas e os campos na vizinhança de Bailly, Harcourt e Villers, metralhando as tropas e os comboios inimigos. Durante o dia foram abatidos sete aparelhos inimigos, tendo regressado todos os nossos aviões.» (T. S. F.)

Anexo XXVII Digitalização do jornal O Século, de 2 de novembro de 1918 p.2

OS RESPONSÁVEIS DA GUERRA SUBMARINA

A Conferencia vae tratar do seu castigo

A conferencia da paz

Vae ativar os seus trabalhos

LONDRES, 22.—Comunicação da conferencia da paz em 22: «Os representantes dos governos aliados e associados reuniram hoje no Quai d'Orsay das 15 às 17,30 e examinaram a revista do processo a seguir pelas comissões que estão encarregadas de estudar os diversos problemas territoriaes, economicos, financeiros e juridicos e assegurar nas medidas a tomar com o fim de ativar tanto quanto possível os trabalhos da conferencia. A proxima reunião é no dia 24 as 15 horas.

Os responsáveis da guerra submarina

LONDRES, 22.—Um dos assuntos de que a conferencia vae occupar-se brevemente é das medidas a adoptar contra os responsáveis da guerra submarina, medidas que serão rigorosissimas.—S.

A ilha de Heligoland

LONDRES, 22.—Os aliados vão exigir da Alemanha que faça as obras de aterramento necessarias na ilha de Heligoland, sendo os trabalhos executados exclusivamente por operarios alemães.—S.

Na Italia

A desmobilisação do exercito italiano

ROMA, 22.—Confirma-se que o governo italiano resolveu licenciar duas classes por mez. Até agora foram desmobilizados 12.000 homens.

O exercito em pé de guerra conta ainda tres milhões de homens suficientes para fazerem face a qualquer surpresa.—S.

O regresso do duque dos Abruzzos

ROMA, 22.—O duque dos Abruzzos, comandante da famosa esquadra de torpedeiros que salvou o exercito serbio e que atualmente se encontra em Benadir, exportando o Mebi Siebell, regressará no começo de março a Italia, onde lhe preparam uma grande recepção.—S.

Recompensas aos officinas das terras irridentas

ROMA, 21.—Os officinas e soldados das terras irridentas que combateram no exercito italiano receberão a medalha de ouro de merito da patria reconhecida.—S.

A divisão das terras expropriadas

ROMA, 21.—O deputado Gallenga apresentou um projeto da lei sobre a divisão das terras expropriadas pelos soldados combatentes.—S.

Pela Alemanha

Os spartakistas pedem a demissão de Ebert

ROMA, 22.—Informações dimanadas de Hamburgo dizem que os spartakistas votaram a greve geral, pedindo a demissão de Ebert e Scheideman.—S.

As tropas governamentais derrotam os spartakistas, cuja situação enfraquece

MADRID, 21.—Dizem de Copenhague que a situação no distrito de Hultup continua normal, piorando a situação dos grevistas. As tropas governamentais marcham em socorro da cidade de Hultup, tendo ficado destruidos o municipio e muitos outros edificios em resultado do bombardeamento. Nos combates de Nerwest e Darslau os spartakistas sofreram grandes perdas, elevando-se o numero de mortos a mais de 700. Em Hultup tempoou a greve. O governo assevera que, dentro de oito dias, terá efetuado a concentração de forças necessarias para dominar completamente a situação.—S.

O que se passa na Baviera

MADRID, 22.—Dizem da Suissa que são muito contraditorias as informações acerca do que se passa na Baviera.

Assim, havendo-se comunicado a morte de Auer, assevera-se agora que ainda vive, se bem que o seu estado seja grave.

As primeiras informações davam o ministro Rosshaupter como assassinado; affirmava-se a ultima hora que ele foi apenas preso.

A greve geral foi proclamada em Munique, onde reina grande excitação, tendo-se organizado um «comité» constituído pelos tres partidos socialistas para fazer face a situação.—S.

Começa a esclarecer-se a situação na Baviera

LONDRES, 22.—Chegam alguns pormenores do que se passou na Baviera e, particularmente, em Munique.

A ditia bavara foi levada pelos partidarios de Hoser, tendo sido feridos os ministros Auer, Tinn, Hoffman e Wasserburger.

Framendaper foi morto e Auer agoula.—S.

O que originou a insurreição na Baviera

PARIS, 22.—Referem da Suissa que Scheideemann confessa ter o assassinio de Ebert originado a revolução na Baviera. Munique apresenta o mesmo aspecto de horror durante a insurreição de janeiro.

Os independentes e os partidarios dos conselhos realizam buscas domiciliares, no intuito de capturar os contra-revolucionarios.

O poder está nas mãos dos conselhos, que se completaram com independentes e alguns majoritarios.—S.

Uma vingança dos reacionarios?

LONDRES, 22.—Os jornais revolucionarios alemães atribuem o assassinio de Ebert a um «complot» dos reacionarios, afirmando tambem que estes procuraram assim vingar-se das acusações produzidas pelo assassinio na conferencia socialista de Berne, acusações que puzeram a descoberto os responsáveis da guerra, apresentando documentos que os comprometem.—S.

Quem feriu Auer

PARIS, 22.—Telegrafam da Suissa que se chama Setera o individuo que feriu Auer.—S.

Na Austria

O ex-imperador Carlos gravemente enfermo

LONDRES, 22.—Comunicam de Viena que o ex-imperador Carlos sofre de lesão cardíaca, causando o seu estado serios cuidados.—S.

Presidente Wilson

NEW-YORK, 22.—Por causa do temporal, o «George Washington», que conduz o presidente Wilson, só chegará a Boston na terça-feira.—S.

Contra a fragmentação da Albania

ROMA, 22.—N'uma reunião de altas personalidades albanesas foi votada uma moção contra os gregos e yugo-eslavos, que pretendem fragmentar a Albania, contrariamente aos principios das nacionalidades.—S.

A destruição dos navios alemães

LONDRES, 22.—Para destruição dos navios alemães internados em Scapa Flow, serão levados aqueles barcos até ao alto mar, escolhidos pelas esquadras aliadas, até a um ponto em que os cascos não dificultem a navegação.

As serilhas não colocadas a bordo os explosivos, depois de terem sido abertas as varinhas.

A questão dos submarinos será tratada aparte, sendo, talvez, conservados como recordação.—S.

Slovacos e austro-alemães

LONDRES, 22.—Telegrafam de Agros que foi roto o armistício entre os slovacos e os austro-alemães em consequência d'estes últimos haverem violado a fronteira estabelecida pela missão militar norte-americana encarregada de traçar a linha definitiva.—S.

A Holanda e a Belgica

BRUXELAS, 22.—O governo holandês enviou uma nota ao gabinete de Bruxelas comunicando que as reivindicações belgas apresentadas á conferencia da paz podem interessar tambem a Holanda.

O governo francez pediu ao ministerio belga que lhe communique se entende que as suas reivindicações interessam realmente a Holanda.—S.

Consequências da revolução romana

ROMA, 22.—Informam de Budapest que a rainha da Romenia fugiu, acompanhada pela princesa Isabel.—S.

A PAZ ESTÁ PROXIMA

A derrota dos bolchevikis húngaros Em volta da Conferencia

Os delegados alemães

PARIS, 1.—A delegação alemã que se encontra em Versaillies, estão representados os seguintes ministerios: fazenda, por Taschner Bergman; interior, por Beer Frieberg; justiça, Retcher; colonias, Ruppel; economia nacional, Meinell e Arbenmenton; alimentação, Feltz Legien; guerra, Seekt Oertzen Fischer; marinha, Heinrich Frieg.—S.

PARIS, 1.—Na quarta-feira, á 1.30 chegou a Berlim o primeiro telegrama de Versaillies, no qual os plenipotenciarios informavam da sua chegada, ás 11.30 do dia anterior.—S.

A attitude da Italia

PARIS, 1.—Nos circulos frequentados pelos delegados á Conferencia cre-se que a Italia voltará a tomar parte nos trabalhos, e que se chegará a uma solução aceitavel para todos.—S.

LONDRES, 1.—Segundo informações de Zurich, nos centros politicos de Vienna corre com insistencia que a Italia firmara a paz em separado com a Alemanha e com a Austria-alema.—S.

A Belgica e a Sociedade das Nações

PARIS, 1.—Dizem de Bruxelas que o senado aprovou uma mocão affirmando o seu desgosto por não ter sido designada aquella cidade para sede da Liga das Nações e pedindo a pronta restauração da Belgica.—S.

O canal de Kiel

PARIS, 2.—O presidente Wilson, Lloyd George e Clemenceau reuniram-se hoje de manhã e á tarde, tendo regularizado diferentes questões, sobretudo a dos cabos submarinos alemães. Prevaleceu a tese segundo a qual os cabos tomados como presa de guerra voltam de direito para os que d'eles se apoderaram.

Os tres chefes de governo discutiram tambem o estatuto do canal de Kiel, ficando resolvido que a Alemanha tenha de futuro a propriedade d'ele, mas que a passagem seja onerada com impostos fiscais.

de 87.000 marcos no Banco Economia, de Oldenburg.—S.

Novas grêves

LONDRES, 2.—Informam de Basileia que o corpo de voluntarios concentrados em Ulm, marcha contra Munich, e que, por causa dos incidentes de Steiting, se declarou em greve o pessoal dos arsenaes e outros officios.—S.

Os bolchevikis

As tropas de Trotzsky evacuem Petrogrado

LONDRES, 2.—Segundo noticias de Berlim, as tropas vermelhas do comando de Trotzsky evacuarão Petrogrado por causa do avanço das tropas finlandezas, cujos progressos teem espalhado o panico em Koltchak, sede do governo central bolchevikista.

Os valores russos tiveram uma alta consideravel na Bolsa.

Dizem de Helsingfors que se confirma que os voluntarios finlandezes occuparam no sabado Motimapolli, ponto de união de Petrogrado com a costa Marmana. Tambem se apoderaram da floilha de torpedeiros bolchevikistas e uma outra coluna finlandeza avançou até Petrosk. As tropas vermelhas foram obrigadas a retroceder ante a pressão das tropas inglezas que operam no norte.—S.

Os romenos na Hungria

LONDRES, 1.—Informam da Basileia que, segundo noticias da Romenia, nos centros officiaes se declara que o avanço das tropas romenas na Hungria é consequencia das ordens dadas pelos aliados na ultima semana.—S.

O «soviet» húngaro

PARIS, 1.—O governo do «soviet» húngaro deteve 101 pessoas para impedir um movimento contra-revolucionario. Os detidos são considerados como prisioneiros politicos.—S.

O exercito ucraniano

LONDRES, 2.—Segundo informações da Basileia, parece inevitavel a proxima capitulação do exercito ucraniano que cerca a cidade de Kieff.—S.

Os bolchevikis húngaros confessam se vencidos

PARIS, 2.—O governo de Budapest nu-

A GUERRA FEZ 500:000 ORFÃOS NA SERVIA

As perdas da aviação franceza—A viagem do principe de Gales

Uma solução patriótica do principe herdeiro da Romania

PELO TELEGRAFO

Os horrores da guerra

A Servia paiz de orfãos

WASHINGTON, 18.—A Servia, depois da guerra, é um paiz de orfãos. Ha cerca de 500:000 crianças que perderam pae e mãe e 300:000 que perderam um pae ou mãe. Estes algarismos foram compilados pela Cruz Vermelha Americana, segundo os relatorios do «Serbian Education Department». Em algumas cidades de 100:00 habitantes encontram-se 2 a 3 mil orfãos. A occupação da Servia pelo inimigo durante tres annos, as deportações combinadas com a grande retirada do exercito em 1914 com aproximadamente 500 mil civis, separou muitas crianças dos seus progenitores. A Cruz Vermelha, ao visitar a cidade para distribuir viveres e roupas, encontrou muitas famílias que haviam recolhido duas ou tres crianças, filhos de habitantes que tinham morrido ou tinham sido deportados. Em outras casas depararam com grupos de crianças pertencentes a varias famílias, vivendo em comum nas ruínas das casas abandonadas, sob a custódia do mais velho. —(Seculo).

O principe herdeiro da Romania

Um exemplo de patriotismo
BUCAREST, 19.—O principe herdeiro da Romania renunciou aos seus direitos ao trono e pediu um lugar entre os soldados que estão atualmente na frente de batalha. —(Seculo).

Os crimes do bolchevismo

Um drama de vingança e de rapina

STOCKHOLM, 19.—Na ilha de Roslanas, no lago Nerwicken, perto de Stockholm, deram-se ultimamente alguns acontecimentos mysteriosos, que tem ligação com a propaganda bolchevista na Suecia. Um numeroso grupo de refugiados russos estabeleceu nesta capital a sua residencia, e entre eles alguns que Lenine temia como sendo adversarios perigosos. Assim, parece ter enviado para aqui um tal coronel Hadji-Lashet, cosaco, duplo espião e mercenário, para o livrar d'elles. Lashet appareceu-se aos russos como um feroz anti-bolchevista, associando-se a todos os seus planos e induzindo-os a acreditar que o dr. Ardashoff, um russo riquissimo e muito conhecido como homem de sociedade, era um espião bolchevista. Ardashoff desapareceu de repente e ha dias o seu corpo foi encontrado no lago Norwicken. Foram presas dezesseis pessoas, entre ellas Hadji-Lashet, o general Gysner, os seus dois filhos e uma filha de 17 annos, rapariga formosissima, de nome Dagmar, que parece ter sido o chamariz de que os russos se serviram para atrair para a morte aqelle a quem consideravam um traidor.

Ao serem presos, denunciaram-se todos uns aos outros, menos Dagmar, que se conserva n'uma mutismo absoluto, recusando-se a pronunciar uma palavra. Não quer tomar alimento algum e fuma constantemente cigarros russos, uns atraz dos outros, parecendo absorva em mil pensa-

as passo que é impossivel prever o fim d'uma guerra offensiva no interior da Russia. Mas para se poder tomar a offensiva contra a França, será preciso violar a neutralidade belga. Somentes violando o solo da Belgica é que se pode ter esperança em dirigir um ataque ao exercito francez e derrotar-o em batalha campal. —(Seculo).

Um monumento no cemiterio de Arlong

BRUXELAS, 19.—Com grande solenidade realizou-se a cerimonia da inauguração do monumento erigido a memoria dos primeiros soldados francezes que caíram na fronteira belga. O monumento eleva-se no cemiterio de Arlong. A povoação encontra-se engalanada com bandeiras belgas e francezas. Em varios sitios estão colorados grandes cartazes, onde se lêem frases de admiração e de agradecimento pela França. Depois da receção no municipio, desfilaram, perante o sr. Baumer, ministro da guerra na Belgica, general De Casteleau e varias autoridades locais, duzentas sociedades civis franco-belgas, que se dirigiram depois para o cemiterio, onde, junto ao monumento, o sr. De Casteleau pronunciou uma patriótica oração fúnebre, comparando a grandezza da alma belga com a da alma gaullesa, unidas pelo mesmo culto. Terminou victoriando a Belgica e enaltecendo a França. —(Seculo).

A homenagem dos escoteiros ao cardeal Mercier

BRUXELAS, 17.—Celebrou-se solenemente, em Malines, a imposição ao cardeal Mercier das insígnias da cruz de comendador do merito dos escoteiros belgas. Milhares de escoteiros ouviram missa de pontifical e desfilaram perante o arcebispo, que pronunciou sentidas frases de agradecimento. —(Seculo).

O castigo dos crimes dos alemães

Declarações do sr. Vandervelde

BRUXELAS, 18.—Respondendo no senado belga a uma interpegação sobre as medidas que o ministro da justiça espera tomar para preparar a execução do artigo do Tratado de Versalhes, na parte em que se obriga a Alemanha a entregar aos aliados todas as pessoas accusadas de terem cometido atos contrarios ás leis e costumes da guerra, o sr. Vandervelde disse que se tinham aberto inqueritos nos batlros onde se cometeram esses crimes.

«Antes de proceder á prisão dos culpados —disse— devemos entender-nos com os representantes da «Entente». Brevemente havia em Paris uma reunião dos delegados aliados para se examinarem os relatorios e elaborar o processo respectivo.»

Respondendo ás censuras feitas á lista dos culpados, entregue á comissão dos negocios estrangeiros e que foi julgada pequena, o ministro disse que foi a Belgica quem fez esta lista, a qual é, proporcionalmente, das mais longas. O ministro quer uma repressão severa mais eficaz. Todos os grandes criminosos serão castigados. —(Seculo).

O principe de Gales

A sua chegada a Halifax

PARIS, 18.—Telegramas de Halifax que grande multidão assistiu á chegada do «Oregon» transportando o principe de Gales. Escoltaram-no aviadores canadenses e os navios de guerra francezes, americanos e italianos saudaram-no com uma salva de artilharia. A manhã realisa-se a recepção

com o apoio da opinião publica. —(Seculo).

Projeta-se um grande canal na margem esquerda do Reno

PARIS, 18.—O conselho superior da Alsacia-Lorena aprovou o projeto do engenheiro alsaciano Renato Koerschlin, para a construção de um grande canal lateral na margem esquerda do Reno. O dito projeto favorecerá a navegação, produzirá uma força de seiscentos mil cavalos e suprimirá o carvão na maior parte da Alsacia. —(Seculo).

Uma federação balkanica?

O accordo italo-grego

PARIS, 17.—A imprensa arga felicitase pela realização do accordo italo-grego. O jornal «Hestia» pede á Italia que tome a iniciativa moral de uma federação balkanica subordinada aos principios de Mazzini. Também comenta as declarações de Venizelos, dizendo que a Grecia não se oporá ás aspirações italianas. —(Seculo).

As perdas da aviação

Procurando os tunulos dos heróis

PARIS, 19.—Cento e cinquenta aviadores americanos foram mortos em combates aereos e todos os seus tunulos, menos sete, foram encontrados e ornamentados. As fotografias d'esses covães, tiradas pela secção respectiva da Cruz Vermelha Americana, foram remetidas para os Estados Unidos, sendo para muitas das famílias d'esses mortos a primeira noticia certa que recebem depois do aviso d'um angustioso desaparecimento. Continuam a ser assiduamente procurados os sete covães que faltam. —(Seculo).

A França perdeu 8:255 homens

PARIS, 19.—Segundo a estatística official, seguem alguns algarismos que mostram o pesado tributo que os heroes combatentes do ar pagaram á defesa da patria franceza: De 1 de agosto de 1914 a 14 de novembro de 1918, na zona dos exercitos, houve 1:945 pilotos e observadores mortos, 1:141 desaparecidos, cuja morte é hoje indubitavel, e mais 2:333 feridos. Na zona do interior, que para a aviação era tambem considerada de guerra, as perdas foram de 1327 pilotos e observadores. O total das perdas do exercito francez do ar monta pois a 8:255 aviadores. Ora como o efetivo global do pessoal aereo era de 12:310 homens, segue-se que as perdas de guerra representaram 61 por cento do efetivo. Nenhuma arma combatente em qualquer dos paizes belligerantes contou tal proporção de perdas. —(Seculo).

O Chile e a Liga das Nações

Noticias contraditórias

PARIS, 18.—A noticia da adesão do Chile á Liga das Nações foi dada mediante informações officiaes. —(T. S. F.)

SANTIAGO DO CHILE, 19.—A chancelaria desmente que fosse comunicada ás legações a sua adesão á Liga das Nações. —(Seculo).

A' volta dos tratados

O emir Faical outra vez em França

PARIS, 18.—Noticiam de Beiruth que o emir Faical deve embarcar no dia 20 para França, onde vem retomar o seu posto de chefe da delegação araba na conferencia. —(T. S. F.)

Os amigos de Portugal

Como se honrou em França a valentia dos nossos soldados

As festas prestadas em Lisboa honrando os heróis desconhecidos levados a repousar definitivamente no mosteiro da Batalha, tiveram sua lógica e natural repercussão em Paris.

A França constituiu, todas as indicações pelo menos eram nesse sentido, um ambiente favorável, meio propiciador para receber qualquer celebração visando a memória dos mártires obscuros da nossa terra.

Em França se sacrificaram alguns dos nossos, lá, como em terra trãda da sua, soube generosamente morrer um

mo sofrimento, participantes de uma mesma glória, se associam para honrar a memória do seu irmão, o soldado desconhecido de Portugal.

«Permiti-me que, como secretário geral da Federação Inter-aliada dos Antigos Combatentes, e como diretor da União Nacional dos Combatentes Franceses, vos dirija as minhas mais vivas saudações.

«Hoje, em Lisboa em presença do governo português e dos mais altos representantes dos exércitos e das armadas da França e dos países aliados, o herói desconhecido encontrou, na sua Pátria, um tumulto digno da sua glória.

«Aqui, para honrar a sua memória, não são demais as personalidades ilustres que se encontram presentes e às quais eu saúdo respeitosamente. Com uma gentileza, que nos sensibilizou profundamente, o sr. ministro de Portugal e colônia portuguesa, depositaram esta manhã no túmulo do nosso soldado desconhecido um ramo simbolizando a sua gratidão respeitosa.

«Assim, em cada país dorme hoje a sombra do seu pavilhão um herói sem nome, um mártir sem glória a quem a França, pela sua parte, é devedora das maiores saudações.

«Ela não o esquece; ela confunde num mesmo amor todos aqueles que, deixando o solo da nossa pátria, levaram consigo um pouco d'esta boa terra de França que eles regaram com o seu sangue tão generosamente.

«Portanto, Soldado Desconhecido, meu irmão, a França quer-te dirigir uma saudação especial.

«Vivas, feliz e livre, dias tranquilos junto dos que te eram queridos.

«Entretanto, na hora em que a vaga de barbaria, tentando ganhar o coração da França, inundava as suas planícies, a tua alma, impregnada de um



Painlevé

Anexo XXXI Digitalização do jornal O Século, de 25 de abril de 1921 capa

O conflito greco-turco

O príncipe Jorge da Grécia prestou ontem juramento

Triunfa a política de Venizelos? — Diz-se que o sultão da Turquia vai abdicar

ATENAS, 29.—As tropas insurretas que desembarcaram no Pireu foram aquietadas nos edifícios públicos. Os realistas tentaram uma resistência armada contra os rebeldes, mas os venizelistas opuseram-se ao movimento dos realistas e apoderaram-se da prefeitura da polícia, ficando senhores da situação. O rei Constantino, reconhecendo a impossibilidade de resistir, deu contra-ordem para os preparativos contra-revolucionários.—(H.)

O REI CONSTANTINO FEITO PRISIONEIRO

ATENAS, 29.—O rei Constantino foi feito prisioneiro pelos revolucionários. Confirma-se a

rente a legação, muitos vivas à República Francesa.—(Século)

PARA COMBATER OS TURCOS

BERLIM, 29.—Os meios políticos gregos estão resolvidos a impedir que a Trácia e a Anatólia voltem para o poder dos turcos, tendo-se mobilizado um exército de 150.000 homens para combater o exército turco.—(H.)

OS «SOVIETS» PROTESTAM

LONDRES, 29.—Na noite passada à meia-noite, o governo soviético protestou contra o intento de violar os direitos russos e repúblicas aliadas, relativamente à liberdade dos estreitos.

Propõe que se convoque uma conferência entre todos os Estados interessados, especialmente dos que exercem influência no Mar Negro, a fim de solucionar pacificamente o conflito.—(Século)

ENTENDIMENTO COM OS VENIZELISTAS—A PARTIDA DO EX-REI CONSTANTINO

ATENAS, 29.—A comissão militar, dirigida pelos coronéis Pastriss e Gonatas vai negociar com os venizelistas. Decisão alguma foi tomada ainda com relação à partida do ex-rei Constantino, o qual não está preso. Parece que pelos acontecimentos da Ásia Menor serão tomados responsáveis 5 ministros do governo demissionário.—(H.)

A ILHA DE CRETA EM PODER DOS VENIZELISTAS

CANEA, 29.—A comissão venizelista, que é composta de 3 membros, constitui o governo provisório da ilha de Creta.—(H.)

VENIZELOS EM PARIS

PARIS, 29.—Chegou o sr. Venizelos.—(H.)

OS KEMALISTAS NÃO AVANÇARÃO

LONDRES, 29.—Mustapha Kemal avisou o general Harrington de que os kemalistas não avançarão mais e que é proposto seu encontro com o general Harrington.—(H.)



Venizelos, a figura máxima do atual momento político da Grécia

Anexo XXXII Digitalização do jornal O Século, 30 de setembro de 1922 capa

Entendo que deve ser regulamen- tado em Lisboa

diz-nos o sr. coronel José Vicente de Freitas,
presidente da Comissão Administrativa
da Camara Municipal de Lisboa

O sr. presidente da comissão adminis-
trativa municipal é uma das entidades
que, segundo o anti-projecto do sr. mi-
nistro do interior, tem que se pronun-
ciar sobre a regulamentação do jogo em
Lisboa. É um antigo partidário da re-
gulamentação, pois quando, em 1915, foi
governador civil da Madeira, terra da
sua naturalidade, propôs ao presidente
do Ministério de então, general Pimenta
de Castro, a regulamentação do jogo na
Madeira, por meio da concessão dos sa-
natorios magníficos que lá estão a es-
boroiar-se, sob a acção destruidora do
tempo, sem utilidade para ninguém, an-
tes com prejuizo, pois são valores im-
portantes que não rendem e estão a per-
der-se.

Interrogado na sua casa da rua Antero
do Quental, sobre o assunto, ao scr. he



Coronel José Vicente de Freitas

lembrado que publicara no *Seculo* de
13 de Janeiro uma entrevista, em que
se manifestava abertamente pela regula-
mentação do jogo, confirmou:

—Sempre assim pensei. Há muito que
digo o repito que o jogo deve ser regu-
lamentado. Quando fui governador civil
da Madeira propuz até..

—Conheço muito bem esse facto—inter-
rompe-me—mas v. ex.ª não foi atendi-
do, porque as coisas no nosso país le-
vam imenso tempo a criar raízes, cres-
cer e fructificar.

—É verdade isso, e tanto que ainda
lá estão os sanatorios a arruinarem-se sem
utilidade para ninguém.

—Parece, todavia, que chegou agora a
hora de remediar erros que de longe
vêm.

—Ah, sim. Creio bem que a Madeira
vai ter agora o jogo regulamentado. E
Lisboa também vai colher os frutos dum
maior movimento de gente e, portanto,
de dinheiro, que beneficiará a economia
geral da cidade.

—V. ex.ª já se pronunciou oficialmente
sobre a regulamentação do jogo?

—Não. A Camara não foi ainda consu-
lada e não sei, porque não sabemos ain-
da a esse respeito, a opinião dos agra-
dados. Eu entendo que o jogo deve ser
regulamentado em Lisboa, e em varios
outros pontos do país, pois que a capital,
nada tem a lucrar com isso. Aqui é o
porto de desembarque de muitos países
e de transatlânticos. Se se lhes ofere-
cerem diversões que não agredam, desan-
tarem e demorem-se por cá e deixam
muito do dinheiro que hoje chegam
por essa Europa, pela França, Suíça e
Itália principalmente. Gastam magní-
ficos de luxo e conforto, com parques,
restaurantes, etc., etc., aqui vivem e de-
moram-se aqui por algum tempo. Há
ai alguns que estão muito no coração
da cidade e portanto não tem as
condições requzidas, nem possibilidade
de se alargarem que eu, deixe-me dizer
lhe, nunca visitei nenhum.

—É sobre a tribunação estabelecida no
projecto, não poderá v. ex.ª dizer algu-
ma coisa?

—Não sei dizer-lhe coisa alguma a esse
respeito. Não tenho elementos para apre-
ciar se a tribunação é razoavel ou se é
exagerada. Não conheço nada do jogo.
Eu nunca joguei na minha vida. Estou
a prova pois estive em Monte Carlo e
nem lá me sou jogar.

—Isso da uma autoridade muito espe-
cial a opinião de v. ex.ª favorável á re-
gulamentação do jogo e folgo imenso em
a registar.

—Há muito, anos que assim penso e
não tenho duvida em o afirmar clara e
francamente.

O sr. coronel Vicente de Freitas fa-
lou-nos a seguir da historia da projecta-
da construção do porto artificial da Ma-
deira, que ele, como bom madeirense,
conhece dos mais íntimos pormenores. E,
agradecendo-lhe vivamente a sua amabi-
lidade, despedimo-nos, contente e satis-
feito por ter travado tão agradável pa-
restra com o sr. presidente da comissão
administrativa da Camara Municipal de
Lisboa.

E mais uma vez o ilustre official auto-
rizou a tornar publica a sua opinião
favorável á regulamentação do jogo, in-
suapecta e autorizada.



Anexo XXXIV Digitalização do jornal O Século, de 8 de março de 1922 capa



Anexo XXXV Digitalização do jornal O Século, de 19 de abril de 1923 p.3

Da emigração á escravatura!

Desabam sobre nós, todos os dias, vultos sobretudo das provincias do Norte, os mais diversas e os mais angustiosos pormenores sobre a desvairada fuga das populações rurais, a quem a ansia de abandonar o país parece ter privado da toda a lucidez e de todo o bom senso! Os nossos correspondentes clamam aflitos que, se o mal não for tenazmente combatido, não haverá, dentro em pouco, com quem cultivar a terra, que ficara ao abandono e de pousio, o que contribuirá esmagadoramente para que a situação económica das regiões devastadas pela emigração se agrave até ao imprevisível. E enquanto das aldeias minhotas e das vilas transmontanas se brada angustiadamente contra a fuga em massa de populações laboriosas, que eram a mais sólida base da prosperidade local, apontam-se-nos as causas dessa mesma fuga, que são muitas e variadas e que convém tornar conhecidas, para que não se pense que basta adoptar algumas providencias de caracter policial para modificar um estado de coisas profundamente ruinoso, a que convém pôr termo, com consciencia e com intelligencia, quanto antes.

Em primeiro lugar, o aumento pasmoso da emigração resulta da trágica escassez do ano agrícola que findou. Os lavradores abastados, ou os simples remediados, perante a avarza da terra que lhes levou toda a actividade e todas as economias, viram-se de repente na indigencia. Nem tinham com que se alimentar nem com que pagar as contribuições pesadissimas com que o Estado e os municipios os sobrecarregaram sem conta, peso nem medida. Só tinham, só continuavam tendo, dois recursos de que lançar mão—o da usura ou o da alienação dos seus bens. O primeiro só serviria para lhes aumentar as difficuldades resultantes da falta dos generos que estavam habituados a arrecadar e que desta feita lhes faltaram. Se as terras mal lhes davam para viver, como podiam render-lhes, de futuro, para pagarem juros exageradissimos? Naturalmente, os desgraçados que de repente se viram sem ter que comer nem que vestir, aquelles que chegaram ao fim dum ano de incessante labuta e não tiveram com que pagar as rendas das leiras que pagiam de renda, optaram pela venda do que era seu para, realizando a presa a maior soma possível de escudos, pagarem passagens e passaportes e fugirem para o Brasil, deixando atraz de si o fantasma da fome, que tão descaradamente os ameaçava. O pequeno proprietario do Norte, o dono das minuscultas selgas do Douro e das Beiras, o humilde cavador, que tinha por unica fortuna o casobre em que se recozava com a familia, ou o lameiro que lhe fornecia um pouco de milho para os longos dias de inverno, em que os ganhos são poucos, entraram em liquidacao. Venderam tudo e banhararam! Desembaralharam-se, despatronizaram-se, expatriaram-se, entregando nos engajadores e ás agências dos vapores quasi tudo o que acceberam pela forçada alienação do que constituia a sua fortuna!

Alerta lá vem em grosso normando. «O negocio da escravatura—diz esse semanario—atastra pelas aldeias transmontanas! Compram-se e vendem-se camponeses destinados ao Brasil, num trafico miseravel, como quem negocia qualquer mercadoria. Andam matilhas de engajadores a roubar á agricultura os braços de que ella carece. E ha funcionarios do Estado envolvidos nesse crime! Assim se exprime o *Vilarealense*. São dessa categoria as affirmações que esse semanario faz, para que se saiba que na sua provincia, pelo menos, a emigração, longe de ser, na sua quasi totalidade, espontanea, não passa duma traficancia miseravel, em que a mercadoria humana é transaccionada sem rebuço nem respeito pela lei, perfeitamente ás claras, como se se tratasse do negocio mais honesto deste mundo! Razão tinha o *Século* para se revoltar contra a lei scelerada que legalizou em Portugal a existencia dos agentes de passagens e passaportes. Os resultados são os que estão a vêr-se! O engajador, trabalhando á sombra dum diploma legal, que o tributa e lhe exige pesadas responsabilidades para poder exercer o seu mister, não se resigna a aguardar no seu escritório que lhe vão lá solicitar os serviços. Vai fazer a propaganda da sua industria nos locais onde sabe de antemão que será escutado. Desce, como o lobo, ao povoado, em procura das suas victimas. E a sua voz é ouvida, porque a miseria é muita! E os seus incitamentos á fuga não caem no deserto, tantos são os que, vergados ao peso da cruz que trazem aos ombros, se sentem sem coragem para atingir os pinaculos do seu calvario!

Pedem diversas pessoas ao *Século* um pouco de attenção para a obra nefasta, anti-patriotica, desorganizadora da vida rural e da vida economica dumas poucas de provincias que os negreiros andam realizando pelo Norte de Portugal. No entender de quem nos escreve sobre o assunto, a emigração perdeu as suas características fundamentais. Já não é um acto voluntario de quem queira melhorar a sua situação, indo trabalhar noutros países. Assumiu as proporções duma verdadeira escravatura! A maior parte dos emigrantes não sai do País por seu proprio alvedrio. Sai porque a isso é incitada pelos esclavagistas que a lei criou, para que aos magnates da emigração, quando a hora da justiça chegasse, não faltasse quem os defendesse em banquetes glorificadores! Perguntamos: não será um crime sem perdão o que os engajadores andam praticando por terras do Norte? E, porventura, licito traficar com homens, pelas feiras e pelos mercados, como quem trafica com irracionais? Terá o povo português, assim arrebanhado para a exportação, desido definitivamente á categoria de gado humano, que os engajadores desavadamente lhe outorgam? Em Portugal, na ainda autoridades e policia, poderão umas e outras continuar adormecidas perante a cruzada de despovoamento em que os engajadores, para enriquecerem fulminantemente, andam empenhados?

ECOS DOS ULTIMOS ACONTECIMENTOS

O MALOGRO DO ATENTADO DE ANTE-HONTEM

AS DILIGENCIAS DA POLICIA

Os chefes fugiram e tem sido inutilmente procurados -- Novas prisões e buscas -- Os conspiradores da Amadora queriam assaltar o quartel de Queluz -- Providencias e precauções

Instalado por completo o sequeiro Lisboa, e aterrorizado que o país se convertera na mais silenciosa e tranqüilla de, uma rã de risos e sorrisos, aterroriza em que se meteram nesta duzia de

habeido pelo Monteiro Milhães, onde se suspeita que se esteja occulto. É a proposita, vem a dizer que, nos informamos da parte do governo, que não é verdade o ex-official de marinha, ou qualquer outro conspirador, ter-se refugiado nos jardins ou no templo de Hesphéria, mesmo sem conhecimento do respectivo ministro, de quem a república sempre tem recebido seguras informações e notícias.

Monteiro Milhães continua preso no quartel dos Lócos, bem como Gonçalo Gomes da Costa, tendo sido também interrogado largamente no governo civil a respeito d'esta e d'aquella situação. Pela ministerio da marinha foi dada ordem de seia contra o 1.º tenente Pereira de Mello, o antigo organizador da Liga Naval, que dizem ter feito parte do comitê militar e que não foi também esboçado ainda, pelo que se supõe que tivesse fugido. Está encarregado de o prender o 1.º tenente sr. Wills de Arago.

O ministro da justiça determinou também que fosse detido o membro da comissao penal a prisional o bacharel José Cordeiro Lobo d'Avila, indicado como membro do comitê civil. Vao também ser detidos de lenda da Universidade de Coimbra.

Uma força com que é preciso contar

Não houve a mais pequena defeção da guarda republicana -- afirma-se o general sr. Encarnação Ribeiro

Um dos primeiros cuidados do governo provisório da Republica foi organizar a guarda nacional republicana.

Coronel Sombra de Leocadia

netos na madrugada de ante-hontem, outros irritando-se contra os criminosos manobras dos que os armarão e indultaram para tentarem perturbar a ordem, as autoridades trabalharam com toda a animo no apuramento de responsabilidades, diligenciando deitar a mão as diligencias do movimento para lhes pedir culpas de seu fôllo.

A maior parte, porém, dos membros dos comitês civil e militar, que possuíam os seus conhecimentos convenientes pôde-se a bom recato, muitos d'elles hão mais antes das suas culpas se manifestaram, pelo que tem sido infundada quantas diligencias se empregaram e empesaram para os prender. Correu a ordem de que fizessem o sr. Gonçalo de Costa, indicado como tesoureiro do primeiro d'esses comitês, mas tal ordem é destituida de todo o fundamento, embora estejam cercados pela policia e por elementos civis as casas da sua residência e do seu confeitiro.

Quem foi preso foi o seu irmão João Moraes Machado, fazendeiro dos lanchões de ferro do Sul e Sueste, que levou seu compachito de aventura, levando a Moreira do Alentejo, distrito do Rio, aterrorizado-se ja que se embarcou as 18 horas da segunda-feira, na estação do Rio, para fora da cidade, sendo confirmado pelo porteiro Rodrigues, da casa onde ele residia e pelas suas criadas que haviam sido privadas foram lanchões postos em liberdade, não se ter visto que nada tinham com a prisão de seu irmão, tendo corrido isto prova sobre elles.

Arrevedo o comitê não foi ainda visto.

Alencar da Fonseca

que, tendo substituído a antiga guarda municipal, de tão entusiasta realçador foi sempre um corpo militar destinado a manter a ordem publicas, onde quer que ela fosse alterada.

Foi então escolhido para esse commandante, e como acentua foi essa escolha se tem agora cumprando, o general sr. Encarnação Ribeiro, militar bravo e disciplinador, que pela Republica havia ja sofrido bastantes perseguições no tempo da monarchia. No curto espaço de tempo que vai da instauração do novo regime até agora, o general sr. Encarnação Ribeiro conseguiu fazer da guarda republicana um verdadeiro corpo de exército, ricamente disciplinado, com que a Republica pode contar para a sua incondicional defesa.

Ja o sr. ministro da guerra declarou bontem ao Senado a sua impressão pessoal sobre o exército na defesa das instituições. Caba hoje a vez ao illustre official que está a frente da Guarda Nacional Republicana de fazer-nos idéas sobre a situação, que se faz na realidade depararam comprovações.

O general sr. Encarnação Ribeiro, que nos recebe no seu gabinete do quartel do Carmo, diz-nos a esse respeito.

— A Guarda Nacional Republicana, que me honro de commandar, viu por mais uma vez a sua dedicação inabalvel a Republica. Recrutados os seus officiaes e os proprios praças com todo o cuidado e esmero, constitue um corpo de defesa, cuja base primordial é a disciplina, inteiramente

O guarda-porta da Associação de Zolistas

idade e sem a mais pequena hesitação. Nesta dizer-lhe que ao começar a prevenção não faltava um unico soldado em toda a guarnição de Lisboa.

Cont-nos depois o illustre general como se deu o caso da guarda das Cartas.

— O proprio caso, ocorrido nas Cartas parece explicado, se não satisfatoriamente, pelo menos com verosimilhança. A entidade que estava de guarda viu aproximar-se um grupo de policias, umas quasi 2 horas, supondo tratar-se de qualquer diligencia policial não tirou as armas. Se fôra que não foram despertados os soldados que dormiam na caserna. O grupo que era numeroso, impoz-se de modo a fazer levar comigo, com excepção do cabo que conseguiu escapar-se, indo ao telefone dar conta da ocorrência.

— O grupo dirigiu-se então, como se sabe, ao Museu da Revolução e d'alí em direcção ao quartel da Estrella. A entidade que ali estava postada tratou immediatamente as armas, formando a guarda, que lhe deu a voz de alô, em que foi obedecida. Os guardas da guarda entraram então no quartel e deram conta de que se tinha passado. Apesar, porém, da manifestação violada de que foram vítimas os soldados, ordenou que immediatamente se levantasse o respectivo auto, para completa averiguação de como se factos se passaram, a fim de proceder conforme o que se apuraz.

— Como sabe, não se deu, nos demais quartéis acontecimento algum com a

Conde de Mangualde

der o sr. Marinho de Campos, após os sequestramentos de 21 de janeiro.

O 2.º tenente aquilino José Abrantes da Silva, que se encontrava preso a bordo da mesma fragata, veio fugir a terra, acompanhado pelo 2.º tenente auxiliar Joaquim Soares, prestar declarações perante as autoridades de marinha, relatando novamente o processo para 1925.

Foi ordenado para levantar o auto a respeito dos ultimos acontecimentos, o que se refere a armada, e capturar o sr. Costa Rodrigues, sendo enviado d'esse auto o guarda-marinha auxiliar Joaquim dos Santos.

Foi ordenado também que tomasse desde ja a prevenção rigorosa a bordo dos navios, quartel de maricheiros e Escola de Torpedos, devendo o serviço continuar como estava a ultima ordem de prevenção.

A escola de artilharia, cruzador fiduciário e canhoneira Zambora foi ordenado que mantivessem contingentes armados e municionados para desarmar quando recebam ordem, sendo a contingente da escola de artilharia de 20 praças e um offical, do Zambora de 20 praças e um offical e da Zambora 20 e um sargento. O desembarque de verá fazer-se no Arsenal e o corpo de maricheiros manterá permanentemente, dia e noite, um destacamento de 100 praças armadas e municiadas sob o commando de dois officaes.

No Arsenal ainda está hoje fôra um offical superior, dois primeiros tenentes, um medico e um offical maquinista. Os guardas do Arsenal hão d'elles entre prestado o ultimo serviço, especialmente de vigilância.

A relação exacta dos nomes de mar-



Anexo XXXVIII - Digitalização do jornal O Século, 23 de outubro de 1923 p.2

COMBATENDO A INSURREIÇÃO MONARQUICA

AS OPERAÇÕES EM TERRA

FORÇAS FIÉIS **FORÇAS INSURREITAS**

Posições aproximadas das forças em combate, não se indicando as das monarquistas, em Lamego a Castro Daire, por serem insustentáveis os elementos de que dispõem para o fazer.

Visitando as linhas de Angeja

É magnífica a organização defensiva das nossas forças e admirável por toda a parte o moral dos nossos soldados.

(Do nosso enviado especial)

A VEIRO, 8

com pesar, a morte do major Taborda, que era o diretor da carreira do ferro d'aquella villa. Também se atribue ao referido oficial a seguinte frase, proferida na mesma ocasião, pouco antes do seguir para Aveiro, onde morreu:

— A coisa está feia; mas agora não podemos recuar, porque não somos de qualidade.

A Palma Couceiro atribuiu-se a afirmativa, feita no dia 27, em Estarreja, de que no dia seguinte haviam de entrar em Aveiro, devesse por onde dessem.

João centas d'uma o preto...

AS OPERAÇÕES NO MAR

A parada das forças de marinha em Aveiro

O ministro da Justiça proferiu um entusiástico discurso patriótico, tendo abraçado os marinheiros na pessoa do seu comandante, o capitão tenente sr. Afonso Cerqueira.

(Do nosso enviado especial)

A VEIRO, 9

Realizou-se esta tarde, no arsenal local, de Aveiro, uma importante parada das forças de marinha, a que assistiram o ministro da Justiça, autoridades superiores do exército e armada e grande concurso de povo.

Os marinheiros formaram em colunas de seção ao centro da praça, sob o comando do capitão-tenente sr. Afonso Cerqueira, entusiasmando a multidão com o grito da sua marcha e a obediência com que fizeram as evoluções do exército.

Uma das 15 horas chegou o ministro da Justiça, que atravessou a multidão entre saudações, logo cumprimentando, estuivamente, o capitão-tenente sr. Cerqueira, ao som dos toques de clarim. O sr. Coutinho da Costa, rodeado de muito povo, declarou que Yalla, em nome do chefe do Estado, saudar os bravos marinheiros, auxiliando a pátria para as linhas onde se luta com a maior direção que o fazia, porque tinha a certeza de que os seus pais e repúblicas das suas murtas e nobres, não p'alestam as longas e gloriosas tradições da marinha portuguesa. Com um

O bloqueio da costa do norte

Os insurretos evitam um ataque a Ancora ficando a bandeira da Cruz Vermelha.

Fundada a noite no Tejo o cruzador auxiliar «Pedro Nunes», conduzindo a bordo o almirante sr. Borja de Araújo, comandante em chefe da divisão naval de operações contra os insurretos monarquistas.

Sob as suas operações até agora levadas a cabo, houveram mesmo a saída da solda do Sotelo publicou uma larga reportagem d'aqui a instantes, sr. a artillaria lusa.

A bordo do Pedro Nunes, pouco antes do ataque a Viana do Castelo

Da esquerda para a direita: comandante do cruzador, sr. Borja de Araújo; chefe das forças navais em operações, sr. Borja de Araújo; 1.º tenente sr. Ferreira Diniz e um aspirante.

brusco enovelamento de fumo espessíssimo, negro...

«Nas três horas foram disparados. Todos na fortaleza caíram. Três—marinheiros, oficiais, o próprio almirante, apiludam os artilheiros.

—«Res respondem... Eles respondem...»

«De facto, da fortaleza ergue-se agora um vôo de fumaçada. Quer dizer: contra não, os revoltosos haviam disparado o seu primeiro tiro. Essa granada rasgava agora o ar, inevitavelmente, em nossa direção, d'aqui a instantes, sr. a artillaria lusa.

Anexo XXXIX - Digitalização do jornal O Século, 11 de fevereiro de 1919 capa



Anexo XL Digitalização do jornal O Século, de 21 de outubro de 1921 capa

A situação política

«Depois de tudo posto nos seus devidos lugares, vamos para as eleições»—diz o sr. general Gomes da Costa ao Gremio dos Combatentes pela Republica

Durante o conselho de ministros de ontem, foi assinado o decreto concentrando no Presidente do Ministerio todos os poderes de Chefe de Estado

O Conselho de Ministros esteve ontem reunido no palácio de Belém, das 16 às 17.30. Segundo nos informaram, o Governo occupou-se especialmente de assuntos que se prendem com a missão dos delegados que vão a Londres tratar da liquidação da nossa dívida de guerra, e assignou dois decretos, um, concentrando no presidente do Ministerio todos os poderes do Chefe do Estado e o outro dissolvendo a Camara Municipal de Lisboa e nomeando a respectiva comissao administrativa, decreto que nosotto lugar publicamos.

O Conselho devia ter-se ocupado também das medidas a adoptar tendentes a facilitar a acção cambial nas suas relações com o commercio e industria.

Uma nota oficiosa sobre medidas financeiras que confirma as informações do «Século»

A este respeito foi, pelo gabinete do sr. ministro das Finanças, tornecida, ontem, à imprensa a seguinte nota officiosa:

Como já foi dito na semana finda, o Sr. ministro das Finanças está preparando um conjunto de medidas que, sem alterar a actual posição de circulação fiduciária do país em função dos seus depósitos, permitam prestar às actividades económicas do país a assistência fiduciária de que carecem, para a sua vida normal e de expansão, assistência que será prestada, quer em quantidade de numerário, quer em redução da taxa de juro que regula o custo dos produtos.

Impõe-se, para reanimar o trabalho nacional, a mobilização de parte das disponibilidades ouro que hoje se conservam in-



NO GOVERNO CIVIL—1) capitão Aníbal Franco; 2) capitão Moura; 3) capitão Aníbal de Azevedo; 4) tenente Figueiredo Dóres; 5) tenente Baltazar; 6) tenente Castro; 7) tenente Murias.

Anexo XLII Digitalização do jornal *O Século*, de 29 de junho de 1926 p.2

O GOLPE DE ESTADO DE ONTEM

(estratto da 1.^a pagina)

[illegible]

es, também estava na
uma seção de metralhadoras
cavalaria 4, que se encontra
a Quinta da Fonte dividida
pequenos que seguiram até à
taverna, tendo, depois, regres-
samente e tornou a sair

As forças conseguiram sair semitativos aquartelamentos e aos pelas 10 horas e meia, transferidas pelos locais que in-
nação encontra-se, desde os
conhecimento, um grupo de
de infantaria II, sob o coman-
dante Augusto Mithreio,
e General, havia um movi-
mento de oficiais. Tentamos,
se, pelas costas de...

le, 1938? Com o sr. coronel

patecer-lhe impossível que do Exército apenas aparecesse ali só um punhado de soldados a defenderem Gomes da Costa.

Em seguida traçou o perfil daquele chefe militar, contribuindo:

No final, o sr. tenente Dorez levantou-se e declarou que, como soldado, não poderia fazer nada contra os políticos, mas que, como cidadão, não hesitaria em defender a República, a Pátria e a Liberdade, não tendo sido adotado qualquer procedimento contra as forças do seu comando.

Antes de partir, o sr. capitão Aníbal Franco, dirige-se ao sr. tenente-coronel Mira Saraiva, comandante da Escola de Aplicação da Administração Militar, pedindo-lhe desculpa, por ter escolhido aquele aquartelamento para o seu gesto de despedida.

Aquela oficial abraçou o sr. capitão Franco, dizendo-lhe que a sua atitude tinha sido digna de um militar brioso e de homem de palavra.

Toda a bateria que se encontrava formada sobre as palavras do seu comandante debaixo de um recolhimento profundo.

Na ocasião em que o sr. capitão Francis

se despedia dos seus subordinados, che-
rta a Escola um automovel com o sr.
governador civil, que ia ali buscar o sr.
major Rodriguez. 2.º comandante daquele
estabelecimento, que havia sido, de novo,
investido no seu cargo de 2.º comandante
da Policia.

No automovel do chefe do distrito tomaram lugar, tambem, os srs. capitão Anibal Franco e capitão Menezes Alves, ajudante do sr. general Carmoza, dirigindo-se todos para o Ministerio da



A POSSE DO MINISTRO INTERINO DO INTERIOR—Da esquerda para a direita: dr. Ricardo Jorge, general Sinel de Cordes, general Afonso Pedrosa, general Carneiro, dr. Manuel Rodrigues Junior e comandante Afonso.

movimento revolucionário desde o seu
cio em determinadas bases, dentro das
stituições, é certo, mas fora dos parti
Só nestas condições aceitaria, e foram
tas condições que impor a todos to re
blicanos que forem coarçido a to

Com energia, declarou:
—Mente quem diz que eu entrei no movimento revolucionário militar com o intuito de prejudicar a República! Mente! Não há verdade quem o disser!

Proseguindo, afirmou que costuma ser de ter detida a porta as convicções políticas. Ele não deixou as suas a por-

Deixou-as em casa. Não leia para o misterio das Finanças quaisquer idéas políticas, e, portanto, julgue-se no direito de exigir que todos, absteriam, também das idéas políticas que tiverem, integrando-se somente e rigidamente na organização do movimento da república republicana.

ção do movimento. O regime republicano
tem que dignificar-se. Poderá alguém a
rir, com sarcasmo, ao ouvir a afirmação
de que um monarquismo impenitente, co
mo ele é hoje, queira a dignificação do re

me republicano. Não há motivo para p
mo. Enquanto existe um regime, esse
gime tem que ser respeitado, porque
presenta a Nação, e todos devem estar
seu lado. Na certeza de que cumpriu o

E, fitando os funcionários presentes, clamou:

—Se alguém supuser que, em virtude

das minhas ideias, podera criar-me di-
culdades no bom desempenho do meu
gar, engana-se. Se existirem funcionar
neste Ministerio que não queiram au-
liar-me com lealdade, é preferivel q
salam para que eu não tenha uma u

O sr. alferes Cartaxo Junior
Governo Civil com uma força
tória 2 e dirigiu-se para a rua
sostemo, a fim de guardar a
general Gomes da Costa.
Os oficiais da Administração

que estavam fazendo a umida
conhecho administrativo da Polí-
cia foram mandados prosseguir no
rito pelo sr. capitão Moura.
A's 19 horas, retirou a maior
força de infantaria e ficando a
Civil apenas se praca, sob o
do sr. capitão Manuel Bernardo.
Durante a noite, manteve-se

O tenente-coronel si-
reia do Amara
retomou o cargo de com.

Entretanto, reuniram-se o ex-ministro, no Ministério das Colônias, o qual foi chamado a ser o primeiro governador da ilha de São Paulo.

—Você chamar o sr. senador-
reitor do Amaral, que vai ser
para voltar para a Bahia. Vou

Apesar de espedida, essa notícia
a muita agrada, e o impresso em
pessoas que se encasaram em
maria ministeria, e que ali ao si
sr. capitão Moura foram fazendeiros

Pouco depois o sr. governador
tava com aquelle frasco militar.

Anexo XLIII Digitalização do jornal *O Século*, de 10 de julho de 1926 p.5

HA SOSSEGO EM TODO O PAIS

Para prevenir qualquer alteração da ordem, foram organizados quatro destacamentos mixtos—no Barreiro, Vendas Novas, Evora e Entrancamento

«Defenderemos intransigentemente a Republica dos monarchicos e dos «bons republicanos» que têm sido os seus piores inimigos»—diz ao «Seculo» o sr. ministro da Guerra

O general, obteve indicações precisas de que os adversarios da situação, sentindo fugir-lhes, de dia para dia, o ambiente revolucionario, alumiado por uma atmosfera de caluñias e por poderosos meios materiais, pretendiam agora dar-lhe de alguma maneira a idea de que estavam em condições de responder pelos compromissos assumidos perante as «chafaricas» politicas.

Quais foram os movimentos de tropas que ordenou?

transferidos, por conveniencia de serviço, apenas duas officias.

E acrescenta:

«Não são boatos que nos desviem do nosso caminho. Este governo foi constituído para estabelecer a ordem nas espheras da rua. Não estamos decididos a fazer violencias escanadas. Bem sabemos, pela llicão dos factos, como ellas são inúteis e contraproducentes, mas estamos dispostos a não ceder um passo, e a actuar com toda a firmeza e energia. Se qualquer tentativa de alteração da ordem exigisse a intervenção immediata do Exército, não entraríamos no caminho das conversas, das contemplações e dos amaldiçoos, que só servem para estabelecer a confusão. O Governo tem força, pois conta com o apoio de todo o Exército, que, ao cumprir disciplinadamente as ordens que recebe, defende brisamente uma situação criada sob sua exclusiva responsabilidade, correspondendo ao apelo da Nação.

«E o supposto perigo monarchico, que alguns julgam anover?

«Isso é chão que já deu uvas! É certo que, além das caluñias destinadas a atingir a honorabilidade pessoal dos membros do Ministerio e de varios officias, es pasquins circulantes cantam a velha fãria do perigo monarchico, procurando, assim, sobresaltar os sentimentos republicanos do Exército e do Pais. Mas o processo de ataque é velho, começa a estar esgotado. O Governo de que faço parte a republicano e alta. Inconfundivelmente, nesta hora, as lides de Patria e de Republica, defendendo esta, intransigentemente, dos seus adversarios, quer estes sejam os monarchicos, quer os tais bons republicanos, que têm sido os seus piores inimigos.

«Porque se encontram as tropas de prevenção?

«Mais vale prevenir que remediar. Se houver o mal, leve esboço de perturbação politica, actuaremos com uma acção de esmagamento. Estamos no nosso ponto.

«O que ha no resio do pais?

«Absoluta ordem. E isto não é a afirmação banal repetida por todos os governos em todas as notas officias. Garanto-lhe absolutamente como me garantem a mim as constantes communicações dos comandos das quatro regiões militares e dos quatro destacamentos mixtos a que me referei.

Estava finda a entrevista.

As notas officias garantem que há socego no pais

AO fim da tarde, de ontem, foi tornada a seguinte nota officia a Imprensa:

O Governo informa que tomou certas medidas de segurança para evitar possiveis tentativas de alteração da ordem publica que, segundo parece, se iniciariam por um movimento prestado nos Caminhos de Ferro do Sul, tendo feito o destacamento de tropas que lhe parecia conveniente e estando disposto a reprimir essas tentativas com a maior energia. Garante haver socego absoluto em todo o pais, tendo se provido, communicado da, regiões do Porto, Coimbra, Evora e outras, que garantem existir as mesmas condições.

No Ministerio da Guerra, foram recebidos os seguintes telegramas:

PORTO, 16, ás 8.40.—Sem novidade. Comandante da 1.ª Região Militar, general Sampaio.

EVORA, 16, ás 9.30.—Sem novidade. Chefe do estado maior da 1.ª Região Militar, Machado, tenente-coronel.

A noite, recebemos a seguinte nota officia, enviada pela Republica da Ligação do Ministerio da Guerra.

Terminou a concentração das tropas destinadas a constituir os destacamentos de occupação dos pontos de reconhecida importância, para effectos militares, a qual se



Em cima, o sr. coronel Amílcar Pinto, comandante do destacamento mixto do Barreiro, entre dois dos seus auxiliares; no centro, as tropas ao chegarem ao Barreiro; em baixo, um grupo de officias com a fãria do destacamento.

O Governo, tendo conhecimento de que se preparava um movimento revolucionario, com manifestações no sul, tomou, ha dias, as precauções que julgou necessarias para o fazer abortar.

Anteontem, o sr. ministro da Guerra, depois de uma larga conferencia com os seus chefes do gabinete, e porque os boatos da eclosão do movimento se accentuassem, deliberou fazer quatro concentrações de tropas, no Barreiro, Vendas Novas, Entrancamento e Evora, dando immediatamente ordem neste sentido.

Os boatos que circulam ha dias tomaram mais vulto e, ontem, de manhã, foram tomadas, em Lisboa, outras medidas preventivas, entre as quais a de não permitir a abertura dos estabelecimentos, motivo por que as padarias, as



O MALOGRADO GOLPE DE ESTADO

Não deu resultado a busca ao Palácio Fronteira, onde estivera o sr. Moraes Sarmento

Conforme notam diversos e influentes políticos, a Polícia de Informação e Vigilância do Ministério do Interior, suspensa em descobrir o paradeiro do sr. tenente Moraes Sarmento, procurou, a várias diligências em Oeiras e Fátima, as quais foram de infructuosos resultados.

Pela sr. Inês, foi conhecida no Governo Civil a denúncia de que o sr. Moraes Sarmento se encontrava no Palácio Fronteira, em S. Domingos de Benfica, onde foi jantar, em companhia de vários amigos e dos srs. D. José de Mascarenhas, conde da Torre, e de sua família.

Uma brigada de det. agenciada, dirigida por dois funcionários da Polícia Reservacionista, seguiu imediatamente, auxiliada por dois policiais, para Benfica, mas tendo-se verificado, depois, que dez homens eram insuficientes para cercar, não se pôde fazer, como a quinta e a quinta, o sr. tenente Braz Vieira, director da P. I. V., pediu imediatamente, da esquadra de Benfita para o Governo Civil o destacamento auxilia.

Embora a diligência fosse levada a efeito com grande sigilo e precaução, o facto da chegada do autogoverno com agenciado ao largo de S. Domingos de Benfica e as disposições tomadas para a sua recepção, pelas ruas do Calhau e Barcel, que circundam a vasta propriedade, produziram natural alarme entre as pessoas que, então, se encontravam na biblioteca do palácio, que da para o largo e se apresentava completamente iluminada.

Na rua do Barcel foram postados dois agentes, um dos quais, pelas 9 horas, verificou que, de uma pequena porta, que dá comunicação com as cavalarias e estabulos, saíam quatro indivíduos, em direcção à Serra de Monsanto. Essa pequena porta, que estava aberta, não foi alvo de qualquer intervenção, mas foi alvo de um tiro e, embora ripostasse, não conseguiu alcançar os fugitivos, que, auxiliados pela escuridão da noite, conseguiram desaparecer.

O facto das detenções aliadas ao local e sr. Escobar, da Polícia Internacional, e um dos chefes da brigada, que igualmente foi alvo de um tiro de pistola, por não desobediência, que era a sua ordem.

A busca passada de manhã no palácio e quinta dos condes da Torre não deu resultado

Primariamente, foi feita a quinta e todas as direções, seguindo-se as edificações, jardins, casa de malta, residências dos jardineiros, pomal, pedreira, cavalarias, estabulos, saltilho, etc. Por fim, foram visitados os salões e salas do palácio, tendo assistido a todas as diligências, que se realizaram pelas 10 horas o sr. D. João de Mascarenhas, filho primogénito do conde da Torre. O sr. director da P. I. V., tendo acompanhado os empregados e criados ao serviço do sr. D. João de Mascarenhas e de sua família, veio a saber que, de facto, no palácio, se deu um jantar, o que assistiram, como convidado, vários indivíduos e que, após, se iniciaram os trabalhos, havendo desaparecido misteriosamente.

Por terem sido em contradição com o que, quando interrogados, foram presos e guardados na casa, sr. Jacinto Orelhas Junior, e o criado de mesa, Avelino de Oliveira Araújo, os quais reconheceram inconscientemente a esquadra.

Os indivíduos de Benfita teriam entrado em Lisboa pelas portas de Alge, às 0 horas e 30

Após a busca, feita no palácio, o sr. tenente Braz Vieira verificou que não estava ali, como de costume, o autogoverno do sr. D. Alexandre de Mascarenhas, pois que supeliu que o veículo tivesse sido utilizado para a fuga dos srs. Moraes Sarmento, D. José de Mascarenhas e de mais dois amigos, ou sejam, os quatro indivíduos, que foram vistos sair pela porta da rua do Barcel, em direcção à Serra.

Mais tarde, verificou-se que tais suposições tinham fundamento, porquanto, n

tar a publicação desta falsa suposição ao «Diário do Governo».

Outra, a folha oficial, registou o descreção humilhante do cargo de director da Biblioteca Nacional de Lisboa o sr. Dr. F. de Aguiar.

O incidente do Palácio das Necessidades

Declarações do sr. tenente Josino da Costa

O sr. tenente Josino da Costa, secretário do sr. ministro das Finanças, que foi convidado para a sessão de tiro de arma longa, da residência do chefe do Estado, conheceu, porém, uma entrevista ao sr. tenente da situação, na qual relatou, porquanto, o sr. tenente, não deu a entrevista a seguintes declarações:

«Pela madrugada, apareceram em casa do chefe do Estado, os meus camaradas Neto e Rodrigues, acompanhados de um terceiro, que mais tarde soube ser o sr. Moraes Sarmento. Estes oficiais possuíam uma revólver e o sr. ministro da Guerra, a qual lhe foi facilitada, numa sala próxima da sala onde o governo estava reunido.

«Alguns minutos depois, alguns indivíduos os sr. ministros de que nunca dei a saber o nome, e o sr. ministro da Guerra, que tinha sido despedido pelos quartéis, foi nesse momento que o sr. ministro das Finanças se dirigiu aos três referidos, que estavam no convívio, perguntando-lhes onde se encontravam o sr. ministro da Guerra. Foi eu quem indiquei a sala onde os referidos oficiais estavam conferenciando com o sr. tenente-coronel Passos e Sousa.

O sr. general Raul de Cordes, em passagem rápida a gosto decidido, encaminhou-se para a sala, depois de repórter a porta e, com a arma na mão, surgiu dos presentes, disse:—Sou há muitos anos oficial. Nunca me senti nem cometi que me chamassem os porcos. E agora, que tenho as minhas saídas de general, ganhas com honra e consciência, igual, nunca não cometi. E dirigindo-se ao sr. ministro da Guerra.—A V. Ex.ª, como chefe supremo do Exército, cumpre distinguir as palavras supostas e certas, não verdade, assinado por um subalterno.

«Foi dessa altura que surgiu também o sr. ministro da Justiça, que, com toda a elegância, afirmou:—Fago minhas saídas de sr. general Raul de Cordes e recuso o castigo a ser dado ao sr. Moraes Sarmento.

«Entretanto, tinha chamado o sr. Presidente da República que, muito sereno e calmo, se dirigiu ao sr. Moraes Sarmento nestes termos:—Vós o sr. tenente aqui decretar o meu furo. Trate o oficial respondendo que sim, o sr. tenente disse:—Esta preso.

«Aí, por da está preso, o sr. tenente Moraes Sarmento usou de uma pistola e apontou-a contra o chefe do Estado; mas, este, ainda com toda a serenidade e com previda coragem, agarrou-se imediatamente ao oficial, que, vendo-se agarrado, sacou de uma segunda pistola, fazendo fogo por quatro vezes. Porém, eu não sei agarrar-lhe também o braço, ao mesmo tempo que lhe existia a sua palavra de honra a sua palavra de honra de militar de que não dispararia mais. Moraes Sarmento empunhou então a pistola de honra, por duas vezes, mas por que o largámos, passando para uma sala contígua, onde ficou encerrado. O resto que se passou não sei.

«A na sala da reunião, foi o sr. ministro das Finanças que disse que eu estava ferido. Não tinha dado por isso tempo de devidamente pensado, recordei a casa.

A procura de manifestos

PORTO, 17.—A polícia de informação, esta tarde, ao café Chaves onde realizou toda a pesquisa, não conseguiu



Durante a busca ao palácio Fronteira, os agentes da autoridade foram guiados pelo filho primogénito do sr. D. José de Mascarenhas que, como se vê nesta gravura, marcha à frente do grupo.



Anexo XLVI Digitalização do jornal O Século, 27 de abril de 1920 p.3

Está convocado o Congresso da Republica

O sr. Presidente da Republica e o Ministerio apelam para o Parlamento

Os parlamentares deverão reunir no dia 26, a fim de apreciarem e votarem as medidas urgentes que o Ministerio deseja propôr-lhes

Foi distribuido hontem á tarde um «Suplemento» ao «Diário do Governo» contendo a convocação do Congresso da Republica para o proximo dia 26. Esse decreto, publicado ao abrigo da Constituição, é do teor seguinte:

Considerando a urgente necessidade de o Governo dar conta ao Parlamento de importantes problemas de caracter economico e financeiro que fundamente interessam toda a vida nacional;

Considerando que os altos interesses do Estado imperiosamente reclamam que a taes problemas seja dada uma solução rapida, de maneira a poder seguir sem embaraços de maior a marcha normal dos negocios publicos;

Considerando que ao Parlamento compete habilitar o Poder Executivo com os meios indispensaveis para poder arcar com as dificuldades que assoberbam a vida do Estado;

Considerando que a Nação tem o direito de confiar do esclarecido patriotismo dos membros do Congresso da Republica a analise imediata e a aprovação de medidas que urge efetivar:

Hei por bem, sob proposta do Presidente do Ministerio e Ministro do Interior e da Guerra e dos Ministros das demais Repartições, e com fundamento no artigo 12.º da Constituição Política da Republica Portuguesa, convocar as duas Camaras Legislativas a reunirem-se no proximo dia 26 do corrente, pelas quatorze horas, no Palacio do Congresso.

O Presidente do Ministerio e Ministro do Interior e da Guerra e os Ministros das demais Repartições assim o tenham entendido e façam executar. Paços do Governo da Republica, 21 de Setembro de 1923.—ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA—Antonio Maria da Silva—Antonio Abranches Ferrão—Francisco Gonçalves Velhinho Correia—Abel Fontoura da Costa—Domingos Leite Pereira—João Teixeira de Queiroz—Vaz Guedes—Alfredo Rodrigues Gaspar—João José da Conceição Camoegas—Alberto da Cunha Rocha Saraiva—Joaquim Antonio de Melo Castro Ribeiro.

Anexo XLVII Digitalização do jornal O Século, de 22 de setembro de 1923 capa



Anexo XLVIII Digitalização do jornal O Século, de 14 de dezembro de 1923 capa



Anexo XLIX Digitalização do jornal O Século, de 9 de outubro de 1911 p.2

UMA TRISTE CELEBRIDADE

E' outra vez preso
O "Pavão"
que fugiu do Limoeiro

Deita-lhe a mão o regedor de Odivelas no lugar de Famões, e vem,
no automovel dos «reporters», para o governo civil



O PAVÃO, depois de recapturado

Com insistência, começou, hontem, ao cair da tarde, a correr em Lisboa a noticia de que havia sido recapturado o gatuino Aurelio Jesus da Silva, o Pavão, pela segunda vez evadido do Limoeiro, agora em companhia do seu colega Joaquim Gonçalves da Cunha, implicado no roubo do ourives da Gula. A noticia era efetivamente verdadeira e o Pavão encontra-se, a hora a que escrevemos, n'um dos calabouços do governo civil, lamentando a imbecilidade com que, como da primeira vez, se entregou de novo a Justica, n'um singular contraste com o engenho e argucia de que deu provas na sua romantica fuga.

Os reporters do *Século*, avisados da sensacional recaptura pelo seu correspondente de Loures, perto de cuja povoação ocorreu o successo, deram-se pressa em acudir no ponto onde o Pavão se encontrava, vindo com ele até Lisboa e podendo ouvi-lo durante um largo trajeto, não sem terem presenciado os curiosos episodios que se deram com a triste personagem até á sua entrada nos calabouços policiaes.

O Pavão é um desequilibrado, mais digno de piedade do que repugnancia. É um desgraçado que, uma valdade doentia armou em creatura celebre, pois que fala da sua evasão como se tivesse metido uma lanca em Africa, e todo rejubila quando se sabe objeto da curiosidade publica.

A recaptura

Foi um vendedor de jornaes que,
pelo retrato publicado no "Século", reconheceu o fugitivo

o Pavão para o Lumiar, empregando para tal fim a diligencia que ali estava a partir. A falta de algemas para que o gatuino não repetisse a tentativa de fuga, foi decidido que viesse amarrado com umas cordas, mas contra tal deliberação protestou o fugitivo, indignadamente, resolvendo-se a não permitir que ta se fizesse.

Furioso, o Pavão tentou resistir e empregou ainda alguma resistencia; mas, convencido emfim de que nada podia contra a força, deixou-se amarrar, não sem primeiro ter declarado que havia de escrever nos jornaes a queixar-se contra a violencia, deixando as suas lamentações, exclamou:

—Se não me apanham hoje, não me viam tão depressa! Mas estejam descansados que eu ainda hei de fugir outra vez, e ainda outra, se voltar a ser preso!

Metido na diligencia e ladeado pelos dois policiaes, o Pavão mostrou-se submisso e um tanto aflito por ver a attitud do povo que assistia á partida do veiculo. Curvou a cabeça e deixou-se ir nos polavancos do carro, readquirindo pouco depois a antiga serenidade e entrando a disreitear filosoficamente sobre a sua triste personalidade.

Chegada a diligencia ao Lumiar, o preso desceu e entrou no posto policial que ali existe, onde o comandante, o cabo Augusto, o mandou meter para o calabouço, requisitando para o governo civil um par de algemas, que ali foi levar o guarda 464, que estava de piquete, por ordem do cabo Estevinha, de guarda á esquadra.

Em frente do posto policial, tendo torrido no Lumiar a noticia da chegada do Pavão, entrou a juntar-se tambem muita gente e, dentro em pouco, repellam-se as manifestações hostis que se tinham ando em Loures, tendo de novo a policia de intervir para socegar os espiritos exaltados contra o prisioneiro.

No automovel

Algemado, o "Pavão" vem para o
governo civil com a policia e os
"reporters"

O automovel que seguiu todo este calvario do Pavão e que conduzia o reporter do *Século* e o seu colega que o tinham acompanhado n'aquellas diligencias do crime do Arieiro, diligencias que contamos ao leitor, estava á porta da esquadra quando chegou, no electrico, o policia com as algemas, dando o cabo Augusto ordem para que o preso seguisse para o governo civil, custodiado por este guarda e pelos que o haviam trazido de Loures.

O Pavão foi algemado, com as mãos atax das costas, e saiu para a rua, compreendendo-se então a temeridade que se teria feito em trazer o fugitivo no electrico, seguido de varia gente da multidão, que se preparava para o acompanhar. Quando descessem no Rocio, reconhecido o prisioneiro, organisar-se-hia decerto, atraz d'ele, um cortejo que daria lugar a grossa barafunda.

N'esta collisão e porque, no governo civil, ninguém n'isso pensara, pois que se devia ter mandado para o Lumiar o conveniente



Anexo LI Digitalização do jornal O Século, de 4 de maio de 1919 capa



Anexo LII Digitalização do jornal O Século, de 7 de maio de 1919 capa

Insubordinação de presos

No Limoeiro revoltaram-se os enclausurados na sala 1 e na sala dos entrados, recolhendo os cabeças de motim ao «segredo» e sendo os outros transferidos para Monsanto



condução dos presos avançava para Monsanto com a primeira leva.

A transferência fez-se sem incidentes algum. Apenas a passagem pelo Rossio alguns dos presos começaram a fazer uma gritaria ensurdecedora, chamando a atenção de quantos ali se encontravam, mas que, sabendo do que se tratava, não deram importância aos gritos, seguindo apenas, com curiosidade, a marcha do veículo.

No forte de Monsanto os presos eram aguardados pelo director e sub-director das Cadeias e pelo director daquela prisão sr. tenente-coronel Alvaro Pimenta, além da pessoal respectiva. A medida que chegavam, eram identificados.

Nenhuns dos presos caboccos, sequer, e mais poucos grelos de revolta. Um redactor do Sécuro, que esteve junto dos directores das Cadeias assistindo a aplicação da ordem dada contra os revoltos, teve ocasião de ver que todos eles se submetiam, sem um queixoso, ao novo regime a que ficaram sujeitos. Logo de entrada, no atrio, foram obrigados a cortar o cabelo, e todos a isso se prestaram, sem a mais pequena objecção.

Dali iam seguindo, a medida que entravam, para as celas e calabouços que previamente lhes estavam destinados, já arrependidos, na maior parte, de terem

O povo nas imediações do Limoeiro—
Em baixo: a transferência dos presos para Monsanto

Os presos do Limoeiro insubordinaram-se ontem, mais uma vez. Segundo o facto do director das Cadeias Civis, sr. coronel Schiappa de Azevedo, ter regulamentado a entrada de visitas, não as consentindo para cada preso senão semanalmente, muitos deles resolveram protestar, revoltando-se. A revolta não passou de uma simples manifestação de enfurecimento, que eles levantaram, como barricadas, mas que não foram susceptíveis de resistir ao simples ataque dos bombeiros, que logo abriram caminho para a intervenção da força militar, estando a ordem restabelecida poucas horas depois.

Vamos contar como se passaram os factos.

A entrada das visitas e a attitude dos presos

Após tomar posse do cargo de director das Cadeias Civis de Lisboa, o sr. coronel Schiappa de Azevedo mudou que a entrada de visitas era demasiada, e que tal facto obrigava a pessoal a uma vigilância extraordinária, incompatível, ali, com a restrição essencial do mesmo. Em face disso, resolveu regulamentar as visitas aos presos, consentindo-as apenas aos domingos, segundas e terças-feiras, cobrindo uma tabela distribuída profusamente para conhecimento dos interessados. Estes, porém, não se conformaram com tal medida, mas o director manteve a ordem, considerando que a facilidade com que



Anexo LIII Digitalização do jornal O Século, 25 de outubro de 1926 p.2

UM SADICO

O marítimo Vitor Gonçalves

A sua vítima é hoje examinada na Morgue, sendo feita nova queixa contra ele

O pae da menor de 3 anos Lucilia Gomes, vítima do crime repugnante cometido ante-hontem n'uma hospedaria da calçada de S. João Nepomuceno pelo marítimo Vitor Gonçalves, foi hontem com ela ao governo civil, onde se juntou muita gente a ver a criancinha, sendo geral a indignação contra o barbaro atentado.

Ouvido pelo sr. dr. Alfeu da Cunha, director da policia judiciaria, este ordenou que a criança fosse enviada com uma participação do occorrido ao 3.º juizo de investigação, onde se tomaram declarações ao pae, devendo a infeliz ser hoje examinada no Instituto de Medicina Legal para depois entrar no hospital Estefanina.

O criminoso voltou a fazer hontem nova confissão de



Vitor Gonçalves

Anexo LIV Digitalização do jornal O Século, de 14 de dezembro de 1912 p.4

UMA CELEBRIDADE NO CRIME

RECAPTURA DO "PEDRO MALUCO,"

A hospedaria dos "Pombinhos"

O já celebre gatuno encontra-se n'um dos calabouços do governo civil e deve seguir hoje para o tribunal

Já se encontra outra vez em poder da policia, devendo ser hoje novamente entregue, na Boa Hora, para onde irá convenientemente algemado, o celebrado gatuno Pedro Ramos, o Pedro Maluco, que, depois das tristes aresturas em que se viu envolvido e que aqui relatamos, fugiu ante-hontem, no largo da Sé, a escolta da guarda republicana e ao official de diligencias Ramos, que o conduziriam para o Limoeiro.

A propósito, convém dizer que ainda não foi restabelecido, apesar dos goras protestos, o serviço de condução dos presos nas carruagens ocularas, tendo hontem o general sr. Encarnação Ribeiro, comandante da guarda republicana, officindo aos juizes da Boa Hora, communicando-lhes que, de ora avante, os seus subordinados se encarregarão tão somente da policia interna do tribunal, deixando de acompanhar os presos a cadeia e de fazer serviços semelhantes.

A recaptura do Pedro Maluco deve-se ainda a policia do posto da Mouraria, a quem os habitantes da cidade muito devem, dirigido pelo antigo cabo 161, Guerra, que tem mostrado no desempenho do seu cargo uma prociencia e um zelo dignos de nota, e composta de agentes fortes, resolutos e decididos, que tem a haver os com a peor area da capital.

A primeira prisão do Pedro Maluco, quando este transpreeva com outro um sacco de prata para uma taberna do Besterro, deve-se ao guarda 782, d'aquelle posto, auxiliado pelo seu

A hospedaria é instalada n'um casbreo abarracado, de sordida apparencia, em cujo primeiro andar, com entrada pela porta n.º 5, residem o dono da casa, Antonio Martins de Almeida, o sua mulher, Guilhermina Rosa. O homem trabalha de dia n'uma officina de malleiro da rua dos Fanqueiros e vem à noite tomar conta da espelunca, que a mulher administra durante o dia.

O gatuno ficou surpreendido com a visita matinal

Os quartos da hospedaria são todos situados em duas coxas, para onde se desce por uma escada fortissima, recendendo-lhes por janelas de grades, que deitam para as escadinhas da travessa. São de exiguas dimensões e mobilados em harmonia com a categoria da gente que os frequenta, e que não quer dizer que ali não vá gente de bem, em especial trabalhadores do porto e até gente da outra banda, que procura aquelle refugio para acobertar as suas aventuras amorosas.

Chegados a Hospedaria dos pombinhos, os tres guardas bateram para a casa da hospedaria, e chegando a sala com esta, perguntaram-lhe que gente tinha em casa, respondendo-lhe ella que apenas um rapaz e uma rapariga, mas que os não conhecia, correspondendo, porém, os nomes do primeiro aos do Pedro Maluco e os da segunda aos da Micus, cuja gravidez a denunciou.

O 810 e o 801, cuquantos o 1-118 se postava na travessa, não fosse o gatuno fugir pela janela, bateram então á porta da hospedaria, que tem meia porta e postigo, como os antigos aloucos do bairro. Apareceu o malleiro e logo a casa foi invadida pelos dois guardas, que, dirigindo-se a um quarto da primeira coxa, foram ali encontrar o Pedro Maluco com a amante.

O gatuno fez-se de mil cores quando os



Francisco Magalhães, guarda 312

Anexo LV Digitalização do jornal O Século, de 14 de março de 1914 p.3

ENTRE «RUFIAS»

Um crime de morte na Mouraria

A vítima foi morrer ao Limoeiro

O assassino, que cravou uma navalha nas costas do seu antagonista, foi preso e já recolheu á cadeia



É um tipo digno de ser descrito, magro, esquelético, de olhos verdes, grande nariz aquilino, um tanto cambaio das pernas, ornando-lhe a cabeça uma espessa e encaracolada cabeleira negra. Os dedos dos pés, pois que anda sempre descalço, estão deformados e cheios de feridas, vestindo calça estreita de *haki*, duas camisas, uma cinzenta sobre outra branca, manchada de vinho, e um casaco de ganza azul, tendo na cabeça um grande bonnet verde-nizado.

Sobrecando um saquinho com um tacho, onde a mãe lhe foi levar qualquer comida ao calabouço n.º 6, do governo civil, o *Mendo* seguiu às 15 horas para o 2.º juízo de investigação, cartório do escrivão Vieira, onde, interrogado, confessou naturalmente o seu crime, contando que estava sentado a uma mesa na taberna da tia Maria, comendo uma posta de bacalhau que pedira a locandeira, quando ali entrou o Henrique, que se fazia acompanhar de quatro indivíduos, um dos quais devia ser Estevão António Cardoso, de 23 anos, serrador, morador na rua Alexandre Braga, 28, indivíduo que depois foi prevenir do

Henrique Leitão

Anexo LVI Digitalização do jornal *O Século*, de 15 de julho de 1914 p.2

NO LIMOEIRO

O «CHIBITA»

agrediu gravemente o capataz da sala onde estava recluso

Joaquim Nogueira da Silva Junior, o «Chibita», ou o «Gualdipante», 28 anos, de S. Bartolomeu da Charneca, casado, pedreiro, filho de Joaquim Nogueira da Silva e de Vitorina Joaquina da Conceição, criaturas que ainda ali vivem e são pessoas muito honestas, é um dos mais afamados gatunos de «mosco» de Lisboa.

Tendo sido mentor e mestre do celebrado «Pedro Maluco», a cuja quadrilha pertenceu, praticou diversos roubos em Lisboa e, tendo fugido para a Outra Banda, não deixou ali de prosseguir com o seu «mister», efetuando diversos assaltos e tentando matar a tiro um indivíduo na Aldeia de Palo Pires.

Preso uma vez no Terreiro do Paço, quando desembarcava, vindo de Cezimbra, com uns objetos de culto que ali roubára n'uma igreja, foi enviado á cadeia do Seixal, d'onde uma bela manhã, como então noticiámos, se evadiu, em companhia de vários condenados, todos eles criminosos de respeito.

O «Chibita»



O «Chibita» foi re-

Anexo LVII Digitalização do jornal *O Século*, de 29 de agosto de 1916 p.3

OS REINCIDENTES

A ultima evasão do Limoeiro

Dos tres que fugiram, um d'eles é um assassino confesso e os dois outros gáunus de largo cadastro

É romântica, como todas as evasões do Limoeiro, a que se deu ali na madrugada de hontem e que relatámos sucinamente nas nossas ultimas noticias. Os tres presos que se evadiram são antigos hospedes do velho palacio do Conde de Anselmo e a policia de investigação já lhes anda na pegada, sendo muito provavel que a sua recaptura não demore muitos dias.

Um d'eles é um desordeiro de cadastro, que ha tres anos esperava na cadeia o seu julgamento, por ter, em 13 de maio de 1916, no caso da Viscondessa, a Santos, morto a tiro Antonio Rodrigues Pinto, o «Antonio Carrancho», tripulante de uma fragata, e, como ele, desordeiro tambem de nomeada, Comellido o crime, atirou-se ao Tejo, onde foi perseguido e preso pela guarda fiscal.

O assassino chama-se Antonio de Castro Polido, o «Polido da Santos», tem 26 anos, é natural de Lisboa, freguezia de Santos-o-Velho, filho de Francisco de Castro Polido e de Maria da Assunção, casado, pintor e residente na rua das Madres, 67, 2.º. O Polido é um dos implicados na revolta do Limoeiro, cumplice dos seus incendiarios, tendo sido dos que «barbatarem» a guarda, como aqui referimos.

O segundo fugitivo chama-se Dimas Gil, dando tambem pelo nome de Isidoro Ribeiro, tem 30 anos, é casado, serralleiro, de Aljustrel, filho de Bento Narciso e de Idefonso Moreira, rua Domingos Tendeiro, 45, sendo desertor da armada e estando atualmente no Limoeiro, por furto, á ordem do 3.º juiz, cartoria do escrivão Borges. O Dimas, que é um dos mais peri-



Dimas Gil e Antonio de Castro Polido

LVIII Digitalização do jornal *O Século*, de 14 de junho de 1919 p.3

OS «RUFIAS»

O crime do Casal Ventoso

O cadaver na Morgue—Diligencias policiaes—A navalha do assassino

Hontem, pelas 10 horas, foi removido para a Morgue o cadaver de José Maria, o «Cara de Lata», aquele desventurado trabalhador que, ante-hontem a noite foi assassinado á navalhada no pateo do Quarenta, á Senhora de Sant'Ana, perto de Campolide, conforme referimos pormenorizadamente.

O agente Correia, da 5.ª secção da policia de investigação, encarregado das devidas diligencias, prendeu Antonio Batista Moreira, individuo que acompanhava o assassino, Ednardo Pinto, o «Maria Angol», na occasião d'este se envolver um desordem com o assassinado.

O «Maria Angol», depois de ter agredido o «Cara de Lata» com uma facada no ventre, e quando já a sua vittima procurava refugiar-se em casa correu sobre ele e vibrou-lhe nova facada nas costas, prostrando-o. Então, com toda a tranquillidade, o «Maria Angol» encaminhou-se pela calçada da Quintinha, ameaçando com a navalha ensanguentada todos que tentavam aproximar-se



José Maria

LIX Digitalização do jornal *O Século*, de 8 de julho de 1919 p.3

OS QUE FOGEM

Nova evasão da Penitenciária

Anda-se à procura de três reclusos que d'aí se escaparam

Evadiram-se hontem, por fôrma audaciosa, mais três reclusos da Cadeia Nacional, um d'eles reincidente na fuga, pois é já a segunda vez que a põe em pratica e com êxito. Foi ele, sem dúvida, quem incitou os seus companheiros a segulrem-lhe o exemplo, tendo-se dado pelo seu desaparecimento já depois de estarem longe, sem embargo do que se empregaram todos os esforços para os recapturar, no que chegaram a disparar-se alguns tiros, que apenas alarmaram as proximidades.

Os fugitivos, todos eles condenados por homicídio no máximo da pena, são o recluso 588, Antonio de Sousa, o «Cirepê», ou o «Russo», 26 anos, casado, de S. Martinho do Fundão, que all entrára em 7 de junho de 1917; o recluso 378, Vitorino Marreiros, 29 anos, casado, de Lagos, e trado em 31 de dezembro de 1915, e o recluso 481, Manuel Gonçalves, 23 anos, solteiro, de Sinfães, Trancoso, que all entrou ha pouco.

A fuga foi consequencia da falta de vigilancia, pois que não compareceu hontem a G. N. R., que costuma fazer a guarda interna do edificio. Os fugitivos, que occupavam tres celas seguidas, abriram os postigos das mesmas, conseguindo por essa fôrma abrir as portas e sair, passando-se para o compartimento onde funciona a aula de instrução primaria.

Uma vez all, desligaram o quadro da electricidade e, por uma varões de ferro, desceram á alfaiataria, d'onde, com auxilio de umas cortinas que ataram umas ás outras e de que fizeram uma corda, se passaram para o exterior do edificio, tendo demonstrado n'esta fuga grande audacia e rijas qualidades de ginastas.

A fuga deu-se pelas 19 horas e meia e foi já comunicada á policia, para serem os criminosos perseguidos. A ultima evasão do «Russo», que já em tempos fugira da cadeia do Fundão, deu-se em 30 de janeiro d'este ano e foi efetuada de companhia com um preso conhecido pelo «Cachola», que tambem foi depois recapturado.

Os dois fugiram servindo-se de oito metros de cotim que a mãe do «Cachola» levou a este, passando-se então aquelle picaresco caso do «Russo» ter sido surpreendido por um policia com a fazenda e conduzido para a esquadra, onde teve artes de persuadir os guardas de que fôra vítima de um assalto, sendo mandado em paz, como aqui referimos.

LX Digitalização do jornal *O Século*, de 2 de novembro de 1920 p.3

Limpendo a cidade

Deram entrada nos calabouços do Governo Civil nove cadáveres. Entre os presos figuram dois temíveis desordeiros, com muitas prisões. São eles: Mario Pereira Mesquita, o «Mario Cantador», e Joaquim Costa, o «Ventas Largas», os quais já sofreram pena de degredo. O




Mario Pereira Mesquita, o Mario Cantador, e Joaquim Costa, o Ventas Largas

primeiro tem conseguido fugir de varias prisões e até dos navios onde tem embarcado para o degredo. Da ultima vez em que foi deportado, declarou á partida: —Agora não fujo porque quero dar um passeio. Mas, logo que chegue a Africa, faço por voltar á metrópole.

E se bem o disse, melhor o fez, pois, ha já muito tempo que ele se encontrava na metrópole.

LXI Digitalização do jornal O Século, de 9 de setembro de 1927 p.3

OS PRESOS DE MONSANTO TRABALHAM

Não tarda que funcione um forno de cal para uma produção diaria de 25 toneladas



herdadeira para aproveitar os desperdícios da pedra, que a direcção das Cadeias Civis já hoje vende, quer para construções, quer para o balastro das linhas férreas. Pelo desenvolvimento que está tomando o trabalho dos presos, tanto na secção agrícola, como na secção industrial, pode-se afirmar que, em breve, pouco tem de adquirir a direcção das Cadeias Civis para abastecer o consumo das mesmas. As cadeias têm já duas fôrmas de betão, que são empregadas na lajeira dos terrenos da serra; possui uma engorda de suínos e está quasi concluída a padaria, que, em breve, fabricará o pão necessário para o abastecimento não só das Cadeias Civis, como da Penitenciaria, que é de mais de mil quilos diarios.

A serra de Monsanto está, assim, transformada num centro de produção.

Por toda a encosta se vêem os terrenos cultivados, pensando-se agora na sua arborização. Pello isso e concluída a estrada já iniciada pelos presos e que vem dar ao Jardim Zoológico, o acesso a Monsanto tornou-se facil. E um passeio até lá, de onde se desfruta um soberbo panorama sobre todos os pontos da cidade, passa a ser agradável—de que agora é quasi impossível e moroso, pois é-se obrigado a ir a Benfica, gastando no trajeto cerca de meia hora.

1. Os presos occupados em trabalhos de construção junto ao forte de Monsanto. 2. O forno de cal em construção

Junto ao forte de Monsanto está sendo construido um forno de cal, que, depois de pronto, fica sendo o primeiro do país. Esse trabalho é obra da direcção das Cadeias Civis iniciada pelo sr. dr. Pestana Junior e continuada pelo actual director daquellas cadeias, sr. tenente-coronel Amorim Pessoa, que ao desenvolvimento da colonia agrícola e industrial daquelle forte na qual só são empregados os reclusos, tem dedicado toda a sua actividade.

Nestes trabalhos são já empregados cerca de 800 presos, estando a colonia agrícola produzindo muitos géneros para o consumo da cadeia.

Na laboração do forno de cal, que deve começar no prazo de um mês, pelo processo de fabricação continua, tendena o sr. tenente-coronel Amorim Pessoa tirar a receita quasi necessaria para cobrir as despesas da alimentação dos presos. O forno deve produzir a média diaria de 25 toneladas de cal, sendo a pedra aproveitada de um grande filão que junto existe. Além disso, pensa-se em adquirir uma



Anexo LXII Digitalização do jornal O Século, de 19 de abril de 1927 p.6



Anexo LXIII Digitalização do jornal O Século, de 14 de novembro de 1913 p.4

1131										
Nº	Nº processo	Nome	Alcunha	Paí	Mãe	Estado civil	Cônjuge	Naturalidade	Profissão	Residência
1	DSINALCFO000001	258	25	O Gordo	Augusto de Carvalho Lima	Solteiro	Ana de Jesus Moraes	Solteiro	Carroceiro	R. Barão Sampaio, nº 99, 2º
2	DSINALCFO000002	717	27	O Serafim da Bica	João Lobos	Solteiro	Maria das Dores Ferreira (unido de facto)	Rua Lobos	Servente	Alameda Barão, nº 38, Rio
3	DSINALCFO000003	1131	35	O Quatro	Francisco Indício Cunha	Casado	Maria Cunha	Moura, Baía	Carpinteiro	Pátio do Bispo
4	DSINALCFO000004	1731	34		Francisco Ludovico	Solteiro	Maria da Conceição Brito	Porto Alegre	Pinel	Rua Alves Cunha
5	DSINALCFO000005	1743	28	O José Gordo	Tranquillo da Conceição Brito	Solteiro	Maria da Conceição	Desconhecida	Carroceiro	R. Tenente Valadim, Cx. Piedade
6	DSINALCFO000006	2207	19	O Tetinho	Antônio Batista da Costa	Solteiro	Maria da Boa Hora	Solteiro	Carroceiro	Travessa da Fonte Santa
7	DSINALCFO000007	2282	23	O Adriano	Indolente	Solteiro	Faustina Marques	Porto Alegre	Ajudante esportivo	Desconhecida
8	DSINALCFO000008	2863	33		João Guilherme	Solteiro	Maria da Conceição Mendonça	Solteiro	Trabalhador	Desconhecida
9	DSINALCFO000009	3361	36		Indolente	Casado	Maria da Silva	Leopoldina de Jesus	Dono	A Jorda da Fagundes
10	DSINALCFO000010	3460	20	João d'Oliveira das	João d'Oliveira das	Solteiro	Maria de Jesus	Solteiro	Sapateiro	Quinta de Chã, R. Direita das Sentenças
11	DSINALCFO000011	4095	30		Ignora-se	Solteiro	Ignora-se	Solteiro	Bagageiro	Rua do Boque
12	DSINALCFO000012	4261	40		João Casares	Casado	Maria Lúcia	Alexandrina Rosa	Primeiro	Pátio dos Pedreiros
13	DSINALCFO000013	4837	24		Indolente	União de facto	Emília da Silva	Agente	Pedreiro	Rua Marques da Ponte de Lima
14	DSINALCFO000014	5410	36		Antônio Francisco				Marítimo	Rua das Madres
15	DSINALCFO000015	5827	21		Ricardo Vidal	Não menciona			Marítimo	Rua Azeite Botões
16	DSINALCFO000016	6186	38		Antônio Manoel	Desconhecido			Servente	Travessa do Arco da Graça
17	DSINALCFO000017	6810	43		João Manoel	Solteiro	Manoela Fernandes	Maria dos Prazeres (unido de facto)	Chefeiro	Beco do Bricho
18	DSINALCFO000018	7133	65		João Manoel	Desconhecido			S. Vicente, Cabo Verde	Marítimo
19	DSINALCFO000019	7471	29	O Henri	João Manoel	Solteiro	Maria da Purificação	Solteiro		Sem residência
20	DSINALCFO000020	7603	25		João Manoel	Não menciona	Ana Maria de Oliveira	Não menciona	Chefeiro	Sem residência fixa
21	DSINALCFO000021	7671	39		João Manoel	Solteiro	Gertrudes Carolina de Sousa	Solteiro	Chefeiro	Rua da Madrugada
22	DSINALCFO000022	7701	45		Indolente	Casado	Indolente	Melhores	Indolente	Belém da Bélgica
23	DSINALCFO000023	7928	40		João Manoel	Solteiro	Gertrudes Carolina de Sousa	Solteiro	Indolente	Não menciona
24	DSINALCFO000024	8059	35	O Mulo	Francisco das Santas	Casado	Angélica da Conceição Rocha	Solteiro	Estudante	Largo de Senhora Santa Ana, nº 1
25	DSINALCFO000025	8500	29		Desconhecido	Desconhecido			Solteiro	Sem residência
26	DSINALCFO000026	8524	39		João Manoel	Solteiro	Rosalina Maria	Solteiro	Estudante	Quarta Barreira, nº 24
27	DSINALCFO000027	8561	56		Manoel Bernardo Pereira	Casado	Rosa Maria	Solteiro	Trabalhador	Desconhecida
28	DSINALCFO000028	8608	7		Desconhecido	Desconhecido	Adelina Teixeira Pereira	Solteiro	Faro	Rua das Cordeiras
29	DSINALCFO000029	8910	31		Desconhecido	Desconhecido			Chefeiro	R. Fontes Pereira de Melo
30	DSINALCFO000030	8915	43		Manoel da Silva	Desconhecido			Chefeiro	General, Peniche
31	DSINALCFO000031	9043	32	O Gordo de Bico	Maria Barbosa	Casado	Luz das Santas	Solteiro	Chefeiro	General, Peniche
32	DSINALCFO000032	9135	45		João Manoel	Solteiro	Rosa Carmo	Solteiro	Chefeiro	General, Peniche
33	DSINALCFO000033	9133	28	O Pavis	Francisco Soares Moraes	Desconhecido	Rosa da Oliveira	Solteiro	Chefeiro	General, Peniche
34	DSINALCFO000034	9178	28		João Manoel	Desconhecido			Chefeiro	General, Peniche
35	DSINALCFO000035	9660	60		João Manoel	Não menciona			Chefeiro	General, Peniche
36	DSINALCFO000036	9918	42		João Manoel	Solteiro	Maria da Couço	Solteiro	Chefeiro	General, Peniche
37	DSINALCFO000037	11204	28		João Manoel	Desconhecido			Chefeiro	General, Peniche
38	DSINALCFO000038	11284	32		João Manoel	Desconhecido			Chefeiro	General, Peniche
39	DSINALCFO000039	11287	32		João Manoel	Desconhecido			Chefeiro	General, Peniche
40	DSINALCFO000040	11569	31		Benedito Ferreira da Cunha	Solteiro	Maria Joana Ribeiro	Solteiro	Chefeiro	General, Peniche
41	DSINALCFO000041	14206	33		João Manoel	Desconhecido			Chefeiro	General, Peniche
42	DSINALCFO000042	14614	36		João Manoel	Desconhecido			Chefeiro	General, Peniche
43	DSINALCFO000043	14653	33		João Manoel	Solteiro	Maria Prizes da Silva	Solteiro	Chefeiro	General, Peniche
44	DSINALCFO000044	15888	24		João Manoel	Solteiro	Maria Prizes da Silva	Solteiro	Chefeiro	General, Peniche
45	DSINALCFO000045	16111	40		João Manoel	Desconhecido			Chefeiro	General, Peniche
46	DSINALCFO000046	17185	50		João Manoel	Solteiro	Maria	Solteiro	Chefeiro	General, Peniche
47	DSINALCFO000047	19519	21		João Manoel	Desconhecido			Chefeiro	General, Peniche
48	DSINALCFO000048	20617	53		João Manoel	Desconhecido			Chefeiro	General, Peniche
49	DSINALCFO000049									
50	DSINALCFO000050									
51	DSINALCFO000051									
52	DSINALCFO000052									

Anexo LXIV – Tabela identificativa dos dados dos prisioneiros, da autoria do Dr. Carlos Ferreira

Microsoft Word interface showing a table titled "Tabela 9 - Critérios de inclusão/categoria".

Categoria	Critério de inclusão
Nomes e iniciais	Todos os nomes ou iniciais (mesmo que só com uma letra) de pessoas, seres inanimados, lugares, etc.
Datas	Todas as datas, mesmo que incompletas, independente do modo de apresentação
Frases	Frases alusivas a quaisquer realidades (dedicatórias, moradas, avisos, etc.)
Figuras humanas	Em todos os contextos, totais ou parciais (ex. busto)
Mulheres nuas	Nudez singela, sem conotações erótica ou sexual
Figuras animais	Todos os animais independentemente do significado metafórico que possam transmitir
Sentimentais	Inclui: corações, mãos entrelaçadas, cartas de amor ou amizade, pombo de paz, jazigos ou sepulturas de familiares, etc., em singelo ou em anácrato
Políticas e patrióticas	Que incluam bandeiras, barretes fígios, símbolos da república ou da monarquia, crachás ou medalhas patrióticas
Eróticas ou sexuais	Todas as mulheres e/ou casais em posições eróticas ou casais em cópula
Profissionais	Representações de utensílios ou símbolos de uma actividade profissional
Signo saímão	
Flores	Singelas ou em ramo, com ou sem vaso, quando não sejam acessórios de uma tatuagem com outra mensagem
Religiosas	Cristos, imagens de santas com ou sem meritos ao colo, cruzes
Cinco pontos	
Armas	Armas brancas ou de fogo quando não associadas a tatuagem com outra mensagem

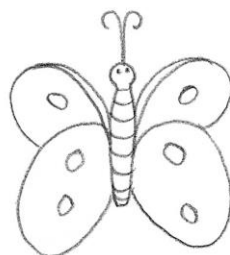
Anexo LXV – Tabela iconográfica, da autoria do Dr. Carlos Ferreira

Braço Direito Masculino

1922 P. 8093



A. G. R.



Anexo LXVI – Imagens do grupo iconográfico “Animais” referente ao processo 8093

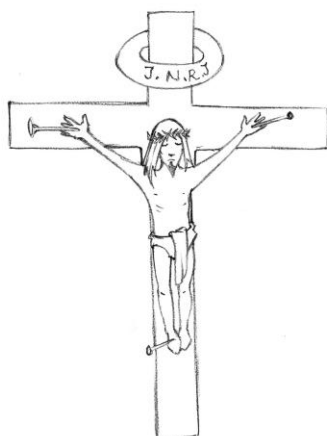
Braço Esquerdo P. 8011



Anexo LXVII - Imagens do grupo iconográfico “Sentimentais” referente ao processo 8011

Tórax Masculino

1924 P. 9660



1923 P. 8524



1922 P. 7808



Anexo LXVIII Imagens do grupo iconográfico “Astros” referente ao processo 8524

Perna Esquerda Feminina

1935



Anexo LXIX - Imagens do grupo iconográfico “Outros” referente a processo indefinido